

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

A SALA DE AULA EM FILMES: Um Diálogo
entre a Docência e o Ensino Educativo

MARCIA DE MATTOS SANCHES

São Paulo
2012

MARCIA DE MATTOS SANCHES

A SALA DE AULA EM FILMES: Um Diálogo
entre a Docência e o Ensino Educativo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora - Prof^a Dr^a Cleide Rita Silvério de Almeida

São Paulo
2012

Sanches, Márcia de Mattos.

A sala de aula em filmes: um diálogo entre a docência e o ensino educativo. / Márcia Sanches de Mattos. 2012.

212 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2012.

Orientador (a): Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Ensino educativo. 2. Filmes. 3. Formação de professores. 4. Pensamento Complexo

I. Almeida, Cleide Rita de. II. Título.

CDU 37

A SALA DE AULA EM FILMES: Um Diálogo entre a Docência e o
Ensino Educativo

Por

MARCIA DE MATTOS SANCHES

Aprovação em: _____

Presidente: Profa. Cleide Rita Silvério de Almeida, Dra. – Orientadora, UNINOVE

Membro: Profa. Maria Leila Alves, Dra. – UMESP

Membro: Profa. Elaine Terezinha Dal Mas Dias, Dra. – UNINOVE

Membro: Profa. Izabel Cristina Petraglia, Dra. (suplente) – UNINOVE

Diretor do Programa: Prof. José Eustáquio Romão Dr.- UNINOVE

Profa. Marcia de Mattos Sanches – Mestranda, UNINOVE

São Paulo, 27 de junho de 2012.

Dedico este trabalho

*ao meu pai João Pachon (in memorian),
símbolo de garra e de luta pela vida.*

*a Ottilia, mais que mãe: uma amiga, cujos laços
de carinho e de compreensão se fortaleceram
desde a minha infância até hoje, mas, apesar
de ter se ausentado do mundo da razão e
mergulhado em seu mundo simbólico e
imaginário, continua a ser a minha mestra.*

*aos meus filhos Edson e Rafael, que dão
sentido à vida e alegrem a minha caminhada.*

A Deus, essa força divina que ilumina os meus caminhos.

À professora Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida, pela sabedoria e paciência com que conduziu as orientações. Fica, também, a minha admiração pela sua dedicação às leituras e sugestões que contribuíram para a elaboração deste trabalho e, principalmente, por ter-me ensinado a buscar forças nas horas mais difíceis dessa trajetória.

À professora Dra. Elaine Terezinha Dal Mas Dias, pelos ensinamentos deixados nas aulas de Subjetividade e Complexidade e pelas profundas sugestões, na qualificação, que tanto contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

À professora Dra. Maria Leila Alves, pela singeleza das palavras proferidas na minha qualificação que, além da emoção, propiciaram-me ricos conhecimentos sobre o que é ser uma educadora.

À professora Dra. Izabel Cristina Petraglia, que, com sabedoria e dedicação, sempre me conduziu à reflexão sobre o pensamento complexo nas aulas de Educação e Complexidade, permitindo-me novos olhares sobre a minha prática pedagógica.

Ao diretor professor Sergio Braga e aos meus coordenadores do curso de Direito, da Universidade Nove de Julho, em especial: Alessandra Devulsky da Silva Tisescu; Alexandre Luna da Cunha; Gilson Ferreira; Sergio Henrique Ferreira; Jackson Passos Santos, pelas palavras de incentivo e pelo apoio, no sentido de atender às minhas necessidades de tempo, para a realização desta dissertação.

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE) pela concessão da gratuidade do meu curso e por investir nas pessoas e na educação.

A todos os meus amigos e amigas do PPGE que sempre me estimularam a continuar esta jornada. Em especial à Lucia Santos, pela tradução para o inglês do resumo desta pesquisa.

Aos meus alunos que me motivam a continuar nessa caminhada da educação e, em especial, ao Marcelo Gassul Treguer que me ajudou a formatar os quadros por mim elaborados. No entanto, mais do que isso me tem ensinado a humildade e a benevolência.

Um dos paradoxos dolorosos do nosso tempo reside no fato de serem os estúpidos os que têm a certeza, enquanto os que possuem imaginação e inteligência se debatem em dúvidas e indecisões”.

“A experiência não permite nunca atingir a certeza absoluta. Não devemos procurar obter mais que uma probabilidade”.

“A vida virtuosa é uma vida inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento.

Bertrand Russel

RESUMO

Esta dissertação estuda, em sete filmes, a atuação de educadores em sala de aula para ver se há, na ação pedagógica dos protagonistas, um ensino educativo que contribua para a ampliação do processo de ensinar e de aprender. Um dos critérios de escolha desses textos fílmicos foi o fato de os professores terem escrito livros sobre as suas experiências no ambiente escolar, ou criado fundações voltadas tanto ao ensino da música quanto a desenvolver nos alunos a escrita e a leitura. A motivação deste estudo partiu das inquietações sobre a qualidade do ensino, ainda pautada na fragmentação do saber, praticado nas nossas escolas e pela observação de ações educativas que despertavam os alunos para o saber, em oposição àquelas que provocavam distanciamento e aversão aos estudos. Com um conjunto de 91 aulas descritas, que serviu como base documental, e de fontes bibliográficas teve-se por objetivo apresentar os filmes como propiciadores de investigações e de conhecimentos. Além disso, ao apreender a dinâmica das atuações pedagógicas nos filmes, levantou-se os temas mais recorrentes, o que possibilitou verificar se há neles um ensino que informe e religue os saberes, ao mesmo tempo, para a compreensão da condição humana. Esta pesquisa ancora-se nos estudos da complexidade, de Edgar Morin cujo núcleo teórico está pautado nas obras: *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, por entender que essa teoria situa a importância do ensino na totalidade dos desafios e das incertezas de nossa era.

Palavras-chave: Ensino Educativo; Filmes; Formação de Professores; Pensamento Complexo.

ABSTRACT

This dissertation studies, in seven films, the educators' role in the classroom in order to verify whether there is, in pedagogical attitudes of the protagonists, an educational teaching which contributes to widen up the teaching and learning procedures. One of the criteria to choose the use of these films as a textbook was the fact that the teachers have written books about their experiences in school environment or have founded institutions focused on both musical teaching as well as students' writing and reading development. The motivation for this study was aroused by the uneasiness in terms of quality of the educational system still ruled by knowledge fragmentation, put into practice in our schools and by the observation of the educational actions which, make the students awaken to knowledge, in opposition to those ones which make them be distant and feel aversion about their studies. With a set of 91 descriptive classes which were used as documentary basis and bibliographical sources, the aim of this study is to present the films as providers of investigations and knowledge. Besides, by apprehending the dynamic of the teaching procedures in the films, the most recurrent themes were came out, and it turned to be possible to verify whether they could show a kind of teaching that is informed and able to rejoin knowledge, at the same time, whether they could consider the human being condition insight. This research is based on Edgar Morin's complexity studies whose theoretical core involve his work: *La Tête Bien Faite - Repenser la réforme, réformer* and *Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur* which translation into portuguese has been, respectively: *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, to understand that this theory has brought the importance of teaching in terms of entirety of the challenges and the uncertainties of our era as well.

Key words: Educational Teaching; Films; Teacher Education; Complex thinking

SUMÁRIO

REFAZENDO A TRAJETÓRIA	10
CAPÍTULO 1 – A VISÃO QUE DESPERTA.....	30
1.1 DO JOGO DE LUZES E DE SOMBRAS À DESCOBERTA DA LANTERNA MÁGICA.....	33
1.2 A FOTOGRAFIA QUE ACIONA A IMAGEM E O DUPLO.....	34
1.3 DAS INVENÇÕES DE IMAGENS AO CINEMA.....	35
1.4 O ESTADO ESTÉTICO E OS FILMES.....	38
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE SE CRUZAM.....	41
QUADRO 1 – PANORAMA DOS FILMES.....	42
ANÁLISE DESCRITIVA DOS FILMES.....	43
Sementes de violência.....	43
Ao mestre, com carinho.....	55
Mr.Holland, adorável professor.....	73
Mentes perigosas.....	93
Música do coração.....	107
Escritores da liberdade.....	121
Entre os muros da escola.....	136
QUADRO 2 – TÍTULOS DAS AULAS.....	159
QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS.....	162
CAPÍTULO 3 – A TESSITURA DOS FILMES E OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS.....	169
3.1 RECONHECENDO AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO.....	170
3.1.1 O pessimismo que cega as ações pedagógicas.....	171
3.1.2 O otimismo que desperta o saber.....	172

3.2 ENTRELAÇANDO OS CONFLITOS COM O APRENDER.....	173
3.2.1 A imposição <i>versus</i> o diálogo.....	174
3.2.1.1 Relação professor/aluno: ações pedagógicas iniciais.....	174
3.2.1.2 Relação aluno/professor: atitudes iniciais.....	175
3.2.2 Refletindo sobre os temas ancorados em paradigmas tradicionais.....	177
3.3. A COMPREENSÃO E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA.....	184
3.3.1 Relação professor/aluno: novas práticas educativas.....	185
3.3.2 Relação aluno/professor: novas atitudes.....	188
3.4. REFLEXÕES: A REFORMA DO PENSAMENTO.....	194
3.5. CONECTANDO OS FIOS DA TESSITURA FÍLMICA: OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS.....	194
3.5.1 A noção de sujeito.....	195
3.5.2 O cômputo e o cogito.....	197
3.5.3 O egocentrismo e a subjetividade.....	198
3.5.4 Os complexos imaginários e os professores espectadores.....	199
 CONSIDERAÇÕES A SEREM TECIDAS.....	 201
 REFERÊNCIAS.....	 204
 ANEXOS	
ANEXO A- CAPAS DOS LIVROS.....	208
 ANEXO B - MR. HOLLAND'S OPUS FOUNDATION.....	 209
 ANEXO C - OPUS 118 HARLEM SCHOOL OF MUSIC.....	 210
 ANEXO D – FREEDOM WRITER'.S FOUNDATION.....	 211

REFAZENDO A TRAJETÓRIA

Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.

Antonio Machado

Esta pesquisa é uma reflexão sobre o ato de ensinar que exige dos educadores um conjunto de saberes cujos diálogos constantes englobam frequentes dúvidas e incertezas na sala de aula. A ocupação desse espaço abriga caminhos que acolhem sonhos, desejos, conflitos, inquietações muito comuns aos que não se limitam a um conhecimento fragmentado, permanente e linear.

Busca-se neste estudo apresentar a dinâmica de professores em filmes que nos permitem ver os limites e as possibilidades de cada caminho traçado e também perceber que não estamos sozinhos nesta jornada. Ao ler o poema de Antonio Machado, pode-se refletir que essa trajetória se torna profícua se compartilhada com todos os interessados em um ensino voltado aos desafios.

Ao apropriar-me das metáforas do poeta, percebi que a trajetória na escola não determina os nossos caminhos, mas são as pegadas deixadas por nós contributos para a troca de experiências que podem enriquecer não só as epistemologias inerentes a cada uma das disciplinas dos currículos escolares, como também religar os saberes que delas foram separados e unidimensionalizados.

No contexto educacional, tem-se notado que muitos professores ignoram que o ato de ensinar se constitui em realidades multidimensionais que se

estendem para além dos muros da escola e vice-versa, e desejam encontrar *receitas prontas* para enfrentar os conflitos em seu cotidiano, como se isso fosse possível na dinâmica escolar. É necessário entender tal ação como uma jornada repleta de desafios que impulsiona o educador a refletir sobre as variadas possibilidades de ampliar as suas práticas e conhecimentos específicos adquiridos na sua formação.

Cabe ressaltar a compreensão de que muitos desses educadores se formaram em bancos escolares que privilegiaram um ensino compartimentado, fragmentado dos diversos saberes e, ainda, têm dificuldades de reunir o que foi desligado e separado, para compreender o todo e que neste, também, inserem-se as partes.

Há que se reconhecer, como afirma Esteve (in: Nóvoa, 1999, p. 95), que praticamente as crises nas sociedades tanto políticas quanto econômicas, desde a década de 1970, modificaram “a situação actual dos professores, situando-a num processo histórico em que as mudanças sociais transformaram profundamente o seu trabalho, a sua imagem e o valor que a sociedade atribui à própria educação”.

Dessa forma, esta pesquisa nasceu de indagações quanto ao ensino aplicado nas escolas, sem deixar de assinalar que ensinar hoje é diferente do que era há mais de vinte anos e nem se pretende aqui ter atitudes saudosistas de que naquele tempo o “ensino era melhor”. Tudo isso se identifica com o *caminhante* do poeta que ao andar, faz o seu próprio caminho “e ao olhar-se para trás/ vê-se a senda que jamais há de voltar a pisar”, mas deixou “sulcos no mar”.

Pretende-se suscitar no professor o encanto por outras possibilidades de atuar na sala de aula, apesar do pessimismo de muitos que se sentem incapazes de se adequar às iminentes evoluções sociais, tornando-se céticos e resistentes a novos olhares.

É uma tentativa de apresentar outros instrumentos capazes de orientar os envolvidos na educação a encontrarem o conhecimento que valorize a ação educativa daqueles que obtiveram êxito em suas atuações, não obstante as várias intempéries existentes durante as suas ações, sem a menor pretensão de desmerecer os que fracassaram, mas a de acrescentar novos olhares às ações cotidianas.

Nessa mesma trilha, ao ver filmes – cujas figuras de professor e de alunos agindo em escolas foram objetos de interesse de alguns diretores de cinema –, constatei que os protagonistas deixavam pistas que poderiam contribuir para a reflexão sobre as minhas práticas pedagógicas e quem sabe compartilhá-las.

A proposta deste estudo é buscar nos filmes, que tratam de realidades escolares, as atuações de professores em sala de aula, para observar a existência de um ensino educativo que, segundo Morin (2010, p.11), tem a “missão” de “transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e propiciar um modo de pensar aberto e livre”.

Por assim dizer, a prática de ver nas telas, situações idênticas às vivenciadas cotidianamente, pode despertar o interesse de encontrar outras possibilidades que contribuam para a formação docente.

Penso que a busca por respostas prontas e imediatistas impede a abertura de brechas para o enfrentamento das intrincadas situações escolares. E os filmes podem ser fontes catalisadoras, por meio das quais o educador percebe que não está sozinho, pois os temas mais recorrentes nos filmes identificam-se tanto às cenas protagonizadas em cada um deles quanto à realidade do professor nas nossas escolas.

Ao pesquisar os filmes, em vários momentos, lembrei-me de situações escolares desde a infância até o momento em que me tornei uma educadora. Esses momentos me fizeram refletir sobre situações educativas tensas, em que alguns professores conseguiam enfrentá-las com equilíbrio e empatia; enquanto outros se perdiam em punições e imposições sem obter resultados positivos com os alunos. Passei então a questionar sobre os motivos que levavam alguns a terem êxito em sua atuação na escola e outros não.

A mais agradável das lembranças foi a de quando ingressei na escola pública em que as professoras das quatro primeiras séries se dedicavam ao ato de ensinar. Pareciam compreender as nossas dificuldades na aprendizagem, e não mediam esforços em apresentar atividades dinâmicas como o incentivo a leituras e escritas em diários sobre o que líamos, ou vivenciávamos no cotidiano.

Essa inquietação seguiu-me por muito tempo, pois sempre desejei ser professora e as atuações de alguns educadores inspiravam-me a seguir essa

carreira. Encantava-me as atitudes daqueles que promoviam atividades como, peças teatrais na escola, ou apresentando dicas de leituras de livros e de filmes para serem vistos nos cinemas.

O encantamento dessas dicas de filmes em aulas de História, no ensino médio, incentivou-me a frequentar cinemas com alguns amigos. Sempre que podia o nosso grupo marcava, para os fins de semana, encontros nesses lugares, principalmente no centro de São Paulo. Assistir aos filmes, a princípio, era muito divertido, pois frequentávamos as matinês, sempre em busca de novidades ou de gêneros românticos.

Tais lembranças ativaram-me imagens das amplas salas do Cine Universo¹, com seu imenso teto retrátil, que em meados da década de 1970 situava-se no bairro Belém, em São Paulo e a do Cinerama, que parecia uma gigantesca nave localizada na avenida São João, no centro da Capital. Mais tarde, os filmes passariam a representar mais que uma simples diversão, pois a sensação meramente hipnótica inicial ganharia dimensões mais profundas e reflexivas.

A admiração por esses educadores contribuiu para a minha escolha profissional na área da educação. Seria professora, mas o fato de ter de trabalhar muito cedo, em outras áreas, a realização do meu sonho em ser pedagoga fora postergada. No entanto, apesar de ter exercido outras atividades profissionais, persistia em mim a vontade de atuar na área da educação, por isso retornei aos estudos e, em 1987, tornei-me bacharel em Pedagogia.

Nesse ano, deixei o emprego formal em empresas e passei a lecionar para as séries iniciais de uma escola particular e lá sempre me preocupei em dar significado às minhas aulas. Os saraus, peças teatrais e atividades, que envolvessem pais e alunos, apoiados pela direção da escola.

Desejando ampliar os meus conhecimentos e poder lecionar em níveis mais avançados, em 1999, graduei-me em Letras e, mais tarde, ingressei como professora efetiva de Língua Portuguesa, do ensino fundamental e médio, no estado de São Paulo, permanecendo até 2008.

¹ Sala de cinema construída em 1936 e funcionou até meados de 1980, com capacidade para 2.500 pessoas, localizada na Avenida Celso Garcia, no Bairro Belém, da capital paulista. Disponível em: <<http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=131>>. Acesso em: 10 maio 2012.

Foram as mais variadas experiências entre a escola pública e a particular que demandariam muitas páginas desta dissertação, mas o enfoque não é esse, e sim apresentar-me inicialmente para depois delinear os objetivos desta pesquisa.

Em 2001, concluí a especialização em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi uma época de oportunidades que me possibilitaram apresentações de trabalhos acadêmicos em universidades e em congressos. Tudo isso contribuiu para que mudasse, novamente, os rumos de minha carreira na área da educação.

Mais tarde, em 2003, integrei-me a um projeto do estado de São Paulo, chamado *Teia do saber*, o que me permitiu ser contratada por duas universidades particulares para lecionar língua portuguesa nos cursos de Letras e de Direito, permanecendo neste último até hoje.

No Direito, o cinema também foi fonte de inspiração para que desenvolvesse em 2004 um projeto chamado *A sétima arte no direito*, que consistia em apresentar filmes com temáticas jurídicas como *Doze homens e uma sentença*; *Filadélfia* e *Amistad*, para que os alunos debatessem sobre o uso da argumentação dos protagonistas em situações de defesa e de acusação nos julgamentos dos casos.

Novos trajetos

As experiências, em sala de aula, permitem-me afirmar que nos tornamos e não nascemos professores, porque construir conhecimentos mais elaborados significa avançar além dos saberes especializados para perceber que as relações humanas não se constroem somente por meio de tensões e de conflitos, mas também de desafios e de predisposições que abrem brechas sucessivas para novos olhares e enfrentamentos.

Recuperando o poema de Antonio Machado, percebi que era necessário seguir a caminhada sempre projetando novos questionamentos. No entanto, sem a resignação mutiladora de aceitar passivamente um ensino baseado em práticas tradicionais, compreendendo a sua inserção na educação, mas consciente de que este impede um pensar “aberto e livre”, pois a vida pulsa

nas incertezas intramuros da escola. Mesmo inserida nesse contexto, questionava as minhas próprias aulas, observando as relações existentes entre os professores e os alunos, pois meus conhecimentos em linguística, gramática, sintaxe e os conteúdos teóricos da graduação em Pedagogia precisavam ser ampliados.

Ao assistir, pela primeira vez, *Ao mestre, com carinho*, vi que nesse filme havia situações escolares idênticas àquelas vivenciadas por mim e muitos outros professores brasileiros.

O interesse por outros filmes dessa temática cresceu gradativamente à medida que neles havia situações idênticas às da realidade escolar em qualquer nível de ensino e, dessa maneira, tais experiências poderiam ser compartilhadas com aqueles que estivessem preocupados com tais questões. Assistir a filmes não seria suficiente para atender às minhas necessidades de compreender o processo de aprender e de ensinar, posto que sem um aporte teórico a produção de conhecimento se esvaziaria, ingressei em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Nove de Julho, na linha de pesquisa Teorias em Educação.

No mestrado, o encontro com o pensamento complexo foi importante, na medida em que essas inquietações se aproximavam bastante dessa teoria. Dessa forma, passou a ser o eixo norteador, principalmente, sob a ótica do conceito de *ensino educativo* nos livros: *A cabeça bem feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de Edgar Morin, que o define como aquele que prepara o estudante não só para o cognitivo, mas também para o enfrentamento de sua realidade e a compreensão da condição humana.

Cabe esclarecer que o pensamento complexo neste estudo não se limita ao termo simplificador de “complicado”, mas amplia a sua gênese ao que Petraglia (2001, p.23) esclarece como “aquele que abrange muitos elementos ou várias partes, ‘o que foi tecido junto’, do latim *complexus*” [grifo do autor]. Isso significa que tudo está enredado a tudo em tramas de redes complexas. Considera todas as possibilidades de apreensão da realidade, convivendo com as incertezas e contradições, a partir da solidariedade e sem a pretensão de ser a solução dos problemas, mas a de ser mais uma via de enfrentamento das adversidades conjunturais da sociedade.

A construção do objeto e o problema da pesquisa

Durante o processo de construção do objeto desta pesquisa, o maior desafio foi a escolha dos filmes a serem estudados, pois já havia assistido a muitos que representavam um ensino diferenciado ao que comumente via nas escolas. Em todos sempre havia um(a) professor(a) ora atuando com um aluno, que se destacava pela sua inteligência ou superação de limites, ora com vários em sala de aula.

Passei a organizar critérios de escolhas que foram: a) selecionar somente aqueles que envolvessem um(a) professor(a) que atuasse em sala de aula com vários alunos e tivessem sido extraídos de realidades cujas experiências se transformaram em livros; b) aqueles também apoiados na vida real de um professor, educandos e se transformaram em fundações não governamentais, que se mantêm até os dias atuais, devido às contribuições de empresários ou de doadores, muitos deles sensibilizados por essas histórias.

Os filmes selecionados foram: *Sementes de violência* (1957); *Ao mestre com carinho* (1965); *Mr. Holland, adorável professor* (1995); *Mentes perigosas* (1995); *Música do coração* (1999); *Escritores da liberdade* (2007) e *Entre os muros da escola* (2008). Todos são de fácil acesso e estão disponíveis em videolocadoras e na internet.

O objeto foi se construindo a partir desses critérios e dos questionamentos latentes, desde a minha carreira até os que serão apresentados mais adiante. O eixo norteador desse objeto é a atuação do professor em sala de aula para ver se há, na prática pedagógica dos protagonistas, um ensino educativo que contribua para a ampliação do processo de ensinar e aprender.

Cabe neste momento questionar se

- a.) essas aulas podem contribuir para um ensino educativo e favorecer mudanças na formação docente;
- b.) o ensino praticado nessas salas de aulas preocupa-se com a condição humana;

- c.) as práticas pedagógicas apresentadas podem auxiliar a reflexão sobre a realidade da sala de aula em nossas escolas.

Interessante observar que nos filmes estudados há temáticas que se repetem independentemente da origem de gravação, da época dirigida e se articulam com os questionamentos até agora apresentados. As mais recorrentes são: a *indisciplina*, as *diferenças culturais* e o *desenvolvimento da consciência crítica*; tais itens serão ainda objeto de estudo em outro capítulo.

Como o caminhante não vai estrada a fora o tempo todo sozinho, é preciso dialogar com outros estudos que também se preocuparam em observar nos filmes situações envolvendo o espaço escolar, os professores, os alunos e ações humanas para além dos muros da escola.

Uma pausa para as justificativas e os caminhos trilhados por outras pesquisas

Ainda que pese o reduzido número de pesquisas envolvendo o cinema e a educação como objetos de estudo, Duarte (2009, p. 85) afirma que

[...] a riqueza e a polissemia da linguagem cinematográfica conquista cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passaram a considerar o cinema como campos de estudos.

Para Duarte (2005, p. 69), o “cinema e a escola vêm se relacionando um com o outro há muitas décadas, embora ainda não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas”.

Nessa trajetória, a *revisão da literatura* foi um constante aprendizado, em meio à gama de trabalhos e de *sítes* que se referem ao cinema e aos filmes como objetos de pesquisas, apesar de Duarte (2005, p. 85) constatar que ainda há muito que se estudar nesse campo.

Na maioria dos trabalhos levantados, há muitos que privilegiam a aplicabilidade do cinema na sala como uma ferramenta pedagógica e de inserção do raciocínio crítico nos estudantes, acerca das coisas do mundo e de si próprios. No entanto, por não ser o foco desta pesquisa, foi necessária a escolha de alguns estudos que tivessem como base a formação do professor e a utilização de recursos fílmicos como estratégias didáticas e epistemológicas.

A apresentação dessas investigações será organizada, a princípio, pelos estudos de mestrado e de doutorado que têm por escopo os filmes vistos como recursos didáticos na sala de aula, que servem para dinamizar e relacionar os conteúdos programáticos com outras linguagens.

Nessa mesma travessia houve o encontro com dissertações e teses que estudaram a importância dos filmes na escola, para desenvolver a consciência crítica nos educandos. A seguir, outros estudos acadêmicos que mais se aproximaram do objeto desta pesquisa serão apresentados, pois têm por temática a representação de professores e de alunos nesse espaço escolar, em que este último também é estudado por um dos trabalhos relacionados. Posteriormente dois *sites oficiais* dos governos estadual e federal – compõem esta *revisão literária* –, baseados em interesses políticos de promover nos futuros educadores possibilidades de trabalhar o cinema nos ambientes escolares.

Nogueira (2003), em sua dissertação de mestrado *Ler o ver: uma dialogia necessária* apresenta as relações entre a educação e o filme comercial, facilmente acessível pelo professor para dinamizar as suas aulas, não apenas como recurso fim e nem entretenimento, mas também por ser um meio de aprendizagem eficiente. A contribuição desse estudo deve-se ao fato de o autor ter constatado que não é preciso ser um *expert* em filmes para analisá-los, pois, na verdade, basta um olhar aguçado para perceber outras possibilidades de ensinar e criar aulas geradoras de sentidos nos alunos. Para Nogueira, a palavra “criar” representa a magia que consagra os conteúdos programáticos com o ato de ensinar. Além disso, o percurso histórico sobre o cinema nesse trabalho serviu como ponto de referência para a elaboração do primeiro capítulo desta pesquisa.

Na dissertação *Cinema na escola: uma proposição de leitura fílmica*, Oliveira (2004) investiga o quanto a leitura crítica pode contribuir para a

expressão oral e escrita de alunos do ensino médio, por meio de um projeto denominado *Cinema na escola*, elaborado por uma escola de ensino médio. O projeto desenvolveu uma leitura reflexiva a partir de análises de filmes realizadas pelos alunos. Ao se deparar com o olhar passivo dos estudantes em relação aos filmes, a autora o associa ao que Paulo Freire denominou de concepção “bancária” da educação; assim, propôs um projeto que desalienasse essa visão e a substituísse por outra mais reflexiva. As atividades propostas no projeto iniciaram-se a partir de escolhas de filmes e dos vocábulos referentes à produção cinematográfica para serem pesquisados pelos educandos. Após a análise, em sala de aula, desses vocábulos, o filme era exibido, iniciando-se um debate e os alunos elencavam e discutiam os principais temas abordados na tela.

Não é fita, é fato. Tensões entre instrumento e objeto: um estudo sobre a utilização do cinema na escola é uma dissertação em que Cipoli (2008) defende que a maioria das escolas não utiliza adequadamente os recursos audiovisuais e destaca que, apesar de estarem melhores equipadas, a inserção do cinema no cotidiano escolar praticamente não acontece. Para a autora, o papel do professor é fundamental na mediação entre o filme – que representa apenas um ponto de vista da realidade –, e suas possíveis interpretações para a tarefa de ensinar. Em sua pesquisa, parte das hipóteses de que o cinema ainda é visto nesses espaços de forma fragmentada e incipiente, pois é encarado geralmente como um instrumento e não como objeto de conhecimento. Para ela, os educadores devem ter um olhar mais apurado e sensível para os filmes, por isso precisam dominar a linguagem cinematográfica. Nesse aspecto, critica a formação de professores cujos cursos, por não despertarem nos futuros educadores o desejo de se prepararem para enfrentar tal desafio, têm falhado nesse compromisso.

A contribuição desse estudo para esta pesquisa é a constatação de que cada um dos envolvidos com a educação deve rearmar-se para solidificar os conhecimentos, por meio de teorias que extrapolem a transmissão de conteúdos fragmentados e dissociados da realidade exterior, para alcançar não a unificação do todo, mas compreender que tal mecanismo é complexo, no sentido de tessitura do termo, no espaço escolar.

Vale ressaltar que a utilização de filmes pode ir além do didatismo (uso como instrumento de ensino) para privilegiar também epistemologicamente estudos de práticas educativas protagonizadas por professores e alunos no cinema (uso como objeto).

Nos caminhos trilhados a seguir, haverá trabalhos que mais se aproximaram deste estudo, pois nele a temática gira em torno de representações de espaços escolares, de professores e de alunos em situações de conflitos em sala de aula.

O primeiro é a tese de mestrado de Costa (2008), denominado *Relações interpessoais na sala de aula: encontros e desencontros com base no pensamento educacional de Alfonso López Quintás e análise do filme Mentas perigosas*, que aborda relações de conflito na escola. Tais conflitos, segundo a autora, são cada vez maiores devido ao desencontro de ideias e de ideais que traz ao espaço escolar uma imagem desoladora entre educandos e educadores que mais parecem concorrer entre si em uma espécie de medida de força e poder.

Trata-se de um trabalho ancorado na teoria do filósofo espanhol Alfonso Lopes Quintás, sob a categoria do *Encontro*, que propõe o *Método Lúdico-Ambital*, a fim de conceber a leitura de obras de arte e de outras realidades, o que permite ao “leitor/fruidor” construir, por meio da estética e do conhecimento, o seu crescimento intelectual.

A autora imbricou as teorias de Quintás aos seus estudos dos conflitos entre professores e alunos em *Mentas perigosas*. Essa pesquisa tem pontos em comum com este trabalho, na medida em que contém propostas teóricas muito próximas às da complexidade: como a compreensão, a ética, a estética como pontos chave para o desenvolvimento do potencial intelectual dos homens.

Outro aspecto importante a ressaltar, é que nenhuma teoria pode determinar hermeticamente propostas-fins para os problemas educativos. A autora propõe, em seus estudos, uma relação dialógica entre o leitor e a obra sob uma atmosfera iluminada e criadora baseada na teoria do *Encontro*.

Em 2003, Ferreira defendeu em sua tese de doutorado, *O professor como personagem e a escola como cenário: escola e sociedade em filmes norte-americanos (1955-1974)*, cujas representações das relações entre os

educadores, os estudantes, a comunidade e a administração escolar eram tensas por inserirem-se em contextos das grandes guerras mundiais, além das crises econômicas, políticas e sociais. Os filmes estudados foram: *Ocaso de uma alma* (*Good morning Miss Dove*, 1955); *Herdeiros do vento* (*Inherit the Wind*, 1960); *Ao mestre, com carinho* (*To Sir, With Love*, 1967) e *Conrack* (*Conrack*, 1974).

É uma pesquisa que contextualiza os momentos tensos desde a Guerra Fria até as transformações dos anos de 1960 e da Guerra do Vietnã. Ferreira afirma que a hipótese levantada é a de que as escolas, cujos professores se inserem em momentos históricos e culturais ideologicamente determinados por currículos escolares de cada período, possam ser identificados como “pequenas réplicas ou microcosmos do *American Way of Life*” (p. 11).

A relevância dessa pesquisa para este estudo é a percepção das mudanças de valores que transformaram a sociedade norte-americana desde a “era Eisenhower” (anos 50) até a ‘era Nixon’, dos anos 70 (p.15)”. Configura-se também na referida pesquisa que, independentemente, de todas as mudanças e do declínio do autoritarismo, ou da imposição tradicional, certos valores permanecem em espaços escolares da atualidade.

Padial (2010), em sua dissertação *O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos* pretendeu identificar as figuras docentes e as representações de escola nos filmes: *O sorriso de Mona Lisa* e *Sociedade dos poetas mortos*, apesar de não esclarecer os critérios de escolha desses dois filmes, já que há outros com as mesmas representações.

A autora examina as várias representações e figuras relacionadas com a profissão docente nos filmes em que o professor é o protagonista. O referencial teórico é apoiado nos conceitos elaborados pelos autores da Escola de Frankfurt “centradas nos escritos de Walter Benjamin, T. W. Adorno e M. Horkheimer (p. 20)”, que são: a) *a indústria cultural* em que a cultura e bens culturais deixam de ser arte, para tornarem-se produtos do capitalismo e satisfazer as necessidades humanas; b) *standardização*, que é um conceito em que o bem cultural “sofre um processo de padronização por parte da indústria cultural para ser facilmente reconhecido e aceito (p.20)” e passa a ser consumido passiva e resignadamente pelos indivíduos e c) o conceito de

pseudocultural, cuja cultura perde o seu caráter de resistência ou transcendência, pois os indivíduos perdem a apropriação subjetiva, porque houve a simplificação e a diluição para ser absorvida pelas massas.

A importância desse trabalho para a minha pesquisa foi o estudo da sociedade de mercado e de consumo, no período pós-guerra, que permitiu uma visão histórica de períodos idênticos aos dos filmes aqui estudados, cujas desigualdades sociais também contaminaram os espaços escolares. Outro ponto interessante nessa pesquisa foi a relação de vinte e cinco filmes com fichas técnicas que facilitaram as pesquisas de cada um deles.

Prosseguindo na trilha das pesquisas, os artigos disponíveis na *internet* contribuíram para iluminar o estudo em questão, porque sustentaram a relevância do cinema na produção de conhecimento cultural, na instrumentalização do professor que ao interagir com as imagens pode interpretar e entender os mecanismos sociais nos interstícios entre a realidade e a ficção, permitindo-lhe encontrar brechas que desmontem resistências a outras formas de ver a realidade escolar.

Destaca-se o *Cinema: ferramenta de conhecimento cultural ou massificação e alienação*², em que Dutra tem por objetivo apontar a importância do cinema na escola e as possíveis reflexões dos alunos quando orientadas pelo professor. Dutra, também, sugere alguns elementos básicos para a análise de filmes, já que se verifica a não transparência da linguagem, as posições de quem as formulam; o não dito que pode significar a ausência, e que foi necessário, principalmente, levar em consideração a perspectiva de que, na formulação dos discursos, os indivíduos são responsáveis pela sua materialidade, ou seja, são sujeitos em formações discursivas e ideológicas.

Outro artigo é *A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor*³, de José Cerchi Fusari, que apresenta aspectos do uso político-pedagógico da linguagem cinematográfica no currículo do ensino médio e seus possíveis desdobramentos no Projeto Político-Pedagógico da

² Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0955-1.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

³ Caderno de Cinema do Professor – 2, da Fundação para o Desenvolvimento da Educação com o apoio do governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2011.

escola, no plano de ensino e na aula, esta, por sua vez, considerada como um momento privilegiado de todo esse processo.

Fusari informa que os PCNs têm por objetivo explicitar diretrizes gerais que promovam conhecimentos de artes aos adolescentes, jovens e adultos em escolas de ensino médio. Tais medidas pretendem despertar nos estudantes a sensibilidade e a criatividade para as artes, além de estimular o exercício da cidadania e da ética construtora de identidades artísticas, por meio da música, dança, teatro e artes visuais.

*Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores*⁴, de Morettin, é um artigo que traz em seu bojo um panorama histórico do cinema no Brasil e no mundo, desde os irmãos Lumière até os dias atuais. O seu valor para esta pesquisa deve-se ao fato de indicar fontes históricas importantes sobre o surgimento do cinema na sociedade. Além disso, situa as principais escolas cinematográficas, os gêneros dos filmes, a transformação pela qual passou a sala de cinema, as principais obras cinematográficas, bem como os ícones que ajudaram a construir a sétima arte.

Vale ressaltar que há muitos *sites* que possuem fichas técnicas, críticas e sinopses de filmes, inclusive, alguns especializados em filmes com temáticas educativas, mas para a finalidade desta pesquisa, optou-se em elencar apenas os oficiais: estaduais e federais.

Em pesquisas de portais que abordassem o cinema na escola, descobriu-se um do Ministério da Educação, que mantém o portal oficial da FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Escola) para divulgar o *Programa Cultura é Currículo*⁵. Esse programa apresenta ações definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de uma política educacional, com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino da escola pública estadual. Nele há os projetos: *Lugares de aprender: A escola sai da escola; Escola em cena (teatro) e O cinema vai à escola*. Neste último projeto, a linguagem cinematográfica por meio de materiais, equipamentos e acervos didáticos. Segundo informações no portal, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo envia para a rede pública de ensino um conjunto de filmes das mais

⁴ Idem.

⁵ Disponível em: <<<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>>>. Acesso em: 13 out. 2011.

variadas categorias e gêneros, em DVD, sempre acompanhados de materiais de apoio à prática pedagógica. O projeto tem por objetivo facilitar o acesso dos alunos a produções cinematográficas que contribuam para a formação crítico-reflexiva do estudante.

O referido projeto não atende totalmente às necessidades desta pesquisa, por estar vinculado à prática pedagógica de filmes em sala de aula, de maneira a orientar o professor como utilizá-los. No entanto, aborda temas transversais e de conteúdos interdisciplinares, dinamizados pela tela do cinema, como fonte inspiradora de assuntos controversos sobre o preconceito, a violência, a exclusão social, a sexualidade, a injustiça, entre tantos outros, muito úteis para desenvolver ideias sobre tais temáticas.

Nas trilhas constantes de trabalhos que mais se aproximassem da pesquisa em questão, houve o encontro do livro *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*, no qual a autora Maria da Graça Jacintho Setton reúne vários trabalhos, divididos em capítulos, de autores que têm por objeto de investigação em educação o cinema. Para ela, o cruzamento das dimensões educativas com o cinema é uma excelente estratégia para se configurar por meio do pensamento reflexivo a construção de valores éticos e morais.

O capítulo *A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa* (p.53-64), de Amaury Cesar Moraes, propõe estudar o cinema sob uma perspectiva diferente de outros trabalhos que tratam da importância do uso de filmes em sala de aula, ou seja, pode-se ver o filme sob a ótica das práticas educativas encenadas, cujas análises buscam a compreensão do *imaginário social* representado pela escola, por suas funções sociais, culturais e pelos seus agentes, em suas ações e objetivos.

A importância desse artigo, para a pesquisa em questão, deve-se pela proximidade de critérios na escolha dos filmes, pois são protagonizados por professores e alunos dentro de uma sala de aula, em que os conflitos e os choques culturais são relevantes: *Ocaso de uma vida* (*Good morning, Miss Dove*, 1955); *Sementes de violência* (*Blackboard Jungle*, 1955); *Subindo por onde se desce* (*Up the Down Staircase*, 1967); *Ao mestre, com carinho* (*To Sir, with Love*, 1967); *A primavera de uma solteirona* (*The Prime of Miss Jean Brodie*, 1969); *Conrack* (*Conrack*, 1974); *O preço de um desafio* (*Stand and*

Deliver, 1987); *Curso de verão (Summer School)*, 1987); *Sociedade dos poetas mortos (Dead Poets Society)*, 1989) e *Mentes perigosas (Dangerous Minds)*, 1995).

O roteiro metodológico apresentado pelo autor serviu de base para o desenvolvimento de fichas técnicas e de descrições dos filmes pesquisados neste trabalho. Moraes organizou esse roteiro nas etapas: a) personagens, subdividindo-se em 1. professor (protagonista), 2. professores coadjuvantes, 3. direção e orientação pedagógica, 4. alunos; b) enredo; c) relato texto/contexto; d) roteiro para análise; e) temas básicos e f) bibliografia básica.

Pode-se afirmar que o conjunto de filmes escolhidos pelo autor tem algo em comum, como personagens recorrentes, situações-limite, posicionamento da direção e de professores, choques culturais, posturas preconceituosas, entre outros.

Nesse estudo, o autor faz uma prévia dos dez filmes a serem analisados com a proposta de realizar uma interpretação a partir de algumas categorias de análises, tais como: *impressão de realidade*, *espelho-identificação*, *espelho-oposição*, tendo o cinema como um meio de representar a realidade.

A hipótese e objetivos

Esta investigação apoia-se na hipótese de que há nas aulas dos filmes selecionados um ensino educativo, uma vez que os professores protagonistas não ensinam somente conteúdos programáticos, mas buscam compreender a atitude e o comportamento dos alunos, além de elaborar alternativas para melhorar as ações pedagógicas e para enfrentar as adversidades no espaço escolar.

A dedicação desses professores aproxima-se das ideias de Durkheim, citadas por Morin (2010, p. 47) quando se refere que o papel da educação é o de se estender para além da transmissão de conhecimentos ao aluno, ou seja, tem o objetivo “de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”.

Assim, os objetivos desta pesquisa são:

- ✓ Mostrar a presença das imagens na vida do ser humano;
- ✓ Apresentar os filmes como propiciadores de estudos e de conhecimentos;
- ✓ Apreender a dinâmica das salas de aulas em sete filmes;
- ✓ Verificar se há nos filmes um ensino educativo;
- ✓ Levantar temas emergentes em cada um dos filmes;
- ✓ Contribuir para a formação do professor em relação à ação pedagógica.

O encontro com a teoria

Os caminhos até agora traçados se multiplicaram e entrecruzaram das mais variadas maneiras ao se pensar a educação sob a perspectiva de filmes. Todavia, percebi que vários pesquisadores tiveram o mesmo desejo de ampliar os espaços para estudos que expressassem observações, vivências em comuns, apesar de visões e de teorias diferentes. Isso não significa a existência de uma pesquisa que sobrepuje a outra, mas apenas aponte para caminhos divergentes e congruentes, ao mesmo tempo, na busca por melhorias das condições do ensino brasileiro.

A aproximação com o pensamento complexo possibilitou-me transitar por caminhos alternativos, impulsionados por movimentos contínuos e retroativos, na percepção de que todos os estudos aqui apresentados se constituíram de jornadas válidas e necessárias para o enfrentamento das dificuldades que se avolumam no dia a dia da escola.

É uma teoria que acredita que os encontros, os desencontros e os reencontros com outros saberes devem ser sempre realizados, senão prevalecerá somente um pensamento reducionista e simplificador que atrofia e impede de acessar outro que possa expandi-lo e libertá-lo das amarras das certezas.

Esta pesquisa ancora-se nos estudos da complexidade, de Edgar Morin. E o núcleo teórico está pautado nas obras: *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2010); *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000); *O cinema ou o homem imaginário* (1997); *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo* (1962); *O método 5: a*

humanidade da humanidade - a identidade humana (2007) e *O método 3: o conhecimento do conhecimento* (2008).

A ideia central aqui estudada será a de *ensino educativo*, o qual se apresenta no prefácio da obra *A Cabeça bem feita*, em que Morin (2010, p.10) nos diz:

Este livro é dedicado, de fato, à educação e ao ensino, a um só tempo. Esses dois termos, que se confundem, distanciam-se igualmente.

“Educação” é uma palavra forte: “Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios”. (Robert) [...]

O “ensino”, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo.

A bem dizer, a palavra “ensino” não me basta, mas a palavra “educação” comporta um excesso e uma carência. Neste livro, vou deslizar entre os dois termos, tendo em mente um ensino educativo.

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. [grifo do autor]

E as outras ideias que irão subsidiar esta pesquisa serão o *estado estético* e os *complexos imaginários*. Para defini-las recorrer-se-á ao próprio Morin.

O *estado estético* em Morin (2007, p.132) é

[...] um transe de felicidade, de graça, de emoção, de gozo e de felicidade. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo *aisthêtikos*, de *aisthanesthai*, “sentir”. [grifo do autor]

Em Pena-Vega; Almeida e Petraglia (2003, p.90), Morin aborda sobre os complexos imaginários que, como todo complexo, é constituído por vários elementos entre os quais se destacam as *projeções-identificações-transferências-P.I.T.*

O complexo imaginário [...] determina a vida imaginária. Ela é projeção de desejos, medos, aspirações, necessidades. Estes criam imagens, as alienam ou se agarram quer a imagens de antemão exteriores, quer a objetos, quer de modo mais amplo,

ao mundo. Esse mundo colorido, transformado ou duplicado pelos poderes projetivos é também experimentado subjetivamente. [...]

As atividades imaginárias não concernem unicamente aos sistemas imaginários: mitos, magias, religiões, estéticas. Elas irrigam a vida afetiva e infiltram-se em todos os sentidos no seio da vida prática. A dialética do real e do imaginário é um dado humano fundamental.

Assim, procurar-se-á ver de que maneira o *sentir estético* processado pelos complexos imaginários ativam a reflexão sobre o ensino educativo que possam ser percebidos nos filmes.

Metodologia

Este trabalho foi baseado em fontes bibliográfica e documental. Os documentos principais foram uma série de filmes que tratavam de temática educativa. Primeiro consultou-se livros, sites, teses e dissertações. Em seguida assistiu-se a um conjunto volumoso de filmes. Depois, buscou-se critérios de agrupamento e seleção. Esses procedimentos exigiram uma abordagem inicial de decomposição para em seguida se processar um trabalho de recomposição.

Foram descritas ao todo 91 aulas com suas temáticas, sinopses de cada filme e respectiva ficha técnica. Neste trabalho de diálogo hologramático entre todo e parte, parte e todo, optou-se pela elaboração de quadros explicativos, que pudessem sintetizar ao leitor uma fotografia panorâmica das intensas situações escolares vividas por estes sujeitos, nas quais o conflito prevalece.

A trajetória da pesquisa

O trabalho se desenvolve em três capítulos. No primeiro, *A visão que desperta*, há um percurso histórico das imagens. Parte deste capítulo foi dedicada também ao *estado estético* e aos *complexos imaginários* para

compreender o mecanismo dos filmes como possibilidade de conhecimento e autoconhecimento.

O Capítulo 2, *Caminhos que se cruzam*, discorre sobre os temas mais recorrentes em cada uma das aulas.

No Capítulo 3, *A tessitura dos filmes e os complexos imaginários*, procura-se estabelecer pontes e conexões entre o referencial teórico e o material empírico dos filmes.

Cabe ressaltar que os filmes podem contribuir para ampliar a percepção de práticas pedagógicas, uma vez que nas relações representadas por professores e alunos houve experiências iniciais de conflitos e de tensões entre todos, mas a superação foi possível para aqueles que estavam dispostos a rever suas atitudes. Desta forma, este trabalho constitui-se também como um convite e uma proposta de reflexão para que cada um de nós envolvidos na dinâmica da escola possamos rever nossas ações e maneira de pensar, refazendo, reconstruindo e ressignificando a caminhada em cada passo.

CAPÍTULO 1 – A VISÃO QUE DESPERTA

“Poemas Ruprestes”

Canção do ver [fragmentos]

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro -
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha,
era só abrir a palavra abelha e entrar
dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

*Manoel de Barros, em “Poemas
Ruprestes”*

No poema de Manoel de Barros, o menino, por viver muito tempo na natureza, vê o mundo com os olhos das aves e, por isso, “contraíu visão fontana”, ou seja, as imagens eram vistas da mesma forma que os pássaros as viam. A palavra *fontana* consta nos dicionários como um arcaísmo de origem latina que significa *o que é relativo a fonte*. Para o autor, uma visão *fontana* tem uma imensa variabilidade quanto ao ponto de partida e de um foco especial que as aves usam para alçar seus voos ou para a própria sobrevivência.

Em *Canção do ver*, tanto os pássaros quanto os objetos são elementos inominados da natureza e que precisam ser nomeados pelo homem. As palavras são virgens e cada uma delas está solta e livre em relação às regras gramaticais e aos significados fixos. O menino tomado pela visão das aves torna-se um poeta que retorna ao estado lúdico, quase infantil, para se capacitar no mundo e poder nomear tudo o que está inominado, instaurando um novo olhar sobre as coisas.

O caminho percorrido pelo menino/poeta é semelhante ao de uma fonte, cuja nascente de água, metaforicamente, pode originar tudo. O menino/poeta aprende com as aves os movimentos que reinauguram o novo, em que se permite sair da lógica e do sentido fixado; assim, *pedra* pode transformar-se em *flor* e *canto* em *sol*, com toda a liberdade de uma linguagem lúdica e infantil. *E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.*

Este capítulo contextualiza o surgimento do cinema, sob a perspectiva de que os filmes podem suscitar essa *visão fontana*, pois o pensamento humano é extremamente imagético e o espectador poderá extrair da tela o que o menino/poeta abstraia das aves, a liberdade do pensamento.

Se de um poema escrito o homem constrói imagens, que dirá se ele as vir projetadas em uma tela, reconhecendo-se nela, permitindo-se um reinventar, por isso os *filmes entusiasmam a visão para um novo despertar* [grifo meu].

Isso tudo denota que a realização humana é evidenciada por meio da cultura, na qual há as mais variadas manifestações artísticas. Assim, pode-se afirmar que, desde o início da humanidade, o homem passou a se comunicar com os outros, a princípio, por meio de gestos e emitindo sons guturais. Mais tarde, os desenhos rupestres nas paredes das cavernas foram fontes comunicativas que permitiam marcar território ou registrar, por meio de imagens, as suas conquistas e ações no mundo.

Segundo alguns historiadores, é no período paleolítico, uma das mais antigas etapas da pré-história, que acontece a evolução do homem, com importantes transformações físicas e culturais, denominada *homo sapiens*, marco da hominização.

O desenvolvimento da mente humana, o acúmulo de experiências e de conhecimentos permitiu a abertura do espírito humano ao mundo (MORIN, 2007, p. 40). O homem torna-se um ser curioso, questionador que passa a ter desejos de conhecer, por isso aperfeiçoa os seus instrumentos de trabalho, desenvolve utensílios domésticos e armas, além de outras técnicas, inicialmente, como meios de subsistência. Mais tarde, desenvolve a sua vida socialmente, constituindo-se em uma “trindade humana”, ou seja, a

humanidade torna-se “pluralidade e justaposição de trindades” e de acordo com Morin (2007, p. 51):

- a trindade indivíduo/sociedade-espécie;
- a trindade cérebro/cultura-espírito;
- a trindade razão/afetividade/pulsão; ela própria expressão e emergência da triunicidade do cérebro que contém as heranças dos répteis e dos mamíferos.

Segundo Morin (2007, p. 51), “o extraordinário desenvolvimento da individualidade humana, depositária do pensamento, da consciência, da reflexão curiosa do mundo físico e do desconhecido metafísico” não reduz o homem ao individualismo, pois este também se insere na sociedade, por isso tem atitudes e hábitos sociais, como a vida familiar, a vida em grupos, a participação coletiva.

Desde quando deixou de ser nômade, o homem introduziu cerimônias religiosas, aperfeiçoou a arte, construiu abrigos e realizou descobertas, a fim de satisfazer não só as suas necessidades físicas e racionais, como também as afetivas e viver plenamente a vida.

Para Morin (2007, p. 52) “o ser humano define-se, antes de tudo, como trindade indivíduo/sociedade/espécie”, em que o indivíduo é apenas um termo dessa trindade. Dessa forma, não se separam tais instâncias, uma vez que o ser humano é “ao mesmo tempo, 100% biológico e 100% cultural”. O termo “cultura”, aqui apresentado, será ancorado na definição de Morin (2007, p.35-36) como aquele que engloba todas as culturas como um

conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir-faire*, saberes, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, ritos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social.

Assim, a humanidade sempre transitou entre o *estado prosaico*, que inicialmente tinha a função utilitária e funcional de atender às necessidades básicas de sobrevivência do homem, mas depois, aliado a isso, rendeu-se aos apelos do consumismo; e ao *estado poético*, para suprir a ausência da afetividade e da necessidade cultural recalcada, ao longo do tempo, pela fragmentação das atividades racionais humanas. As manifestações estéticas,

sob a ótica de Morin (2007, p.138) permitem a superação dos limites humanos, ou seja, cumprem o papel de purgar “a ansiedade, a preocupação, a mediocridade, a banalidade”, transfigurando a dura realidade para o “estado de graça”.

Partindo-se desse pressuposto, a necessidade humana de se comunicar uns com os outros, fizeram com que homem desenvolvesse a linguagem e construísse estratégias que lhe permitissem viver em sociedade. O fascínio dos homens, pelo desenho e pela imagem, acrescido de movimento permitiu-lhe resignificar a impressão de realidade.

1.1 DO JOGO DE LUZES E DE SOMBRAS À DESCOBERTA DA LANTERNA MÁGICA

#

Os chineses há mais de cinco mil anos antes de Cristo descobriram que com uma fonte de luz projetada na parede, por uma vela em um ambiente escuro, poderiam transformar os objetos e os movimentos das mãos em imagens interpostas por meio de sombras. Então, nasciam os teatros de sombras, conhecidos como espetáculos de “marionetes javanesas” que narravam histórias tradicionais acompanhadas por músicas.

O avanço desse princípio de projeção deveu-se pelo fato de as marionetes serem manipuladas por pessoas que se colocavam atrás de um pano branco e, com o auxílio da luz, as sombras projetavam realidades ou ficções para um público que, em frente, assistia às encenações. Nesse caso, ainda não havia projeções de imagens, mas de sombras, pois aquelas surgiriam, mais tarde, com a invenção da lanterna mágica. E por muitos anos, esse jogo imagético foi popularmente considerado como algo transcendental ou sobrenatural.

No século XVIII, a lanterna mágica inventada pelo jesuíta alemão Athanasius Kircher era composta por uma caixa, uma fonte de luz e lentes que enviavam imagens para uma tela. Praticamente essa invenção aproximou-se mais ao que hoje é conhecido como cinema.

1.2 A FOTOGRAFIA QUE ACIONA A IMAGEM E O DUPLO

No século XIX, os franceses descobriram a fotografia e, segundo Morin (1997, p.35), em 1839, originou-se também o termo fotogenia, aquilo que reflete a imagem do homem de forma agradável ou não. Trata-se da “faculdade misteriosa” em que “a fotografia ou nos lisonjeia ou nos trai; confere-nos ou nega-nos algo indefinível”. Para Morin (1997, p.36), apesar de a imagem fotográfica ser estática, não é uma “imagem morta”, pois o homem sempre esboça uma reação ao que vê.

Na fotografia é, evidentemente, a presença que dá vida. A primeira e estranha qualidade da fotografia é a presença da pessoa ou da coisa que, no entanto, está ausente. [grifo do autor] É uma presença que, para ser assegurada, não necessita para nada da subjectividade mediadora dum artista. O génio da fotografia é, antes de mais nada, químico. A mais objectiva, a mais mecânica de todas as fotografias, da «Fontomaton», pode transmitir-nos uma emoção, uma ternura, como se, duma certa maneira, segundo a expressão de Sartre, o original se tivesse encarnado na imagem.

A fotografia pode ser uma imagem que ative reminiscências entre a morte e a vida humana. Conforme Morin (1997, 37-36), uma foto pode substituir os amuletos, os objetos que simbolizam “a presença da ausência”, além de identificá-la como mecanismo de “recordação”.

#

Tudo nos prova que o espírito, a alma e o coração humanos estão profunda, natural e inconscientemente implicados na fotografia. Tudo se passa como se esta imagem material possuísse uma qualidade mental. Tudo passa, igualmente, em certos casos, como se a fotografia revelasse uma qualidade que o original não possui, uma qualidade de duplo. É, pois, a este nível radical, do duplo e da imagem mental, que se deve tentar compreender a fotogenia. (grifo do autor)

Para Morin (1997, p.42), a imagem mental é parte essencial da consciência. E a imagem não pode ser separada “da presença do mundo no homem, da presença do homem no mundo”, a qual é ao mesmo tempo duplo e ausência. Para melhor explicar a ausência na presença na imagem, Morin apresenta o exemplo dos primitivos e das crianças que não têm total consciência da realidade e a confundem com os sonhos.

Ressalta-se que, conforme discorrido neste capítulo, as imagens estão no homem assim como os homens estão nas imagens e reciprocamente estas não passam de um duplo, de um reflexo e ao mesmo tempo de uma ausência.

Enquanto no poema de Manoel de Barros, as aves representam a identificação afetiva com a alma humana, a expressão “olhe o passarinho” assemelha-se a isso, por congelar o fotografado que instrospectivamente aguarda o momento de liberta-se. Esses breves instantes representam a ausência na presença.

Cabe afirmar que a fotografia, também, foi mais um dos fenômenos que conduziu o homem à criação do cinema. Para Morin (1997, p. 53), a fotografia possui todas as qualidades de um cinematógrafo, pois nela associa-se a fotogenia. E é justamente esta que permite o olhar para a fotografia como imagens em movimento, por isso Morin definiu-a de duas maneiras:

Já podemos propor agora uma primeira definição: a fotogenia é essa complexa e única qualidade de sombra, reflexo e duplo que permite às potências afectivas próprias da imagem mental fixarem-se na imagem dada pela reprodução fotográfica. Outra definição possível: a fotonogenia é a resultante: a) da transferência, para a imagem fotográfica, das qualidades próprias da imagem mental; b) da implicação das qualidades de sombra e de reflexo na própria natureza do desdobramento fotográfico.

Essa definição de fotogenia é a representação imagética que a mente humana extrai da fotografia e transmuta-a para imagens em movimentos. Olhar uma foto, a princípio, pode ser um ato estático, mas a capacidade de o homem voltar ao tempo e dar vida à imagem congelada foi um passo para a descoberta do cinema.

1.3 DAS INVENÇÕES SOBRE IMAGENS EM MOVIMENTO AO CINEMA

Depois da descoberta da fotografia, desenvolvida simultaneamente por Louis-Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce, no período de 1827 a 1833, muitas outras se sucederam para captar e reproduzir a imagem em movimento até chegar ao cinematógrafo. Antes disso, foram construídos vários instrumentos baseados no fenômeno da persistência retiniana, ou seja, a fração de segundo que uma imagem permanece na retina, a partir de estudos realizados pelo inglês Peter Mark Roget, em 1826.

O fenacistiscópio foi criado, em 1832, pelo físico belga Joseph-Antoine Plateau, que foi o primeiro cientista a medir o tempo da persistência retiniana, a fim de que uma série de imagens fixas provocasse a ilusão de movimento. O tal aparelho era formado por um disco em que uma única figura era desenhada em várias posições e, ao ser girado, a velocidade criava a ilusão de que o desenho se movimentava.

O francês Émile Reynaud, em 1877, projeta na tela imagens desenhadas sobre fitas transparentes por meio de um praxinoscópio. Inicialmente era uma máquina primitiva, composta por uma caixa de biscoitos e um espelho, mas depois foi aperfeiçoado com um intrincado sistema de vários espelhos que permitiam efeitos de relevo, cujas figuras desenhadas se multiplicavam e projetavam, por meio de uma lanterna, alguns truques ilusórios de movimentos.

Pesquisas posteriores ao advento da fotografia levaram Étienne-Jules Marey a desenvolver, em 1887, a cronofotografia que se resume em uma fixação fotográfica de várias fases do andar de um homem ou do voo de aves, como se estivessem em movimento, o que se aproximou muito de uma base do cinema.

Em 1890, o norte-americano Thomas Alva Edison inventa o filme perfurado, por meio do qual projetava uma série de pequenos filmes, em seu estúdio, chamado Black Maria, o primeiro da história do cinema. Tais filmes eram projetados, apenas, no interior de uma máquina denominada cinetoscópio, pois não havia ainda uma tela, e só podiam ser vistos pelos espectadores de forma individual.

Os irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, aperfeiçoaram o cinematógrafo, que se tornou uma espécie de ancestral da filmadora. O diferencial desse recurso é que Louis Lumière utilizou-o para além de aplicações científicas ao transformar a câmara em imagens de prazer e de contemplação, mas ainda muito associadas a um realismo quase absoluto.

Já Georges Méliès, que produziu mais de 500 filmes de curta metragem desde 1896 a 1913, segundo Morin (1997, p.69), foi um dos principais idealizadores das primeiras técnicas ilusionistas que conduziram o cinema também ao irrealismo.

Como se opera o nascimento do cinema? Há um nome que permite cristalizar toda a mutação: o de Méliès, enorme e ingênuo Homero. Que mutação é esta? Será a passagem da fotografia animada, captada ao vivo, às cenas espetaculares? [...] É verdade que, ao inventar a *mise en scène* de cinema, Méliès embrenhou o filme mais profundamente numa via «teatral espetacular».

Devido à abrangência dos estudos sobre o cinema, verificou-se que é extremamente difícil identificar quem foi o seu precursor, uma vez que as imagens estão na humanidade desde o tempo das cavernas, conforme demonstrado neste capítulo.

Assim, a magia do cinema nasce da necessidade de o homem projetar em sua vida os sonhos, os desejos, os medos entre outros sentimentos. No entanto, para Morin (1997, p.105), a magia é apenas um “*modelo-padrão*”, que não se vincula somente ao cinema.

O universo do cinema deriva genética e estruturalmente da magia, sem que seja magia; deriva da afetividade, sem ser subjectividade... Música... Sonho... Ficção... Universo fluído... Reciprocidade micromacrocósmica... tudo isso são termos que, ainda que lhe assentem bem, nenhum deles verdadeiramente o define.

Pressupõe-se que o “mundo empírico”, segundo Morin (2007, p.132), “comporta estabilidade e regularidade”, o “mundo imaginário prolifera, transgride os limites de espaço e tempo, uma vez que o imaginário abre brechas para “a inventividade e criatividade do espírito humano [...]”.

Dessa forma, os filmes são evasões que permitem ao espectador mergulhar em suas “cavernas internas” e identificar nas tramas, situações idênticas às suas. No entanto, é a estética que o impede de confundir o imaginário com a realidade e, segundo Morin (2003, p.99) as projeções-identificações dão vida e existência às ações que ocorrem na tela, que se transforma “em janela aberta para o mundo vivo”.

1.4 O ESTADO ESTÉTICO E OS FILMES

O termo *estética* tem diversas acepções no dicionário⁶, apresentando rubricas de cunho filosóficos. A primeira delas afirma que estética é a parte da filosofia voltada à reflexão da beleza sensível sob a ótica do fenômeno artístico. Indica ainda que a estética, segundo o criador do termo – o filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) –, é a ciência das faculdades sensitivas humanas, investigadas em sua função cognitiva particular, cuja perfeição consiste na captação da beleza e das formas artísticas.

Basicamente, no dicionário, a estética é associada ao sublime e à beleza, que no kantismo é definida como um estudo dos juízos, por meio dos quais os seres humanos afirmam que determinado objeto artístico ou natural desperta universalmente tais sentimentos. Já no *hegelianismo*, tanto a beleza artística associada a imagens sensoriais quanto as representações sensíveis configuram-se na verdade do espírito, do princípio divino, ou da ideia.

Durante um longo período, a estética caracterizou-se pela definição do belo e do sublime. Segundo Raposo (2004, p. 153), Jan Mukařovský, em 1990, propôs “o tratamento do ‘estético’ fora da arte sob uma nova perspectiva: ‘por uma óptica funcional’”. Para ele há uma estreita relação entre o “estético” fora da arte e na arte, pois é praticamente impossível distingui-lo uma da outra e que o conceito de belo deveria ser afastado do predomínio de ser uma ciência que estuda a beleza somente no campo da estética,.

Raposo ainda afirma que segundo Mukařovský (2004, p.154),

ao contrário do que acontecia quando a estética se baseava no conceito de beleza e esta era entendida como algo que existia acima das coisas, o “estético” deve ser entendido como algo que está contido na atitude que o homem adota perante as coisas que observa ou cria. Uma atitude estética permite-lhe aproveitar aspectos da realidade até aí omitidos, funcionando a coisa como um conjunto de características de variedade inesgotável.

⁶ Dicionário Houaiss Eletrônico. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca>. Acesso em: 03 abr. 2012.

O conceito de estado estético, concebido por Morin (2007, p.132), compreende a estética para além das obras de arte, sem negá-las, mas também “a partir do sentido original do termo, *aisthêtikos*, de *aisthanesthai*, ‘sentir’.”

O estado estético produz satisfação e reações afetivas provocadas por diferentes situações agradáveis ou não, que se estende para além das artes em geral. Ele pode estar em outras instâncias da vida, desde o aroma dos perfumes e da natureza aos objetos de prazer, ou na forma utilitária como, por exemplo, os automóveis e as mobílias que decoram uma casa.

Para Morin (2007, p.135), o estado estético, que alimenta o psiquismo humano, não separou as imagens do homem desde os tempos primitivos até a sociedade contemporânea. E a dimensão estética nutre-se de cultura e de emoções, o que possibilita ao espectador não perder a noção entre o imaginário e a realidade.

Nossa estética contemporânea alimenta-se, entre outros, de imaginário, lendas, epopéias, romances, filmes. Embora a gente ame, ria sofra, ao mesmo tempo em que nossos heróis imaginários, nossa consciência de que continuamos leitores e espectadores permite a emoção mesma que nos proporciona.

Isso significa que a estética preserva tanto o mitológico, o mágico quanto o religioso independentemente da crença. O estético e a mitologia entrelaçam-se garantindo a prevalência da emoção na magia das coisas. Trata-se do “charme da imagem” que para Morin (2007, p.134) é a emoção estética configurada por meio de uma imagem mental, de uma pintura, ou filmada.

Assim, os filmes abarcam esteticamente os conflitos humanos que dá ao homem a possibilidade de imergir em seu íntimo e refletir sobre as suas ações no mundo, a partir daquelas projetadas na tela do cinema. Para melhor esclarecer, Morin (2007, p.135) assegura que:

Os filmes e as séries de televisão nos falam, sem parar, dos problemas da vida que são os amores, ambições, ciúmes, traições, doenças, encontros, acasos. São as “evasões” que nos fazem mergulhar em nossas almas e em nossas existências. Os romances ou filmes *noirs*, como as tragédias antigas ou elisabetanas, fazem-nos descer aos nossos subterrâneos, nossas “cavernas interiores”, onde reinam a

violência e a barbárie, ou, então, dão um impulso imaginário a nossos desejos de aventura. Atroz em nossas vidas é transfigurado num filme e nos dá a volúpia ou o deslumbramento no horror. O impossível é realizado, mas no imaginário, ou seja, sem perigo.

Por isso, quando o espectador entra em uma sala de cinema, estabelece uma espécie de pacto de realidade com os filmes, pois no instante em que as imagens são projetadas, mesmo quando irreais as emoções e as sensações podem suscitar um “efeito” de realidade objetiva.

Este estudo permitirá a compreensão dos processos de projeção, identificação e transferência que determina a vida, fonte de necessidades humanas tais como: desejos, medos, aspirações entre outras. Ao ver filmes, o espectador, neste caso, o professor insere-se em um universo imaginário que lhe pode parecer real, mas é a estética que permite a percepção de que se trata de uma obra de ficção.

CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE SE CRUZAM

Neste capítulo serão apresentados os filmes que fundamentam esta pesquisa. Entende-se que um trabalho, em nível de mestrado, tendo-se por base textos fílmicos, não tenham sido assistidos. Então, optou-se por organizar uma estrutura detalhada para propiciar o contato com esses textos e suas questões, a fim de suscitar o interesse em assisti-los.

Dessa forma, cada filme passou por uma primeira fase de tratamento constituída de quatro etapas:

- ✓ QUADRO 1 – Panorama dos filmes, para que o leitor possa visualizar elementos importantes em cada um deles.

- ✓ ANÁLISE DESCRITIVA DOS FILMES contendo: ficha técnica que sintetiza os dados principais; sinopse expandida que apresenta o enredo, e descrição tematizada das aulas, núcleo central deste estudo.

- ✓ QUADRO 2 – Título das aulas. As 91 aulas foram descritas, e esse quadro permite uma visão panorâmica dessas aulas.


- ✓ QUADRO 3 – Ações pedagógicas e atitudes dos alunos: houve um levantamento de temas mais recorrentes de cada filme, que servirá como suporte para a análise teórica ancorada no pensamento complexo.

QUADRO 1 – PANORAMA DOS FILMES

Filmes e ano de Produção	Livros ou fundações dos filmes	Espaço escolar e nível de ensino	Professor(a) protagonista/ disciplina	Experiências escolares
(1) Sementes de violência (1957)	Livro: Blackboard Jungle, de Eva Hunter	North Manual High School (Escola Preparatória de Artes e Ofícios), Subúrbio de Nova Iorque. (Ensino Técnico – Nível Ensino Médio)	Richard Dadier. Disciplina: Inglês	Iniciante. Veterano da Marinha, lutou na II Grande Guerra.
(2) Ao mestre, com carinho (1965)	Livro: To Sir, with Love, de E.R. Braithwaite	North Quay Secondary School. East End (bairro de comerciantes imigrantes), Inglaterra. (Ensino Médio)	Mark Thackeray. Professor polivalente	Iniciante. Engenheiro de comunicação, desempregado.
(3) Mr.Holland, adorável professor (1995)	Mr.Holland's Opus Foundation, por Michael Kamen http://www.mhopus.org	John Fitzgerald Kennedy, Oregon, Estados Unidos. (Ensino Médio)	Glenn Holland. Disciplina: Apreciação Musical	Iniciante. Músico e regente
(4) Mentes perigosas (1995)	Livro: My posse don't do homework, de LouAnne Johnson	Parkmont High School. (Ensino Médio)	LouAnne Johnson. Disciplina: Inglês e Literatura Inglesa	Iniciante. Ex-oficial da Marinha; bacharel em literatura inglesa; relações públicas e telemarketing.
(5) Música do coração (1999)	Opus 118 Foundation www.opus118.org	Escola pública de East Harlem. Estados Unidos (Ensino Fundamental)	Roberta Guaspari Professora de Música do curso de Violinos (extracurricular)	Iniciante. Esposa e mãe, pouca experiência anterior como professora de violino.
(6) Escritores da liberdade (2007)	Freedom Writers Foundation www.freedomwritersfoundation.org	Escola Woodrow Wilson (Ensino Fundamental)	Erin Gruwell Disciplina: Inglês	Iniciante. Advogada. Optou por ser professora de uma escola com projeto de integração voluntária.
(7) Entre os Muros da Escola (2008)	Livro: Le Murs, de François Bégaudeau	Escola de Ensino Fundamental (Não há divulgação do nome da escola)	François Marin Disciplina: Francês da 7ª. série	Professor de Francês, há mais de quatro anos.

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

ANÁLISE DESCRITIVA DOS FILMES:

FICHA TÉCNICA: SEMENTES DE VIOLÊNCIA			
	Título Original: Blackboard Jungle		
	Título Traduzido: Sementes de violência		
Gênero:	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	Richard Brooks	Richard Brooks	Português/Inglês
Ano de Produção:	País de Produção:	Duração do Filme:	
1957	Estados Unidos	101 min	
PERSONAGENS:			
Professor: Richard Dadier (Glenn Ford)			
Representantes da escola: Diretor da escola: Sr. Warneke (John Hoyt) Coordenador da escola: Sr.Halloran (Emile Meyer)			
Professores: Jim Murdok (Louis Calhern) Lois Judby Hammound (Margaret Hayes) Joshua Y. Edwards (Richard Kiley) Dr. Bradley (Warner Anderson) Professor A. R. Kraal (Basil Ruysdael)			
Família: Esposa: Anne Dadier (Anne Francis)			
Alunos (principais): Gregory W. Miller (ator Sidney Poitier) Artie West (ator Vic Morrow) Belazi (ator Dan Terranova) Pete V. Morales – (ator Rafael Campos)			
TRILHA SONORA: Música Original: Charles Wolcott Efeitos Sonoros: Wesley C. Miller			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME: *SEMENTES DE VIOLÊNCIA*

Ao som de tambores de guerra, o filme abre com uma mensagem:

Nos Estados Unidos somos afortunados por termos uma educação que é um tributo as nossas comunidades e a nossa fé na juventude americana. Hoje estamos preocupados com a delinquência juvenil, suas causas e seus efeitos. Estamos preocupados quando essa delinquência chegar a nossas escolas. As cenas e os incidentes aqui apresentados são fictícios. Entretanto, acreditamos que a conscientização pública é o primeiro passo para remediar qualquer problema. Foi com este espírito e essa fé que se realizou *SEMENTES DA VIOLÊNCIA*.

Sementes da violência, de 1957 é um filme, em preto e branco, baseado no romance de Eva Hunter (Quadro 1, p.42). Trata-se de uma obra clássica, que retrata o comportamento rebelde e delinquente de alguns jovens dos anos 50, da *North Manual High School (Escola Preparatória de Artes e Ofícios do Norte)*, no subúrbio de Nova Iorque.

Os créditos são passados em uma lousa, ao som da música *Rock Around The Clock*, de Bill Halley e seus Cometas. Imagens de um trem cruzando a cidade; de crianças brincando perto de um chafariz na rua, enquanto uma mãe briga com uma delas; de prédios antigos e escuros; de alunos que dançam rock e fumam na entrada da escola; de um professor que entra e se aproxima do local, observado pela maioria dos alunos, compõem o cenário inicial do filme.

Nele, Richard Dadier é um veterano da marinha que se torna professor de inglês, contratado pelo diretor Warneke que, ao ser indagado sobre a indisciplina, nega-a veementemente.

No entanto, na sala dos professores, a realidade parecia ser diferente, pois a maioria dos colegas fazia severas críticas ao comportamento dos alunos. O professor de História, Jim Murdok, considerava a educação daquela e de várias escolas uma verdadeira “lata de lixo”.

Na vida particular, Richard Dadier era carinhoso e atencioso com Anne Dadier, que estava grávida. Ela era uma esposa ciumenta e insegura, por se sentir menos atraente e ter pedido um filho em outra gravidez. Richard e Anne Dadier comemoram, em um restaurante, o novo emprego.

Em seu início de carreira, as aulas nem sempre foram gratificantes, pois a maioria dos alunos tinha comportamento extremamente rebelde. Eram

provenientes da classe trabalhadora e pertenciam a várias etnias como: latinos, asiáticos, irlandeses, africanos e americanos. Uma parte dos pais era combatente da II Guerra Mundial, e as mães trabalhavam em fábricas para sustentar as famílias. Assim, quase todos os jovens ficavam pelas ruas e formavam gangues cujos líderes substituíam as famílias.

O professor sofrera, por duas vezes, agressões físicas de alguns de seus alunos, tanto na rua quanto em uma de suas aulas. Além de ter visto o seu amigo e professor de matemática Edwards Joshua perder toda a sua coleção de discos raros, colecionados ao longo de muitos anos, devido à delinquência de quase todos daquela sala.

Richard Dadier, em uma dessas passagens, procurou o professor A. R. Kraal, antigo professor da universidade, para desabafar e tentar compreender por que não conseguia aproximar-se de seus alunos, já que escolhera aquela profissão para a sua vida. No encontro, ambos conversam sobre isso. Richard Dadier questiona a formação na graduação, por não ter-lhe preparado para enfrentar tais problemas. Nesse diálogo, o professor Kraal o convence a continuar a ser professor, caso isso tivesse sido o seu sonho.

Decidido a rever a sua prática pedagógica, utiliza outros recursos didáticos, em sala de aula, como a projeção de desenho, para posterior debate sobre temas relacionados à vida dos alunos; o uso de gravador para que estes gravassem relatos individuais de seus cotidianos, de maneira a expressarem livremente os seus pensamentos. Além disso, convidou Gregory Miller a fazer parte do musical da peça teatral de fim de ano, por tê-lo visto, um dia, tocando piano e cantando com alguns amigos na sala de música da escola. Gregory Miller, que era considerado pelo professor uma péssima liderança para a sala, ao aceitar o convite, estreitou, entre eles, laços de respeito. Mais tarde, diante da confissão desse aluno que desistira de continuar os estudos, por ser negro e sem perspectivas, selam um acordo de que nenhum dos dois desistiria de seus sonhos.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME *SEMENTES DE VIOLÊNCIA*

Richard Dadier chega à escola e, na entrada, alunos dançam rock ao som de Bill Halley e seus Cometas; alguns grupos fumam, jogam sentados no chão e outros mexem com uma mulher que passa pela rua. Quando o professor entra pelos portões da escola, é observado por alguns deles. Um aluno assobia para ele, que finge não ter ouvido; sorri e entra na escola.

Ele sobe os degraus da escada em direção à sala da diretoria e avisa à secretária que está sendo aguardado para uma entrevista. O diretor Warneke, ao entrevistá-lo, critica o tom baixo de sua voz, o que o impediria de ser ouvido pelos alunos. O professor informa-lhe que havia feito arte dramática e declama um trecho de Henrique V; assim, é contratado pelo diretor. Antes de sair, Richard pergunta se naquela escola havia problemas de indisciplina e imediatamente Warneke responde-lhe que, em sua gestão, nunca haveria esse tipo de problema.

Ele entrega na secretaria os documentos solicitados e vai para a sala dos professores, onde alguns professores discutem sobre a indisciplina na escola. Richard apresenta-se a eles e critica a forma de Jim Murdok, professor de História, referir-se às escolas como verdadeiras “latas de lixo”. Joshua Y. Edwards, um recém-contratado professor de Matemática, deseja saber que conselho Murdok daria a um novato e este o alerta de que nunca deveria tentar ser um herói, ou dar as costas para a classe.

Enquanto Jim Murdok, professor de História, informava que lecionava há mais de 12 anos, com duas condecorações e nenhum aumento de salário, Lois Judby Hammound, também, nova na escola, aproxima-se e afirma acreditar que deveria haver algum aluno estudioso naquela escola.

Em um restaurante, Richard Dadier e a esposa comemoram a contratação dele na escola *North Manual High School*.

No primeiro dia de aula, os professores, no auditório, recebem uma lista com os nomes dos estudantes para que os anunciassem e fossem, em fila, para as salas de aula. Durante a chamada, fazem muito barulho, conversam, jogam objetos entre eles, além de assobiarem para a professora Lois Judby Hammound, que subiu no palco para anunciar os nomes de seus alunos.

Os professores recém-contratados estão nervosos e assustados com a indisciplina dos estudantes, que só é amenizada quando o coordenador, Sr. Halloran, os manda ficarem em silêncio. Encerrada a chamada dos alunos, as turmas acompanham os mestres.

Richard Dadier vai com os seus alunos para a sala, os quais conversam, riem e empurram uns aos outros. De repente, um estudante de outra sala sai do banheiro com os olhos cheios de lágrimas e o professor se dirige até lá e encontra Emmanuel Trades e Gregory Miller fumando juntamente com outros. Dialoga com eles e manda-os para a sala.

Aula 01: Apresentação da disciplina Inglês

Richard se apresenta para os alunos, soletrando e escrevendo o sobrenome Dadier, quando, de repente, alguém arremessa violentamente uma bola de beisebol em direção à lousa, destruindo uma das letras da palavra. O professor pega a bola do chão, observa os alunos que estão quietos e olham para ele, como se nada tivesse acontecido. O professor esboça um sorriso e afirma que quem a jogou nunca lançaria no time dos Yankees. O aluno Belazi chama a atenção de Artie West e pergunta o que ele achava do Daddy-O (um apelido criado, naquele momento, referindo-se ao nome Dadier).

A maioria se levanta e repete várias vezes aquele apelido e, depois desse episódio, o professor deseja saber se já haviam se divertido e fala sobre a importância de pronunciarem o nome dele corretamente na língua inglesa, senão poderia reprová-los. Artie West questiona essa avaliação e o professor, ao observar que ele usava um boné, antes de responder, pede-lhe para tirar da cabeça. O aluno tenta intimidá-lo ao perguntar se já havia enfrentado 35 alunos, mas Dadier mantém o seu posicionamento, afirmando-lhe que se fosse necessário o arrancaria à força. O aluno olha para os amigos, que não se manifestam, e obedece.

Richard Dadier informa que a sua disciplina era inglês e antecipa que aprender essa língua era importante para arrumar um emprego, mesmo que fosse de carpinteiro ou de eletricista. Glenn Miller duvida e Richard o interrompe pedindo a todos que só se manifestassem depois de levantarem as mãos. O aluno concorda chamando-o de “profe”. Todos zombam desse aluno, dizendo que o correto era Daddy-0.

Artie West ironicamente os chama de idiotas, por não saberem corretamente o nome do professor. Percebendo as intenções do aluno, Dadier solicita-lhe que fique um pouco mais, além do horário, para ajudá-lo, já que era tão colaborativo.

Diante da recusa do estudante, todos brincam que ele perderia a oportunidade de ficar sozinho com o professor. Sem se importar com os gracejos, Dadier os informa que na próxima aula continuaria, pois o sinal tocava e, posteriormente, teriam aula de Cívica. Artie West, com um olhar

desafiador, pergunta-lhe se retornaria no dia seguinte e obtém a resposta de que não faltaria, pois sentiria falta dele. Todos riem e o sinal toca.

Antes que todos saíssem, Richard Dadier conversa com Gregory Miller, por acreditar que este era o líder de todos. Inicia a conversa, dizendo-lhe haver percebido que se destacava, por sua inteligência, dos demais e pede-lhe a sua colaboração, pois os alunos se comportariam melhor. Gregory Miller, mesmo reticente, parece gostar do que o professor lhe dissera, concorda e sai sob os olhares de alguns colegas que o esperavam na porta da sala de aula.

Richard Dadier, antes de ir para casa, envolve-se em uma briga com um dos alunos para ajudar a professora Louis Hammound, que fora arrastada à força pelo aluno Joe Murray para a biblioteca da escola. Dadier, ao perceber o fato, arrebenta a porta, entra em luta corporal com o agressor e ambos ficam muito machucados.

Em casa, conta o que ocorrera para a esposa que, apesar de preocupada, demonstra ciúmes pelo marido ter defendido a colega de escola.

Depois daquele episódio, quando chegou ao colégio, o professor não foi bem recebido por alguns alunos, que o olharam desconfiados e viram-lhe as costas.

Aula 02: Exercícios gramaticais

Richard Dadier escreve frases na lousa para que os alunos as completem com palavras adequadas. Pergunta a cada um deles qual é a estrutura frasal mais adequada, mas ninguém responde. Diante do silêncio da sala, insiste dizendo-lhes para não temerem errar, pois era por meio dos erros que se aprenderia.

Dirige-se à lousa e aponta a primeira frase para Gregory Miller, que propositalmente erra o tempo verbal. O professor o corrige, mas diante das sucessivas respostas erradas dos demais, pede-lhes para copiarem as trinta e cinco frases da lousa para serem feitas em casa e, mesmo sob os protestos dos alunos, não abre mão dessa estratégia, pois isso poderia ser cobrado no exame final.

Logo em seguida, pede para conversar com Gregory Miller, fora da sala, naquele instante. Pergunta-lhe se o aluno era o responsável pelo comportamento dos outros e se o fosse, devido a sua liderança, estaria conduzindo-os à direção errada. O aluno revela que a maioria não gostou

daquele episódio envolvendo o professor e o aluno Joe Murray, porque este seria preso. Afirmava-lhe, também, que não exercia qualquer influência nos alunos, pois nenhum deles precisava disso. O aluno entra em sala afirmando que romperia o acordo feito no primeiro dia de aula, porque não faria mais “aquele trabalhinho”.

Depois das aulas, Dadier e Joshua Edwards vão até a um bar e conversam sobre a dificuldade de se aproximarem dos alunos, apesar de gostarem muito da profissão. Ao saírem para pegar o ônibus, entram em um beco para cortar caminho. Lá, ambos são cercados por alguns alunos liderados por Artie West que os agredem violentamente. Dadier, muito machucado, chega a casa e preocupa-se em não assustar a mulher, que estava grávida, por isso pede-lhe que apague a luz. Mesmo assim, a esposa, ao vê-lo naquele estado, não quer que ele volte para aquela escola. Mas o marido afirma que não desistiria, pois os agressores não o venceram.

No outro dia, Dadier procura o seu antigo professor da faculdade, A. R. Kraal, para desabafar e questionar sobre as estratégias que deveria usar para se aproximar daqueles alunos. Desejava saber como ensinar alunos que não se interessavam pela educação. Para convencê-lo de que deveria continuar no magistério, o professor Kraal usa uma metáfora do cego que se aproxima de um elefante e toca apenas o rabo do animal e o confunde com uma serpente e, em seguida, o leva para ver o restante da escola. Lá havia alunos interessados nas aulas e em laboratórios científicos.

Dadier observa que ensinar alunos competentes e interessados era fácil, o complicado seria fazer os seus alunos, com graves problemas sociais, se interessarem pelos estudos. Para o professor, na universidade não aprendera a lidar com aquele tipo de alunos. Kraal insiste-lhe para não abandonar a escola, a não ser que desejasse exercer outra profissão. Diante desse questionamento, Dadier resolve continuar a ser professor naquela mesma escola.

No dia seguinte, um investigador de polícia vai até a escola e Dadier mente sobre quem eram os agressores da noite anterior, alegando que estava muito escuro e não pôde vê-los. O investigador informa que não desistiria de encontrá-los, pois os conhecia muito bem, por pertencerem a uma geração de jovens cujos pais foram para a Segunda Guerra Mundial e as mães tiveram de trabalhar em fábricas para a família sobreviver. Sozinhos e sem religião, ficavam pelas ruas e formavam gangues cujos líderes teriam ficado no lugar dos pais propagando a violência.

Aula 03: Estudos da oralidade da língua inglesa

O professor leva um gravador para a sala, a fim de trabalhar a oralidade da língua inglesa. A atividade consiste em gravar o relato de cada um dos

alunos sobre qualquer tema, mas a maioria dos alunos estranha aquela prática pedagógica e zombam do professor.

Um barulho ensurdecedor de serras elétricas e uma intensa trepidação, vindos da oficina da escola que ficava no andar de cima, atrapalhavam as atividades propostas pelo professor. Mesmo assim, Dadier pergunta quem seria o primeiro a gravar algo. A maioria indica Pete Morales, mas o professor não os ouve e chama Tomito. Por ter feito isso, Gregory Miller o acusa de discriminar o aluno indicado por todos, porque não falava adequadamente o inglês.

O professor, então, pede para que Pete Morales se aproximasse do gravador e relatasse algo de seu próprio interesse. O aluno inicia um discurso irreverente, provocando risos e chacotas dos alunos.

O professor, antes de encerrar a aula, afirma que todos haviam acertado ao terem escolhido o aluno, pois isso era uma demonstração de amizade. Gregory Miller aproveita a chance para dizer que isso não se aplicava ao professor, porque este se recusara a chamar o amigo inicialmente. Artie West manifesta-se favorável ao colega, afirmando que o professor não chamara Pete Morales por ser um latino. Os alunos passaram a se insultar e Richard Dadier, indignado com o comportamento dos alunos, ensina-lhes sobre fraternidade e respeito mútuo.

Logo após a aula, Dadier é convocado pelo diretor para se defender de uma acusação de intolerância racial em sala de aula, o qual apresenta os seus argumentos e deseja saber quem o havia denunciado. Mas o diretor afirma ser um assunto sigiloso e recusa-se a dar nomes. Depois de tudo esclarecido, o diretor o convida para organizar o teatro de Natal, por ter feito arte dramática na universidade. Mais tarde encontra Gregory Miller perto da sala dos professores e o acusa de ser o reclamante.

O professor esclarece que nunca tivera atitudes racistas, mas que havia sido criada uma naquele momento. Aproxima-se do aluno, que pressente a vontade de Dadier de bater-lhe e o instiga a fazer aquilo, pois assim seria um ótimo álibi para que o despedissem. Em um instante de fúria, Richard Dadier o chama de “negro”, mas arrepende-se e pede desculpas. O aluno nada responde e sai.

Enquanto isso, perto de uma banca de revista, na frente da escola, Artie West, Belazi e mais alguns jovens planejam assaltar o motorista do caminhão que entrega jornais. West dá as orientações gerais, quando observam Dadier saindo da escola, mas não se intimidam e prosseguem com o plano. O professor vai até a banca para comprar um jornal e percebe a

ação dos jovens. Eles rendem o motorista e fogem com o caminhão. O professor tenta se aproximar do caminhão, mas Artie West arremessa, em sua direção, uma garrafa que explode na parede, bem próximo a ele. Artie West vem em sua direção simulando ajuda, mas, devido à desconfiança do professor, afirma que não temia ser preso e levado para um reformatório, pois assim, futuramente, seria dispensado do exército e não seria convocado para a guerra. Na tentativa de fazê-lo ver que estava errado, Dadier tenta conversar, mas o jovem o ameaça, dizendo-lhe que, ali, a escola era dele e por ser o professor das ruas, poderia “reprová-lo”.

Em mais um ato de vandalismo, Artie West, Belazi e mais alguns alunos entram em uma sala, onde o professor Edwards Joshua, no intervalo, está ouvindo uma música de sua coletânea de discos antigos para ensinar matemática. Fingem estar interessados pelas músicas, quando de repente Artie West resolve arremessar alguns discos e jogar no chão o que restara na caixa. Todos riam e faziam o mesmo que o colega; sem se importarem com o desespero do professor, saem em total algazarra. Intrigado com a atitude dos alunos pelos corredores, Dadier vai até a sala e encontra o amigo desolado e inconformado com tudo o que acontecera.

Aula 04: Ensinar sobre responsabilidade

Richard repreende os alunos pela atitude inconsequente em relação ao seu amigo e cobra-lhes por terem quebrado o fonógrafo do professor, pois os discos, por serem raros jamais seriam repostos. Mostra-lhes uma lata, na qual deveriam depositar todos os dias algumas moedas. O aluno West ironizando questiona se os impostos seriam descontados e todos riram.

No intervalo, os professores criticam as medidas punitivas de Warneke, que obrigou os alunos a escreverem 500 vezes: “eu devo respeitar a propriedade alheia”. Um deles afirma que gostaria de levar uma cadeira elétrica para a sala e eletrocutar um a um; outro, que daria uma surra neles. Richard Dadier fica irritado com os argumentos dos colegas, acusando-os e a ele próprio de serem incompetentes por não conseguirem se aproximar dos alunos.

A esposa recebe mais cartas anônimas na caixa do correio. Fica intrigada e vai até a escola e, ao vê-la, Dadier fica surpreso. Ela nada lhe diz sobre aquele assunto e entrega-lhe uma carta de Kraal, o antigo professor da universidade, que lhe arrumara um emprego em outra escola. No entanto, o marido afirma-lhe que ainda não desistiria dali.

No dia seguinte, quando se dirigia à sala, Dadier ouve alguns alunos tocando música no auditório. É Miller, no piano, e alguns colegas cantando *Go down, moses*, de Louis Armstrong. Encantado, o professor convida Miller a participar da peça de Natal que está organizando e fica sabendo que o estudante aprendera a tocar sozinho. O professor insiste para saber qual era a melhor forma de se aproximar dos alunos, mas Miller disfarça, não lhe responde.

Aula 05: Leitura e compreensão de textos

Em sala de aula, Dadier projeta um desenho animado *Joãozinho e o pé de feijão*, *Jack and the Beanstalk*. Todos parecem muito interessados e riem das imagens. Lá fora, há outros alunos e professores curiosos que espiam, pela janela da porta, a aula do professor. Somente Artie West demonstra desinteresse e parece irritado com o comportamento dos colegas. Depois do filme, os alunos são estimulados a debaterem sobre os temas do desenho.

Alguns se manifestam contra as atitudes do gigante que roubara todo o dinheiro do pai de Joãozinho. Outros acreditam que João era o culpado pela morte do Gigante ou desonesto por ter trocado uma vaca por um punhado de feijões, entre outros argumentos. O professor solicita-lhes que percebam que alguns não gostam do gigante, por este ser diferente daqueles considerados “normais”. Pede-lhes para refletirem sobre o fato de muitos deles, também, serem diferentes e aproveita para falar-lhes sobre a importância da leitura. Explica-lhes que a reflexão sobre o que leem ou ouvem é de fundamental importância.

Quando a aula termina, alguns professores entram na sala e querem saber se o sucesso daquela aula teria sido por causa do recurso áudio-visual utilizado. Querem saber se, tal estratégia, ensinaria os estudantes a ler e Dadier afirma que, pelo menos, serviria para estimular a imaginação e torná-los mais críticos.

Anne Dadier continua recebendo cartas e telefonemas anônimos sobre a suposta traição do marido. Na noite do ensaio da peça teatral, a esposa recebe um telefonema de alguém que lhe avisava que o marido chegaria mais tarde, porque estaria com a professora Lois Judby Hammound.

Aula 06: Ensaio da peça teatral de fim de ano

Na escola, o professor orienta os componentes da banda de Gregory Miller; testa o jogo de luzes e, no final, avisa ao aluno de que gostaria de conversar com ele.

A professora Lois Hammound espera que todos os outros saiam e tenta seduzir o professor, que não lhe dá atenção e retira-se juntamente com Miller para conversarem. Na conversa, o professor deseja saber como lidar com os alunos. O aluno lhe diz que a escola, os

professores e os próprios pais são os responsáveis pelos comportamentos agressivos, porque ninguém se importava com eles. Depois, Gregory Miller confessa-lhe que deixará os estudos no final do curso, pois um negro não teria oportunidades na vida. Sem concordar, Dadier cita nomes de negros famosos como Ralph Bunche, George Washington Carver, Marian Anderson, Joe Louis para convencê-lo de que não deveria desistir. Gregory Miller continua irredutível e diz que o professor, por ser novo na carreira, ainda tinha muitos ideais, mas que, mais tarde, também desistiria da educação. O professor resolve fazer um pacto de que ambos não desistiriam nunca de seus sonhos.

Na casa do professor, por causa das ameaças telefônicas, Anne passa mal e o filho nasce prematuro. Dadier descobre as cartas anônimas, revolta-se e, na escola, afirma para o professor Murdok que deixará as aulas. Este tenta mostrar-lhe os avanços que já fizera para se aproximar dos alunos e que obtivera resultados tão positivos com a maioria deles, mudando-lhe inclusive o seu modo de pensar a respeito dos alunos.

A esposa tem alta e o filho também está fora de perigo. Anne pede-lhe que não desista de ser professor, pois percebeu o quanto ele estava certo em enfrentar os desafios da escola.

Aula 07: Avaliação: significado das abreviações

Richard Dadier escreve na lousa várias abreviaturas encontradas em anúncios de jornais e revistas sobre empregos; compra e venda de casas, de apartamentos e de carros. Os alunos devem copiá-las e escreverem, por extenso, os significados de cada uma delas.

Belazi tenta colar de Pete Morales, mas é repreendido pelo professor. West interfere dizendo que o colega não precisará de um emprego, pois o pai dele era um comerciante. Belazi afirma que nem mesmo compraria um Cadillac, ao que Artie West completou, dizendo que roubar era mais barato. O aluno continua tentando colar, o professor pede-lhe a prova e diminui cinco pontos de sua nota.

Artie West, também, vira as costas para o professor e passa a colar do colega de trás e, quando o professor pede-lhe a prova, nega-se veementemente. Gregory Miller interfere e pede ao amigo para entregar a prova ao professor, mas Artie West o chama de “garoto negro”. Arma-se uma briga, mas o professor os impedem de fazer isso.

Dadier insiste em receber a prova, caso contrário o levaria à diretoria. Artie West joga a prova no chão, o afronta e saca uma faca. Gregory Miller

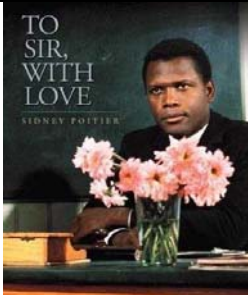
avisa que o aluno estava drogado e bêbado. Artie West enfrenta o professor, mas sempre pedindo ajuda dos integrantes da gangue.

Belazi vai em direção do professor para ajudar o amigo, mas Miller lhe dá um golpe e o imobiliza. Mesmo assim, quando o professor se distrai, Artie West golpeia a mão esquerda do mestre. Richard Dadier não se intimida e continua a enfrentar o jovem, chamando-o de covarde, pois não pedia ajuda dos outros para se defender. Além disso, acusava-o de tudo o que fizera com ele e sua esposa.

Em um contra-ataque do aluno, o professor consegue imobilizá-lo e o empurra contra a lousa várias vezes, até que Belazi pega a faca no chão e tenta fugir, pois temia ir para um reformatório. Outros alunos impedem que Belazi fuja; Morales pega a faca e a espeta sobre a mesa, partindo-a ao meio.

Com a situação controlada, Richard Dadier preocupa-se com os demais alunos e afirma que não deixaria esse caso impune, como fizera outras vezes, por isso levaria aqueles dois alunos para a diretoria, porque os outros não mereciam aquelas duas sementes malignas.

Ao sair da escola para ir a casa, Richard Dadier é interpelado por Miller se desistiria de lecionar, porque seria uma pena desperdiçar tudo o que já havia conquistado com os alunos. O professor lembra-se da conversa que um dia tiveram e diz que cumpriria o acordo.

FICHA TÉCNICA: AO MESTRE, COM CARINHO			
	Título Original: To Sir, with Love		
	Título Traduzido: Ao mestre, com carinho		
Gênero:	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	James Clavell	James Clavell	Inglês
Ano de Produção:	País de Produção:	Duração do Filme:	
1967	Reino Unido	105 min	
PERSONAGENS:			
Professor: Mark Thackeray (Sidney Poitier)			
Representantes da escola: Vice-diretora: Grace Evans (Faith Brook) Diretor: Alexander Florian (Edward Burnham).			
Professores: Gillian Blanchard (Suzy Kendall) Theo Weston (Geoffrey Bayldon) Josie Dawes (Mona Bruce); Euphemia Phillips (Fiona Duncan) Clinty Clintridge (Patrícia Routledge) Bell, professor Educação Física (Dervis Ward).			
Alunos (principais): Denham (Christian Roberts) Barbara 'Babbs' Pegg (apelido: Lulu, nome Marie McDonald McLaughlin Lawrie) Pamela Dare (Judy Geeson) Potter (Chris Chittell) Moir Joseph (Adrienne Posta) Fernman (Grahame Charles) Seals (Anthony Villaroel) Wong (Lyine Sue Moon) Buckley (Roger Shepherd).			
TRILHA SONORA: Música Original: Ron Grainer Efeitos sonoros: Bert Ross, Dino di Campo e Ted Karnon			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *AO MESTRE, COM CARINHO*

O filme *Ao mestre, com carinho* é uma produção americana de 1967, produzida na Inglaterra e baseado no livro homônimo de E. R. Braithwaite, um autor que também fora professor. Mark Thackeray é um engenheiro de comunicação, negro, sul-africano da Guiana-Inglesa que trabalhara por algum tempo na Califórnia, Estados Unidos. Desempregado, resolve tornar-se, temporariamente, professor.

Antes de o filme iniciar, os créditos são apresentados, enquanto a música *To sir, with Love*⁷ é interpretada por Lulu. Ao fundo, imagens de uma rodovia, um céu nublado e o asfalto molhado indicam ter chovido. Em um dos trechos dessa rodovia, um homem pega um ônibus em direção a *East Norton*.

Na entrada da cidade, surgem a estação ferroviária *Wapping Station*, prédios de variadas arquiteturas e, mais adiante, o coletivo atravessa a *Tower Bridge*, sobre o rio Tâmis. Durante o percurso, sobem mulheres que se conhecem e conversam sobre as vidas particulares, enquanto aquele homem sorri e permanece calado. Mais adiante, ele desce e caminha em direção a uma escola.

É a *North Quay Secondary School*, na qual o professor se apresenta como Mark Thackeray. Ali ele se depara com uma realidade bem diferente da qual estava acostumado, pois nunca havia lecionado e suas experiências foram em empresas de engenharia. Os alunos o recebem com muito barulho.

Na sala dos professores, as opiniões sobre o comportamento dos alunos se dividem, pois havia os que não acreditavam na capacidade intelectual dos alunos e os que percebiam a dura realidade de *East End*, um bairro em que a maioria trabalhava como feirante. Além disso, eram imigrantes, pobres ou marginalizados. Esse era o quadro a que os alunos pertenciam.

Para ensinar os alunos, Mark Thackeray ora ignorava as suas atitudes rebeldes, ora ordenava-lhes que copiassem ou lessem os conteúdos dos livros.

⁷ Composição de Don Black e Marc London. Interpretada pela cantora escocesa e atriz do filme Lulu (Marie McDonald McLaughlin Lawrie).

No entanto, depois de alguns problemas graves em sala: como o incêndio de peças íntimas; comportamentos desafiadores de alunos que levavam revistas de mulheres nuas ou uma boneca de seios infláveis fizeram-no refletir sobre as suas práticas pedagógicas, por isso decidiu tratá-los como adultos, exigindo deles responsabilidades e respeito entre todos. Incentivou-lhes a se prepararem para enfrentar a vida, depois do ensino médio.

Thackeray ainda teve que lidar com alunos adolescentes que queriam se autoafirmar e desafiar as regras. Entre os alunos, o mais resistente foi Denham, que o desafiava constantemente em sala ou fora dela. Um dos maiores desafios de Thackeray aconteceu quando substituiu Bell, o professor de Educação Física. Na sala de esportes, Denham o obrigou a lutar boxe.

A princípio Thackeray se defendera dos golpes do aluno, mas diante do exagero deste, foi obrigado a aplicar-lhe um soco em seu estômago, nocauteando-o na hora. Tal atitude serviu para que o aluno percebesse que o professor era capaz de vencê-lo e só o respeitou, quando aquele o convidou para ser instrutor de luta dos alunos menores.

Mark Thackeray viu alguns comportamentos preconceituosos nos jovens, pelo menos, em duas situações. Uma delas ocorreu no pátio, quando precisou segurar uma lata arremessada em direção a Pamela. A lata atingiu a mão de Thackeray, que sangrou imediatamente. Ao ver a mão do professor sangrando, Potter admirou-se da cor vermelha. A aluna irrita-se; os alunos brigam entre eles e o professor retira-se sem nada dizer.

O outro momento aconteceu quando a mãe de Seals, um aluno negro, morreu. Os alunos, apesar de sentirem-se consternados, recusavam-se a levar as flores que compraram, pois a comunidade os recriminariam por isso. Thackeray conversa com os alunos sobre tais questões e, sem comentar, foi ao velório. Ao chegar lá, todos se surpreendem com a chegada do professor, que também fica admirado de ver seus alunos.

Depois de várias superações, os conflitos são amenizados e o professor conquista a confiança dos alunos, os quais lhe prestam uma linda homenagem no dia da formatura deles, ao som da música *To Sir, with Love*, cantada por Bárbara Pegg.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME: *MESTRE, COM CARINHO*

Em frente à escola Mark Thackeray, certifica-se do endereço, observando o nome escrito em uma placa na parede: *Eastern Education – North Quay Secondary School – London Docks – Headmaster, Alexander Florian*. Sobe as escadas e ouve algumas risadas e vozes que vinham de uma sala de aula. Alguns alunos saem correndo de lá e a aluna Pamela Dare esbarra no professor. Os outros riem e voltam para a sala. Mark vai até lá e a aluna Barbara Pegg, em meio a muito barulho, diz que o senhor Hackman está na sala da direção. Denham, outro aluno, afirma ser o lugar de onde ele jamais deveria ter saído e a algazarra continua.

Mark Thackeray fecha a porta e dirige-se à sala dos professores. Lá está o professor Teo Watson lendo um jornal e Mark Thackeray se apresenta como o novo professor. Teo Watson o recebe perguntando-lhe se era “o novo cordeiro no matadouro” ou a “ovelha negra”. Thackeray responde que era apenas professor e o confunde com o Hackman. Watson explica não ser aquele professor que saiu da escola e diz que ele deveria estar chorando na Delegacia de Ensino.

A diretora Grace Evans entra na sala e se apresenta ao professor, dizendo-lhe que também lecionava economia doméstica aos ex-alunos de Hackman. Durante a conversa, Thackeray a informa ser formado em engenharia, mas que era a primeira experiência como professor. Diz também que nascera na Guiana-Inglesa, mas viveu grande parte de sua vida na Califórnia, nos Estados Unidos.

No intervalo, Grace Evans apresenta-lhe os professores e as professoras. A primeira a entrar é Gillian Blanchard, recentemente contratada. Depois, entram as professoras do ensino fundamental Josie Dawes e Euphemia Phillips; a seguir a professora Clinty Clintridge de Artes, que já expusera na Academia Real e depois o professor Teo Watson. Havia ainda o professor Bell, o professor de Educação Física que, segundo a diretora, não estava na escola naquele dia.

A diretora diz a Mark Thackeray desejar que realmente assumisse a sala do antigo professor, o que é prontamente desencorajado por Watson, que foi repreendido pela professora Clinty. A diretora informa que irá se retirar, pois deveria dar banho em uma das alunas de Clinty Clintridge, devido aos maus hábitos de higiene, mas, antes, pede a Gillian que o convença a ficar. Ambos iniciam uma conversa e confessam serem inexperientes como professores e estranham a insistência da diretora para que ficassem na escola. A professora acredita haver algo estranho e desafiador naquele lugar e o fato de não haver qualquer tipo de punição a deixava insegura.

Na sala dos professores, ouvem uma música de rock e a professora Clinty informa que isso era comum entre os alunos no intervalo e que, às vezes, até participava da dança. Teo Watson diz que aquela música era uma forma de atormentar os professores e que o tom elevado do som, naquele dia, era para comemorar a saída do antigo professor. A professora Josy reclama sobre o fato de ele ser tão pessimista.

Thackeray vai conversar com o diretor, Alexander Florian, e Gillian o acompanha. Lá fora, a aluna Pamela Dare os desafia a dançarem. Gillian despede-se do professor e Mark sorri para a aluna e explica que iria falar com o diretor.

O diretor, ao recebê-lo em sua sala, elogia as qualificações profissionais do professor, acentuando as experiências na América do Sul e o informa que a escola não possui projetos e que a maioria dos alunos fora rejeitada por outras instituições escolares. Além disso, o dever daqueles educadores seria ajudá-los e ensiná-los da melhor forma possível, pois não teriam apoio da Delegacia de Ensino. Caso aceitasse o cargo, seria por total responsabilidade dele. Teria apoio daquela direção, mas o êxito ou o fracasso dependeria somente de Thackeray. O professor aceita o cargo e sai.

Aula 01: Leitura, pesos e medidas

Enquanto Mark Thackeray faz a chamada, alguns alunos jogam papéis em forma de aviãozinho um nos outros. Pegg arruma os cabelos olhando para um espelho de bolsa; Denham e Potter olham uma revista de mulheres nuas, enquanto uns estão com os pés sobre a carteira da frente e outros respondem com má vontade.

Ao iniciar a aula, o professor afirma que a faria desde o começo, pois desconhecia o quanto eles sabiam exatamente. Pede aos alunos que, quando os chamassem pelos nomes, deveriam ler algo retirado dos seus próprios livros. O primeiro foi Fernman, que demonstra dificuldades de leitura e consegue apenas soletrar algumas palavras. Antes que termine, o professor o agradece e chama outro aluno.

Denham é o próximo. Abre o seu livro e lê um problema de matemática extremamente fácil. Todos riem e o professor chama Moira Joseph, que inicia a leitura, mas Denham e Potter brincam com algum objeto escondido dentro do compartimento da carteira escolar.

O professor lentamente aproxima-se dos dois e pede a Denham que guarde o objeto, mas antes de guardá-lo, olha para o professor e mostra-lhe uma boneca de borracha e aperta-a, fazendo surgir dois seios infláveis. Thackeray ignora tal atitude e caminha para a sua mesa, mas o aluno solta a tampa da mesa de sua carteira, provocando um estrondo. Ignorando-o mais uma vez, o professor pergunta se mais alguém desejaria ler.

Pamela Dare levanta-se e lê um poema de forma muito articulada, depois que todos a aplaudiram, olha desafiadoramente para o mestre. Ele a agradece e diz que agora a aula seria sobre *pesos e medidas*. Pergunta-lhes o que seria *avoirdupois*.

Denham finge não ter entendido e pergunta: “Avoir do quê?”. Thackeray repete-lhe a palavra, mas, em seguida, explica-lhes que significava *pesos* e o aluno diz conhecer e faz menção aos termos do pugilismo: *pesado, meio-pesado, médio, leve, mosca e peso-pena*. Os alunos riem e aplaudem-no.

O professor agradece ao aluno e afirma ser positivo o fato de eles terem senso de humor, pois sabiam tão pouco e se divertiam muito facilmente e que, dessa forma, previa um excelente futuro para eles. Vira-se para apagar a lousa, informando que eles fariam uma cópia. Enquanto isso, Pegg comenta com a colega ao lado: *Quem esse cara, pensa que é? Esse metido!*

Durante o intervalo, Mark Thackeray permanece na sala e a professora de artes Josie Dawes entra e oferece-lhe uma xícara de café. Deseja saber como fora o primeiro dia de aula do professor, que lhe responde haver travado a primeira batalha. Ela diz para ele que quase todos ali concordavam com as ideias do diretor, mas ele, por estar sempre em sua sala, não conhecia a verdadeira realidade das salas de aula.

Explica-lhe que a maioria daqueles jovens tinha uma educação severa e, como isso não havia na escola, eles se aproveitavam para desrespeitar os professores. Diz que Hackmann tentou ser popular com eles, mas não obteve sucesso e Theo Weston nunca se aproximou deles, porque os detestava. Confessa que se sentia impotente para ajudá-los mas, apesar do comportamento deles, sabia que a maioria era muito boa. Pede a Thackeray, que tenha muito tato, caso contrário, muitos deles dominariam tudo.

Aula 02: Multiplicação

Denham levanta a mão e pede para ir ao banheiro, usando a expressão: “fessor”. O professor permite a sua saída, mas avisa-lhe que o nome era Thackeray. O aluno finge se importar e responde: “Certo, *fessor*”. Enquanto, o professor continua a aula, dizendo para as alunas que deveriam ajudar às mães a fazerem compra, Denham bate a porta da sala provocando um estrondo, que obriga o professor a parar a aula. O aluno antes de sair, pede desculpas, informando que fora as correntes de ar. Todos riem.

Thackeray tenta reiniciar a aula e diz que a multiplicação era muito importante, por isso os ensinaria alguns truques muito valiosos. Nesse momento, Potter começa a balançar a carteira, provocando vários rangidos. O professor mais uma vez interrompe a aula e pergunta o que estava acontecendo, o aluno lhe responde não ter culpa, porque ela estava com defeito.

Os alunos viram as costas para o professor e olham para Pottier, no fundo da sala, chamando-o de “coitadinho” e reiniciam a algazarra. O professor pede a todos que se sentem e que, mas tarde, mandaria alguém arrumá-la. Isso, também, provoca novos risos e comentários do quanto ele era atencioso.

Nesse instante, Bert Denham retorna e pergunta a Pamela se havia perdido algo importante, ou se o professor ainda estava falando sobre compras.

Thackeray manda o aluno sentar-se, mas este lhe responde que não gostaria de perder nada daquela aula e, em seguida, Pamela responde ao colega que o professor os ensinaria uma dica valiosa. Mark Thackeray pede que o aluno volte para o lugar dele e que todos fizessem os exercícios 4, 5 e 6 do livro. Senta-se em frente a sua mesa e observa a todos.

Durante o intervalo, na sala dos professores, Thackeray conversa com Gillian Blanchard e Theo Weston sobre as suas dificuldades. Theo Weston o alerta de que isso seria só o começo, pois os alunos ainda teriam muitas armadilhas para ele. Olhando a página de empregos, em busca de um cargo de engenheiro, Thackeray conta para Gillian que aquele emprego era temporário e, além disso, sentia muita pena daqueles alunos, pois não os ensinara nada e a maioria não sabia nem ler, nem escrever.

A colega fala que talvez, no próximo ano, fosse tudo diferente, pois seria outra turma. Theo Weston afirma que seria muito pior e quando questionado qual seria a solução, responde que uma surra seria o suficiente e que Thackeray não se sentisse penalizado, porque, mais tarde, quase todos se tornariam comerciantes autônomos, como a maioria de seus pais, e ganhariam mais dinheiro que um professor. Afirma, ainda, que se tornarão um bando de iletrados, mas felizes, pois a educação era última opção naqueles tempos.

Aula 03: A queda do professor

Ao entrar em sala, Thackeray apoia-se em sua mesa, que se quebra. Ele cai sobre os alunos, que o observam aparentemente assustados. Os alunos demonstram preocupação e reclamam do estado precário dos móveis da sala. Thackeray, ao pegar um dos pés da mesa, percebe que fora serrado.

O professor olha para os alunos que riem e, sem alterar a voz, pede a todos que sentem em seus lugares, mas não fazem isso e sentam-se em lugares diferentes. Mais uma vez, o professor repete o pedido e todos começam a retornar às suas carteiras, subindo sobre as mesas. Denham começa a instruí-los para que respeitassem o professor e não fizessem tanta confusão, mas os alunos percebem as suas intenções e riem muito.

Depois da aula, quando Thackeray está indo embora, vê Seales, muito triste, encostado em um muro da escola. O professor preocupa-se com ele e lhe oferece ajuda. Descobre que o jovem estava preocupado com o estado de saúde da mãe e que odiava o pai, por tê-la abandonado, mas recusa a ajuda do professor.

Aula 04: Geografia – América do Sul

Thackeray inicia a aula dizendo que estudariam sobre a América do Sul, mas é interrompido pelo barulho dos livros derrubados por Pamela Dare, que lhe disse que “as porcarias” haviam caído sem querer. O professor ensina-lhe que era uma pilha de livros. Curley o imita repetindo a mesma frase, mas o professor pede-lhe que fique quieto. Dunham afirma que o amigo só estava tentando ensinar a “vadia”. O professor se irrita e pede que todos se acalmem, porque estudariam a América do Sul e deveriam abrir o livro de geografia, na página 37.

Em sua casa, o professor lê o livro *Ensinando os mais lentos*, de M. F. Cleugh.

Aula 05: Leitura de poema

Pamela Dare lê um poema, mas a leitura é interrompida pelo ranger da tampa da carteira que fora levantada pela aluna Purcell. Pede desculpas à colega afirmando que a culpa era da carteira “nojenta”. O professor a repreende, perguntando se ela falaria daquele jeito com o pai dela. Ela o ofende e diz que ele não era o seu pai. O sinal toca e a aluna sai indignada perguntando para os amigos: “Quem ele pensa que é?”.

Pensativo, Mark Thackeray fica em sua sala por alguns momentos. Em sua casa parece não ter conseguido dormir, pois está sentado em uma poltrona e parece refletir sobre tudo.

No dia seguinte, Thackeray se aproxima da escola e, do andar de cima, Denham e outros alunos jogam um saco cheio de água em cima dele. Olha para o alto e entra rapidamente. Entra em sala de aula e percebe que queimavam algo em uma lixeira. Levanta a tampa e percebe que era uma peça íntima feminina, por isso mandou que todos os jovens saíssem para que pudesse conversar com as adolescentes.

Grita com as alunas, que mulheres decentes jamais fariam aquilo e, da forma como agiam, jamais seriam respeitadas na sociedade. Avisa-lhes que sairia da sala e, em cinco minutos, deveriam se livrar daquele objeto, pois não lhe interessava quem era a responsável. Continua dizendo-lhes que se quisessem fazer algo indecente, que o fizessem nas próprias casas, mas não na sala dele. Sai da sala e os alunos lá fora se assustam.

Entra na sala dos professores e, enquanto conta para a amiga Gillian que os alunos haviam conseguido tirá-lo do sério, nesse instante, percebe que sempre os tratara como crianças e volta à sala.

Aula 06: Sobre comportamento e respeito

Thackeray entra em sala, apanha vários livros e os joga dentro de uma lata de lixo. Depois, diz aos alunos que percebera o quanto eles eram inúteis para eles e não os trataria mais como crianças, e sim como adultos responsáveis, que se preparavam para o mercado de trabalho em poucos dias. Continua dizendo sobre o tratamento entre eles que deveria ser educado e colaborativo, pois enquanto um falasse, o outro ouviria e respeitaria o momento de se posicionar. Afirma que ele, também, faria o mesmo.

Enquanto falava, Pamela, ao chegar atrasada, explica em voz alta os motivos. Todos a olham sem se manifestar e ela estranha o fato. O professor continua a aula, dizendo a todos que havia duas maneiras de uma mulher entrar em sala: a de uma pessoa educada e a outra de quem desconhecia os bons costumes. Dirige-se a Pamela e diz-lhe que se comportara de acordo com a segunda, e que deveria demonstrar saber como se comportar. A aluna cumpre o solicitado, retorna à sala e age educadamente ao pedir desculpas pelo atraso.

O professor observa que, dali em diante, todos seriam educados e se tratariam com respeito. Além disso, o chamariam de *senhor*. Continua dizendo que as alunas deveriam se comportar de forma digna e sem vulgaridade, pois, se quisessem formar uma família, deveriam se comportar, porque se um homem casasse com alguém vulgar, rapidamente se separariam.

Em seguida, dirige-se aos alunos para pedir-lhes que se preocupassem mais com a higiene e que para manter os cabelos compridos deveriam lavá-los regularmente. Além disso, seriam mais respeitados pelas alunas. Pegg questiona sobre a higiene pessoal do professor Theo Weston que deixava a desejar, mas Thackeray afirma que ele seria o parâmetro para os alunos, e não Theo Weston. Denham reclama que aquilo não era justo, e o professor responde que nem tudo na vida também o era, pois aprenderia isso quando começasse a trabalhar.

Naquele momento, o diretor entra em sala e fica admirado pelo bom comportamento dos alunos e sai sem nada dizer. Quando um aluno o questionou sobre o que falariam, responde-lhes que seria sobre a *vida, sobrevivência, amor, morte, sexo, casamento, rebelião* e o que lhes interessarem.

No intervalo, há comentários sobre o que ouviram e alguns se admiram da maneira educada do professor; outros ainda duvidam de que tivesse sido honesto. Outros não concordam com o discurso do professor.

Aula 07: Revolução social e diversidades culturais

Denham conta ao professor sobre um filme africano a que assistira, na noite anterior, em que havia algumas mulheres nuas, por isso gostaria de saber a razão de elas não usarem roupas. Apesar dos risos, Thackeray explica que há diversas culturas em toda a humanidade e que, dependendo da região, aquilo era natural; logo elas estavam vestidas conforme os seus costumes. Potter pergunta se ele era da África do Sul e Denham afirma que não, pois os sul-africanos eram brancos.

O professor responde que um sul-africano era nativo da África e que havia nascido na Guiana-Inglesa; logo, sul-africano era apenas um nativo daquela região, por isso a cor pouco importava.

Outro aluno quer saber qual era o significado do termo *rebelião*, e o professor explica tratar-se de *mudanças*, como, por exemplo, os cabelos compridos que usavam, era uma forma de se diferenciar dos adultos. Muitos começam a se interessar pelo assunto e iniciam uma série de questionamentos.

Pegg acredita que era apenas moda e que os adultos ficariam ridículos se vestissem iguais a eles. Pamela quer saber se era errado rebelar-se. Thackeray explica-lhe que toda revolução é válida, desde que fosse de forma pacífica e consciente.

Enquanto distribuía algumas revistas, lembra-lhes que os Beatles foram revolucionários pela moda que criaram, pelos costumes e pela música que fizeram. Para ele, toda mudança na moda seria uma forma de revolução, que ocorre por meio da rebeldia, pois esta representa transformação e liberdade.

A partir disso, sugere que visitem o *Museu Victoria e Albert* para verem uma exposição de roupas antigas e depois deveriam ir também ao de *História Natural (Natural History Museum)*. Um aluno reclama e o professor o incentiva, dizendo que poderia comparar seus cabelos com os usados há duzentos anos, além de suas roupas serem idênticas desde 1927.

Uma aluna diz não saber como poderiam ir, pois todos tinham tarefas domésticas a cumprir depois do horário escolar. Pamela sugere que o professor os levassem na parte da manhã. Thackeray pergunta quem gostaria de ir e a maioria levanta as mãos.

O diretor da escola duvida de que essa atividade cultural fosse bem-sucedida, pois mesmo os melhores alunos poderiam querer se exhibir em público. Diante da insistência do professor, concorda e afirma que pediria autorização ao conselho da escola, mas desde que fosse acompanhado por mais um professor.

Na rua, enquanto colocava na caixa de correio vários currículos para os departamentos de engenharia das empresas, Thackeray encontra-se com a professora Blanchard e a convida para irem juntos àquela atividade cultural. Ela concorda prontamente.

Aula 08: Sobre o casamento

Mark Thackeray entra em sala e cumprimenta os alunos com um bom-dia e quase todos lhe respondem. Pergunta-lhes sobre qual assunto gostariam de discutir. A maioria levanta as mãos e o professor dá preferência para as alunas se manifestarem em primeiro lugar. Joseph é a primeira aluna a falar e deseja saber sobre *casamentos e namorados*.

Há dúvidas sobre qual deveria ser o companheiro adequado, ou sobre o que uma jovem deveria fazer para encontrar alguém e como se evitar o divórcio. Apesar de Potter responder que era não se casando, Thackeray continua a aula, mas sente a falta da aluna Purcell. Pegg responde-lhe que a mãe dela dera à luz. Ele preocupa-se com o estado de saúde da mãe da aluna e quer saber qual era o hospital, mas dizem-lhe que a criança nascera em casa e que estava bem, pois ser mãe era natural.

Thackeray explica que nunca havia se casado e, portanto, falar sobre casamentos não era muito fácil, mas pergunta para a classe o que achavam sobre o casamento. Obtém as mais variadas respostas como *matrimônio sagrado; o destino, pois todos se casam um dia*. Pamela Dare deseja saber por que ele não se casara. Nesse momento, conta que na infância e adolescência era extremamente pobre e desejava se formar, por isso dedicou-se sempre aos estudos. Havia sido garçom, cozinheiro em lanchonete, lavou pratos, carros e, durante um ano, fora zelador de um prédio.

Alguns alunos se admiram por ter exercido aquelas profissões e ser tão articulado verbalmente e o professor explica-lhes que, quando tinha a idade deles, falava o dialeto da sua região, o patuá. Ao pronunciar algumas palavras em seu dialeto, alguns alunos não o compreendem, e ele confessa-lhes que, muitas vezes, também não compreendia. Conta-lhes que, depois de formado,

trabalhou em uma empresa petrolífera na América Latina, por isso não tivera tempo para se casar. Para ele, todo esse esforço fora válido e se todos assim o fizessem poderiam arrumar um emprego ou aperfeiçoar a linguagem.

Mais uma vez, Denham interrompe a aula olhando, às escondidas, um pôster de mulher nua. Thackeray aproxima-se dele, rasga a folha e fecha violentamente a tampa da carteira. Denham reclama que ele poderia ter-lhe quebrado os dedos das mãos, mas o professor continua a aula, dizendo que, para ele, o casamento não era para os fracos, egoístas ou inseguros.

Na sala dos professores, estão reunidos a diretora Grace, os professores Weston, Gillian e Thackeray que criticam o presidente americano por não ter ido e nem enviado um representante ao funeral de Churchill, no passado.

O aluno Fernman bate à porta e pede gentilmente a bola e Weston se incomoda com a polidez do aluno e acusa Thackeray de ter transformado os alunos em suburbanos formais e pergunta-lhe se era um “teste de cultura de massas”, em que todos deveriam segui-lo. A professora Josy o repreende perguntando-lhe se não poderia aprender as boas maneiras com um dos alunos, ele se ofende e afirma que nunca aprenderia nada com aqueles “débeis”.

O diretor entra na sala, distribui os holerites e comunica a Thackeray que a visita aos museus foi autorizada, mas que toda a responsabilidade seria da escola. Mark Thackeray o tranquiliza, afirmando que nada de errado aconteceria.

Aula 09: A visita a museus

O professor entra em sala e vê todos os alunos sorridentes e muito bem vestidos. Admira-se e brincando diz ter pensado, por um momento, que havia entrado em sala errada. Percebe a falta de um deles e é informado que não sabiam por que faltara, pois não perderia aquele passeio, a não ser que estivesse doente.

Na rua, encontram Jackson com uma trouxa de roupas enorme sobre a cabeça, que pede para o professor para esperá-lo, pois deveria entregá-la para a mãe. O professor preocupa-se se era longe e o aluno lhe responde que era um *sapo*. Potter prontifica-se a ajudar o amigo e saem em disparada. Thackeray fica curioso sobre a gíria usada e os alunos explicam que é uma gíria *cockney*, muito antiga e só os mais velhos ainda a usam. Alguns começam a citar as mais variadas formas linguísticas de se comunicarem: *rã* e

sapo pode ser rua; problema e briga, igual a esposa, ou seja, uma combinação de palavras, entre outras. Ao perceber a brincadeira, pede para os jovens entrarem no ônibus.

No museu, os alunos observam a arquitetura do prédio, as mais variadas obras de artes, se divertem com os esqueletos de animais pré-históricos e com as roupas antigas [no filme tudo isso acontece por meio de imagens com os jovens sorridentes e comportados, ao som da música *To sir, with love*. No retorno à escola, de um lado, as alunas comentam sobre o quanto gostaram daquela atividade. Observam Gillian e Thackeray conversando e desconfiam que estivessem namorando. Gillian, por outro lado, o alerta sobre Pamela, pois acreditava que esta estaria apaixonada por ele, que lhe responde tratá-la normalmente como as demais alunas.

Ao terminar uma das aulas, Pamela permanece na sala, depois que todos saíram, e predispõe-se a levar os materiais de Thackeray, alegando que ele morava longe e deveria alugar um apartamento perto dali, pois Brentwood era um bairro muito afastado. Thackeray a tratou com carinho e respeito.

Em outra manhã, o professor vê os alunos reunidos na porta da escola e os avisa que o diretor autorizara outros passeios e gostaria de saber quais lugares desejariam ir. Enquanto citam diversos lugares, uma lata é arremessada por alguém em direção a Pamela Dare e desviada pelo professor que corta a mão. Ao ver o sangue, Potter ri e diz que era vermelho. Pamela fica irritada e trava uma discussão com o amigo sobre o preconceito. Ele desculpa-se por ter dito aquilo, pois não queria ofendê-lo. O professor sai dizendo que estava tudo bem. Denham defende o amigo dizendo a Pamela que não poderia tê-lo ofendido na frente do “tição”. A briga continua, mas Denham afirma que ela fizera aquilo por estar apaixonada pelo professor. A amiga não diz nada e sai de perto deles. Pegg o ofende e manda-lhe calar a boca.

Aula 10: Culinária: o preparo de uma salada

O professor ensina sobre como fazer uma salada. Denham e seu amigos acham que isso era coisa para mulheres. O professor explica que, em breve, ficariam sozinhos e aprender a cozinhar poderia ser um “treino para sobrevivência”.

Nesse instante, entra a aluna Purcell com o irmãozinho, porque a mãe fora ao médico e não gostaria de perder a aula. O professor lhes explica que o fato de saberem fazer uma comida simples, poderia ser-lhes útil quando estiverem sem nenhum dinheiro. Quando Barbara Pegg pergunta-lhe se algum dia realmente ficara sem nenhum dinheiro, responde-lhe que muitas vezes.

Os alunos ficam confusos, pois, apesar de se identificarem com o professor, sentem que ele é diferente e questionam sobre isso. Mark Thackeray responde-lhes que apenas ensina as próprias verdades e que isso poderia ser assustador e perigoso. Enquanto o professor falava, Pamela o observava atentamente.

Em outro momento, Thackeray conversa com a vice-diretora Grace sobre o fato de Pamela gostar dele. A diretora não se admira, pois ele é diferente dos demais professores, por ser alto, bonito, inteligente, como se estivesse saído de um livro clássico. Para ela, a jovem está se tornando mulher e descobrindo o amor, por isso ele não poderia fazer nada, mas, apenas, ser paciente.

Durante o almoço, Thackeray vai à feira, mas antes deixa um currículo na caixa do correio. Lá os feirantes elogiam o seu trabalho como educador e não o deixam ficar na fila. Na sala, conversa com Gillian e pede-lhe que ensine maquiagem às alunas.

O professor Bell ministra uma aula de atletismo em que os alunos, em fila, pulam um obstáculo. Quando chega a vez de Bluckley, este recusa-se por estar acima do peso. Apesar de todos concordarem que não seria capaz de pular, o professor o obriga a fazer aquela atividade, mas ao fazê-la o aluno quebra o equipamento e cai em cima do professor. Potter pega um pedaço de madeira do aparelho quebrado e avança em direção ao professor. Um dos alunos corre e pede a ajuda de Thackeray, que impede a agressão. Depois ouve os alunos e tenta conversar com o treinador, que se recusa a dar-lhe satisfação, pois faria um relatório para a direção.

Aula 11: Autodisciplina

Thackeray entra em sala e comenta sobre o que ocorreu na aula de Educação Física e recrimina a atitude de Potter, que tenta se defender culpando o professor Bell. Thackeray explica aos alunos que em breve estariam enfrentando a vida na sociedade e sem equilíbrio poderiam cometer atos criminosos. Afirma que era um pedaço de madeira, mas se fosse uma arma poderia ter havido um assassinato, portanto, deveriam ter mantido a calma, mesmo naquela situação, já que estavam estudando autodisciplina.

Para Thackeray, Potter deveria pedir desculpas a Bell. Ao ver o amigo indignado, Denham afirma que quem deveria desculpar-se era o professor de Educação Física. Mark Thackeray pergunta a Potter se ele se comportara como um verdadeiro homem. Mais uma vez, Denham interfere e afirma que Thackeray defendia Bell, porque era também um professor e não sofria

pressão dos outros. O professor continua e pede que Potter responda se era um homem ou um marginal. Denham, então, sugere para o amigo ceder e pedir desculpas, caso contrário, a escola não lhe daria uma carta de recomendação para emprego.

O aluno insufla outros, que deveriam se unir contra os professores, pois nenhum deles era confiável. Pamela o critica e diz que Thackeray era diferente. Quando Potter está saindo da sala, o professor o encoraja a pedir desculpas se não estivesse com medo, senão seria um ato infantil e não de um homem. O aluno sai sem nada dizer.

Denham desafia Mark Thackeray, dizendo-lhe que terminaria o curso e arrumaria emprego facilmente com ou sem o aval do professor. Nesse instante, entra Seales, chorando pela morte de sua mãe. O professor o ampara e pede para Ingram assumir a sala e sai para consolar Seales.

Em determinado momento, o professor está distribuindo um Seguro Nacional de Saúde que devem ser preenchidos pelos alunos, enquanto isso os questiona como seria a festa de formatura. Potter lhe responde que comemoravam dançando.

Aula 12: Sobre o preconceito

Quando entra em sala, os alunos estão arrecadando dinheiro para enviar flores ao funeral da mãe de Seales. Thackeray acha isso muito importante e deseja colaborar, mas é impedido por Denham. Estranha o fato de os alunos mandarem as flores e não levá-las pessoalmente.

Joseph Cuby explica-lhe que não poderiam fazer isso, pois os pais os impediriam de ir até a casa de um “negro”. Pegg tenta explicar que isso não tinha nada a ver com o professor. Ele a agradece e quer saber se esse posicionamento se aplicava, também, aos demais.

Denham explica que sim e, nesse momento, Pamela Dare se predispõe a ir até lá. O professor pergunta-lhe se não estaria se expondo demais diante do posicionamento daquela comunidade. A aluna diz que conhece a família Seals desde o pré-primário e que não se importaria com os comentários.

Mais tarde, Alexander Florian o comunica que a mãe de Pamela Dare desejaria conversar com ele. Além disso, que, devido ao comportamento de seus alunos, os passeios haviam sido cancelados e que deveria substituir o treinador até a contratação de outro. A mãe de Pamela Dare conta-lhe sobre o comportamento difícil da filha e como a aluna o admirava muito, talvez, o ouvisse. Pede-lhe que lhe dê conselhos para que chegasse mais cedo em casa e a avisasse sobre aonde ia todos os dias.

Em sua casa, recebe um convite para trabalhar em uma empresa de engenharia. Fica exultante e conta para a amiga Gillian. Conversa com Pamela sobre a mãe dela. Discutem e esta lhe confessa que a mãe nunca se importara com ela e que desejava que se comportasse adequadamente para que pudesse sair tranquilamente com outros homens. Durante a conversa, tenta convencê-la de que não deveria julgar a mãe, pois todos são passíveis de erro e que perdoar era para poucos e isso a deixaria mais madura. Ela irrita-se com ele e informa que não levaria mais as flores ao funeral.

Aula 13: Educação Física: luta de boxe

Enquanto a escola não contrata outro professor de Educação Física, Thackeray assume as aulas. E, nessa aula, o professor é desafiado por Denham a lutar boxe, mas se recusa. O aluno insiste e o professor posiciona-se em combate, apenas se defendendo dos golpes. Denham exagera na luta e o professor aplica-lhe um só golpe, nocauteando-o. Com fortes dores no estômago, Denham é amparado pelo professor.

Mais tarde, o aluno conversa com o professor e reconhece que o mestre poderia tê-lo golpeado muito mais, e Thackeray explica-lhe que isso não resolveria nada. Elogia inclusive a forma como o aluno lutara. Sem entender, Denham argumenta que, nos casos de Potter e das alunas não quererem levar flores ao funeral, estavam todos certos. O professor lhe diz que, dependendo do ponto de vista de cada um, poderiam estar certos. O aluno não o entende e pede explicações e o professor disse-lhe para refletir um pouco mais. Aproveita para convidá-lo a ser o treinador das crianças, pois estas deveriam aprender a se defender. Disse que falaria com o diretor sobre esse assunto. Ainda desconfiado, o aluno lhe pergunta qual o motivo de convidá-lo; Thackeray lhe diz que era apenas um *trampo*.

Aula 14: Preparação para a festa de formatura

Denham entra em sala bem vestido e alguns alunos estranham e perguntam-lhe por que não havia nocauteado o professor naquele dia. Denham

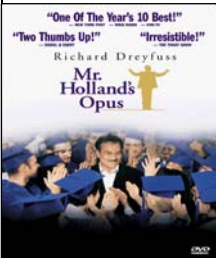
responde-lhes que o professor poderia tê-lo derrotado quando quisesse e não aceitaria brincadeiras sobre o assunto. Pede mais respeito, pois na sala havia mulheres. Pamela o interrompe dizendo ter ficado assustada com a aula em que o professor falou sobre a verdade. Mark Thackeray entra em sala e Denham o convida a participar da festa de formatura. Além disso, reconhece que Thackeray tinha razão sobre o fato de um homem ter de tomar decisões.

Thackeray vai ao funeral da mãe de Seals e, quando os alunos o veem, sorriem para ele.

No dia da formatura, um pouco antes do baile, Pamela o convida para dançarem uma música na festa. Ele a elogia por estar tão bonita e concorda. Na festa, Theo Weston reconhece o trabalho educativo do professor Mark Thackeray, dizendo-lhe que seria uma pena ele ir embora, pois engenheiro qualquer um poderia ser, mas educar alunos rebeldes era uma tarefa para poucos.

Clinty se aproxima de Thackeray e ambos observam os jovens que dançam alegremente ao som de um rock. Ela diz que, se ele tivesse que sair daquela escola, deveria ir para outra, pois não poderia desperdiçar o seu talento na área da eletrônica. Pegg anuncia outra dança em que Pamela Dare e Mark Thackeray dançam sob os aplausos de todos. Quando a música termina, Denham anuncia uma surpresa para o professor Thackeray e elogia tudo o que ele havia feito por ele e pelos alunos.

O aluno comunica que lhe fariam uma homenagem. Pegg vai ao palco e canta *To Sir, with love*. Enquanto isso, Wong, a aluna mais tímida da turma, entrega-lhe um presente e todos pedem que faça um discurso. Emocionado, diz apenas que deveria sair e guardar o presente. Fica sozinho em uma sala, até que uma aluna e um aluno de outra turma entram com atitudes rebeldes, informando-lhe que ele seria o professor deles no próximo semestre. Mark Thackeray sorri e rasga a oferta de emprego de engenharia.

FICHA TÉCNICA: <i>MR. HOLLAND, ADORÁVEL PROFESSOR</i>			
	Título Original: Mr. Holland's Opus		
	Título Traduzido: Mr. Holland, um adorável professor		
	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	Patrick Sheane Duncan	Stephen Hereck	Português/Inglês
Ano de Produção:		País de Produção:	Duração do Filme:
1995		Estados Unidos	140 min
PERSONAGENS:			
Professor: Glenn Holland (Richard Dreyfuss)			
Representantes da escola:			
Diretora da escola: Helen Jacobs (Olympia Dukakis)			
Diretor-adjunto: Wolters (William H. Macy)			
Professores:			
Bill Meister (Jay Thomas)			
Sara Olmstead (Alexandra Boyd)			
Família:			
Esposa: Iris Holland (Glenne Headly).			
Filho: Coltrane, apelido <i>Cole</i> . Nicholas John Renner (Cole, com 6 anos); Josef Anderson (Cole, com 15) e Anthony Natale (Cole, com 28).			
Alunos (principais):			
Gertrude Lang (Alícia Witt)			
Louis Russ (Terrence Howard)			
Rowena Morgan (Jean Louisa Kelly)			
TRILHA SONORA:			
O músico Michael Kamen foi o responsável pela escolha das músicas clássicas e modernas. Compôs a música clássica <i>An American Symphony</i> que representou uma das composições de Glenn Holland.			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *MR. HOLLAND, UM ADORÁVEL PROFESSOR*

Durante os créditos, há várias cenas que marcam o período entre a década de 1960 até 1995. Na cena inicial, Glenn Holland, em sua casa, compõe ao piano uma música clássica chamada *An American Symphony*⁸. Levanta-se, faz gestos como se estivesse regendo uma orquestra.

Nesse filme, que inspirou o músico Michael Kamem a criar a Fundação Mr. Holland's Opus⁹, Glenn Holland é um musicista que gostaria de deixar sua marca como compositor na história da música, mas as suas intensas atividades o impediam de compor. Para isso, opta em ser professor, por achar que, assim, teria mais tempo para se dedicar à música.

É contratado para ser professor de *Apreciação Musical* no colégio John Fitzgerald Kennedy, em Oregon, Estados Unidos. Revela para a sua esposa, que não tinha vocação para ensinar, mas Iris Holland, o convence a lecionar até obter dinheiro suficiente para alcançar o seu objetivo.

Na escola, nos primeiros dias, a diretora Helen Jacobs percebe o desinteresse do professor, por ser sempre o primeiro a chegar ao estacionamento da escola para ir embora. Ela o alerta sobre a importância de se preparar os alunos para o conhecimento e, principalmente, de orientá-los para que a construção do saber não fosse desperdiçada.

Durante os primeiros cinco meses, o professor não consegue prender a atenção dos alunos que, segundo ele, eram apáticos e desinteressados. Após longas reflexões, muda as suas ações pedagógicas tradicionais e descobre que os estudantes gostavam de *rock and roll*. Em uma das aulas, toca, no piano, algumas notas da música clássica de Johann Sebastian Bach, a *Sétima Sinfonia*, que é confundida pelos alunos como uma composição moderna de The Toys, *Concerto dos amantes* (*A lover's concert*). A partir desse dia, o interesse dos alunos pela música foi despertado. E para aqueles que, ainda, tinham dificuldades em aprender, Holland ensinava-lhes em aulas de reforço.

A esposa Iris Holland anuncia a gravidez e isso o preocupa, pois houve drásticas transformações em seus planos, incluindo-se mais um emprego em

⁸ Composição de Michael Kamen, na realidade.

⁹ Mr. Holland's Opus é uma entidade assistencial, que sobrevive de doações, voltada para ensinar música a crianças carentes. Disponível em: <<http://www.mhopus.org/>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

uma autoescola e mudança para uma casa mais ampla. Coltrane, o filho, nasce e, meses depois, o casal descobre que ele era surdo. Holland sente sérias dificuldades de lidar com esse fato e, somente muitos anos depois, aproxima-se do filho que, na adolescência, ensina ao pai ser capaz de apreciar música também. Holland, inclusive, em uma das apresentações da orquestra conta com a presença de vários deficientes auditivos como espectadores.

A dedicação de Glenn Holland à escola intensifica-se cada vez mais na preparação de vários eventos de formaturas. Juntamente com Sarah Olmstead, professora de artes, desenvolveu um projeto, baseado nos musicais de revista dos anos de 1930, de George Gershwin¹⁰. Após muitos ensaios e à procura de uma voz feminina para cantar na peça, surge Rowena Morgan. Nasce entre ambos uma profunda admiração, para a qual Glenn Holland compõe a música *Tema para Rowena (Rowena's theme)*. E ela, em seu sonho de ser cantora, decide ir a Nova Iorque e o convida, pois lhe comporia músicas, mas ele se recusa.

Por mais de 30 anos, Glenn Holland lecionou música para os alunos, mas, em 1995, o Conselho de Educação impôs uma redução no orçamento e Wolters, o diretor da escola, resolveu extinguir as cadeiras de artes, teatro e música, despedindo Sarah Olmstead e aposentando Glenn Holland.

Glenn Holland, inconformado e preocupado com o futuro da educação, pois os jovens não saberiam mais ler nem escrever, procura os representantes do Comitê de Educação para expor o seu ponto de vista, mas não obteve sucesso.

Em sua despedida, a esposa e o filho preparam-lhe uma homenagem. Todos os alunos e ex-alunos reuniram-se no auditório para ouvir Gertrude Lang, a governadora daquele distrito, que fora uma aluna com dificuldades em aprender clarinete. Fez uma homenagem ao professor, em agradecimento a ele pelo que fizera aos alunos. Apresentou-lhe a primeira *Sinfonia de Glenn Holland* e pediu-lhe para dar a honra de reger a orquestra. Glenn Holland e todos se emocionaram muito naquele instante.

¹⁰ George Gershwin (1898 – 1937) foi um famoso compositor que, juntamente com o irmão Ira, misturava a música clássica com o jazz e outros ritmos musicais em grandes apresentações, tanto na Broadway quanto em concertos clássicos.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME MR. HOLLAND, UM ADORÁVEL PROFESSOR

Aula 1: Apresentação do professor e da disciplina

Holland aguarda que todos os alunos entrem. Ao som da campainha da primeira aula, *Mr. Holland* dirige-se à lousa e pede a todos que se acomodem e sentem-se rapidamente, pois estavam perdendo tempo. Diz aos alunos que seu nome era *Senhor Holland* e que esta seria uma forma cordial de tratamento que também daria aos alunos: *senhor* ou *senhorita*, dependendo do caso. Informa que o curso chama-se *Iniciação Musical* e que todos aprenderiam sobre a história da música. A seguir, pede aos alunos que definam o que é música. Todos ficam calados e ele insiste para obter uma resposta. Mais uma vez, pede-lhes que definam a música em geral.

Apesar da insistência do professor, nenhum aluno se manifesta. Holland solicita que abram o livro didático, na página 4 e lê a definição de que a *música é o som em combinações harmônicas e melódicas produzidas pela voz ou por instrumentos*. Todos o acompanham na leitura e no final pergunta-lhes se há alguma dúvida, mas ninguém responde.

Aula 02: Ensaio da orquestra da escola

‘Os alunos, sentados lado a lado na sala de música com os seus instrumentos, pedestais e partituras musicais, estão prontos para iniciar mais um ensaio. O professor Holland pede-lhes que relaxem e se divirtam, pois não estão ali para impressionar ninguém. Pergunta se estão preparados e pede para iniciarem. Ele pega a batuta e gesticula como um regente, mas todos tocam desafinadamente. Apesar de sua fisionomia expressar desagrado, afirma aos alunos que estava “bom”.

No intervalo, no pátio da escola, o vice-diretor Wolters repreende duas alunas por causa do comprimento de suas saias. Pede-lhes que se dirijam à sala da direção, pois iria chamar os pais para que fossem embora, naquele dia, por descumprirem as regras da escola.

Glenn Holland e o professor de Educação Física Bill Meister se conhecem na fila do refeitório e, durante o almoço, conversam sobre as atividades do músico antes de se tornar

professor. Holland conta-lhe que tocava em boates, aniversários, casamentos, no Bar Miz Vaghs, entre outros lugares, e confessa-lhe que nunca imaginara ser um professor, mas que optara por essa profissão para ter mais tempo de compor as suas músicas clássicas. O professor de Educação Física ri dessa escolha e lhe afirma que não se lembrava de ter tido tempo livre desde que se tornara professor.

Em casa, em um momento de intimidade com a esposa que lhe faz massagens nas costas, confessa não ter vocação para ensinar alunos sonolentos. A esposa explica-lhe que seria somente por um período de quatro anos e que, depois disso, ele poderia compor as suas músicas. Ela o questiona por ter deixado a sua banda de música e ele confessa não querer ser um músico de estúdios. Sorrindo, ela disse não haver muita saída para ele e que teria de ser professor.

Aula 03: Ensaio da orquestra da escola

Ao ensaiar a orquestra, Holland percebe que uma das alunas desafina em seu clarinete. Pede que todos parem e pergunta o nome da aluna, que responde ser Gertrude Lang. Ele solicita-lhe para que tocasse a partir do compasso 37. A aluna desafina novamente.

O sinal da escola soa. O professor agradece a todos, dizendo-lhes que não estavam tão ruins naquele dia. Mas pede à aluna que permaneça na sala e a informa que ela está com dificuldades na mudança de tom.

Gertrude Lang concorda com o professor que lhe pergunta há quanto tempo tocava. Timidamente, responde-lhe estudar a três anos. Com um sorriso nos lábios, quer saber se ela estava estudando com dedicação e descobre que se dedicava regularmente. Então, ele sugere aulas de reforço, apesar de ter pouca disponibilidade para aulas adicionais. A aluna concorda demonstrando muito interesse em aprender e que poderia ser a qualquer hora. Holland sugere que seja meia hora todos os dias antes do primeiro horário.

Em casa, o professor dedica-se à sua composição.

Aula 04: Aula teórica sobre movimentos de notas musicais

Primeira aula de reforço com Gertrude Lang. Não há diálogo, apenas imagens do professor ensinando a aluna. Em seguida, na sala de aula com os alunos, Holland anota na lousa as notas musicais, ensinando-lhes que

teoricamente alguns movimentos de notas musicais têm um símbolo de bemol [b] no início de cada pauta e que quando um bemol precede a uma nota, isso indica que ela deve ser tocada meio tom abaixo. Durante essa explicação teórica, alguns alunos dormem, outros parecem acompanhar o livro de música, enquanto alguns fazem anotações em cadernos.

Aula 5: Aula de reforço e prova teórica para os alunos

Segunda aula de reforço com a aluna. Depois, os alunos fazem uma prova escrita, enquanto Glenn Holland cochila à frente da mesa do professor.

Em casa, corrige as provas e olha para a sua partitura sobre o piano.

Aula 6: Entrega e correção das provas

Holland está em sala dizendo aos alunos que as provas foram péssimas. Chama a atenção da aluna Swedlin por não ter escrito o nome completo de um compositor. A sua resposta teria sido apenas Bach, quando o correto seria Johann Sebastian Bach.

Observa outra prova e ironiza que aquela *era a melhor resposta* para a pergunta: Como você sabe em que clave (tom) está um concerto? Dirige-se a um aluno e diz: *Senhor Mims!* A sua resposta foi: *olhando na primeira página!! Seguida de um ponto de interrogação.* Altera o tom de voz e pergunta-lhe: *O seu ponto de interrogação deveu-se ao fato de não ter certeza da resposta, ou porque é tão ruim em gramática, quanto em teoria musical?* Para o professor as provas foram uma perda de tempo dele e dos alunos.

O aluno Sullivan diz para Mims que também achava aquilo e desejaria estar em outro lugar. Ao ouvir isso, Holland grita o nome do aluno e lhe pergunta: *Por que não vai visitar o senhor Wolters?* Manda-lhe pegar os seus objetos e ir para a diretoria. Grita para que ele saia imediatamente. Ordena que os alunos peguem os livros, pois iriam revisar todas as questões até assimilarem tudo.

O sinal toca e os alunos saem. Gertrude Lang fica sozinha treinando clarinete, com os olhos cheios de lágrimas. O professor entra em sala e pede-

lhe que desista e sai sem conversar com a aluna. Lá fora, ele ouve os soluços da aluna, retorna e afirma que lhe pedira para parar naquele dia, pois as aulas já haviam terminado.

Gertrude Lang, com a voz embargada pelas lágrimas, confessa-lhe que era uma fracassada e que os seus lábios ficavam inchados de tanto tocar. Afirma que só queria fazer apenas algo certo, pois todos de sua família eram competentes.

A irmã era bolsista da *Julliard*, por ser uma excelente bailarina; o irmão, um craque no futebol, conseguira uma bolsa na *Notre Dame*. A mãe ganhou tantos prêmios em concursos de aquarela, que a categoria havia sido extinta; o pai cantava maravilhosamente e apenas ela não sabia fazer nada direito.

Gertrude sai da sala chorando, dizendo não saber fazer nada e que tudo aquilo não fazia diferença para ninguém. Glenn Rolland fica pensativo.

No corredor da escola, Helen Jacobs o convoca para uma reunião à noite, para que opinasse sobre os livros para o próximo semestre. Holland diz-lhe que não compareceria, porque teria outro compromisso no dia marcado. A diretora conta-lhe que o observava por algum tempo e percebera ser sempre o primeiro a chegar ao estacionamento no final de cada aula. Ironiza, ainda, que deveria ser treinador de corrida.

Contrariado, afirma que cumpria o horário integralmente e que se dedicava o máximo ao ensino. Helen Jacobs afirma-lhe que para ser um professor era necessário ter dois objetivos: *encher as mentes dos jovens de conhecimentos e orientá-los para que esses conhecimentos não se dispersassem*. Afirma ao professor que, quanto ao conhecimento, não tinha certeza do que ele fazia em sala, mas quanto à orientação estava falhando muito.

O professor desabafa com a esposa ao chegar a casa. Afirma que odiava a diretora e lecionar para os alunos, que eram desinteressados e incapazes de aprender música. Íris tenta fazê-lo entender que já havia lidado com pessoas difíceis quando tocava em lugares públicos. Ele a interrompe afirmando-lhe que não o estava apoiando.

Nesse momento, a esposa conta-lhe que estava grávida. Glenn fica atônito e não demonstra estar feliz com a notícia. Chorando e decepcionada, vai para o quarto. Para acalmá-la, ele conta uma história de que aos 15 anos gostava de ir a lojas de músicas e o vendedor, que já conhecia o seu gosto musical, mostrara-lhe um disco de John Coltrane. Havia odiado as suas músicas, pois não as entendia, mas que, depois de tanto ouvir as notas musicais, passou a admirá-lo e compreendeu que desejaria fazer música para o resto de sua vida. O fato de ela ter-lhe dito que estava grávida era igual apaixonar-se pelas músicas de John Coltrane, mais uma vez.

Aula 7: Música clássica: diferença entre escala jônica e dórica

O sinal da escola toca. Glenn Holland pede a todos que sentem e pergunta-lhes se havia alguém que soubesse a diferença entre a escala jônica e a dórica. Insiste para obter uma resposta dos alunos, mas, diante do silêncio, sorri e confirma que, durante aqueles cinco meses, não havia realmente ensinado nada para ninguém.

Muda de estratégia e dialoga com os alunos para saber sobre o gosto musical deles. A maioria se manifesta favorável ao *rock and roll* e quando um aluno afirma gostar de música clássica, o professor sorri e o chama de “puxa-saco”. Pergunta-lhes sobre o que conhecem de Johann Sebastian Bach e mesmo diante do silêncio dos alunos, explica-lhes que, com certeza, já o conheciam.

Dirige-se ao piano e toca algumas notas musicais, que imediatamente os alunos dizem ser *Concerto dos Amantes (A lover's concert)*, de *The Toys*. No entanto, o professor ensina-lhes que se tratava de *Minueto em Sol Maior* de Johann Sebastian Bach. Toca mais algumas notas e os alunos parecem interessar-se mais pela música.

Explica-lhes que o músico a compôs em 1725 e que os dois exemplos daquelas duas músicas correspondiam à escala jônica. Mais algumas notas musicais de *rock and roll* são tocadas no piano para pedir-lhes que relacionassem com as anteriores.

Ao ouvir o som do rock, o vice-diretor vai até a porta da sala do professor e observa aquilo intrigado.

Mais tarde, Holland comenta com Íris que todos os alunos levantaram as mãos e responderam às perguntas e que isso fora maravilhoso. Mostra-lhe o berço que havia montado, mas a esposa diz-lhe que ficariam sem espaço.

Holland decide que se mudariam para outra casa. A esposa conversa sobre a falta de dinheiro e Holland diz-lhe que usariam as economias e que, nas férias, arrumaria um emprego na autoescola como instrutor. Ela o questiona sobre o fato de ele ficar sem tempo para compor, ao que retruca dizendo-lhe que daria um jeito. Muito feliz, ela lhe pede para tocar a música de quando se conheceram.

Aula 8: Aula de reforço: ensinar a tocar clarinete

O professor, que aguardava a aluna Gertrude Lang para a aula de reforço, está tocando uma música no piano da escola. Quando a aluna entra, ele reclama do seu atraso e a lembra de que esquecera o seu clarinete, na escola, outro dia. Ela confirma que o esquecera de propósito e que poderia entregá-lo a outro aluno, porque deixaria a orquestra por não acompanhar os demais nos ensaios musicais.

Antes que a aluna saísse da sala, Holland pergunta-lhe se estava achando tudo aquilo divertido, e ela responde-lhe que, se assim fosse, seria melhor. O professor levanta-se, vai até a uma vitrola e explica-lhe que estavam ensaiando de forma errada, pois poderia aprender a tocar o clarinete sem olhar na partitura, porque a música era muito mais que simples notas.

Coloca, no aparelho, um vinil e toca um rock. Afirma que o grupo não sabia cantar, nem tinha senso de harmonia, além disso, a música deles era uma simples repetição de acordes. No entanto, diz gostar muito daquela música, e a aluna, também, concorda com a opinião dele.

Ele a questiona sobre o fato de apreciar aquele tipo de canção, e Gertrude Lang disse-lhe não saber os motivos. No entanto, diante da insistência do professor, arrisca a palavra “divertido”.

Ele concorda e explica-lhe que tocar música era diversão, coração e sentimento, porque deveria fazer as pessoas acharem lindo estar vivo. Aprender uma música não representava somente notas em uma partitura, porque isso ele poderia ensiná-la, mas não a tocar com o coração.

Desliga o som, vai até o piano e pede-lhe que o acompanhe. Retira o pedestal com as partituras e alega que a música já estava na mente da jovem e em seus dedos, apenas deveria confiar em si mesma, por isso eram desnecessárias. Gertrude Lang demonstra insegurança e erra por duas vezes uma passagem musical de uma nota a outra.

No primeiro erro, o professor a orienta para colocar menos pressão no bocal do clarinete. No segundo, pergunta a Gertrude do que ela mais gostava nela mesma ao se olhar em um espelho.

Ela responde que eram os seus cabelos, porque, segundo o seu pai, se pareciam com o *pôr do sol*. Sorrindo, o professor pediu-lhe para fechar os olhos

e tocar o *pôr do sol*. Com olhos fechados, ela o acompanhava e nem percebera que, em determinado momento, ele havia parado de tocar para ouvi-la.

Aula 9: Regência da Orquestra de Formatura da Turma de 1965

Glenn Holland está regendo a orquestra de formatura da turma de 1965. Em meio ao som da orquestra, destaca-se o clarinete de Gertrude Lang.

No palco, a diretora da escola entrega os diplomas aos formandos ao som da orquestra e de um narrador que diz:

Para mim, não é fácil mandar a flor da juventude, nossos melhores jovens, para a guerra. Mas enquanto houver homens que odeiam e destroem, precisamos ter a coragem de resistir. Nós venceremos no Vietnã.

Durante as férias, Holland ensina os jovens a dirigir. Iris e o professor mudam para a nova casa. Às vezes, colocava os fones de ouvido na barriga da esposa para que as vibrações das músicas fizessem o filho deles senti-las.

Alguns dias depois, Iris está no hospital para dar à luz. Holland, que estava ensinando dois jovens a dirigir, vai, juntamente com eles, para o hospital dirigindo em alta velocidade, assustando-os com as infrações cometidas. Na maternidade se emociona ao segurar o bebê que se chamará Coltrane Holland. Tempos depois, Holland está tocando no piano uma música para Coltrane, que está no colo da mãe brincando com as teclas do instrumento.

Na sala da direção da escola, Helen Jacobs revela a Holland que soube sobre as aulas de *rock and roll*. O professor questiona o porquê de não poder ensiná-los esse tipo de música. O vice-diretor afirma que essa música era uma ruptura da disciplina e que o papel da escola deveria ser o de ensinar. Por isso deveria ensiná-los músicas clássicas como *Brahms*, *Mozart*, *Stravinsky*, mas Glenn Holland explica que a música deste último compositor pertencia à Revolução Russa e que isso romperia com qualquer ideia de disciplina.

A diretora manifesta-se preocupada com a reação dos pais no próximo Conselho, pois alguns acreditam ser uma “obra do diabo” e não saberia o que lhes dizer sobre essa prática pedagógica. O professor argumenta que ele era o professor de música e que ensinaria tudo desde Beethoven, a Billy Holiday e *rock and roll*, enquanto acreditasse que essa estratégia fizesse os alunos amarem a música. A diretora concorda com ele e o convida a organizar uma banda marcial para tocar no campeonato de futebol americano.

Aula 10: Ensaio da banda musical para o campeonato

Enquanto de um lado do campo de futebol americano, Holland tenta organizar os alunos em fileiras, de acordo com os instrumentos; do outro, Bill Meister, professor de Educação Física, treina futebol americano com outros estudantes. Glenn Holland tem dificuldade de alinhá-los e de fazê-los marcharem compassadamente.

Ao perceber a dificuldade do amigo, Bill Meister prontifica-se a ensinar os alunos da banda marcial a marcharem, desde que ensinasse um de seus alunos a tocar, pois fora suspenso das aulas de Educação Física por ter tirado notas baixas.

Bill aponta para Louis Russ, sentado na arquibancada, alegando ser ele um dos maiores meia-esquerda da escola e um excelente praticante de luta livre. Glenn Holland deveria ensiná-lo a tocar algum instrumento, apesar de nunca ter tido aulas de músicas e, dessa forma, o estudante obteria créditos acadêmicos e retornaria às atividades físicas.

Aula 11: Aula de reforço: ensinar a tocar tambor

O professor começa a ensinar Louis Russ e constata que realmente o aluno nunca tocara e nem conhecia as notas musicais. O estudante escolhe tocar guitarra, quando o professor lhe pergunta que tipo de instrumento desejaria tocar na banda da escola. Como esse não era o instrumento adequado, Glenn Holland sugere-lhe tambor.

Aula 12: Ensaio da banda marcial

Nos ensaios com a banda, Louis Russ não consegue acompanhar os colegas. O professor o alerta que está adiantado e pede-lhe que entre no ritmo. O aluno para de tocar, e Glenn Holland manda parar a música e pergunta o que acontecera com o aluno, que diz ter-se perdido entre as notas musicais. Reinicia a música, mas o aluno ainda não consegue acompanhar o ritmo da música. O sinal de saída toca. Louis Russ se aproxima do professor, que não o

deixa falar, dizendo-lhe que já sabia ser ele um aluno esforçado. O aluno o agradece e, também, sai da sala.

Bill Meister e Glenn Holland jogam xadrez e conversam sobre amenidades até o momento em que o instrutor deseja saber se Louis Russ aprenderia a tocar um instrumento. Diante da negativa de Glenn Holland, Bill insiste para que o professor consiga ensiná-lo, pois é preciso que lhe deem uma chance na luta livre, pois era o melhor que ele sabia fazer. Conta a Holland, que se identificava com o aluno, pois se na sua juventude não tivesse tido uma oportunidade jamais se tornaria um treinador.

Glenn Holland dedica-se a ensinar Louis Russ e, para isso, utiliza as mais variadas estratégias como se movimentarem como se dançassem; colocar um capacete na cabeça do aluno para que este acompanhe as suas batidas na cabeça, enquanto tamborilava as notas em seu próprio instrumento.

Aula 13: Ensaio da banda marcial da escola

Em mais um ensaio com a banda marcial, Russ se esforça para acompanhar os demais. Em determinado momento, Glenn Holland pediu para que todos parassem a música e dirigiu-se ao aluno, elogiando-o por estar no ritmo. Todos sorriram e aplaudiram-no com entusiasmo.

Nas ruas da cidade, as bandas marciais das escolas da região se apresentam. Ao som da música *Americans We*, de Henry Filmore, o apresentador anuncia a primeira banda do *Colégio Fort Vancouver*; enquanto, no entorno, as pessoas assistem ao espetáculo com bandeirinhas e bexigas e aguardam a passagem de todas as bandas marciais.

Glenn Holland dá as últimas instruções aos alunos e partem para a marcha. O apresentador informa que é a primeira apresentação da escola J. F. Kennedy e que a escola estava impecável. Entre as pessoas, estão Iris e o filho Cole, os professores da escola e os pais de Louis Russ, orgulhosos pelo desempenho do filho.

De repente, um som estridente de um dos carros de bombeiros ecoa, fazendo com que todos tapassem os ouvidos. Crianças de colo choram, e Iris corre até o carrinho em que seu filho estava dormindo e observa que ele não se incomodou com o barulho e nem acordou, por isso desconfia de que algo estava errado com Cole.

Ao chegar a casa, Íris conta ao marido o ocorrido. Ambos o levam ao médico, que constatou que Cole possuía apenas dez por cento de sua capacidade auditiva e afirma-lhes que, com o tempo, aprenderia a usá-la para falar. Orienta aos pais que o tratem como se fosse uma criança normal, sem usarem a linguagem gestual, caso contrário, não se comunicaria com

os outros e que mais tarde poderia frequentar escolas especiais, que o ajudaria e aos pais a se comunicarem.

Aula 14: Sobre a surdez de Beethoven

Com a *Sétima Sinfonia* de Beethoven tocando, Glenn Holland conta a história desse músico que a maioria das pessoas acreditava ser impossível que regesse uma orquestra, mas, em resposta a todos, compusera aquela obra clássica. Pede aos alunos, que estavam muito atentos, imaginarem Beethoven em pé, com sua batuta nas mãos, movimentando os braços e regendo a sua orquestra.

Explica-lhes que, segundo a história, para “ouvir” as notas musicais de seu piano, o artista cortara os pés de seu instrumento e deitava-se, próximo ao piano, colocando os ouvidos pregados ao chão. Diante da dúvida de um aluno sobre como ele conseguia discernir uma nota musical de outra devido à surdez, o professor com os olhos cheios de lágrimas, conta-lhe que Beethoven não nascera surdo.

Imagens de helicópteros de guerra sobrevoando os céus; de pessoas protestando pela paz no Vietnã nas ruas dos Estados Unidos; do discurso de Marthin Luther King; do discurso de Kennedy; da repressão policial nas ruas; da chegada do homem à lua e de Iris tentando comunicar-se com Coltrane, com mais ou menos seis anos, sempre ao som da música *Imagine*, de John Lennon, marcam a passagem do tempo.

Glenn Holland, também, aparece compondo ao seu piano, sob imagens do movimento hippie; de Jimi Hendrix tocando guitarra; de John Lennon em movimentos pela paz; da posse de Nixon e da fachada da escola J.F.Kennedy, tudo isso representando a transição dos anos de 1960 para os anos 70, em demonstração das muitas mudanças sociais e comportamentais da juventude, agora, com roupas mais coloridas e cabelos compridos.

Aula 15: Ensaio da orquestra

Mais uma aula em que o professor está regendo um clássico de Johann Sebastian Bach com os alunos a orquestra.

Durante o ensaio, Iris entra na sala de aula com Cole. O filho, já com seis anos, imita os gestos do pai que está regendo uma música clássica; fecha os olhos e sem perceber que Holland finalizara a música, continua a gesticular como se fosse um maestro por mais alguns instantes.

Mais tarde, em sua casa, Holland e Iris conversam sobre levar o filho para uma escola especial. Glenn Holland preocupa-se com o valor das mensalidades, pois não estavam em condições financeiras para arcar com mais essa despesa. Nesse instante, Cole aponta para o armário e como Iris não o entende, fica irritado, joga alguns objetos ao chão e chora. Diante da negativa do marido, por acreditar que a linguagem de sinais não faria seu filho falar, Iris, desesperada com a situação, chora e grita que tudo o que gostaria era poder comunicar-se com o filho para dizer-lhe que o amava muito; abaixa-se perto do filho e o abraça aos prantos.

Os três visitam a escola para surdos. Lá uma professora deficiente auditiva conversa com os alunos na linguagem de sinais e oralmente. Todos a acompanham gesticulando e repetindo os dias da semana.

A diretora da escola explica-lhes que ali se incentivavam a fala e a linguagem dos sinais e que naquela aula estavam aprendendo sobre os dias da semana e os meses do ano. A mãe pergunta em quanto tempo o filho aprenderia a linguagem de sinais e quando poderiam começar. A diretora informa que o curso de verão para os pais se iniciaria em julho e teria uma duração de três meses, com três horas diárias. Quanto à aprendizagem, para as crianças era rápida e quanto à dos adultos, dependeria da vontade e do desprendimento de cada um.

Aula 16: Sobre Johann Sebastian Bach

Da vitrola, na sala de aula, sai o som de uma das músicas de Bach e Mr. Holland quer saber para quem o músico havia escrito aquela obra musical. Pergunta a Tidd, que responde, sorrindo, para o mordomo da Família Addams. O aluno Stadler, irritado, diz que o personagem se parecia com Tidd, o qual se levanta para brigar com o colega. Antes de haver a briga, Glenn Holland ordena que ambos parem e fala para Stadler que a melhor maneira de se calar alguém inoportuno era ignorá-lo.

O sinal toca e antes de sair da sala, o professor pede a todos que não se esqueçam das páginas 313 e 314 para o dia seguinte. Chama Stadler para conversar e pergunta-lhe se estava drogado de novo. O aluno diz ao professor que não precisava ficar “careta” para aprender sobre música, pois poderia dar os nomes de todos os músicos, de todas as datas, além disso, sabia todas as claves, escalas etc.

Holland o interrompe, dizendo que o nome da disciplina era *Apreciação Musical* e que faltava justamente isso ao aluno. Stlader tenta retirar-se da sala, dizendo que tudo aquilo era “babaquice”, mas o professor o manda sentar, senão seria suspenso. Ele cumpre a ordem do professor a contragosto e o olha com desdém.

O professor, ao afirmar que o aluno se achava muito esperto, pede-lhe que prove isso, fazendo um trabalho, com referências e com o título “A linguagem da emoção” para ser entregue até fim do semestre. Apesar da recusa de Stlader, o professor lhe afirma que, se não entregasse o trabalho, seria reprovado. O aluno protesta sobre a injustiça de tudo aquilo e o professor lhe responde que a vida não era justa também.

Naquele instante, a secretária da escola entra na sala e entrega-lhe um papel com alguma mensagem escrita. O semblante do professor se entristece e o aluno pede-lhe para ir embora, mas antes de liberá-lo marca-lhe, para o sábado, uma pesquisa escolar.

O professor Holland, a sua esposa, todos os amigos e parentes de Louis Russ, que morrera na guerra do Vietnã, estão no cemitério. O professor Bill e o exército fazem uma homenagem póstuma ao ex-aluno. Stadler, que está ao lado de Glenn Holland, pergunta-lhe quem era o aluno morto em combate.

O professor responde-lhe que se tratava de um ex-aluno que ele ensinara a tocar tambor. Diz a Stlader que esse jovem havia chegado às finais de luta livre por três vezes e que aquele aluno não era tão inteligente quanto este, por isso precisou esforçar-se muito para passar de ano e, em seguida, o dispensa para ir embora. Holland diz para Bill que tudo aquilo era um desperdício, este respondeu conhecer muitos jovens que passaram pela mesma situação. Os dois saem consternados do local.

No dia da formatura dos alunos, os pais, parentes e professores se confraternizam na escola. O professor Holland, juntamente com Cole e Iris, cumprimentam Bill, que lhes apresenta a namorada Daisy. A diretora chama Holland para conversarem e pergunta-lhe o que faria durante as férias, ao que ele responde que ministraria aulas de volante na autoescola. A diretora conta-lhe que iria se aposentar e o presenteia com uma bússola de ouro. Depois afirma ser ele o seu professor preferido, e isso o emociona muito.

A passagem do tempo da década de 1960 até 1980 é marcada por imagens de boas-vindas aos jovens que retornavam da guerra do Vietnã e do professor ensinando vários jovens a dirigir. Além de alguns presidentes dos Estados Unidos como a renúncia do presidente Richard Nixon (1974) e as posses dos presidentes Gerald Rudolph Ford (1974), de Jimmy Carter (1977) e de Ronald Reagan (1981); assim como também o filme *Os Embalos do Sábado à Noite* (1977) e de alguns ícones do rock and roll da década de 60 até 80.

Na fachada da escola, há uma mensagem de boas-vindas aos estudantes de 1980.

Wolters, que assumiu o cargo de direção após a aposentadoria de Helen Jacobs, se reúne com os professores, na escola, para discutirem sobre o planejamento das atividades para o ano de 1980. A professora Sarah Olmstead e Holland apresentam um projeto que substituiria a peça de teatro de fim de ano por uma revista baseada nas obras de George Gershwin, em um único cenário.

Wolters os comunica que, devido à orientação do Conselho de Educação, deveriam reduzir custos, por isso a peça de fim de ano deveria ser cancelada e seriam necessárias ações pedagógicas que não comprometessem financeiramente a escola. Os professores reclamam muito e Bill sugere um show com os jogadores do futebol americano, pois se dançassem surpreenderiam a todos e, assim, arrecadariam mais recursos. Diante da dúvida de quem os ensinaria a dançar, o professor de Educação Física se compromete, porque havia estudado dança moderna.

Aula 17: Ensaios para o teatro de revista musical do musical de George Gershwin

Glenn Holland, Bill Meister e Sarah Olmstead selecionam os alunos para a peça de revista musical. Muitos cantavam e dançavam, mas a maior dificuldade era encontrar uma voz feminina que fizesse par com quem iria representar George Gershwin. Uma das últimas alunas a cantar foi Rowena Morgan, que fora muito elogiada por Holland.

Mais tarde, Coltrane e a mãe, que retornavam da escola após participarem de uma feira de ciências, entram em casa e, ao ver o pai, que estava trabalhando em uma orquestração para a peça de fim de ano, o filho tenta comunicar-se com ele, por meio da linguagem de sinais. Em virtude de Holland não compreendê-lo, a mãe traduz que ele descobrira a astronomia e, por isso, gostaria de se tornar um astronauta. Quando Cole sai da sala, Iris reclama que Holland deveria ter ido à feira de ciências, pois se dedicava mais aos alunos que ao filho. Ambos discutem e a esposa o manda continuar dedicando-se às suas composições, o que o irrita, e sai gritando que nunca mais tivera tempo para a sua música.

Aula 18: Orientações para a festa de formatura

Rowena Morgan está ensaiando no auditório da escola, juntamente com os professores organizadores do evento musical. Glenn Holland a ouve atentamente, mas no fim da música a orienta para que cantasse com mais sentimento, pois a personagem era uma mulher muito solitária que desejava ter

alguém que a abraçasse e a amparasse. Para Holland, a estudante deveria cantar novamente, com mais sentimento, pois a canção se referia ao amor mais profundo. A estudante repete a canção.

Rolland está escrevendo algumas notas musicais em umas partituras sobre a mesa de uma lanchonete, quando Rowena entra no local e dirige-se até ele. A aluna confessa a sua admiração por ele, que lhe pergunta o que faria já que terminara o ensino médio. Ela confessa que o pai tinha um comércio e gostaria de que trabalhasse com ele. O professor insiste sobre os sonhos da aluna, que declara ter o desejo de ir a Nova Iorque e ser uma cantora. Ele elogia a voz da jovem e diz-lhe que nunca deveria deixar de lado as escolhas de sua vida.

Quando o professor estava estudando em casa, há um momento de tensão entre Holland e Coltrane, pois o pai irritou-se com o cheiro da cola que o filho, ao seu lado, usava em uma atividade. Pediu-lhe que se retirasse da mesa, que estava próxima ao seu piano. A mãe pede ao jovem para que abrisse as janelas, mas naquele instante um forte vento derrubou todas as partituras do pai, que dá uma bronca e não o deixa ajudá-lo a pegar as folhas.

Aula 19: Ensaio com a aluna Rowena

Rowena ensaia com o professor Holland, que a orienta sobre a entonação de sua voz. O ensaio termina, mas antes de sair, a aluna observa uma composição do mestre. Pede-lhe que toque a música no piano e o acompanha, com a voz, o ritmo da música.

Em casa, inspirado na aluna, compõe o *Tema para Rowena (Rowena's theme)*. Iris se aproxima dele e pergunta quem era Rowena, ao que lhe responde ser uma inspiração em uma deusa mitológica norueguesa tirada de um livro.

Aula 20: Primeira apresentação da orquestra na festa de formatura

Holland rege a orquestra que acompanha o show de estreia do teatro de revista, em que os alunos cantam e dançam os musicais de George Gershwin. Todos da plateia, que está lotada, aplaudem-nos emocionados no final do evento. Depois da apresentação, Holland fica no auditório sozinho e Rowena se aproxima para saber se havia se saído bem.

O professor a elogia e a aluna comunica-lhe que, no dia seguinte, irá para Nova Iorque. Holland tenta demovê-la daquela ideia, por achar que ainda

era cedo demais. Decidida a não se tornar uma garçonete, o convida para irem juntos, sob o pretexto de que ele poderia compor as músicas. Indica-lhe o local e a hora da chegada do ônibus e se retira do auditório.

Glenn Holland, em casa, olha um álbum de fotos de sua vida familiar e acadêmica. São fotos dele, junto ao piano ou com a esposa.

Aula 21: Segunda apresentação da orquestra na festa de formatura

Segundo dia de apresentação do show. Holland está regendo a orquestra enquanto Rowena canta.

Na plateia, estão, além de muitas pessoas, Iris e Cole. Enquanto Rowena está cantando, a esposa confere o nome da cantora no roteiro e fica sabendo o seu nome. Os olhos de Iris se enchem de lágrimas. Na saída do show, Holland explica para a esposa que teria de participar de uma festa com os professores e alunos e a convida, mas Iris dá uma desculpa e vai embora juntamente com o filho.

Mais tarde, Holland chega ao local marcado por Rowena. Ambos conversam e o professor entrega-lhe um endereço de um amigo, de uma antiga banda de música, que a esperaria naquela cidade. O músico entra em casa, beija Iris e declara que a ama.

No outro dia, Holland está no auditório da escola sentado em frente ao seu piano e ouvindo a notícia da morte de John Lennon. Imagens sobre esse assassinato mostram a consternação da população americana com a morte daquele ídolo do *rock and roll*. Holland demonstra uma profunda tristeza.

Ao chegar a casa, encontra o seu filho consertando o antigo carro Couvert da família. Observa que Cole está com um olho machucado e fica sabendo que foi em uma briga. O jovem deseja a atenção do pai que, naquele momento, estava triste com a morte do cantor. Explica sobre o que acontecera com Lennon, pede ao filho para conversarem mais tarde, pois este não entenderia o significado daquela morte. Na sala da casa, Iris o abraça e Cole se aproxima deles, chateado com o pai.

Diante da dificuldade de comunicação de Holland com o filho, Iris traduz a indignação de Cole sobre o fato de o pai achar que ele não saberia nada sobre a morte e o significado de John Lennon. Ele afirma que conhecia muito bem os Beatles e que se interessava por música e pai poderia ensiná-lo mais ainda, todavia importava-se muito mais em ensinar aos outros do que a ele.

A partir desse episódio, passa a observar mais o filho e percebe que, para ouvir o som do motor dos carros, ele apoiava o ouvido na ferramenta para sentir as vibrações durante a ignição. Holland procura a diretora da escola especial para surdos e obtém informações de como fazer com que deficientes auditivos pudessem perceber a música de seu show. A

diretora lhe explica que se os surdos fossem colocados bem próximos da orquestra, poderiam sentir o ritmo da música acompanhada por luzes piscantes.

Aula 22: Terceira apresentação da orquestra na festa de formatura

Em mais uma das apresentações na escola, deficientes auditivos estão sentados, no mesmo palco da orquestra regida por Holland. Luzes piscam acompanhando o ritmo da música e os jovens parecem gostar muito. Na plateia, Cole olha orgulhoso para o pai.

Quando a orquestra termina a música, Holland se dirige à plateia, acompanhado de um tradutor e intérprete de língua de sinais, e comunica que irá cantar uma música. Dispensa o intérprete, pois passaria a usar a linguagem de sinais, enquanto cantasse a música *Beautiful boy* de John Lennon, em homenagem ao seu filho. Durante toda a canção, pai e filho se olham carinhosamente e, no final, todos se emocionam e o aplaudem.

Cole, em casa, sentado em duas caixas acústicas sente as vibrações da música que toca na vitrola. Holland, ao chegar, na sala, se admira quando o vê movimentando os pés ao ritmo da música.

A passagem do tempo é marcada pela fachada da escola anunciado o *Festival de Primavera de 1995*. Jovens estão com skates, celulares e se vestem de acordo com os seus grupos (tribos). Carros barulhentos e o som de um rap indicam os novos comportamentos daquela juventude.

Na sala do diretor, Holland observa que Sarah Olmestead sai chorando de lá de dentro. Wolters o chama, em seguida, e comenta que, devido à última reunião com o Comitê de Educação, cada escola precisaria reduzir as despesas em dez por cento. Por isso, resolvera extinguir as disciplinas de música, de artes e de teatro. Holland revolta-se com o diretor, que o informa que entre optar por Mozart, optaria por ler, escrever e contar.

Glenn decepcionado comenta que essa era uma excelente desculpa para mandá-lo embora, pois sabia que o diretor não gostava dele mesmo. Glenn Holland o alerta que se isso acontecer, os alunos não terão mais nada para ler ou escrever dali para frente. O diretor se dispõe a ajudá-lo com uma carta de referência, mas Mr. Holland fica indignado e, ao sair da sala, viu uma foto de Helen Jacobs, na parede da sala da direção, e diz para Wolters que ela teria lutado, e que ele lutaria muito ainda.

Holland vai até o Comitê de Educação e expõe o seu posicionamento, não somente em nome da escola, mas também por preocupar-se com o tipo de educação proposta pelo Conselho de Educação. Um dos representantes, Michel, um ex-aluno de Holland, alega que o professor desconhecia a gravidade financeira da educação naquele momento. Glenn Holland os acusa de desejarem criar uma geração de jovens não pensantes. O ex-aluno diz que fizeram tudo o que podiam, mas o professor levanta-se e afirma ser insuficiente o que fizeram.

Na casa, o casal lê uma carta de Cole, agora com 28 anos, que está trabalhando em uma escola de Washington. Ele informa ter recebido uma proposta para lecionar em uma universidade para surdos naquela mesma cidade, mas que estava em dúvida, porque gostava muito dos alunos da escola atual. Além disso, escreve que nunca mais devolverá o antigo carro Couvert do pai, por ser uma raridade. Os dois sorriem disso e se sentem orgulhosos pelo filho.

No último dia de Holland na escola, Bill Meister entra no auditório e o vê sentado junto ao piano e ambos conversam sobre o que ele faria ao se aposentar. Holland diz que não se aposentaria, pois lecionaria aulas particulares de piano, mas confessa estar muito inseguro com a situação. O amigo acredita que ele faria muita falta à escola, mas Holland duvida, pois, apesar de inicialmente rejeitar a ideia de ser professor, naquele momento era tudo o que gostaria de fazer, por acreditar que, durante todos aqueles 30 anos dedicados à educação, teria realizado algo de importante para a sociedade e lamenta o fato de que, em determinado momento da vida, tornara-se dispensável.

Em seguida, ouve a buzina de um carro e da janela vê que são Cole e Iris, que chegaram para ajudá-lo a pegar os seus pertences na escola. O filho de Holland já sabe usar a linguagem verbal para se comunicar e os dois brincam com pequenas histórias do passado.

Quando estão no corredor da escola, Holland ouve uma música que sai do auditório. Intrigado vai até lá e percebe a grande surpresa que Iris e Cole lhe haviam feito. Ao entrar no auditório, os alunos e ex-alunos se levantam e o aplaudem efusivamente. Admira-se por ver Stlader um adulto e o cumprimenta. Emocionado abraça a professora de Artes Sarah Olmstead e Bill Meister. Iris vai até o palco e informa que o mestre de cerimônias estava um pouco atrasado e, por isso, iniciaria a homenagem, agradecendo o apoio da comunidade ao seu marido, assim que souberam que a disciplina fora extinta pelo Conselho de Educação. Nesse instante, a porta do auditório se abre e Iris anuncia a presença da governadora do Estado, a ex-aluna, Gertrude Lang.

A governadora fala sobre a profunda influência de Glenn Holland na sua vida e em outras. Além disso, tem certeza de que ele acreditara que todo o seu trabalho tivesse sido em vão, pois, muitas vezes, dedicara-se as suas próprias composições, acreditando que um dia ficaria rico e famoso. E continua dizendo que ele não era rico, nem famoso e talvez por isso se considerasse um fracassado, no entanto ele atingiu um sucesso muito maior que a fama e a fortuna. Pede-lhe que olhe ao seu redor e perceba que não havia naquela sala ninguém para o qual não tivesse contribuído.

Emocionada, repete que todos os alunos que ali estavam eram a sinfonia, a música dele e, por isso, eram-lhe muito gratos. Após essas palavras, todos, inclusive Holland, se emocionam e aplaudem-na entusiasticamente.

Gertrude Lang convida o professor a subir no palco e reger a primeira apresentação da *Sinfonia Americana de Glenn Holland*. O professor dirige-se ao palco, segura a batuta em suas mãos e comanda a sinfonia. Nos pedestais das partituras, há inscrições das turmas e do ano de cada formatura desde o tempo em que o professor esteve naquela escola.

FICHA TÉCNICA: <i>MENTES PERIGOSAS</i>			
	Título Original: Dangerous minds		
	Título Traduzido: Mentes perigosas		
Gênero:	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	Ronald Bass	John N. Smith	Português/Inglês
Ano de Produção:	País de Produção:	Duração do Filme:	
1995	Estados Unidos	99 min	
PERSONAGENS:			
Professora: LouAnne Johnson (Michelle Pfeiffer)			
Representantes da escola: Diretor: George Grandey (Courtney B. Vance) Vice-diretora: Carla Nichols (Robin Bartlett)			
Professor e amigo: Hal Griffith (George Dzundza)			
Alunos (principais): Raul Sancho (Renoly Santiago) Emílio Ramirez (Wade Dominguez) Callie Roberts (Brooklyn Harris) Gusmaro Rivera (Roberto Alvarez) Durrell Benton (Richard Grant) Lionel Benton (Raymond Grant) Angela (Maristela Gonzales)			
TRILHA SONORA: Bob Badami			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *MENTES PERIGOSAS*

As imagens desse filme começam em preto e branco, com muros e casas antigas pichadas, em um bairro do East Harlem, Estados Unidos, as quais só se colorem, quando o filme *Mentes perigosas* se inicia. Ele foi baseado no livro *My posse don't do homework* (Meus alunos não fazem lição de casa) escrito pela professora LouAnne Johnson na vida real, mantendo-se o mesmo nome no filme.

A professora é uma ex-oficial da marinha que é apresentada pelo seu amigo e professor Hal Griffth à vice-diretora Carla Nichols, da *Parkmont High School*. Na entrevista, a vice-diretora, ao analisar o seu currículo, surpreende-se com a maturidade e com a experiência da candidata, que era bacharel em literatura inglesa, trabalhara como relações públicas, telemarketing e fora fuzileira na marinha, mas faltava-lhe apenas um semestre para ser habilitada a lecionar.

Na opinião da diretora, isso seria facilmente resolvido, porque LouAnne seria contratada por tempo integral. Posteriormente, informa-lhe que a professora anterior havia adoecido e desistido de lecionar, o que acontecera, também com duas outras substitutas. Aproveita para descrever a turma como especial, com alunos inteligentes, mas barulhentos. Essa descrição deixa LouAnne apreensiva, mas diante de seu sonho e da oferta salarial aceita o cargo.

Na sua primeira aula com a turma, LouAnne é ignorada pelos alunos que continuam conversando e ouvindo música. Incapaz de manter contato com os alunos, ela se retira da sala, deixando-os sozinhos. Procura ajuda do seu amigo, Hal Griffith, a quem confessa sentir-se incompetente para ensiná-los. O amigo a aconselha a cativá-los, pois ela sempre lhe dissera que sonhara em ser professora, caso contrário, deveria desistir dessa profissão.

Em casa, pesquisa em livros como lidar com a indisciplina e percebe que, com aquela turma, precisaria ir além da teoria. Assim, resolve mudar algumas estratégias em sala de aula para conquistar a empatia dos alunos.

Na segunda aula, vai até a escola vestindo roupas esportivas e ensina-lhes caratê, explicando-lhes que havia aprendido a lutar quando estivera na marinha. Aproveita para ensinar alguns golpes de defesa. Além disso, no final

da aula atribui a todos a nota máxima, para que assim se esforçassem em mantê-la.

Durante as aulas de literatura, parte da temática *morte* e de músicas de Bob Dylan para serem trabalhadas intertextualmente com as poesias de Dylan Thomas, um poeta americano. Na maioria das atividades, quando realizadas com sucesso, a professora recompensava os alunos com chocolates, passeio a parque de diversão e jantares em restaurante.

Tais ações educativas foram condenadas pelo diretor, George Grandey, que, desde a segunda aula, advertiu-lhe por causa das aulas de caratê, alegando que isso ia de encontro ao currículo da escola e, por descumprimento de determinação da Secretaria da Educação, poderia receber um processo administrativo. Mesmo assim, LouAnne foi à sala da diretoria por mais algumas vezes por ter subvertido as ordens superiores, mas sempre conseguia ludibriá-los, por acreditar que as suas estratégias cativavam a confiança dos alunos.

Para LouAnne, aplicar o programa seria praticamente impossível, visto que a maioria de seus alunos, ainda, não possuía conhecimentos básicos necessários para acompanhar o conteúdo curricular, por isso se esforçava em obter a atenção deles, utilizando outros recursos.

A professora preocupava-se com o aprendizado dos alunos, por isso envolvia-se com os problemas pessoais de cada um deles, indo à casa dos irmãos Durrell e Lionel para conversar com a mãe deles e tentar convencê-la de que eles deveriam frequentar as aulas; ou alertar a família de Callie sobre a transferência ilegal que a escola impusera à aluna pelo fato de estar grávida; ou na tentativa frustrada de salvar a vida de Emílio Ramirez marcado para morrer na mão de um traficante.

LouAnne, constantemente, se dispunha a ajudar os alunos a enfrentarem os seus problemas, apresentando temas que se aproximavam da vida deles. No entanto, alguns acontecimentos envolvendo os alunos, a direção da escola e a comunidade deixaram-na desanimada. Decidida a desistir de ser professora, por sentir-se impotente diante de tantos problemas mal resolvidos, é convencida pelos colegas de que não seria a melhor saída, pois sempre lhes ensinara a lutar e jamais desistir da vida.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME *MENTES PERIGOSAS*

LouAnne Johnson chega à escola com o professor Hall Griffith e é apresentada à vice-diretora Carla Nichols que, após comentar sobre a formação e as experiências de LouAnne, na marinha, a contrata para lecionar em período integral, no dia seguinte. No dia da aula, a professora e o amigo Hall Griffith entram na escola e quando se aproximam da sala, há um grupo de jovens que cantam um *rap*. Ela comenta com o amigo que eles pareciam bem barulhentos, o qual a aconselha a não falar mais alto que eles; deveria ficar parada por algum tempo até que parassem, e se precisasse de algo, estaria na sala ao lado.

Aula 01: Apresentação da professora

LouAnne Johnson, ao entrar em sala, depara-se com jovens ouvindo músicas em fones de ouvido, ou cantando em grupos um *rap*, ou conversando entre eles, sem se importarem com a sua presença. LouAnne, sem sucesso, tenta chamar a atenção deles, perguntando para uma das alunas qual era a razão de a professora Shepherd ter ido embora.

A jovem sobe em uma carteira e anuncia a todos o que a professora perguntara. Todos riram e disseram que um dos alunos, o Emílio Ramirez, assediara a antiga professora e, por isso, ela fora embora. Emílio nega e afirma que a outra era muito feia, mas que, se fosse a atual, poderia assediá-la. LouAnne fica séria e pergunta o nome do aluno e escreve na lousa: Emílio Ramirez.

Todos passam a gritar e a bater nas carteiras. Sem conseguir a atenção dos alunos, LouAnne sai da sala sob gritos e papéis jogados pelos alunos. Vai até a sala do amigo, abre a porta e o professor sai para conversarem no corredor.

LouAnne Johnson fica sabendo pelo amigo que a antiga professora demitiu-se, porque ficara à beira de uma crise de nervos e as substitutas também não conseguiram lecionar para aquela sala.

Diante da negativa de LouAnne de que não conseguiria ensinar aqueles alunos, o amigo a convence de que poderia desde que conquistasse a atenção deles ou, então, deveria desistir de seu sonho de lecionar.

Em casa, LouAnne analisa o currículo da escola e lê um depoimento, no livro *Assertive Discipline (Disciplina Enérgica*, de Lee e Marta Canter), de uma crítica a uma ação idêntica a

que praticara em sala, como a de escrever o nome de Emílio na lousa quando ele a ofendeu. Sorri, deixa o livro de lado e fica pensativa. Depois, parece ter tomado uma decisão. Vai até o guarda-roupa e escolhe roupas mais esportivas e diz que os alunos iriam ver quem era ela.

Aula 2 : Caratê como defesa e nota máxima para a avaliação

LouAnne, vestida com calça jeans, jaqueta de couro e botas, aguarda os alunos em sala, sentada em sua cadeira e com os pés sobre a mesa do professor. Uma aluna entra e pergunta-lhe se o que lhe acontecera na aula anterior já não teria sido suficiente. Enquanto, os demais entram em sala conversando e rindo, LouAnne vai até a lousa e escreve que era uma marinheira e que sabia lutar caratê. Uma aluna quer saber se aquilo era verdade mesmo. A professora explica que era reservista, mas que havia sido uma oficial da marinha.

O aluno Emílio Ramirez diz que lutaria com a professora, que afirma não poder tocar nos alunos, mas se ele quisesse uma demonstração poderia ir até a frente. Diante da negativa do aluno, porque ela não o tocaria, a professora chama outro e aponta para Durrell Chang e Raul Sancho. Ambos vão à frente e iniciam movimentos como se estivessem lutando, mas LouAnne critica a luta dos dois.

Um aluno se aproxima da professora e faz um gesto de ataque de caratê e, imediatamente, a professora se defende e os outros se entusiasmam, riem e caçoam do colega. Enquanto isso, a professora organiza um espaço para iniciar as primeiras instruções da luta.

Ensina aos dois alguns golpes de defesa, mas um deles exagera, o outro reclama e iniciam uma discussão, mas ela consegue parar a confusão, dizendo-lhes que toda a sala iniciaria o curso com a nota máxima, mas que, a partir daquela data, teriam de se dedicar para mantê-la.

Aula 3: Conjugação verbal

Na sala, os alunos dançam um *rap* e conversam antes de a professora chegar. Quando entra em sala, muitos alunos imitam e gritam como se fossem caratecas. Ela sorri e corresponde com outro gesto e avisa que estudarão

conjugação verbal. Um dos alunos pergunta sobre o caratê, mas ela avisa que não poderia só ensinar a lutar e que, na próxima semana, poderia lhes ensinar outro movimento.

A professora escreve uma frase na lousa e os alunos estão conversando e nem prestam atenção. Ela apaga a frase e escreve outra: *Nós queremos morrer*. Pergunta-lhes se aquilo era verdadeiro, e uma aluna responde que era mentira, mas que eles gostariam que a professora morresse. Ela quer saber se era verdade, e outra responde que, se tivessem de escolher, optariam por sua morte. A partir dessa opinião, ela escreve *escolher*. Um aluno reclama se ela desejaria a morte dos alunos, mas a professora afirma que gostaria apenas de manter a nota máxima.

LouAnne insiste para que os alunos identificassem o verbo na frase escrita na lousa, mas eles se negam a responder, exigem as aulas de caratê, ou saem para ir ao banheiro.

Ela insiste com os alunos, perguntando-lhes qual teria sido o verbo mais significativo daquela aula. Um aluno responde *morrer*, outro *urinar* e a aluna Callie Roberts arrisca o verbo *escolher*. LouAnne se interessou pelo que a aluna disse e pergunta-lhe qual seria a razão daquela opção. Callie responde que esta era a diferença entre ser livre e ter medo, para dizer eu *escolho* e pronto.

Outro aluno questiona a argumentação da aluna, pois onde ele mora não há muitas escolhas, principalmente, quando se tem uma arma apontada para a cabeça. Durante esse debate, a professora descobre que os alunos estão lendo o livro *Meu bem, meu hambúrguer* para estudarem pronome possessivo, substantivo e outros. A vice-diretora entra na sala e pede para que LouAnne, depois da aula, vá até a diretoria para falar com o senhor George Grandey. Os alunos caçoam da professora, dizendo que ela se dera mal.

Em reunião com Carla Nichols e o diretor, LouAnne é criticada, primeiramente, por ter entrado na sala da diretoria sem ter batido à porta, depois por ter ensinado caratê aos alunos, o que era ilegal e, se houvesse lesões corporais, poderia receber um processo judicial.

O diretor a informa que deveria seguir o programa da Secretaria de Ensino, mas a professora o questiona, pois seus alunos nem sabiam o que eram verbos. A vice-diretora aproveita para dizer que ensinar verbos em uma frase sobre *morte* não era o indicado, mais uma vez LouAnne se defende afirmando que precisava de uma frase de impacto que era mais

indicada que o livro escolhido para a leitura. No entanto, o diretor insiste para que ela siga o currículo de qualquer maneira.

Depois, LouAnne encontra-se com o Hal Griffith que a alerta para não se render às ordens dos diretores. Concorde com ele, pois precisaria de papel para elaborar uma atividade que desafiaria o currículo escolar. O amigo a informa que não havia papel e nem qualquer outro material didático na escola.

Aula 04: Classes de palavras e recompensas como avaliação

A professora distribui barras de chocolate para os alunos que acertam as classes de palavras nas frases escritas na lousa. Depois, informa que estavam preparados para aprender poesias. Um aluno quer saber o que a poesia teria a ver com a aula. A professora explica que quem lê poesia está preparado para ler tudo, inclusive viajar até a lua.

Depois, entrega cópias de uma poesia para os alunos, que se mostram resistentes a essa atividade. LouAnne conta-lhes que ao terminarem essa tarefa os levaria a um parque de diversão. Os alunos duvidam da afirmação de que a Secretaria da Educação disponibilizaria verbas para essa atividade. O aluno Emilio Ramirez interfere, alertando a todos que era mentira, pois a Secretaria nunca havia feito nada por eles. Mesmo assim, a professora continua a aula, mas no fim da aula um dos alunos se aproxima e diz-lhe para que não mentisse para eles. A aluna Callie Roberts a aconselha a conquistar Emílio, pois assim os demais passariam a respeitá-la.

Na saída, pergunta a Hal Griffith qual era o seu poeta preferido, pois desejaria ensinar poesia aos alunos. Griffith duvida que isso fosse possível, mas responde-lhe que gostava muito de Dylan. A professora pensou que fosse Thomas Dylan e criticou a escolha do amigo, porque era extremamente melancólico e a linguagem de um poeta morto poderia não aproximar os estudantes da literatura. Todavia, o amigo diz que estava se referindo a Bob Dylan e entra no carro cantando um refrão da música *Mr. Tambourine man*.

Aula 05: Análise da música Mr. Tambourine Man, de Bob Dylan

Raul Sancho lê, com dificuldade, as duas primeiras linhas da música de Bob Dylan e depois Taiwana termina o refrão:

Hei! Senhor Tocador de Tamborim, toque uma canção para mim,
 Não estou dormindo, e não há lugar onde eu possa ir.
 Hei! Senhor Tocador de Tamborim, toque uma canção para mim.
 Nos treme-tremes matinais eu irei atrás de você.

A professora explica que a música poderia ser interpretada como uma forma de se abordar questões relativas às drogas, pois *Mr. Tambourine Man* poderia ser uma espécie de codinome para desviar a atenção das autoridades, pois na década de 1960 havia uma forte pressão contra usuários de drogas. Um debate se inicia entre os alunos e LouAnne aproveita para discutir sobre a questão das escolhas e tenta chamar a atenção de Emilio Ramirez que se recusa a participar.

Na manhã seguinte, antes do início da aula, Emilio Ramirez briga com Raul Sancho e Gusmaro, por causa de uma dívida. LouAnne interveio dizendo a Emilio que ele era mais forte que os dois juntos e fez com que os três prometessem que não iriam mais brigar. No entanto, a namorada de Emilio afirma que a professora interferiu em um assunto muito sério e que eles não desistiriam de se vingar. Naquele mesmo dia, no vestiário da escola, aqueles alunos entram em luta corporal e são controlados por seguranças.

A polícia é chamada e LouAnne conversa com Raul Sancho sobre terem prometido não se vingar, mas o aluno explica que para serem respeitados na comunidade precisaram fazer aquilo e que compreendiam a atitude da professora.

Na delegacia, LouAnne conversa com Emilio que se mostra resistente a qualquer ajuda, pois a realidade dele era muito diferente da professora. Ele conta que era de uma família pobre e com muitos problemas, por isso não aceitaria a ajuda da professora, do tipo “não às drogas”, entre outras coisas.

Depois, LouAnne decide ir até a casa de Raul Sancho, que mora em uma casa simples com seus pais e mais quatro irmãos. O pai do aluno afirma que iria castigá-lo por não ter se comportado adequadamente, mas a professora afirma que, na verdade, não era culpado, pois precisou se defender e que, além disso, ele era um excelente aluno. Depois vai à casa de Gusmaro e de Emilio Ramirez.

Aula 06: Leitura de um poema de Dylan Thomas

LouAnne lê alguns versos de um poema de Dylan Thomas: *Não irei para baixo da terra, porque alguém diz que a morte vem vindo...* Em seguida, pergunta se aquele trecho se tratava de um código, ou era realmente a verdade. Os alunos estão em silêncio e não respondem à sua pergunta. A professora lê mais um trecho: *Eu não me deitarei para a morte. Quando for*

para o meu túmulo irei de cabeça erguida... Mais uma vez, pede que os alunos analisem a expressão: *Irei de cabeça erguida* e não obteve nenhuma resposta.

LouAnne quer saber se eles desejavam falar sobre algo que ela desconhecia. Uma aluna a acusa de ter sido a culpada da suspensão de Sancho e de Gusmaro, além da prisão de Emílio. Ela se dispõe a conversar sobre o assunto e um dos alunos afirma não ter outra escolha, pois era algo raro para eles. LouAnne afirma que eles tinham a opção da escolha de ir ou não para a escola, mas um aluno discorda, pois, se assim fizessem, não se formariam. Uma aluna fala que ela não sabia nada da vida deles, pois andavam de ônibus por muitas horas para irem até a escola.

LouAnne tenta fazê-los compreender que estudar fazia parte das escolhas deles, porque na periferia em que moravam muitos haviam escolhido não estudar, e sim viver o mundo das drogas, ou matar, o que não era o caso deles que ali estavam. Assim, aqueles que escolheram subir nos ônibus, são aqueles que dizem: *eu não deitarei para a morte... E quando for para o túmulo, irei de cabeça erguida...*

A professora repete que isso era uma escolha e que ali não havia vítimas. Quando uma aluna a questiona por que se preocupava com eles, já que estava ali por dinheiro, responde que era uma escolha dela e nem tanto pelo salário.

A pedido de Emílio Ramirez, LouAnne repete os versos: *Eu não me deitarei para a morte, porque alguém me diz que a morte vem vindo*. Depois ela pergunta se o que foi dito era o que se queria dizer. Emílio não concorda. Para ele, não se morre quando se é avisado que a morte está chegando, mas somente quando se está morto.

Callie Roberts concorda com ele, mas afirma que o autor quis dizer que não ajudaria a morte, mas sim que escolheria lutar contra a morte. Alguns alunos dizem concordar com a aluna.

A professora continua o poema e deseja saber o que significaria: *irei de cabeça erguida*. Um aluno responde *morrer com orgulho*. A aula termina, e Emilio Ramirez, que fica por último, a elogia por ter ido à casa de Sancho e de Gusmaro.

A professora e os alunos vão para o parque, mas na volta o diretor a repreende por não ter avisado do passeio e a Secretaria da Educação poderia solicitar a sua demissão. LouAnne

mente dizendo que foram os alunos que a convidaram para irem ao parque, por isso não poderia deixar de aceitar o convite e que, além disso, havia arcado com as despesas. Quando questionada sobre levar os alunos ao parque seria uma espécie de recompensa por terem lido poesias, LouAnne afirma que esse tipo de leitura em sala de aula já era uma recompensa.

Aula 07: Orientações sobre o concurso Dylan vs Dylan

Todos os alunos têm nas mãos um cardápio do restaurante Flowering Peach, um dos melhores da cidade e a aluna Ângela lê um prato à base de camarão. A professora os informa que o vencedor do concurso Dylan *versus* Dylan iriam jantar com ela naquele local. Os alunos se interessam em saber sobre o concurso e ela explica-lhes que os grupos deveriam pesquisar uma poesia de Dylan Thomas, que é parecida com uma letra de música de Bob Dylan e quem a encontrasse venceria o concurso.

Os alunos pesquisam na biblioteca da escola sob os olhares atônitos das bibliotecárias. Comentam o que leem, discutem o fato de que em quase todas as poesias de Thomas Dylan têm por temática *a morte* e que achar uma parecida com a música Mr. Tambourine man estava difícil.

Callie Roberts lê alguns versos de uma poesia encontrada em um livro de Dylan Thomas para o seu grupo e todos concordaram que havia relação com a música: *Não vá delicadamente para essa boa morte. A idade deveria arder e inflamar no fim do dia. Inflamar, inflamar contra a luz que se apaga.* Diante da dúvida de Sancho sobre a morte, Callie analisa que *a boa morte* é a chave e Durrell Benton percebe que a frase *não vá delicadamente para essa boa morte* relaciona-se com *eu não me deitarei para a morte*. Os três ficam confiantes de terem encontrado o poema.

LouAnne lê, em casa, as pesquisas dos alunos e faz algumas anotações nas folhas dos alunos.

Aula 08: Vencedores do concurso Dylan vs Dylan

LouAnne anuncia que os vencedores do concurso foram Raul Sancho, Callie Roberts e Durrell Benton, abraça-os dando-lhes os parabéns e entrega-lhes os certificados. Depois, coloca uma caixa sobre a mesa e pede que os demais retirem, também, um prêmio. Durrell a questiona sobre os prêmios, uma vez que os outros não acertaram e LouAnne explica que, muitas vezes, é preciso errar para acertar.

Após a aula, enquanto LouAnne arruma a sala, Callie entra e a informa que não poderia ir ao restaurante, pois trabalha todas as noites em um mercado. A professora diz que, então, o jantar iria até ela, para isso, deveria escolher um prato no cardápio e sorri dizendo-lhe que aceitava encomendas.

Durrell também não fora ao jantar por causa do trabalho. Durante o jantar, LouAnne fica sabendo que, para ir ao restaurante, Raul Sancho comprara uma jaqueta de couro de um camelô e para pagá-lo precisaria faltar à aula durante uma semana até arrumar o dinheiro. LouAnne preocupa-se como o aluno arrumaria o dinheiro, por isso afirma que lhe faria um empréstimo, desde que não abandonasse os estudos; o pagamento seria com a sua própria formatura. A princípio, o estudante se incomoda com a situação, mas depois compreende os motivos da proposta da professora.

Naquela mesma noite, LouAnne leva o jantar para Callie, que está trabalhando arduamente no supermercado. Em conversa com Callie, a orienta a estudar inglês avançado devido as suas excelentes notas, mas a aluna informa que será transferida para a Clearview, porque está grávida e, por isso, não poderia continuar na escola. Afirma que naquela escola aprenderia, nas aulas, como cuidar de um bebê.

Aula 09 : Análise de poemas

Enquanto os alunos analisam poemas, LouAnne percebe a falta dos irmãos Lionel e Durrell Benton, mas a turma não sabe o que aconteceu com os dois. Um aluno quer saber qual seria o prêmio para os que acertassem a análise do poema. A professora explica que o maior prêmio seria o aprendizado, pois saber ler um poema os fariam aprender a pensar.

Além disso, a aquisição de conhecimento os conduziriam a melhores escolhas. Aprender era como exercitar os músculos, pois quanto mais os fortalecessem, mais preparados estariam para enfrentar o mundo. LouAnne continua dizendo-lhes que estava oferecendo as armas do conhecimento, porque, se todos estiverem preparados, dificilmente seriam derrotados.

Com a vice-diretora Carla Nichols, LouAnne comenta sobre a transferência de Callie e afirma que lutaria para que a aluna não fosse transferida. Comunica que escreveria uma carta aberta para a mídia contra o preconceito da Secretaria da Educação. Nesse momento, descobre que a Secretaria nem sabia o que estava acontecendo, pois essa era a prática da escola, como uma espécie de exemplo para as demais jovens, caso contrário aumentar-se-ia o número de alunas grávidas. LouAnne demonstra indignação pela forma moralista com que a

escola conduzia essa situação, ou seja, aplicava certas medidas punitivas para dar a impressão de um amparo às jovens, pois assim imaginariam que a gravidez era algo ilegal na escola.

LouAnne vai até a casa de Callie Rogers para dizer-lhe que não era ilegal ficar em Parkmount e, portanto, não precisaria se transferir para Clearview. As duas conversam sobre particularidades da vida. LouAnne explica que também se casara e abortara um filho, porque o marido lhe batia. Pede para a aluna não desperdiçar a vida saindo da escola.

Na porta da escola, um ex-namorado de Ângela acusa Emílio Ramirez de ter lhe roubado a namorada e o ameaça de morte.

LouAnne vai até a casa dos irmãos Durrell e Lionel Benton, pois não estavam indo para a escola há mais de uma semana. A mãe dos alunos os manda entrar para cumprirem uma tarefa doméstica. Apresenta-se a Mary Benton, que a ignora e a acusa de tentar mudar a cabeça de seus filhos, pois os ensinava poesias e eles tinham coisas mais importantes para fazer, por isso não frequentariam mais a escola. Mesmo diante da insistência de que eles terminassem o segundo grau, Mary Benton ofende LouAnne e pede-lhe para que tentasse salvar outros negros, pois os seus filhos teriam que trabalhar para pagar as despesas da casa.

Aula 10: Estudo de vocabulário

Os alunos leem alguns trechos de um poema, mas LouAnne está absorta e demonstra tristeza, por isso pede aos alunos que estudem o vocabulário.

Depois da aula, Emílio e Ângela discutem. Ao ver a professora saindo da escola, a aluna avisa-lhe que o namorado estava armado, pois Shorty, um ex-viciado em crack, ameaçou Emílio de morte, por acreditar que havia tirado a namorada dele. A professora tenta demovê-lo da ideia de matar Shorty, mas Emílio explica que essa era a lei, se não o matasse primeiro, morreria. A professora insiste e o leva para a sua casa.

Na casa da professora, os dois discutem a melhor saída para esse problema. Para LouAnne, Emílio deveria contar tudo para o diretor Grandey, pois assim o outro jovem iria para o reformatório; lá seria desintoxicado e, ao sair, se esqueceria da ameaça que lhe fizera. Pela manhã, percebe que o aluno já havia saído. A professora vai conversar com o diretor, que confirmara a presença do aluno na direção, mas não o atendera, porque não batera à porta antes de entrar. LouAnne se desespera e vai até a sala de aula e verifica a ausência do aluno.

A vice-diretora vai até a sala de aula e lá fora a comunica que o jovem havia morrido com um tiro naquela manhã, LouAnne chorando comunica o fato aos alunos, que ficam também consternados. À noite tem dificuldades para dormir.

Aula 11: Despedida da professora

LouAnne comunica aos alunos que não lecionaria mais no ano seguinte. A maioria quer saber os motivos. Perguntam se um deles seria a morte de Emílio. A professora lhes responde, chorando, que era uma das razões, mas havia também o caso dos irmãos Benton e da aluna Callie.

Raul Sanchoero inconformado quer saber por que a professora se preocupava tanto para que ele se formasse. Além do mais se, realmente, amasse os alunos, não os deixaria sem motivos. Sanchoero a acusa de se preocupar com os que saíram da escola e de não se importar com os que ficaram, pois eles também estavam se esforçando muito nos estudos, por isso gostaria de saber as verdadeiras razões de sua desistência.

No fim da aula, Raul Sanchoero ajuda a professora a guardar alguns objetos em uma caixa e quer saber como poderia pagar a dívida, mesmo não se formando. LouAnne afirma que ele deveria continuar os estudos, mas ele afirma que nenhum outro professor lhe daria a nota máxima. LouAnne explica que é mais difícil manter uma boa nota do que tirá-la de vez em quando. Além disso, os poemas que ele já sabia interpretar eram ensinados na faculdade, por isso tinha condições de continuar os estudos. Abraça-o carinhosamente.

O amigo Griffith a ajuda a levar as caixas para o carro e concorda com a sua saída, pois somente um louco e fumante feito ele continuaria na escola.

Durante a noite, fica pensativa na varanda de sua casa.

Aula 12: O retorno ao magistério


Ao entrar em sala, vê Callie Roberts na sala, que justificou que retornara por estar, ainda, dentro do prazo legal para desistir da transferência. LouAnne quer saber se ela voltara por causa do prazo ou fora convidada por Raul Sanchoero, a fim de impedi-la de sair da escola.

A aluna confirma as duas coisas, pois antes não sabia qual era a melhor atitude a ser tomada e que imaginara que a professora estaria ali para ajudá-la quando ela voltasse da Clearview.

Assim todos decidiram que não a deixariam partir sem antes lutar. Raul Sanchoero cita um verso de Dylan Thomas: *você tem que lutar contra o apagar da luz...* Outro aluno afirma que deveriam lutar pelo que era deles. LouAnne

tenta explicar-lhes que teria sido uma escolha, mas os alunos insistem para que ela fique e para isso brincam com a professora, dão-lhe chocolates, ensinam a professora a dançar e a abraçam carinhosamente.

Depois da aula, Hal Griffith quer saber o que os alunos lhe fizeram para que ela decidisse continuar. LouAnne diz que eles a chamaram de luz e deram-lhe chocolates.

FICHA TÉCNICA: <i>MÚSICA DO CORAÇÃO</i>			
	Título Original: Music of the heart		
	Título Traduzido: Música do coração		
Gênero:	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	Pamela Gray	Wes Craven	Português/Inglês
Ano de Produção:	País de Produção:	Duração do Filme:	
1999	Estados Unidos	126 min	
PERSONAGENS:			
Professora: Roberta Guaspari Demetras (Meryl Streep)			
Representante da escola: Diretora: Janet Willians (Angela Basset).			
Professores: Dennis Rausch (Josh Pais); Isabel Vasquez (Gloria Estefan)			
Família: Mãe: Assunta Guaspari (Cloris Leachman) Filhos : 1. Lexi (atores: Henry Dinhofer, Lexi aos 5 anos e Kieran Culkin, Lexi aos 15); 2. Nick (atores: Michael Angarano, Nick aos 7 anos, e Charlie Hofhmeir, Nick 17) Ex- marido: Charles Demetras (o personagem não aparece no filme, só em fotos)			
Amigos: Brian Turner (Aidan Quinn; Dan Paxton (Jay O.Sanders); Dorothea von Haeften (Jane Leeves).			
Alunos (principais) Becky (Lucy Nonas-Barner) DeaSean (com 11 anos, Jade Yorker; com 21, Omari Toomer) Guadalupe (com 9 anos, Zoe Sternbach-Taubman; com 19, Molly Gia Foresta) Justin (Dominic Walters) Lawrence (com 5 anos, Cole Hawkins; com 15, Scott Cumberbatch) Lucy (com 10 anos, Victoria Gomes; com 20, Cristina Gomes) Naeem (com 9 anos, Justin Spaulding; com 19 anos, Majid R. Khaliq) Raquel (Melay Araya) Ramon (Jean Lucke)			
Apresentações especiais de músicos internacionais Michael Tree, Charles Veal Jr, Arnold Steinhardt, Karen Briggs, Itzkak Perlman, Isaac Stern, Sandra Park, Diane Monroe, Joshua Beel e Mark O'Connor			
TRILHA SONORA: Randy Spendlove			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *MÚSICA DO CORAÇÃO*

O filme *Musica do coração* foi inspirado no documentário *Small Wonders*, um longa metragem de 77 minutos, do diretor Allan Miller e Lana Miller, de 1995, que conta a história real de Roberta Guaspari. A dedicação dessa professora que sempre ensinou violino para crianças carentes – além de garantir aos alunos tocarem no teatro *Carnegie Hall*, em Nova Iorque, juntamente com famosos violinistas – contribuiu para a criação da *Opus 118 Harlem School of Music*¹¹, que sobrevive até os dias de hoje por meio de patrocinadores, doações e de apresentações em público.

No filme, várias fotos de Roberta Guaspari Demetras aparecem durante os créditos do filme *Música do coração*. São fotos antigas desde a sua infância, quando brincava e treinava violino, sempre perto de seus pais; outras que mostram o seu casamento com Charles Demetras, um oficial da marinha e, sequencialmente, surgem as de suas duas gravidezes: a primeira do nascimento de Nick e, a outra, de Lexi. Nas fotos, todos estão felizes.

A história acontece na década de 1990, com a separação de Roberta Guaspari Demetras, por causa de uma traição do marido com uma amiga do casal, Lana Holden, após se conhecerem na Grécia, em uma das muitas residências, devido às constantes mudanças por causa do trabalho do marido.

A separação fez com que ela inicialmente voltasse para a casa de sua mãe, juntamente com os filhos. No seu primeiro emprego, em uma loja de presentes, reencontra Brian Turner, um antigo colega de escola, um escritor que fora à loja para comprar presentes para a mãe. Depois do expediente, conversam e Roberta conta-lhe o que ocorrera. Por acreditar na sua capacidade como violoncelista, Brian Turner indica a escola pública, cuja diretora era sua amiga, para que Roberta lecionasse música.

¹¹ Criada em 1991 pela professora Roberta Guaspari, juntamente com a comunidade e musicistas famosos voluntários, para que, inicialmente 150 crianças das escolas públicas de East Harlem não ficassem sem o programa de violino, devido a cortes orçamentários na educação. A entidade teve um reconhecimento internacional, a partir de 2002, após o documentário *Small Wonders* e o filme *Música do Coração*. Trata-se de uma organização privada, sem fins lucrativos que, em seu currículo, inclui viola, violoncelo, violão, coral e educação musical desde a primeira infância até adultos de baixa renda que queiram aprender um instrumento ou aprimorar habilidades musicais. Disponível em: <<http://www.opus118.org/>>. Acesso em 20 fev. 2012.

Roberta Guaspari procura a diretora Janet Willians que, em razão de sua pouca experiência, não a contrata inicialmente. No entanto, Roberta Guaspari não desiste e, no dia seguinte, leva os seus dois filhos para que tocassem violino para a diretora, que estava com o professor efetivo de música Dennis Raush organizando o programa da disciplina. Após a apresentação de Nick e Lex, a diretora encanta-se pela habilidade das duas crianças e a contrata como suplente de um curso extracurricular.

As aulas iniciais de Roberta Guaspari foram frustrantes para ela, pois os alunos não sabiam nada sobre música e pareciam desinteressados em aprender música clássica, além de muitos terem vergonha de tocar aquele instrumento tão requintado para aquela periferia.

No entanto, com muita dedicação, conseguiu apurar o gosto musical dos alunos e conquistar a confiança dos pais e da comunidade local. Foram 10 anos de estudos que culminaram na criação do Curso de Violinos East Harlem, em que mais de mil alunos aprenderam a tocar.

Depois desse intenso trabalho educativo, o Conselho de Educação decidiu extinguir o curso, pois não o considerava prioritário para a formação cultural dos estudantes. Inconformada com essa decisão, Roberta Guaspari consegue reunir-se com a comunidade e aliar-se a jornalistas para denunciar essas atitudes arbitrárias.

Com a ajuda da jornalista Dorothea von Haeften, esposa do famoso violoncelista Arnold Steinhardt, Roberta Guaspari consegue realizar o sonho de continuar as suas aulas de violino. As amigadas influentes de Arnold Steinhardt levam a professora até o Carnegie Hall para apresentar o Festival de Violinos de 1993, e muitos artistas internacionais da música abraçaram a sua causa. A força do espetáculo e os fundos arrecadados com a apresentação permitiram que o curso continuasse ainda por mais três anos. Depois os esforços da comunidade, dos voluntários e dos colaboradores permitiram a continuidade dos trabalhos dessa professora.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME *MÚSICA DO CORAÇÃO*

Roberta Guaspari, depois de separada, vai para a casa de sua mãe Assunta com os dois filhos Nick, de 7 anos e Lexi, de 5 anos. Durante a organização da mudança, a mãe ao vê-la sofrendo, pede-lhe para arrumar um emprego, porque assim esqueceria o marido e ajudaria nas despesas da casa. Roberta Guaspari começa a trabalhar em uma loja de presentes e lá encontra um amigo de infância, Brian Turner, um escritor, que fora comprar um presente.

Depois do expediente, eles conversam e Brian indica-lhe uma amiga, diretora de uma escola pública. Roberta Guaspari vai até a escola que fica no East Harlem, entre a Rua E1065th, no Central Park East 1, com a Rua Madison, para tentar arrumar uma vaga de professora de música. No caminho estranha a região, carente e cheia de jovens briguentos pelas ruas.

Devido a pouca experiência, a diretora Janet Willians, ao ler o seu currículo, não a contrata. No entanto, no dia seguinte, a musicista resolve voltar para apresentar os seus dois filhos tocando violino. A diretora, que estava com o professor efetivo de música Dennis Rausch analisando o planejamento para o próximo ano, gostou muito do que viu e ouviu e, mesmo sob o protesto do professor por não terem violinos e nem acreditar na capacidade dos alunos da escola, contrata Roberta Guaspari como substituta de um curso extracurricular de música.

Aula 01: As partes de um violino

Na primeira aula, Roberta enfrenta grandes desafios, pois os alunos começam a brincar com os violinos, batucam sobre eles, dedilham como se fossem violões. A professora pede para que todos se acalmem, mas diante do comportamento de uma das crianças que nem sequer a ouve e continua batucando em um dos violinos, ela o manda ir para a diretoria e pergunta se mais alguém desejaria ir também.

DeaSean levanta a mão e diz que não quer aprender violino, pois este instrumento era para homossexuais. Todos riem, mas a professora não o expulsa, por considerar que ele queria um argumento para sair da sala e, por isso, não apresentou uma boa razão para ser expulso.

Explica a todos que na primavera, possivelmente haveria um grande concerto com a presença de pais e da comunidade escolar e que se seguissem as suas orientações tocariam e se sentiriam muito orgulhosos disso.

Ensina o aluno Naeem a segurar o violino, enquanto os demais observam atentamente as orientações dadas por Roberta. Durante a aula, faz uma relação do tipo adequado de violinos para cada um deles.

Ao ser aceita naquela escola, precisou inicialmente, juntamente com os filhos morar na casa de Brian Turner. Em seu primeiro dia de aula, à noite, comemora com o amigo. Ela comenta ter gostado muito do seu livro e ele a agradece. Aproxima-se dela e a acaricia, apesar de resistir inicialmente, os dois dormem juntos. Na manhã seguinte, Brian está pronto para viajar para o Texas, onde ficará por três meses pesquisando sobre os agricultores daquela região para o seu novo livro. Ela fica insegura, mas ele garante que ficará bem, pois tem um emprego e um lugar para ficar com os filhos.

Aula 02: Os cuidados com o violino: lubrificar aro e apertar cordas

Roberta Guaspari está com o aro do violino nas mãos e pergunta para os alunos o que estaria fazendo. Um deles levanta a mão e diz que ela está limpando o arco, e depois que está afinando as cordas. Enquanto isso, os outros alunos conversam muito. A professora aponta para uma parte do instrumento e deseja saber o nome. Como DeanSean está a conversar, o chama e ele afirma não saber por ter faltado à aula.

Ela insiste afirmando-lhe que ele sabia, mas não queria participar. Dirige a pergunta a Naeem que diz tratar-se de haste (cravelha). Ao mostrar outra parte do violino, incomoda-se com a aluna Lucy que está estalando os dedos e a repreende perguntando-lhe se gostaria que alguém fizesse aquilo enquanto ela falasse. A aluna diz que sim e todos sorriem.

Na outra sala está o professor de música ensinando outros alunos a tocarem flauta de forma a repetir as notas musicais, dó, ré, mi diversas vezes, enquanto faz anotações avaliativas de cada um dos alunos. Roberta Guaspari entra em sua sala para saber sobre os alunos da professora Cooper que não estavam na sala de música, conforme a programação escolar. Dennis Rausch afirma que eles foram encaminhados para as de Educação Física e que, provavelmente, estivesse enganada quanto ao cronograma. Ela afirma ter certeza e sai para falar com a diretora, mas não é atendida, pois está ocupada demais em resolver questões disciplinares.

Aula 03: Equilíbrio, postura e envergadura para tocar violino

Nessa aula, Roberta ensina os alunos a melhorarem a postura para manter o equilíbrio ao segurarem o instrumento sobre os ombros. Pede-lhes que apoiem bem os pés separadamente de maneira a formar uma base. Os pés direito e esquerdo deveriam ficar afastados e apoiados no chão. Deveriam sentir-se bem firmes, pois se recebessem um leve empurrão não se desequilibrariam. Sente a falta de Naeem, mas ninguém sabe por que ele faltou.

Faz o teste com alguns alunos, mas quando toca em Guadalupe, esta cai para trás. Nesse instante, percebe que a aluna tem uma deficiência em uma das pernas e usa uma bota mecânica. Pede que os outros alunos cooperem e tragam uma cadeira para que a aluna pudesse sentar para tocar o instrumento. DeaSean, prontamente leva uma cadeira para a amiga e a professora lhe agradece.

Depois da aula, vê Naeem na porta da escola e vai falar com ele e descobre que a mãe o impediu de ir à aula de música. A professora conversa com a mulher que afirma não querer que o filho estudasse violino por ser um instrumento de brancos, pois nunca conhecera nenhum violinista negro e o seu filho deveria aprender coisas mais importantes. Roberta insiste e Naeem também, mas a mãe afirma não acreditar na suposta bondade dos brancos, que quererem salvar uma criança negra e pobre, por isso o seu filho não frequentaria as aulas de música.

Roberta Guaspari e os filhos estão em casa e o marido telefona pedindo divórcio. À noite, ela telefona para Brian e afirma que largaria tudo e voltaria para a casa da mãe. Ele tenta movê-la dessa atitude. Na manhã seguinte, vai até a escola para pedir demissão, tenta falar com a diretora, que, envolvida com questões aluno, não a atende e pede-lhe que fale com ela mais tarde. Vai até a sala de música e encontra Guadalupe.

Aula 04: Enfrentar as dificuldades físicas

Guadalupe está na sala, sentada em uma cadeira tentando tocar violino. Roberta Guaspari estranha o fato de a aluna não estar na sala de aula com os outros alunos, mas a aluna explica-lhe que estava tentando tocar melhor, pois não a era como os outros, pois não conseguia tocar apoiando-se nas pernas. Roberta conta-lhe que Itzhak Perlman é um dos maiores violinistas e também

precisa de muletas para andar, por isso precisa sentar-se para tocar assim como Guadalupe. A aluna admira-se por saber que há alguém com os mesmos problemas que o dela.

Roberta Guaspari afirma que a aluna não deveria desistir pelo fato de ser “difícil”. E quando Guadalupe, com dificuldades, tenta levantar-se e diz que não consegue ficar firme para se equilibrar, a professora lhe afirma que não precisava ficar firme com o corpo, mas sim por dentro. A aluna a abraça carinhosamente.

No intervalo conhece a professora da 2ª. série, Isabel Vasquez, que se aproxima de Roberta e comentam sobre o fato de as outras professoras a terem ignorado. Para Isabel Vasquez, havia dois motivos: o primeiro, por ela não ser efetiva e uma novata na escola; e o segundo, porque elas eram umas “idiotas”.

A professora aluga uma casa próxima à escola para morar com os dois filhos.

Aula 05: Ensaio de violino com os alunos

Ao ensaiar violino com os alunos, percebe que nem todos treinaram o suficiente em casa. DeaSean afirma que ficou doente e teve de ir para o hospital, mas a professora não acredita, porque já dera essa desculpa na aula anterior. Lucy disse que a avó morreu em um assalto e recebe as condolências de Guaspari.

Na saída da escola vê o aluno Naeem e vai conversar com a mãe dele. Conta-lhe que não desejava salvar ninguém e que era mãe solteira e precisava do emprego. Além disso, afirma-lhe que estava enganada ao imaginar que protegia Naeem. Para convencê-la, cita o grande tenista negro, Arthur Ashe, que se a mãe dele o tivesse proibido de jogar, por considerar um esporte de branco, estaria cometendo uma grande injustiça. Além disso, que o mais importante era o aluno, pois sempre que tocava violino o seu rosto se iluminava. Com lágrimas nos olhos a convida para vê-lo tocar.

Em casa, tarde da noite, Roberta Guaspari está na janela observando o movimento da rua e o filho Nick acorda e quer saber como fora o dia do nascimento dele, que fora na mesma data de seu avô materno. Na manhã seguinte, os filhos pedem para comprar um cachorro na feira local, ela resiste, mas cede aos desejos dos filhos.

Aula 06: Ensaio de violino

No ensaio com os alunos, a professora repreende a aluna Becky por estar na nota musical errada e que já lhe havia ensinado quatorze vezes; além disso, o tamanho das unhas a impediria de tocar direito. Fica nervosa com os alunos da sala e afirma-lhes que todos estavam péssimos.

A mãe de Naeem entra na sala e pede permissão para que o filho retome as aulas. O aluno recomeça as aulas.

Na sala da diretora, a mãe de Becky reclama que Roberta grita muito com os alunos. A mãe da aluna diz-lhe que educa a filha em um ambiente positivo e não para ser ofendida em sala de aula. Roberta afirma respeitar os alunos, apenas exige disciplina e treino para tocar violino. A diretora interfere e diz que a professora poderá ser menos exigente ao ensinar os alunos e Roberta promete mudar a sua prática pedagógica.

Aula 07: Mudança de estratégia para ensinar violino

Novo ensaio e os alunos tocam desafinadamente, mas Roberta, ao invés de criticá-los, os elogia. Eles estranham essa atitude, porque reconhecem que estavam desafinados e pedem para que a professora volte a ser como antes. A aluna Becky, cuja mãe havia reclamado, também pede que a professora volte a ser como antes. Roberta Guaspari volta a dar broncas e a exigir mais atenção dos alunos para tocarem.

Natal, os filhos viajam para ficar com o pai. Brian volta de viagem e fica naquela noite com Roberta Guaspari.

Guaspari compra uma casa que exige muitas reformas. A mãe Assunta que foi visitá-la, a repreende por não ter negociado melhor a separação, pois dessa forma, teria mais dinheiro para comprar uma casa melhor.

Aula 08: Ensaio de violinos: treinar a fermata

No ensaio de violinos para tocarem no Concerto da Primavera, a professora ensina a fermata (breve pausa para a entrada de outra nota musical). Enquanto os alunos seguram os seus arcos, prontos para a próxima nota, ela lhes ensina que aquela parada faz a plateia esperar o reinício da

música, causando expectativa em todos. Deixa os alunos segurando os arcos em seus violinos e brinca que irá tomar um café e depois voltaria. Os alunos pedem que ela volte. Rindo, diz-lhes que todos devem retornar a tocar juntos. Mas, ainda desafinam e DeanSean não acredita que conseguirão tocar no dia da festa. A professora incentiva-os a acreditarem que tudo dará certo.

Na reforma da casa, Bryan a critica por ter contratado ex-presidiários com pouca experiência, pois não estão realizando uma empreitada eficiente. Roberta Guaspari discute com ele sobre a questão de ter pouco dinheiro. Ambos discutem e Nick, de longe, presencia a briga.

Na escola, Nick briga com outro garoto e é suspenso das aulas por dois dias. A diretora Janet alerta Roberta que o filho está revoltado e precisa de atenção. Brian e Roberta com os filhos passeiam pelos parques da cidade. Roberta quer falar sobre casamento com Brian, mas este se esquivava. Quando chega em casa, Nick a questiona por que Brian não ficara com eles. Roberta explica o que aconteceu e o filho revolta-se, porque ela não conseguia ficar com ninguém; ela o acalma e diz para os filhos que saberia como cuidar deles e que nunca os deixaria.

Ao voltar, no dia seguinte, na casa em reformas despede todos os pedreiros. Bryan chega naquele instante e a parabeniza. Roberta Guaspari fala sobre os filhos e deseja saber se ele assumiria o papel de marido e pai das crianças, mas, diante da negativa dele, o manda embora de sua vida.

No dia da apresentação do Concerto da Primavera, pais e professores estão no auditório para ouvirem os alunos de Roberta Guaspari tocarem os seus violinos. Antes que a música termine ocorre a fermata, e os espectadores entreolham-se, enquanto os alunos, com seus arcos a postos, aguardam a ordem da professora para passarem para a próxima nota. A música reinicia e todos sorriem e no final os aplaudem em pé.

Dez anos depois, a diretora Janet Williams, o professor Dennis Rausch e Roberta Guaspari estão em uma sala de aula para apresentarem o 10º. Curso de Violinos da East Harlem. A diretora explica-lhes que devido à grande procura seria realizado um sorteio de 50 autorizações, que devem ser assinadas pelos pais. A diretora apresenta, também, Dorothea von Haeften, uma jornalista que fará uma reportagem para uma revista de educação musical, sobre o trabalho da professora Roberta.

Em outro dia, na casa de Roberta Guaspari, os filhos adolescentes tocam os seus instrumentos. Lex agora toca piano e Nick violoncelo. A aluna Rachel, que aguarda as aulas particulares da professora Roberta, organiza as partituras e afina o seu violino. Quando Guaspari chega, os filhos vão para a escola e reinicia-se a aula de violino. A aluna é perfeccionista e não se conforma em não acertar uma nota musical. A professora lhe informa que a aluna fará um teste para obter uma bolsa de estudos, indicada pela professora, para novos talentos na Julliard.

No dia do sorteio, havia muita expectativa entre os alunos e, em especial os nomes dos sorteados, eram chamados e um aluno, em especial, Ramon Chaves que foi o último a ser chamado. Na saída da aula, os que foram sorteados abraçam os pais. Roberta vai até o carro e encontra-se com Dorothea von Haefen, que lhe entrega um *book* das fotos que sairão na revista. Nesse momento, Roberta Guaspari fica sabendo que a profissional é casada com o violinista Arnold Steinhardt, do Quarteto de cordas Guarneri. A fotógrafa deixa-lhe um cartão de contato, caso precise fazer alguma apresentação.

Aula 09: Ensaio de violinos com os alunos

No ensaio de violinos, a aluna Vanessa chega atrasada e sem o violino, alegando que o havia esquecido. Roberta afirma que sem violino era impossível ficar em sala e pede que saia. Depois, elogia Ramon pelos seus acordes. Justin derruba o pedestal com as partituras de Ramon e este o ofende dizendo que o colega deveria morrer. A professora intervém e diz que Justin não participaria da apresentação se não se comportasse.

Na saída da aula, na rua, Roberta encontra-se com Klein, pai de Vanessa, e conversa sobre ser impossível a aluna ensaiar música sem o instrumento. O pai lhe explica que é separado e que ora a filha está com a mãe, ora com ele, por isso nem sempre a filha estava com o violino. Roberta pede à aluna que lembre os pais sobre os dias das aulas para que eles não se esqueçam do instrumento.

Aula 10: Ensaio de violinos com a Turma Avançada da Escola Pública *East River*

No Ensaio com a Turma Avançada da Escola Pública East River, Carlos entra em sala atrasado e sem o violino; logo em seguida a sua irmã lhe entrega o instrumento. Carlos pega o violino e acompanha a música e Roberta o elogia e pede-lhe para não desperdiçar o seu talento, por sentir vergonha de tocar um instrumento clássico.

Aula 11: Dialogando sobre a morte

Ao chegar à escola fica sabendo que Justin foi assassinado. A professora faz uma roda em sala de aula e pergunta se sabiam como aquilo acontecera. Um aluno explica que houve um tiroteio na rua de Justin e ele foi atingido por uma bala perdida. Diante da tristeza de todos, ela pergunta se gostariam de falar algo. Ramon levanta a mão e pede para tocarem violino.

Depois da aula, preocupada com Ramon que havia pedido que o amigo morresse na aula anterior, vai à casa dos pais dele. Lá a mãe de Ramon a leva até o quarto do filho, que está treinando violino e os dois conversam sobre a morte do amigo. Roberta consola o jovem que quer chorar, mas segura pois afirma que homens não choram, mas a professora o conforta, dizendo-lhe que poderia chorar sim, pois seus filhos que eram adultos também choravam. Abraçam-se e Ramon permite-se chorar.

Roberta conhece Dan Paxton, um jornalista, após ter recebido várias cartas de candidatos a namorados, por causa de um anúncio que os filhos dela colocaram em um jornal para que a mãe encontrasse alguém, por não ter vida social e só trabalhar.

Roberta Guaspari, ao descobrir que as aulas de violino foram extintas e que seria despedida, sai da sala e vai conversar com a diretora que está com o professor de música Dennis Rausch. Janet Willians explica que por ordem do Conselho de Educação teria de extinguir as disciplinas extracurriculares.

O professor Denis intervém dizendo-lhe que por ser suplente e por não ser efetiva perderia o cargo a qualquer momento. Ambos iniciam uma discussão, mas a diretora interfere. Entram na sala da direção e Roberta deseja um posicionamento da diretora, pois havia ensinado mais de 1.400 crianças durante aqueles dez anos que lá estivera. Janet afirma-lhe que havia tentando de tudo, mas para o Conselho as aulas de violinos não eram prioridades.

Roberta Guaspari deixa um recado, juntamente com uma lasanha, para Dan Paxton perguntando-lhe se conhecia algum jornalista do *New York Times*.

No dia da apresentação dos alunos no Concerto da Primavera, estão na orquestra Lex ao piano, Nick ao violoncelo e os alunos com os seus violinos regidos pela professora. A jornalista Dorothea von Haeften está fotografando o evento e na plateia Dan Paxton está acompanhado de um jornalista que faz anotações. No final da apresentação, todos se emocionam e aplaudem-nos em pé.

Roberta anuncia que poderia ser o último concerto de violinos do East Harlem, porque o Conselho de Educação acredita que a música e as artes eram desnecessárias para a formação dos indivíduos. No entanto, se houver o apoio dos pais, poderiam vencer essa batalha

Mais tarde na casa de Roberta, há uma reunião de pais e de professores, inclusive com o apoio da diretora Janet Willians. Após discussões de como reverter esse problema, a

jornalista Dorothea sugere uma apresentação pública de um concerto de violinos, com os famosos violinistas Arnold e Itzhak, em um clube que comportaria em torno de 900 pessoas e cobrariam a entrada para arrecadação de fundos, que manteriam o curso por pelo menos um ano.

A comunidade ajuda a propagar o anúncio da apresentação do Festival de Violinos, por todas as ruas do Harley.

Aula 12: Ensaios para a apresentação do Festival de Violinos: Minueto nº. 1 de Bach

A professora prepara os alunos novatos e os veteranos para o dia da apresentação. Diz a eles que foram escolhidos por serem os melhores no que fazem e não se intimidariam em uma apresentação grandiosa. Fala-lhes sobre a confiança que depositava neles e que tocariam Minueto número 1, de Bach e para isso precisariam ensaiar muito, sem descanso. Elaborou um contrato para garantir que todos os convocados participassem dos ensaios, inclusive aos sábados e domingos até o dia do show.

Os ex-alunos, já adultos, Naeem, Guadalupe, Lucy e DeSean, entram em sala, no exato momento em que a professora diz aos alunos que terão de treinar feito o exército para que tudo saísse perfeito. Eles tocarão juntamente com os novatos.

Mais tarde, a jornalista vai até à casa de Roberta e conta-lhe que o teatro ACM havia sido cancelado, em decorrência de problemas de manutenção. A professora desespera-se pois os ingressos já haviam sido vendidos e dentro de três semanas o espetáculo deveria acontecer.

Na porta da escola os alunos aguardam a chegada da professora para mais um ensaio. Como a professora está atrasada, Carlos a imita reclamando dos alunos e exigindo mais dos colegas. Todos riem e a professora que se aproxima diz que ele deveria imitá-la melhor.

Enquanto os alunos entram para os ensaios, Raquel, a aluna que iria estudar no Julliard, se aproxima com o violino para entregá-lo, pois mudaria de cidade porque o pai espancou a mãe e precisariam fugir de casa às pressas. A professora não aceita o violino afirmando para a aluna que ele era parte importante da vida dela e deveria ficar com o instrumento. Abraçam-se e a aluna vai embora chorando.

Em casa com os filhos, Roberta tenta achar uma solução quando a jornalista retorna e informa que o esposo conseguiu o Carnegie Hall.

Roberta vai até o teatro e encontra-se com o diretor Isaac Stern, que a recebeu muito bem. Fez menção de se poder ouvir o som do músico Tchaikovski regendo, em 1891, o concerto de abertura do Carnegie Hall e aponta cada canto do teatro e cita Jascha Heifetz, Sergei Rachmaninov e Vladimir Horowitz em seu piano. Afirma que todos estão ali para receber quem lhes visitam. Pede-lhe que o deixe tocar com mais alguns amigos juntamente com os alunos, pois gostaria muito de poder ajudar na luta da professora.

Aula 13: Apresentação no *Carnegie Hall*

No dia da apresentação no *Carnegie Hall*, Roberta Guaspari, a mãe e os seus filhos se arrumam. Há muita tensão e nervosismo. Nas casas dos alunos, todos se preparam para a grande apresentação. Ao chegar ao teatro, Roberta cumprimenta os seus ex-alunos, que também foram se apresentar, o amigo Brayan a surpreende com a sua presença. A aluna Vanessa e o pai foram assaltados e levaram o seu violino, mas a professora rapidamente arruma-lhe outro. Na coxa Roberta dá as últimas orientações e Dan Paxton entrega-lhe flores.

A diretora Janet Willians inicia a apresentação contando a história de Roberta Guaspari, que há dez anos iniciara as aulas de violino em sua escola e que por ela ter tido a visão de que qualquer criança poderia aprender a tocar, juntas criaram o Curso de Violinos de East Harlem do qual mais de mil estudantes expandiram os seus horizontes em relação ao que poderiam se tornar.

Para ela, quando um programa daquela natureza é cortado da vida dos jovens, o futuro deles fica comprometido. Agradece a todos pelo apoio e espera sinceramente que todos gostem do concerto.

Antes que os alunos entrassem no palco, Roberta pede a todos que toquem com o coração e afirma acreditar na capacidade de cada um deles, por isso não deveriam temer nada, pois se sairiam muito bem naquela noite. Repete que deveriam tocar com o coração, pois se orgulhava muito deles.

O teatro está repleto e todos aplaudem calorosamente a entrada dos integrantes da orquestra. Para a primeira apresentação, entram Roberta Guaspari com os alunos mais novos, em seguida os ex-alunos e os filhos Lex e Nick. Todos se preparam e tocam a música Minueto n.º 1, de Johann Sebastian Bach.


A seguir são anunciados os nomes dos artistas que se apresentarão com os alunos do Curso de Violinos de East Harlem. O primeiro a tocar junto com os alunos é Mark O'Connor, um dos maiores violinistas do país.

Para encerrar o concerto, anunciam o nome de um grupo de artistas internacionais consagrados que se uniram para apoiar o programa de East Harlem: *Michael Tree, Charles Veal Jr, Arnold Steinhardt, Karen Briggs, Itzhak Perlman, Isaac Stern, Sandra Park, Diane Monroe, Joshua Beel e Mark O'Connor e no piano Jonathan Feldman* executando em conjunto uma versão exclusiva do *Concerto em Ré Menor para dois Violinos, de Bach*. A professora se posiciona à frente do grupo e inicia a música em seu violino. Todos aplaudem entusiasmamente.

Aula 14: As partes de um violino: nova turma

Roberta Guaspari está com os novos alunos, sentados no chão à sua volta para aprender as partes do violino.

Há seguir aparecem créditos informando que o Festival de Violinos no Carnegie Hall, em 1993, na realidade arrecadou recursos suficientes para mais três anos de curso e que Roberta, durante esse período, juntamente com os seus patrocinadores mantiveram a Fundação Opus 118. Além disso, o curso foi reativado com a produção do filme e que Roberta ainda leciona e mora no East Harlem com a sua filha Sophia, adotiva, de El Salvador. Informa que Nick se tornou um violoncelista profissional e Lex entrou para a faculdade de medicina. A fundação ainda sobrevive de doações e dos espetáculos apresentados pelos seus alunos.

FICHA TÉCNICA: <i>ESCRITORES DA LIBERDADE</i>			
	Título Original: Freedom writer's		
	Título Traduzido: Escritores da liberdade		
Drama	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
	Richard Lagravenese	Richard Lagravenese	Inglês/Português
Ano de Produção:	País de Produção:	Duração do Filme:	
2007	Estados Unidos	123 min	
PERSONAGENS:			
Professora: Erin Gruwell (Hilary Swank)			
Representantes da escola: Diretor da escola: Banning (Tim Halligan) Vice-diretora: Margaret Campbell (Imelda Stauton) Professor de inglês avançado: Brian Gelford (John Benjamin Hickey)			
Representantes da Secretaria da Educação Dr. Carl Cohn (Robert Wisdom) e Karin Polachec (Lisa Banes)			
Palestrante e sobrevivente do Holocausto: Miep Gies (Pat Carroll)			
Família: Marido: Scott Casey (Patrick Dempsey); Pai de Erin: Steve Gruwell (Scott Glenn)			
Alunos (principais) Eva Benitez (atriz criança: Gisselle Bonilla; adulta: April Lee Hernandez) Andre Bryant (Mario) Gloria Munes (Kristin Herrea) Sindy Ngor (Jaclyn Ngan) Alejandro Santiago (Sergio Montalvo) Marcus (ator criança: Earl Willian; adulto: Jason Finn) Jamal (Deance Wyatt) Brandy (Vanetta Smith) Ben Samuels (Hunter Parrish) Miguel (Antonio Garcia) Victoria (Giovanne Samuels)			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE*

O filme *Escritores da liberdade* conta a história real de Erin Gruwell, formada em Direito, que decide ser professora de inglês e de literatura inglesa em uma escola que tivesse um projeto de integração social, por acreditar que seria melhor ensinar em sala de aula que julgar, nos tribunais, jovens condenados.

Em 1994, ingressa na *Woodrow Wilson School*, em Long Beach, Califórnia e depara-se com estudantes de várias etnias como afro-americanos, latinos, cambojanos, vietnamitas, entre outros. Muitos deles eram considerados delinquentes, inclusive sob a custódia da polícia. A sala 203 era um lugar de alunos considerados fracassados, mas a atuação da professora e a transformação daqueles jovens culminaram, em 1997, com a criação da *Freedom Writers Foundation*¹².

As imagens iniciais do filme ressaltam a violência entre gangues e policiais em confronto naquela cidade. São cenas em *preto e branco* com soldados correndo pelas ruas, em meio a um enorme tumulto de jovens que depredam lojas e incendeiam carros. As vozes de vários jornalistas se misturam para informarem a gravidade da situação naquele lugar:

Tiros foram disparados.
Uma revolta civil ocorre em toda Los Angeles.
Policiais percorrem as ruas.
A fumaça cobriu a cidade.
Avisamos a quem estiver em South Central...
São 38 mortos e mais de...
Está difícil fazer o resgate...
A cidade parece uma zona de guerra.
Milhares foram ao QG da polícia.
...aqui em Hollywood, onde muitos comércios foram saqueados.
Houve 3.600 incêndios na cidade.
Grossa fumaça preta sobe de incêndios... em Hollywood, no centro, Compton, Watts e Long Beach...
Mais de 120 mortes em Long Beach... nos meses subsequentes aos tumultos de Rodney King.

¹² Em 1997, Erin Gruwell e seus alunos da sala 203 criaram a fundação para dar continuidade aos “Escritores da liberdade”, um projeto pedagógico realizado naquela escola. Trata-se de uma fundação sem fins lucrativos que acolhe estudantes carentes com dificuldades de aprendizagem, além disso, treina e apoia professores interessados em participar desse projeto.

Disponível em: <<http://www.freedomwritersfoundation.org>>. Acesso: 20 jan. 2012.

Na tela, surge Eva Benitez, aluna da sala 203, escrevendo as suas memórias em um diário. Nele, relata sobre os valores morais da comunidade e os graves problemas de segregação racial que os vários grupos étnicos sofriam nas ruas de Long Beach. Para ela, andar naquelas ruas significava enorme risco, pois dependendo da aparência, os latinos, orientais ou negros poderiam ser baleados. Escreve que todos lutavam para defender o território e a raça em um país diferente.

O narrador informa ser o primeiro ano do segundo grau de 1994 da Escola *Woodrow Wilson*. Margaret Campbell e Erin Gruwell conversam. A jovem professora entrega um planejamento à coordenadora e é informada que lecionará Inglês para as primeiras séries de quatro salas, totalizando 150 alunos.

Margaret Campbell avisa a Erin Gruwell que havia alunos recém saídos de reformatórios e alguns até usavam sensores de localização. Observa o planejamento da professora e discorda dos livros escolhidos para o semestre, por não acreditar na capacidade dos alunos. Alerta-a sobre a distância da moradia dos alunos, por isso recomenda pouca lição de casa.

A coordenadora ressentia-se de haver perdido o título de escola modelo, devido a introdução do programa de “integração voluntária”, o que significou a perda de 75% dos melhores alunos. Desconfiou da habilidade da professora, por ser uma iniciante. Erin Gruwell discorda e argumenta ter sido uma excelente aluna na Universidade.

As primeiras aulas foram difíceis, pois havia desinteresse pelo que a professora ensinava. Alguns duvidavam inclusive do tempo que ela permaneceria na escola. Com o tempo, a professora faz adaptações no currículo escolar. Elaborou estratégias que privilegiavam o pensamento crítico e promovia a leitura de obras literárias, principalmente, destacando-se o *Diário de Anne Frank*.

Angariou recursos para levar palestrantes que discutiam sobre esse e outros assuntos com os alunos, além de levá-los ao museu do holocausto que mostrava as tragédias desse período. Com isso, Gruwell ensinou os alunos a repensarem a condição humana, possibilitando-lhes um pensamento mais livre, que lhes propiciara outras formas de enfrentar a realidade.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE*

Aula 01: Apresentação da professora: a chamada

A professora escreve o seu nome na lousa: Sra. Gruwell e aguarda os alunos com um sorriso. Os alunos entram em sala e a ignoram. Não respondem aos seus cumprimentos. Jogam mochilas pelo chão. Alguns sentam de costas para ela. Outros a observam desconfiados. Enquanto apaga a lousa, um aluno faz chacotas, dizendo que está rebolando para apagar o quadro. Ela se apresenta aos alunos como a Sra. Erin Gruwell, deseja-lhes boas-vindas ao curso de inglês do primeiro ano. Um aluno imagina que ela não ficaria por muito tempo.

Inicia a chamada e a primeira aluna é Brandy Ross, depois, Gloria Munes, Alejandro Santiago, André Bryant. A próxima a ser chamada foi Eva Benitez, que reclamou da pronúncia da professora, dizendo não ser /Iva, e sim, *Eva*, aproveita para levantar-se e ir ao banheiro. O próximo é Ben Samuels, que acredita estar na sala errada. O próximo foi Jamal, que reclama por estar ali, pois havia muitos marginais, mas André Bryant afirma que quem estava ali eram todos burros. Jamal e André iniciam uma briga e Erin Gruwell tenta intervir, mas não consegue e pede ajuda ao bedel, que entra e tenta acalmar a situação.

Os jovens pertencem a várias etnias: latinos, asiáticos e negros, que não se suportam e formam grupos de mesma afinidade e alguns começam a ficar incomodados por estarem naquela sala.

Na sala dos professores, Erin Gruwell e o professor de inglês, Sr. Brian Gelford, são apresentados pela coordenadora. Ele comenta já saber sobre a briga em sua sala e a consola dizendo-lhe que algum dia poderá lecionar para os semestres mais avançados, além disso, a maioria dos alunos dela largaria as aulas por pura incapacidade. Erin contesta e afirma que se ela trabalhar adequadamente teria cada vez mais alunos.

Eva Benitez está em um ponto de ônibus para ir para casa e durante o trajeto vai pensando o quanto não gostava de ir para a escola e que só a frequentava porque o oficial de condicional lhe disse que deveria estudar, caso contrário, iria para o reformatório. Em seus pensamentos, ela discorda da opinião do policial; pois, para ele, os problemas enfrentados, em Long Beach não a atrapalhariam na escola Wilson. Para a estudante, as escolhas eram como as cidades e estas eram iguais à prisão, porque se dividia em tribos: o pequeno Camboja; o

gueto, pertencente aos negros; a terra dos *brancos* e os seus amigos do sul da fronteira, a pequena Tijuana. Para ela, o convívio era daquela forma, mas sempre havia os que queriam ter domínio sobre todos e exigem o respeito que não mereciam. Havia alguns elementos de uma determinada tribo que se envolvia com outra, com a finalidade de tomar posse e dominá-la. Esse movimento de domínio de territórios dificilmente seria percebido por quem não conhece os meandros dessas tribos; somente aqueles que eram de alguma gangue saberia a intenção dos membros de outra. Eva Benitez percebe que Grant, um negro, se aproxima do grupo de latinos para impor respeito. Todos o encaram, mas nada acontece naquele momento.

Aula 02: A *Odisseia*, de Homero

Os alunos conversam sem prestar atenção à aula. A professora anuncia que falarão sobre Homero. *A Odisseia* de Homero. O aluno Marcus ironiza se era o *Homer* do *Simpson*. A professora sorri e diz tratar-se de outro Homero, que era um grego, e brinca com o fato de que, talvez, este também fosse careca como aquele.

Enquanto a aula se desenrola, lá fora, Eva abre os portões da escola para os seus amigos. Eles entram e iniciam uma imensa briga com Grant, o qual machuca bastante um jovem dessa gangue. Olham-se com ódio, prenunciando um revide.

Na sala, Sindy Ngor, uma tailandesa, reclama de Jamal, um aluno negro, ter jogado a sua mochila para longe. Mais um tumulto entre os alunos e, enquanto a professora tentava controlar, alguns gritos lá fora chamaram a sua atenção.

A campainha da escola toca sem parar e quase todos correram para o pátio. Nem ouviram os apelos da professora para se acalmarem e ficarem sentados em seus lugares. Lá fora, irrompia uma enorme briga entre os amigos de Eva Benitez e o aluno Grant, além de se estender para outros grupos de alunas e de alunos. Para conter os ânimos, foi necessária a intervenção dos seguranças da escola.

Em casa, Erin Gruwell conversa com o marido sobre o ocorrido e ele a questiona se fizera a melhor escolha ao lecionar naquela escola. Ela afirma estar insegura, mas pede para o marido não contar nada ao pai dela durante o jantar naquela noite. No restaurante, decepciona-se com o pai, que fora um ativista, por criticá-la em lecionar para “delinquentes” não interessados pela educação.

Aula 03: Poesia: rima interna

A professora liga um aparelho de som que toca um *rap* de *Tupac Shakur*¹³. Antes anuncia que iriam discutir sobre poesia e pergunta quem conhecia o cantor daquela música. Distribui para os alunos a letra da música e explica que é um exemplo de *rimas internas*. Pede-lhes que leiam a frase que havia escrito na lousa e afirma que o autor escreve de forma sofisticada e interessante. Um dos alunos começa a cantar a letra da música e outros o acompanham. E se irritam dizendo que a *branquela* pensa que eles não conheciam aquele rap e os queria ensinar sobre essa música.

Homem-criança na terra prometida não teve muitos heróis
 Ele só via as mães
 Os pais não davam as caras
 E, não, acho que você não sabia que eu me tornaria tão forte
 Empalideceu, foi algo que bebeu?
 Papai se enganou
 Cadê o dinheiro que você falou que ia me mandar?
 Que ia me ligar e falar como amigo.

Todos a recriminam e duvidam de que ela soubesse lecionar. Ela se irrita e os manda trocar de lugares. O aluno Jamal sorri ao vê-la nervosa, mas não gosta da forma autoritária que ela agiu ao mudá-los de lugar e inicia um novo tumulto. Apesar de se ofenderem, sentam-se ao lado de outros alunos de etnias diferentes com animosidade. A professora lhes pergunta se estavam felizes com as novas fronteiras.

Cenas indicando que algumas aulas se passaram, ainda indicam problemas com a disciplina. Depois, há imagens de alunas se arrumando para saírem com os amigos. Nessa noite, há um episódio envolvendo jovens de gangues diferentes em um mercado tailandês. Dentro do estabelecimento, já estavam Grant jogando fliperama e um grupo de tailandeses fazendo compras, que acompanhavam a aluna da sala 203, Sindy Ngor, quando, de repente, um carro se aproxima. Nele, estão Eva Benitez, seu namorado, Paco, e outros jovens que se aproximam e observam o jovem negro que gritava com o comerciante pedindo o seu dinheiro

¹³ **Tupac Amaru Shakur** (Nova Iorque, 16 de junho de 1971 - Las Vegas, 13 de setembro de 1996), conhecido também pelos nomes artísticos: **2Pac**, **Makaveli** ou apenas **Pac**, foi um rapper estadunidense e um dos maiores rappers de todos os tempos, segundo as empresas fonográficas. Durante a vida, vendeu cerca de 75 milhões de álbuns. Tupac também foi ator e ativista social. A maioria de suas canções trata sobre como crescer no meio da violência e da miséria nos guetos, o racismo, os problemas da sociedade e os conflitos com os outros rappers.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tupac_Shakur>. Acesso: 21 fev. 2012.

de volta. Lá fora, Paco mira uma arma para atingi-lo, mas erra o alvo e acerta um jovem tailandês. Em virtude de ninguém ter visto quem atirou, Eva acusa o jovem negro para defender Paco.

Depois desse episódio, o diretor Banning conversa com os professores sobre o crime que envolveu alguns alunos da escola e alerta-os de que a política daquela instituição é o silêncio, por isso não deveriam discutir sobre o assunto em sala.

Aula 04: Leitura e exercícios de ortografia

A professora escreve algumas frases sobre Ulisses e os alunos conversam e riem. Tito entrega para um colega ao lado uma folha de papel com uma caricatura de Jamal, que passa de mão em mão e todos riem muito. Gruwell procura ignorar o fato e solicita que Gloria Munez lesse a primeira frase da lousa e pede-lhes que encontrem os erros de ortografia naquelas orações, baseados na página 4, do livro de gramática.

Ao perceber a fisionomia triste de Jamal e os sorrisos dos alunos, observa o desenho e questiona se quem desenhou gostaria que fosse com ele. Nesse instante, mesmo irritada, elogia o talento de Tito e pergunta aos alunos se eles concordavam com isso. Todos o apoiam e acham o máximo o que ele fez.

Aproveita a situação para comparar o desenho com algo parecido ao que viu em um museu, só que não era de um negro, mas de um judeu. Compara os detalhes da caricatura, dizendo-lhes que a diferença não eram os lábios proeminentes, mas um imenso nariz parecido com o de um rato. Continua afirmando que não era um desenho de um judeu específico, porém representava todos os judeus e que eram caricaturas colocadas em jornais pela gangue mais famosa da história da humanidade.

Alguns alunos da classe começaram a se identificar com o que ela dizia, mas, nesse momento, questiona se eles realmente sabiam o verdadeiro significado de *gangues*. Afirma que eles não passavam de amadores e muito inferiores àquela gangue, pois a história conta que teve início devido à pobreza e, devido ao ódio, desprezavam todos da sociedade, até que um líder resolveu dar a esse grupo identidade e orgulho e passou a culpar os outros pelas desgraças da vida.

Instigando-os, a professora Gruwell dizia-lhes que enquanto os alunos tomavam bairros, os membros daquela gangue invadiam países, simplesmente dizimando todos que pensavam ou eram diferentes deles, sempre os culpando pelas mazelas de suas vidas. Por isso, imprimiam os desenhos de judeus narigudos e de negros beijudos em jornais; apresentavam experiências científicas demonstrando que estes eram feitos animais; logo, os consideravam “espécies inferiores”. Eles publicavam tudo isso, apenas como demonstração de poder e acreditavam que todos deveriam morrer.

Ela se dirige aos alunos e lhes diz que foi assim que começou o holocausto. Marcus grita que ela não sabia de nada. Nesse momento, os alunos se manifestam contra a professora que, por ser branca, não entendia o mundo em que viviam. Para alguns, o comportamento deles significa proteção, pois os imigrantes eram vistos como inimigos pelo fato de invadir o território deles e tentar impor outras culturas. Para outros, a vida naquele país seria melhor se não existissem cambojanos, negros, brancos etc.

Eva afirma que a professora não conhecia nada sobre a vida deles e que ensina coisas que nunca serviriam para nada, pois sempre viverão naquele lugar. Acusa Erin Gruwell de não respeitá-los, ao que ela rebate que, para ser respeitado, era preciso também respeitar. Sem ouvi-la, a jovem, com os olhos marejados de lágrimas, conta que viu brancos matarem amigos e cometerem injustiças apenas para manter a autoridade.

A professora Gruwell, a cada manifestação, tenta explicar-lhes que entende o que sentem e se dirige ao aluno Marcus, questionando-o sobre o que pensa sobre tudo isso. O aluno a ofende dizendo-lhe que apenas cumprisse o seu papel e parasse de fingir que os compreendia, pois, ao observar o mundo, percebia que os únicos negros ricos eram cantores de *rap* ou jogadores de futebol.

Ao ser indagado sobre o que faria já que não tinha aquelas habilidades, ele responde que só lhe restaria se juntar à sua gangue para defender os amigos e que a escola não o levaria a lugar nenhum. Além disso, tinha sorte de ter vivido até os seus 18 anos. A vida era a maior escola deles, porque não temiam morrer protegendo a comunidade; com a morte seriam considerados heróis.

A professora questiona-os se isso era realmente verdade, pois, na realidade, apodreceriam debaixo da terra e seriam esquecidos por todos, pois a vida continuaria para os outros.

O termo holocausto é questionado por um aluno e a professora se admira em saber que apenas um sabia o verdadeiro significado daquele termo. Depois, pergunta-lhes quem já havia sido ameaçado por um revólver e muitos levantam as mãos. Para explicar-lhes, faz com que reflitam sobre o tema da aula e afirma que levar um tiro pode ser considerado um holocausto.

A professora Gruwell, na biblioteca, seleciona alguns clássicos que abordavam os temas holocausto e gangues. Escolhe o *Diário de Anne Frank* e o clássico *Romeu e Julieta*, mas é impedida pela Sra. Campbell por não acreditar na capacidade de leitura dos alunos e pelo fato de que poderiam destruir os volumes emprestados.

Indignada, a professora manifesta a sua vontade de procurar os órgãos superiores para poder ter autorização de usar os livros, mas é alertada pela vice-diretora que lhes diz que as escolas tinham autonomia e o melhor a fazer seria ensiná-los a obedecer, a ter disciplina, além de aprender o conteúdo da disciplina, o que já seria uma enorme conquista para eles.

Gruwell ainda tenta apoio de outros professores, mas é ridicularizada por Brian que enfatiza a ignorância daqueles alunos e que o projeto de integração, da Secretaria da Educação, apenas serviu para afastar os alunos exemplares e trouxe aqueles que não desejavam estudar.

Aula 05: Dinâmica em grupo e escrita

Nesta aula, Erin Gruwell divide a sala em dois grandes grupos, colando no chão uma fita adesiva vermelha. O jogo consiste em perguntas sobre possíveis situações vivenciadas pelos alunos. A cada pergunta deveriam se aproximar ou se distanciar da faixa vermelha no chão, caso se identificassem com o tema. Dessa forma, muitos ficariam frente a frente. Se não quisessem participar, poderiam ficar sentados ou ler livros, mas só sairiam depois do sinal da escola. Começou a fazer várias perguntas:

Primeira pergunta: Quantos aqui têm o novo CD do *Snoop Dogg*?

Próxima pergunta: Quantos aqui viram *Boyz n the Hood - Os donos da rua*?

Próxima: Quantos aqui moram em conjuntos habitacionais?

Quantos conhecem alguém, amigo ou parente, que já esteve ou está preso ou num reformatório?

Quantos aqui já estiveram em um reformatório, ou presos, pelo tempo que for?

Campo de refugiados conta? (pergunta Sindy Ngor que se aproxima linha)
Você decide.

Quantos aqui sabem onde comprar drogas agora?

Quantos conhecem um membro de gangue?

Quantos são membros de gangues? (diante dessa pergunta, todos se recusam a sair do lugar)

Certo, que pergunta idiota, né? A escola proíbe participação em gangues. Peço desculpas por perguntar. Foi mal. Certo, vou perguntar algo mais sério.

Pise na linha quem tiver perdido um amigo por violência de gangue.

Fique na linha quem tiver perdido mais de um amigo. Três. quatro ou mais.

A aula termina e os alunos percebem que tiveram experiências idênticas. A professora pede uma homenagem em respeito a eles mesmos e aos mortos e cada um dos alunos deveria repetir em voz alta os nomes daqueles que perderam.

Nesse momento, Gruwell apresenta vários diários que estão sobre a mesa, nos quais deveriam escrever tudo o que lhes viessem à cabeça; poderia ser música, poesias, desabafos etc., pois todos tinham uma história e era importante que a registrassem, nem que fosse para eles próprios. Ela aponta para um armário, no fundo da classe, no qual poderiam deixar os diários, caso desejassem que fossem lidos. Não os cobraria pela escrita e nem atribuiria notas. Relutantes os alunos pegam cada um o seu, apenas Eva ainda resistiu à ideia.

Em casa, a professora comenta sobre essa aula, mas o marido demonstra certo desinteresse pelo assunto.

Aula 06: Reunião de pais

Era dia de reunião de pais e na sala do professor Brian havia alguns que receberam elogios pela eficiência dos filhos. Na sala 203, Erin está sozinha e resolve abrir o armário da sala e vê muitos diários deixados lá. Começa a lê-los e se emociona com os relatos de vida de cada um deles. São tragédias envolvendo violência doméstica, exploração de menores, tiros trocados entre gangues ou policiais, morte de crianças com arma de fogo, injustiças sociais etc.

Gruwell, muito envolvida com tudo aquilo, leva alguns diários para que o pai pudesse saber sobre a vida daqueles jovens. Durante o jantar, no restaurante, pede ajuda a ele, pois se sente impotente diante de tantos problemas sociais. Não se conforma pelo fato de serem tão jovens e terem de sobreviver a cada dia. Consternada, faz uma autorreflexão de suas aulas, afirma que precisa proporcionar-lhes mais atividades culturais, mais leituras, mas o pai tenta confortá-la dizendo-lhe que não era a responsável por tudo aquilo e quando o semestre letivo terminasse deveria procurar outro emprego.

Sem apoio da escola, Erin arruma outro emprego em uma loja e compra para todos os alunos o livro *Sua vida era um beco sem saída*. Todos gostam do tema e parecem interessados na leitura, mas os alerta de que o único problema com aquele livro era a temática sobre gangues e violência, e precisaria de autorização, pois não constava no currículo da escola.

Vai até a Secretaria de Educação de Long Beach e conversa com o Dr. Cohn sobre as dificuldades enfrentadas naquela instituição escolar e que precisaria de apoio de alguma autoridade, mas é orientada a resolver o problema na própria escola. Deseja fazer viagens culturais com os alunos, pois acreditava que se interessariam mais pelos estudos e o ensino passaria a ter mais sentido.

Ainda com poucos recursos arranja emprego, para os finais de semana, no Hotel Marriott, e seu marido fica indignado.

Aula 07: Centro Simon Wiesenthal Beit Hashoah, Museu da Tolerância

Erin Gruwell obtém autorização da Secretaria da Educação para a atividade cultural, sob protestos da Sra. Margaret que não havia sido comunicada. Eles vão para *Newport Beach*, no Centro Simon Wiesenthal Beit Hashoah, Museu da Tolerância¹⁴.

¹⁴ *The MOTNY, located in the heart of Manhattan, challenges visitors to confront bigotry and racism, and to understand the Holocaust in both historic and contemporary contexts. Through interactive workshops, exhibits, and videos, individuals explore issues of prejudice, diversity, tolerance, and cooperation in the workplace, in schools and in the community. Additionally, the MOTNY is a professional development multi-media training facility targeting educators, law enforcement officials, and state/local government practitioners.* [Tradução do autor: O Museu da Tolerância de Nova Iorque localiza-se no centro de Manhattan e desafia os visitantes a enfrentarem a intolerância e o racismo, além de entenderem o holocausto em contextos históricos e contemporâneos. Há oficinas interativas, exposições e vídeos para as pessoas explorarem questões de diversidade, preconceito, tolerância e cooperação no trabalho, nas escolas e na comunidade. Além disso, o MOTNY desenvolve aperfeiçoamentos profissionais, por meio de multimídia, da área da educação, da segurança e de profissionais do governo estadual contra os crimes de intolerância.] Disponível em <<http://www.museumoftolerancenewyork.com>>. Acesso 21 fev. 2012.

Nesse mesmo instante, a aluna Eva conversa com o pai que está preso. Ele tenta convencê-la sobre o caso da morte do tailandês naquele mercado. Segundo ele, a jovem deveria defender Paco e manter a acusação de assassinato de Grant Brian.

No museu, os alunos ouvem as histórias verídicas sobre os massacres no período do holocausto. Eram imagens terríveis de crianças, adultos e velhos conduzidos para os campos de concentração.

Depois, a professora leva os alunos para o hotel em que trabalhava para jantarem e conversarem com antigos sobreviventes do holocausto. Eram relatos de pessoas sofridas e marcadas por tatuagens, forma de não morrerem, mas de serem escravizadas; de pessoas que foram separadas de seus parentes e tiveram de sobreviver por conta própria ou pela solidariedade de alguém.

Aula 08: Leitura do livro de Anne Frank

O segundo ano, do semestre de outono, se inicia na escola Wilson e na classe do professor de inglês há uma aluna negra, para espanto de muitos, chamada Victoria. O professor aborda o livro *A rosa púrpura do Cairo* e pede que a jovem negra dê a sua opinião por ser a representante legal dos problemas sociais dos negros. Mais tarde, a aluna assiste a uma aula da Sra. Erin e solicita à coordenadora a sua transferência de sala.

Na sala 203, os alunos são recepcionados com um cartaz escrito: UM BRINDE À MUDANÇA e a eles são apresentadas várias sacolas contendo, em cada uma, quatro obras com histórias semelhantes às suas vidas. No entanto, deveriam, antes de pegá-las, fazer um brinde às mudanças. Isso significava que enfrentariam melhor a vida, além disso, os problemas e as pessoas que não acreditaram neles seriam uma página virada. Timidamente começam a gritar palavras positivas e de esperança.

No entanto, um aluno que nunca se manifestou nas aulas pede para ler um trecho de seu diário. Todos se emocionam, pois acabara de ser despejado de casa juntamente com a mãe. Apesar de não ter onde morar, a escola representava para ele um lar.

A aluna Victoria é transferida, por sua solicitação, para a da Sra. Gruwell, sob protestos do Sr. Brian.

Em casa, a professora conta para o marido a novidade, que ironiza a situação duvidando de que seria capaz de ensinar uma aluna tão especial, já que sempre ensinara para alunos com problemas de aprendizagem. Isso a deixa muito magoada.

Os alunos leem o livro *Diário de Anne Frank*. A aluna Eva sempre que a encontra deseja saber partes do enredo, mas Gruwell nega-se a lhe contar e pede-lhe que continue a ler até o final. A aluna espera que Anne Frank fique com o namorado. Essa aluna acha muito estranho escrever um diário, principalmente, para alguém como ela.

Nas cenas seguintes aparecem alunos que leem atentamente trechos do livro:

"nas reflexões de uma menina de 13 anos."

"Coisas terríveis estão acontecendo. "A qualquer hora do dia...

"pobres pessoas indefesas são arrancadas de suas casas."

"Famílias são separadas."

"Se eu puder ser eu mesma, vou ficar satisfeita.

"Sou uma mulher com força interior...e uma grande dose de coragem."

[...]

Aula 09: Escrita: uma carta para a Sra. Miep Gies

Nesta aula, Eva Benitez entra furiosa na sala e briga com a professora que não lhe contara o final trágico do livro, ou seja, a morte de Anne Frank. Ela não se conformava com o final daquela história. Marcus tenta ajudá-la dizendo-lhe que se tratava de uma realidade e que nada poderia modificar isso, pois os seus amigos e os de Eva Benitez também morreram. No entanto, não tiveram a oportunidade de escrever livros ou de verem ser veiculadas as mortes nos noticiários da imprensa. Além disso, disse que pesquisara sobre a história da Sra. Miep Gies, que ajudou a esconder a família Frank.

A professora pede então que os alunos escrevam uma carta para a Sra. Gies, contando-lhe as sensações que tiveram sobre o livro. Os alunos se entusiasmam e lutam para que ela pudesse visitá-los na escola. A imprensa local anuncia o movimento estudantil daquela comunidade que angariava fundos para a vinda da Sra. Miep Gies.

Aula 10: A visita da Sra. Miep Gies

A Sra. Miep Gies chega à escola Wilsom e conta-lhes tudo o que passou por esconder uma família judia, pois havia recompensa para judeus capturados e alguém informou à Gestapo. Em 4 de agosto, invadiram o seu escritório e uma arma fora apontada para ela; revistaram tudo e prenderam Anne Frank. Aquela senhora afirmou que só a poupavam devido ao seu sotaque e um soldado austríaco a deixou viver.

Emocionado, Marcus afirma que ela era a sua heroína. Miep negou esse título dizendo a todos que fez o que deveria ter feito, porque tinha total convicção de que todos são pessoas comuns e, por isso, tinham os mesmos direitos. Além disso, afirmou que, depois de ter lido todas as cartas enviadas por eles, os considerava verdadeiros heróis do cotidiano e jamais os esqueceria.

Eva é pressionada pela mãe para mentir, no Tribunal, sobre o caso do assassinato. No entanto, no dia do julgamento conta toda a verdade. É perseguida pela própria gangue, apesar de sobreviver por ser filha de um dos membros da gangue. Precisou morar na casa de uma tia, em um lugar mais distante.

Marcus pede perdão e reconcilia-se com a mãe, depois de viver por muito tempo pelas ruas.

Eva Benitez, depois de apanhar dos membros de sua própria comunidade, conversa com a professora e pede ajuda para fazer as lições na escola, porque agora moraria muito longe. Gruwell concorda em ajudá-la. Sindy entra na sala e conversa com Eva.

Cenas rápidas de aulas bem dinâmicas. As salas estão sempre cheias e os alunos parecem debater sobre vários assuntos. Gruwell continua em sua tripla jornada de empregos. Alunos vão para o restaurante em que trabalha, parecem estar bem à vontade. Conversando com eles está, também, o pai de Erin Gruwell.

Erin Gruwell e seu marido se separam. Sofrimento e tristeza de Gruwell.

SEGUNDO ANO - SEMESTRE DA PRIMAVERA

Aula 11: Autoavaliação

Erin Gruwell preocupa-se com a falta de Andre Bryant, cujo irmão fora condenado a 15 anos de prisão.

Os alunos descobrem que, no próximo ano, a professora não irá lecionar para eles. Tentam persuadi-la a ficar, mas ela explica que seria

impossível, pois o professor Brian era o titular daquela disciplina nas séries seguintes.

Erin Gruwell, Margaret, o professor Brian e o diretor da escola reúnem-se na Secretaria de Educação para discutir sobre a possibilidade de manter a professora de inglês da sala 203, nos próximos dois últimos anos. Não chegam a um acordo e a mudança não ocorre.

A professora conversa com Andre Bryant no corredor da sala, não só pelas faltas, mas pela nota baixa que ele atribuíra na autoavaliação. Afirmo saber o que ele tem enfrentado, mas conhece o potencial dele e não admitiria que fosse reprovado. Dá-lhe mais uma chance para autoavaliar-se.

Aula 12: Escrevendo diários

Na sala, Erin conversa com os alunos sobre a impossibilidade de continuar juntos. Diante das manifestações negativas dos alunos dessa impossibilidade, diz-lhes que não gostaria de que a usassem como desculpas para os possíveis fracassos, mas advertiu a todos que poderiam entrar em uma universidade, resguardando-se os possíveis limites de cada um.

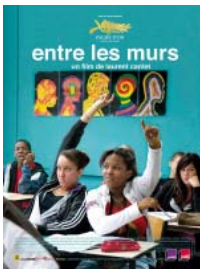
Depois informa que tem mais um projeto importante para eles. O projeto reuniria todos os diários dos alunos para formarem um livro, igual ao de Anne Frank.

Erin Gruwell conseguiu de um empresário alguns computadores e todos os alunos se dedicaram a essa atividade. Para ela, todos eram escritores com suas próprias vozes e, mesmo que ninguém mais lesse, o livro provaria que estavam ali e que fizeram a diferença. Ela não prometia publicá-lo, mas que seriam os seus próprios divulgadores. Daí, nasceu o Diário dos escritores da liberdade.

Há uma reunião entre a Secretária de Educação Karin Polacheck, o Dr. Cohn, a coordenadora Margaret e os professores Brian e Gruwell. Apesar das discussões e defesas de ideias, autorizam-na a continuar os últimos dois anos com a turma da sala 203.

A seguir nos créditos surgem na tela essas mensagens:

Vários escritores da liberdade foram os primeiros da família a se formar no ensino médio e ir para a faculdade. Acompanhando alguns de seus alunos, a Sra. Erin Gruwell deixou a Wilson para lecionar na Universidade Estadual da Califórnia em Long Beach. O diário produzido por eles foi publicado em 1999. Erin Gruwell e os Escritores da liberdade criaram a fundação Escritores da Liberdade dedicada a recriar o sucesso da sala 203, em escolas de todo o país.

FICHA TÉCNICA: <i>ENTRE OS MUROS DA ESCOLA</i>			
	Título Original: Entre les murs Título Traduzido: Entre os muros da escola		
Gênero:	Roteiro:	Direção:	Idiomas:
Drama	François Bégaudeau, Laurent Cantet e Robin Campillo	Laurent Cantet	Francês/Português
Ano de Produção:		País de Produção:	Duração do Filme:
2008		França	128 min
PERSONAGENS: Professor: François Marin (François Bégaudeau) Representantes da escola: Diretor: Jean-Michel Simonet (Jean-Michel Simonet) Coordenadora: Lucie (Lucie Landrevie) Professores: Cécile (Cécile Lagarde) Fred (Frédéric Faujas) Hervé (Vincent Robert) Olivier (Olivier Dupeyron) Patrick (Patrick Dueruil) Rachel (Dorothee Gulbot) Sophie (Anne Langlois) Vincent (Vincent Gaire) Yvette (Yvette Mournetas) Alunos (principais): Angélica (Angélica Sancio) Arthur (Arthur Fogel) Boubacar (Boubacar Toure) Carl (Carl Nanor) Cherif (Cherif Bounïdja Rachedi) Damien (Damien Gomes) Esmeralda (Esmeralda Ouetani) Henriette (Henriette Kasaruhanda) Juliette (Juliette Demaille) Justine (Justine Wu) Nassim (Nassim Amrabt) Souleymane (Franck Keïta) Wei (Wei Huang)			
TRILHA SONORA: Não há trilha sonora, os únicos sons são os intensos diálogos entre os alunos/professores e pais.			

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

SINOPSE DO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA*

Entre os muros da escola é um filme baseado no livro *Le murs*, de François Bégaudeau, que relata as suas experiências como educador na vida real. Na produção fílmica, ele é o professor François Marin que leciona língua francesa para uma 7ª. série em uma escola de ensino fundamental na periferia francesa. A partir dessa narrativa, o diretor Laurent Cantet, com o autor do livro e Robin Campillo escreveram um roteiro adaptado para o cinema, com a intenção de desenvolver uma narrativa realista sobre situações educativas.

Todas as cenas do filme, basicamente, ocorrem dentro de uma escola em que a única tomada externa mostra o professor François Marin tomando um café e caminhando até a unidade escolar para o primeiro dia letivo. No início do filme, os professores, tanto os recém-contratados quanto os veteranos, se apresentam uns para os outros, por ser o primeiro dia letivo de um semestre.

Na sala de aula, o professor François Marin ensina para uma turma de alunos do ensino fundamental que são das mais variadas origens, como africanos, asiáticos, sul-americanos e europeus. Em suas aulas, o professor procura estimular os alunos a escreverem a partir dos sentimentos dos alunos, baseados na leitura do livro *Diário de Anne Frank*. No entanto, a maioria dos alunos demonstra uma forte resistência à atividade. François Marin insiste em várias atividades de escrita por acreditar que a língua francesa formal é extremamente importante, mas os alunos resistem em reconhecê-la, porque estes têm o seu próprio código linguístico e acreditam ser a língua francesa normatizada, antiquada e pedante.

Os alunos são extremamente questionadores e não confiam nos professores nem na direção da escola. Os docentes também sentem-se confusos em relação às atitudes dos alunos, por considerá-los indisciplinados e desinteressados. François Martin parece ser um dos poucos a protegê-los, mas, mesmo assim, envolve-se em várias situações de confronto com os alunos, usando, inclusive, algumas palavras ofensivas aos alunos.

A escola parece seguir padrões tradicionais de avaliação com provas escritas e aulas expositivas, lousa e alunos dispostos em carteiras enfileiradas lado a lado. Em relação à disciplina, há um Conselho Disciplinar coordenado

pelo professor François Marin, em que os casos mais graves são encaminhados e, geralmente, culminam em expulsão.

A direção e os professores participam de reuniões para discutirem a melhor forma de controlá-los e de avaliá-los. Tal discussão gera polêmica: de um lado, há os que não acreditam no sistema de pontuação, como os da carteira de habilitação, em que os alunos que infringirem as regras perderão os pontos, pois alguns alunos poderiam acumular pontos ao longo do curso e, no final, partir para a indisciplina.

Outra prática pedagógica da escola são as reuniões com os pais, para que obtenham informações sobre as notas e as atitudes comportamentais de seus filhos. A maior dificuldade de comunicação entre pais e escola é a falta de domínio do francês, pois a maioria é de origem estrangeira e não compreendem os conceitos e julgamentos dos professores em relação aos filhos.

Além disso, durante toda a trama há situações de conflitos entre alunos versus alunos; alunos versus professores; alunos versus pais; tudo isso pode ser atribuído ao fato de esses jovens, em sua maioria, serem descendentes de várias regiões do mundo e, em decorrência do choque cultural, provocar em ambos os lados incompreensão e atitudes punitivas.

DESCRIÇÃO TEMATIZADA DO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA*

Aula 01: Apresentação do professor

Os alunos entram em sala conversando muito e disputam os lugares do ano anterior. O professor chama a atenção dos alunos sobre o tempo, pois gastaram em torno de cinco minutos no pátio, para subir e para sentar, o que representava quinze minutos em uma hora. Explica que esse tempo perdido significam 25 horas de aula por semana, ou seja, 30 semanas por ano, por isso perdiam-se muitos minutos. Acrescenta ainda que, em outros colégios, os alunos tinham uma hora de verdade; logo, estariam em desvantagem em relação aos outros.

A aluna Khoumba discorda dizendo que a aula não tinha uma hora, na realidade, iniciava às 08h30 e terminava às 09h15 min. O professor concorda que são 55 minutos de hora/aula. No fundo da sala, alguém diz “se ferrou”. Além disso, a aluna conta que nem mesmo nos outros colégios a aula era de uma hora. O professor aceita esse argumento, mas afirma que de qualquer modo estariam perdendo tempo, inclusive naquele momento.

O professor pede que os alunos peguem uma folha de papel para escreverem o nome e colocá-la dobrada sobre a carteira, de maneira bem visível. A aluna Esmeralda questiona a razão daquilo, já que se conheciam do ano anterior. Todavia, o professor explica que havia alunos novos na sala, assim seria importante que todos soubessem os nomes um do outro.

Esmeralda responde que não escreveria o nome, enquanto o professor não escrevesse o dele. O professor vai até a lousa e escreve *Senhor Marin*. Um e outro aluno brinca com o nome dele; perguntam se é senhora Marin, senhor Marrom etc. Entre uma brincadeira e outra, ele os apressa para que escrevam rapidamente.

No intervalo, o professor Marin está com outros colegas fazendo algumas anotações.

Aula 02: Estudo de vocabulário

François Marin faz um levantamento com os alunos das palavras mais difíceis de um texto. Os alunos citam aquelas das quais desconhecem os significados e o professor faz uma lista de palavras na lousa, para ao final explicá-las. Marin chama o aluno Burak que cita *condescendência*; antes de anotá-la na lousa, pergunta-lhe se, mesmo prestando atenção ao contexto, não conseguira apreender o sentido do termo, mas o aluno confirma que não entendera realmente.

Depois foi a vez de Damien citar *argentaria* e, ao tentar inferir algum sentido ao termo, disse relacionar-se a quem nasce na Argentina. Os alunos riem e o professor fez menção que concordava, mas induz o aluno a pensar sobre o termo, porque os meios de comunicação transmitem o futebol daquele país e insiste na resposta do aluno, que responde novamente *argentaria*. Para que o aluno compreendesse melhor, disse que quem joga na Seleção Argentina são jogadores... E o aluno completa: *de futebol*. Todos riem mais uma vez.

O levantamento do vocabulário continua e Marin pede um exemplo a Henriette, que demora a responder, a colega Samantha sussurra o termo *doravante*, e o professor a agradece por ter soprado.

Após ter anotado as palavras na lousa, Marin inicia as explicações dos significados de cada uma delas. Cita a primeira, que é *austríaco*, escolhida por Wey. Esmeralda levanta a mão e diz que todo mundo sabia que *austríaco era originário da Áustria*.

François Marin professor argumenta que era possível que outros soubessem, mas Wey não sabia. A aluna retruca dizendo que só Wey não sabia isso, pois todos sabiam. Marin contra-argumenta que ela não conhecia o termo *ardiloso*, por isso não poderia julgar o colega daquela forma, mas Esmeralda não se conforma e continua criticando a escolha do aluno.

O professor contorna a situação dizendo que sempre haverá os que sabem mais e os que sabem menos e que, além disso, aquela discussão não era tão importante assim, pois poderia explicar que *austríaco* era designativo de habitante da Áustria, um país bem pequeno. Aproveita para perguntar se alguém conhecia um *austríaco* famoso. Um aluno responde *Wolfgang Amadeus*

Mozart. Insiste se conheciam mais alguém, mas ninguém se manifesta e o professor explica que esse país fica ao sul da Alemanha e que poderiam vê-lo no mapa.

Depois, repreende o aluno Souleymane, por não anotar as palavras e nem ter o material. O aluno se justifica dizendo que as copiaria em casa e que o professor ficasse tranquilo. François Marin continuou a aula citando a palavra *suculento*, mas, antes de explicá-la, pergunta o seu significado. Uma aluna arrisca tratar-se de *suco* e Boubacar brinca com o termo “cu lento”, no entanto Marin o repreende dizendo-lhe que não fora nada educado.

Em seguida, escreve a frase: *Bill se delicia com um suculento cheesburger*. O aluno Chérif recrimina o termo dizendo que *cheesburger* era uma porcaria e questiona a escolha dessa palavra. Marin afirma que a escolhera, justamente, para provocar opiniões diferentes, pois, dessa forma, os alunos opinariam e exemplifica que, para Chérif, o *cheesburger não era suculento*, assim poderiam supor o significado do termo.

O estudante insiste que era uma *droga* e o professor afirmou que a escrevera para deixá-los com “a pulga atrás da orelha”. Ao ouvir tal expressão, uma aluna quer saber o que significava e Marin explica ser o mesmo que “desconfiado”.

A aluna Khoumba o interrompe para saber por qual razão sempre usava *Bill* para construir as frases, e que achava o nome esquisito. O professor não entende, pois era o nome de um presidente famoso. Esmeralda e Khoumba insistem que ele poderia mudar e dão outros exemplos, como Aïssata, Rachid ou Ahmed. O professor pede sugestões e as duas escolhem Aïssata.

Na sala dos professores, Marin e Frédéric, professor de História e de Geografia, discutem sobre os livros de leitura para aquela 7ª. série. Frédéric informa que os ensinará sobre o Antigo Regime e acredita que livros sobre o Iluminismo poderiam ajudá-los, como os de Voltaire, mas Marin acha-o muito difícil. O professor sugere *Candide*, que também é considerado inadequado para aquela série, ou *Zadig*, com o qual concorda, mas mesmo assim acredita que será difícil.

Aula 03: Estudo dos verbos: imperfeito do indicativo

Os alunos, por algum tempo em silêncio, fazem exercícios sobre verbos no imperfeito do indicativo, mas logo a conversa se inicia porque Nassim sujou a mão com a tinta de caneta e Rabahh, ao levantar-se para levar um lenço para o amigo, tropeçou e caiu perto de Louise.

Todos riem e dizem que fora proposital, pois ele gostava da aluna, mas o professor pede que se acalmem. Esmeralda pergunta-lhe qual a razão da conjugação chamar-se *imperfeito do indicativo* e não somente imperfeito. O professor devolve-lhe a pergunta, e Esmeralda afirma que não lhe perguntaria se soubesse.

Marin explica que se usa imperfeito do indicativo para se diferenciar de outro imperfeito e pergunta para os alunos de qual imperfeito precisariam diferenciar. Agam levanta a mão e responde que seria do imperfeito do subjuntivo. Confirma a resposta do aluno e pede um exemplo para a sala. Khoumba levanta a mão, e o professor sorri dizendo não acreditar. Ela brinca que está com medo de errar, mas arrisca “se eu fusse”.

O professor brinca dizendo que o verbo era *fusser*, e repete se *eu fusse*, se *tu fusses*... A aluna faz mais algumas tentativas inadequadas de conjugar o verbo *ir*, mas desiste.

O professor a elogia, porque havia percebido a formalidade verbal, apenas desconhecia foneticamente a conjugação desse verbo. Escreve na lousa uma frase para facilitar o aprendizado: *É preciso que eu seja saudável*. Pergunta qual é o tempo verbal do *seja* na frase.

Eva responde que é o presente do subjuntivo e o professor afirma que para se ter o imperfeito do subjuntivo seria necessário concordar o tempo: *Era preciso que eu fosse saudável*. Esmeralda questiona o fato de que nunca falaria assim com a sua família e Khoumba acredita que a amiga estava certa, pois ninguém falava assim; logo ela havia acertado da primeira vez.

O professor insiste em querer ensinar-lhes sobre a conjugação verbal, mas que, mesmo antes de aprenderem o imperfeito do subjuntivo, já contestavam a forma normativa do verbo. Afirma-lhes que deveriam aprender todas as variantes da língua para depois questionarem o seu uso.

Uma das alunas o questiona por criticá-los, porque na família dela nem a avó falaria daquele jeito; logo, era uma linguagem muito antiga. Boubacar acredita ser uma linguagem da Idade Média e Khoumba afirma pertencer à burguesia. A mesma aluna o questiona quando foi a última vez que ouviu alguém falar daquele jeito. O professor responde que teria sido no dia anterior, conversando com os amigos.

Uma polêmica se levanta, pois a turma não reconhece o imperfeito do subjuntivo como um uso entre a maioria das pessoas, e Marin explica-lhes que realmente esse uso pertence a um grupo menor de pessoas “esnobes”. Mais uma vez a aluna quer saber o significado desse termo e o professor afirma serem aquelas *um pouco afetadas, rebuscadas, que usam maneirismos...* Boubacar interfere perguntando se eram os homossexuais.

Todos riem e o professor lhe explica que uma pessoa poderia ser refinada sem ser propriamente um homossexual. Marin afirma que esse uso poderia ser mais um registro pertencente ao burguês, mas o importante era analisar todos os registros de uma língua para saberem usar o coloquial e o formal, o oral e a escrita e transitar entre todos eles.

Louise quer saber como diferenciar a fala da escrita e Marin explica que não era tão simples assim, mas com treino e intuição poderia saber. Damien não sabe o que significa *intuição* e é informado que pode ser um pressentimento, algo que poderia intuir ao escrever. Ele o questiona e se não pressentisse, o que aconteceria. Marin afirma que praticando se aprenderia, quase que, naturalmente, a diferenciar a oralidade da escrita formal.

Souleymane e Boubacar, enquanto o professor dá as explicações riem e conversam no fundo da sala o tempo todo. De repente, Boubacar diz que Souleymane gostaria de fazer uma pergunta ao professor. Souleymane hesita, pois tem medo de que o professor não goste da pergunta e que o mandasse para Guantánamo. Mas, diante da insistência do professor, pergunta-lhe se era um homossexual, apesar de não ser um interesse dele, mas sim dos outros.

A turma grita e ri efusivamente. O professor estranha o fato de não ser do interesse do aluno, pois insistia na resposta e responde-lhe que não gostava de homens. Reiniciou a aula pedindo desculpas a Souleymane por tê-lo decepcionado e já que o aluno havia resolvido os seus problemas psicológicos, iriam continuar a estudar sobre o imperfeito do indicativo.

Aula 04: Exercícios sobre conjugação verbal: imperfeito do indicativo

A aluna Justine escreve na lousa a conjugação do verbo *crer*, mas escreve inadequadamente algumas pessoas verbais, por isso na sala há comentários sobre a sua escrita e alguns tentam ajudá-la, soprando a outra forma. Marin, em pé no meio da sala, pede que a aluna pense sozinha. Ao terminar, Justine volta ao seu lugar e Rabah a critica afirmando que ela não sabia escrever, mas ao ser instigado a dar as respostas também não consegue. O professor o critica por ter feito pior que Justine, além disso, diz que os alunos não conseguiam se concentrar por mais de 20 segundos, que pareciam crianças de três anos e que tal atividade seria realizada por outros adolescentes facilmente.

Khoumba se ofende e afirma que o professor *pegou pesado demais*. Esmeralda concorda e o professor questiona se somente as duas pensavam isso. Ambas afirmam que a sala toda concordava com elas. Ele argumenta que teria os seus motivos, pois se não fosse exigente, não fariam as atividades.

No intervalo, o professor de informática entra na sala dos professores revoltado com os alunos da 6ª. série, dizendo que não desejavam aprender e eram muito indisciplinados. Ele afirma que falaria com o diretor que não lecionaria mais para aquela série. Os demais professores o escutam sem nada dizer e o professor continua contando que os alunos não se comportavam adequadamente, nem fora da sala, e que parecia um bando de animais. Afirma que lecionava há mais de cinco anos e nunca vira nada igual. Depois de desabafar, sai da sala com o professor Hervé de Educação Física.

Aula 5: Leitura e escrita de um autorretrato a partir do livro: *Diário de Anne Frank*

Na sala, os alunos estão com livros nas mãos, enquanto Marin afirma que deveriam ter lido, pelo menos, um capítulo por dia e pergunta se alguém havia lido todo o livro *O Diário de Anne Frank*. Apesar de não obter resposta, ele inicia a leitura e pede que Khoumba leia um trecho, mas a aluna nega-se, alegando *não estar a fim de ler*. O professor a questiona desde quando a vontade do aluno prevalecia na sala e pergunta aos demais como se chamava a atitude tomada pela aluna. Wey responde *pouco caso*. Marin não aceita essa

resposta como um tipo de atitude e Boubacar diz ser *insolência*. O professor sorri, confirma o termo e diz que o aluno, também, era um especialista naquilo.

Khoumba diz algumas gírias como: *O senhor fica bodeando e tretando comigo*. O professor alega não haver entendido e pede que fale direito com ele. Ela repete a gíria *bodeando* e para explicar esse termo usa outra expressão: *o senhor fica pegando no meu pé*. Marin diz que apenas quis que ela lesse, por ser um direito dele. Khoumba discorda do professor, porque na sala ninguém havia lido o livro e o professor *pegou justamente no pé dela*. Ele afirma que apenas queria dar aula, mas a aluna retruca dizendo-lhe: *“Tá deixa quieto...”*.

Os ânimos se exaltam e o professor pede para a aluna calar a boca e ler. A aluna diz que não o entendia, pois primeiro a mandara calar a boca e, depois, que lesse; logo ele deveria pensar melhor no que falava. O professor desiste e diz que depois da aula conversariam seriamente. Ela ainda responde-lhe: *Tá, tudo bem!*

Marin pergunta para Esmeralda se ela também estava em greve. A aluna afirma não ter nada com a vida da colega. O professor pede-lhe que leia então. Esmeralda responde que o faria com *imenso prazer* e procede à leitura de um trecho do livro:

Querida Kitty, sou conhecida por ser cheia de contradições. Como já lhe disse várias vezes, a minha alma está dividida em duas. De um lado, a minha exuberante alegria, o meu olhar irônico sobre tudo, o meu prazer de viver, e, sobretudo, a minha forma leve de encarar as coisas. Com isso, quero dizer que não vejo problema na sedução, em dar um beijo ou abraçar alguém, ou dizer uma piada de mau gosto. Este lado é bastante mais aguçado e esconde o outro lado que é mais belo, mais puro e mais profundo.

A verdade é que ninguém conhece o lado mais bonito da Anne e é por isso que a maioria das pessoas não me suporta. Posso ser uma palhaça divertida durante a tarde, mas já em seguida todos já tiveram uma cota suficiente de mim. Em sociedade, nunca ninguém viu a doce Anne. Mas na solidão, ela sempre aparece. Tua, Anne Frank. Aqui termina o diário de Anne Frank.

Quando a aluna termina, Marin explica-lhes sobre as condições que Anne Frank finalizou o diário. No trecho em que Anne Frank se despede é porque a polícia havia aparecido no apartamento onde se escondia a sua família, tendo sido todos deportados. E Anne Frank morreu pouco tempo depois.

O professor explica que sempre, ao ler o livro, conhecia cada vez mais a jovem, porque ela escreveu sobre os seus sentimentos, sobre sua personalidade e isso permitiu que ele a conhecesse. Fala para os alunos que a atividade deles seria escrever um autorretrato mais ou menos idêntico ao livro, que deveria exprimir sentimentos, sensações que contassem histórias que permitissem conhecê-los melhor.

A aluna Lucie fica em dúvida sobre o fato de escrever de forma apaixonante como Anne Frank, pois a vida deles não era igual a dela. Julliett afirma que só uma pessoa de 70 anos poderia escrever assim, mas aos 13 anos não haveria nada para contar. Todavia o professor acredita que os jovens de 13 e 14 anos já teriam muitas experiências. Reforça que uma pessoa com 70 anos poderia ter mais experiência, mas não acreditava que a vida deles não fosse interessante.

Uma das alunas afirma que o cotidiano se resumia em ir à escola, voltar para casa, comer e dormir. Marin concorda que se descrevessem só o dia a dia não seria importante, mas o interessante seriam os sentimentos de cada um deles. Mas a aluna acredita que isso eram particularidades e o professor insiste que se interessaria por essas histórias. Nem todos acreditam no interesse do professor por eles, pois acham que ele disse isso apenas para que eles fizessem o trabalho.

Marin concorda que tenha exagerado um pouco para que eles escrevessem o autorretrato, mas que estava sendo sincero. Gostaria também de saber por que era um problema tão grande para eles, falar de suas vidas. A maioria afirma ter vergonha de expor a vida deles para os adultos.

Wey não concordou que a maioria tivesse vergonha, pois ofendiam uns aos outros, não se respeitavam, faziam piadas e gritavam. Louise acredita que se poderia ter vergonha da própria aparência. O professor concorda com ela e pergunta-lhe do que sentia vergonha e ela respondeu que era de suas orelhas, porque eram de abanos.

Marin pede-lhes para pegar os cadernos e anotar aquele trabalho para a próxima 5ª. feira, pois já tinham material suficiente para escreverem um autorretrato. Lembra-lhes que não era uma autobiografia, pois não deveriam contar sobre a vida deles, mas descrever sobre a personalidade de cada um.

Depois de prontos seriam lidos em sala. A campainha da escola toca e os alunos saem, mas, antes de Khoumba ir embora, o professor a chama.

Marin quer que a aluna peça desculpas por ter se recusado a ler o trecho do livro. Pede a agenda da aluna para escrever um recado para a mãe dela. A aluna joga-a sobre a mesa e o professor exige que a entregue em suas mãos, e ela o obedece. Ele a questiona por ter mudado de um ano para o outro, e ela alega não ser mais criança.

Khoumba não consegue responder sobre a sua mudança de atitude e deseja sair rapidamente, pois a mãe a estava esperando. Todavia, o professor deseja ouvir as desculpas da aluna. Como ela não pede adequadamente, teve de repetir esse pedido muitas vezes. Khoumba, finalmente, consegue dizer: *Peço desculpas, professor, por ter sido insolente com você.* Mas antes de sair, vê as duas amigas que a esperavam na porta da sala e sai rindo e diz que não tinha sido sincera. O professor chuta uma cadeira que cai no chão.

O diretor da escola, em reunião com os professores, discute questões de avaliação e de controle da disciplina. O diretor comenta que os professores da comissão permanente, na reunião anterior, sugeriram a introdução de um sistema de penalização por pontos para os alunos, baseado no sistema da carta de habilitação, segundo a qual, se um aluno infringir uma regra perderia pontos.

Um dos professores da comissão explica que desde o início do semestre notaram um aumento de problemas na escola. Além disso, os castigos já não surtem efeito nos alunos, daí termos tido essa ideia de um sistema de penalização por pontos. Cada aluno teria, por exemplo, seis pontos, e em função da gravidade do erro poderia perder um ou dois pontos.

Uma professora questiona o que aconteceria se os estudantes já não tivessem pontos. O professor explica que seriam encaminhados ao Conselho Disciplinar. Mas uma das representantes da Comissão de Pais acredita que essa punição é típica da linha de orientação da escola, pois estão sempre prontos a penalizar, mas nunca a valorizar os alunos.

Outra contra-argumenta afirmando que eles já se valorizavam sozinhos, pois há a valorização pelas notas e passando de ano, enquanto os professores os valorizariam nos conselhos de classe, encorajando-os quando a média não é boa, além de haver o quadro de honra, as medalhas, entre outras atitudes, e que isso não era pouco.

Outra professora acredita que nesse sistema retiram-se pontos de quem não se comporta adequadamente e questiona por que não valorizarem os alunos dedicados.

A coordenadora Julie diz que é favorável à valorização dos alunos, mas se um aluno acumular pontos e obtiver 34 pontos, poderia ter uma larga margem na pontuação e modificar o seu comportamento e todos perderiam o controle.

Frédéric argumenta que, mesmo sem esses hipotéticos 34 pontos, começando com seis pontos, significa que os alunos podem cometer atos graves, sem serem punidos, pois para perder um ou dois pontos não representava um verdadeiro castigo. Isso tudo poderia gerar uma sensação de impunidade perigosa, como se fosse uma típica falsa boa ideia.

O diretor explica que, nesse caso, poderiam tentar encontrar uma punição em que os alunos perdessem todos os pontos de uma vez, mas essa estratégia faria com que os alunos perdessem o interesse pela pontuação, por isso não era nada simples.

François Marin questiona a ideia de Frédéric sobre o que chamava de sentimento de impunidade, porque gerava um espaço de manobra e, quando se lida com punições muito rígidas, poderiam aplicar da mesma forma a todos os casos. Frédéric não concorda, já que as regras deveriam ser aplicadas da mesma forma a todos os alunos. Se algum aluno as infringissem deveriam ser punidos, caso contrário não entendia para que se preocuparem.

Marin continua afirmando que é por haver regras tão rígidas que se cria uma enorme tensão. Cita como exemplo o controle dos celulares, pois todos sabem que são proibidos na sala de aula, embora algumas vezes tivesse permitido uso em sala de aula, por não ser um problema grave para ele. Ele afirma que deve haver um espaço de manobra, uma zona de tolerância. Frédéric comenta que isso contribuía para o reino da arbitrariedade. Todavia, Marin não concorda, porque o problema não era a lei, mas o espírito da lei.

O diretor encerra os debates e abre a pauta para outro assunto administrativo que é uma questão sobre o aumento dos cafezinhos na máquina de café.

Depois da reunião, François Marin vai até o seu armário e encontra uma carta de Khoumba sobre o fato de tê-la feito pedir desculpas.

Khoumba deixa uma carta para o professor Marin:

“O respeito.

Os adolescentes aprendem gradualmente a respeitar os seus professores por causa das ameaças deles ou pelo medo de arranjar problemas.

Para começar, eu o respeito e isso deve ser mútuo. Por exemplo, se eu não digo que o professor é histérico, por que é que o professor me chama disso? Eu sempre o respeitei e não compreendo por que tenho de escrever sobre isso. Sei que tem qualquer coisa contra mim, mas eu não sei o porquê.

Resolvi me sentar no fundo da sala para evitar mais conflitos, a menos que me provoquem. Admito que possa ser insolente, mas só quando me provocam.

Não voltarei a olhá-lo para que não volte a dizer que o meu olhar é insolente. Normalmente, numa aula de Francês, devemos falar do francês, e não da nossa avó, da nossa irmã ou da menstruação das garotas. E é por isso que, a partir de agora, não volto a falar com você.

Assinado Khoumba”

Aula 06: Escrita de um autorretrato

Os alunos estão escrevendo os autorretratos, enquanto o professor circula pela sala e os observa. Verifica que Esmeralda mudou de lugar e, ao perguntar a razão, a aluna responde-lhe que quis mudar de ares. O professor pede que terminem logo, pois era uma cópia do rascunho já que era uma tarefa para ser feita em casa. Boubacar pede mais um tempo, queria caprichar ao copiar.

O professor pede a Esmeralda que leia o seu autorretrato, mas a aluna pergunta-lhe se era obrigada e, diante da afirmativa do professor, inicia a sua descrição. Escreveu ter 14 anos e morar na casa dos pais com mais três irmãos e que gostaria de ser policial, pois dizem somente haver policiais maus e que precisavam de bons policiais, mas se não desse, seria *rapper* e cita vários cantores dessa modalidade musical. Além disso, gostava de comer, dormir e *agitar com o pessoal do pedaço*. Por causa da última frase, o professor quer saber outra forma de se escrever “o pessoal do pedaço” e a aluna responde “bairro”. Em seguida, o professor afirma que ao escrever deveria preocupar-se com a formalidade e que não esperasse que ele a corrigisse, já que conhecia a outra forma de escrever aquela palavra.

Pede a Wey para ler. Ele conta que era chinês, tinha duas irmãs, era o caçula da família, adorava videogame e jogava umas quatro horas por dia. Escreveu também ter muita dificuldade em falar o francês e que muitos não o entendiam. Afirma sair muito pouco às ruas, porque quase nada o interessava, além disso, a poluição fazia mal a ele que era alérgico a algo que não sabia. Esmeralda emenda a frase dizendo-lhe que era alérgico a ele mesmo e que ninguém havia descoberto. O professor a interrompe e elogia o texto do aluno, pois tem a impressão de conhecê-lo um pouco mais e esse era o objetivo da atividade.

Rabah questiona o porquê de o professor sempre elogiar Wey e criticar os demais alunos. Marin diz que não era verdade e pede para o aluno ler o seu autorretrato. Todavia, o aluno nega-se e o professor pergunta-lhe como poderia elogiá-lo, se não queria ler. Rabah afirma que não desejava ser elogiado, mas inicia a leitura dizendo que tinha 14 anos e que ouvia *rap*, que adorava a sua cidade na Kabylia e a visitava todos os anos. Continua lendo que gostava de

rap e de *slam*. Tinha dois irmãos e não gostava da escola; não gostava de *vagabas* e adorava Zidane. Gostava de falar e dos clips de *Psy4 De La Rime* e finaliza dizendo: *Viva o Olympia!* O professor brinca a respeito do time e pergunta se ele terminara. Mas um colega que acompanhava a leitura diz que havia mais duas linhas que o aluno não lera. Boubacar pega a folha e lê em voz alta que Rabah gostava de fazer sexo, de estar bonito para as mulheres e do verão para olhar os decotes. Rabah nega ter escrito aquilo, mas o professor brincando diz que ele não precisaria se envergonhar de ver os decotes das mulheres, pois não era pecado.

O próximo indicado para a leitura é Souleynname que se recusava a ler, mas devido à insistência do professor, inicia dizendo o seu nome e que não tinha nada a dizer, porque ninguém o conhecia, a não ser ele mesmo. Alguns alunos batem palmas e o professor disse, com um sorriso, que estava bom, mas o repreende pelo fato de ter escrito tão pouco, enquanto os outros fizeram mais. Souleynname afirma que não *era a fim de contar sobre a vida dele* e, se os demais queriam saber o problema era deles, pois nunca contava nada sobre ele.

Esmeralda mais uma vez interrompe afirmando que ele na verdade não sabia escrever. Nesse momento, há uma discussão entre eles. Souleynname mostra-lhe uma tatuagem em seu ombro esquerdo e a ofende, mandando-lhe preocupar-se com os bandidos e que o deixasse em paz.

O professor os interrompe e deseja saber o significado da tatuagem. Boubacar disse que significava calar a boca, mas o amigo não concorda com o que ele dissera. Então, o professor insiste e o aluno, apesar de resistir, traduz dizendo: *Se o que vai dizer não é mais importante que o silêncio, cale-se.* Boubacar afirma que era a mesma coisa. E nesse debate, o professor quer saber de Souleynname por que seria diferente, e o aluno responde que as suas palavras foram mais profundas. Marin concorda e afirma-lhe que ele aprenderia muito mais se aproveitasse essa experiência para colocar no papel.

François Marin aponta para a lousa e pede que os alunos refaçam a tarefa seguindo as perguntas já escritas anteriormente: *Do que gosto e do que não gosto? Quais são as minhas qualidades e os meus defeitos? O que gostaria de ser?* O diretor bate à porta e entra pedindo que os alunos se

levantassem, como nem todos fizeram isso, ele reforça dizendo que levantar-se era sinal de respeito e não de submissão.

Depois que todos estavam em pé, pediu-lhes para sentar e apresentou o novo aluno para a turma. Era o novo aluno da 7ª. série, chamado Carl, e esperava que ele fosse recebido adequadamente. O professor aponta um lugar para o aluno sentar e pede que pegue lápis e papel para acompanhar a aula e que depois conversariam.

A campainha da escola toca e o professor informa a todos para não se esquecerem do trabalho da segunda-feira que deverá ser entregue e pede para Carl ficar um pouco mais na sala. Marin se apresenta para o aluno e explica-lhe que deverá escrever um autorretrato e preocupa-se em saber se o aluno seria capaz de escrever um. Carl afirma que sim e os dois se despedem.

Por ser o coordenador da sua turma, Marin inicia uma reunião com os pais dos alunos. Os primeiros a conversarem são os de Wey, que é elogiado pelo professor devido ao seu esforço e ótimas notas em outras disciplinas. Depois, o pai de Nassim, que deposita no filho toda a esperança de uma boa escolaridade, já que não tivera a mesma sorte de estudar quando jovem. Em seguida a mãe de outro adolescente questiona a análise do professor, afirmando que seu filho tinha boas notas, muitos amigos e que em casa dialogava muito com os adultos e talvez não conseguisse se comunicar com o professor. Afirma também que era um adolescente tentando se definir e que ela fora péssima na escola, porque era contra o sistema que os obrigava a aceitar as normas.

Pergunta para o professor se o fato de ele vestir preto o incomodava. O irmão e a mãe de Souleymane descobrem que o filho não leva materiais para a escola e tem um comportamento criticado por muitos professores. Ambos desconheciam os fatos, apesar de as anotações na agenda serem regularmente assinadas pela mãe. O irmão explica que, por serem africanos, a mãe não sabia ler francês.

Em outra aula, os alunos estão vendo fotos na porta da sala de informática. Quando o professor chega, eles informam que Souleymane tirara fotos para acrescentar ao trabalho de autorretrato. O professor gostou da ideia e o elogiou. Mas Souleymane afirma que era tudo mentira, pois não havia tirado fotos com aquela finalidade.

Aula 07: Montagem do autorretrato: sala de informática

Na sala de informática, os alunos digitam os seus autorretratos. Como não há computadores para todos, o professor pede que se apressem para que os outros também pudessem digitar as suas experiências. Souleymane baixa

de seu celular as fotos tiradas da família. O professor se aproxima de Carl que não o deixa ler, naquele momento, o que estava escrevendo. Esmeralda e Khoumba querem saber como se escreve uma palavra e o professor se admira quando explicam ser Lafayette, da Galeria Lafayette, por ser muito longe dali, pois ele duvida de que elas a conhecessem. Khoumba cita vários lugares importantes que já visitaram e o professor diz para as duas: *Então, sempre saem afinal! Já vi que fizeram as pazes. Isso é com a gente. Não tem nada a ver com isso*, respondem as alunas.

Marin observa as fotos de Souleymane na tela do computador e sugere-lhe para colocar legendas em todas elas, pois assim ele elaboraria o seu próprio autorretrato. O aluno concorda e digita as legendas correspondentes a cada uma das fotos. Depois, Marin as expõe no quadro de avisos da sala, apesar de Souleymane achar que não estavam com qualidade, mas o professor elogia seu trabalho. A turma aprecia as fotos com admiração.

Depois, Carl lê o seu autorretrato dizendo gostar de jogar bola, de jogos de computador, de se divertir com garotas bonitas, de passar férias nas Antilhas, de batatas fritas, de música *zouk* e *dancehall*, de ver a MTV Base e dos seus pais e do irmão.

Fala também que gostava dos seus amigos e de fazer bagunça, além de filmes sobre o tráfico de escravos e do seu bairro, da série "Estado em Alerta" e de comer em restaurantes e de se divertir. Mas não gostava de pessoas que choram sem motivo, de techno e de tectonic, de pessoas exibidas e de visitar o seu irmão na prisão, de programas de ídolos e de "Chuva de Estrelas, de políticos, da guerra no Iraque, de góticos e de skaters, professores muito rígidos, de matemática, de racistas, não gosto do Materazzi e de ter ficado no colégio Liceu Paul Éluard, mas gostava de estar naquela escola.

Durante o intervalo, a coordenadora informa que a mãe de Wey havia sido presa por estar ilegal no país, apesar de estar na França há três anos e que poderá ser deportada. Julie deixa um envelope sobre a mesa e sugere angariarem fundos para pagarem um advogado e que se mobilizassem, pois poderiam influenciar o tribunal a deixá-la no país. Uma das professoras, aproveita a oportunidade para dizer que estava grávida e, se fosse um menino, daria o nome de Enguerrand e ao brindar diz que gostaria muito de que a mãe de Wey ficasse na França e que o seu filho fosse tão inteligente quanto o aluno.

Os alunos jogam futebol no pátio da escola, brincam e se ofendem mutuamente.

Aula 08: Leitura dos autorretratos

Nassim está na frente da sala para ler o seu texto e o professor pede que fale alto para que todos o ouçam. O aluno fala sobre a Taça das Nações Africanas e que, para ele, o melhor time classificado foi o Marrocos. Aproveita para brincar com os colegas africanos de que o Mali não competiria, porque perdeu do Marrocos por 4 a 0. Os alunos acham engraçado e o professor entende que o recado era para Souleymane, que diz nem ter ouvido o marroquino.

O próximo foi o aluno Arthur que, por ser gótico, defendeu a sua maneira de se comportar e de se vestir. Afirma que não se importa como os outros se vestem e, por isso, acredita que se houvesse mais góticos na sala, haveria mais respeito. Explica que as suas roupas e o seu jeito são uma forma de liberdade e, principalmente, porque queria ser diferente dos demais.

O professor Marin o indaga sobre o fato de ser diferente, já que ele era igual aos outros góticos e o aluno justifica que pertencia a um grupo que pensava de outra maneira, de uma maneira mais melancólica. E o professor finaliza dizendo que eles eram diferentes, mas iguais ao mesmo tempo e agradece ao aluno pela coragem.

Boubacar defende os africanos criticados por Nassim sobre o Mali, pois o colega havia se esquecido da Costa do Marfim, que tem Didier Drogba como um dos melhores jogadores que joga no Chelsea e que nem mesmo os marroquinos tinham um craque daquele jeito. Pergunta qual era o marroquino que jogava na Inglaterra, pois só jogavam na França. O professor o agradece e diz que a defesa dele era realmente indispensável.

Abre-se uma discussão na sala, quando Carl reclama que não paravam de discutir sobre a Copa na África e que isso se estendia até na hora do intervalo. Os alunos envolvidos começaram a se inflamar, quando Carl respondeu à pergunta de Boubacar sobre o seu time preferido. Ao responder que torcia para França, Boubacar o questionou se era um caribenho como poderia torcer para esse país. Carl explica que as Antilhas era uma região francesa. Boubacar pergunta-lhe qual era a razão de afirmar, então, ser um caribenho e não um francês. Carl afirma que era a mesma coisa, pois havia na

seleção francesa até os jogadores Thierry Henri, Wiltord, Abidal, Thuram e o Diarra, que com certeza não jogava no Mali, porque não era louco.

Souleymane irrita-se com o debate e insulta a todos com palavrões e gestos obscenos, além de não obedecer nem mesmo ao professor que lhe pedira para se calar. O aluno se ofende com a ordem do professor e responde-lhe que não estava falando com ele. Os dois discutem e Marin o leva até a diretoria, enquanto os demais ficam sozinhos em sala.

Marin explica o ocorrido ao diretor e deixa o aluno na diretoria e volta para a sala. O diretor pergunta ao aluno se achava certo um professor largar a sala para ir até a diretoria com quem desrespeitou as regras. Afirma-lhe que gostaria de ouvir as justificativas do aluno, mas este não se defende.

Durante o Conselho de Classe, as representantes de sala Esmeralda e Louise riem e conversam o tempo todo. O diretor lê para os professores o resultado de uma avaliação prévia da 7ª. série, que indica serem os alunos, em sua maioria, agitados e indisciplinados. Em seguida avaliam Louise, que estava presente na sala. Para alguns, era um *desastre* como aluna, para outros, tirava boas notas.

Uma professora afirma que era um orgulho tê-la como aluna. O diretor insiste no tipo de recomendação que deveria colocar em seu boletim. Alguns acham que não era necessária nenhuma recomendação, mas diante das discussões sobre a sistemática de recomendações, o diretor resolve recomendar para que a aluna se esforçasse mais no próximo período letivo.

Depois afirma que o próximo seria Chérif. A maioria cita a questão do seu comportamento, mas que era muito inteligente e poderia melhorar as notas se prestasse mais atenção às aulas. Depois de muitas divergências sobre se o não aprendizado do aluno refere-se ao comportamento ou ao desempenho, o diretor recomenda que para o aluno melhorar precisaria mudar a sua atitude em relação às tarefas escolares.

Souleymane ao ser avaliado é analisado negativamente pela maioria dos professores, por ser muito indisciplinado em sala e por nunca levar o material escolar para a sala. Acusam-no de falar muito palavrão, de não respeitar o professor, além de ter sérios problemas na escrita.

Em determinado momento a representante de sala, Esmeralda, apresenta a evolução da média escolar do aluno em questão, que subira de 6,75 para 7,25, mas o diretor a interrompe afirmando que a discussão era sobre comportamento e não notas. Uns afirmam que resolveriam o problema expulsando-o da sala, outros não acreditavam nessa punição, pois parece que o aluno queria mesmo ficar fora da aula. Marin tenta defendê-lo e, ao ser lembrado sobre tê-lo levado à diretoria, afirma que era o primeiro incidente do ano que tivera com ele, pois ele havia ultrapassado os limites, mas acreditava que tal ocorrência não se repetiria.

O professor Frédéric não concorda com o amigo, uma vez que o seu trabalho era garantir a aprendizagem e não deixar os alunos no fundo da sala, sem nada a fazer. Para ele, era necessário chamar a atenção dos alunos. Marin concorda, mas afirma que não faria isso com ameaças e castigos, pois preferiria valorizar o que ele fazia adequadamente e que, além disso, Souleymane se interessava por algumas atividades.

O diretor interrompe aquela discussão e quer saber se a melhor atitude seria a advertência, mas Marin se opõe afirmando que ele era um aluno limitado.

Aula 09: Escansão de sílabas poéticas

Aula sobre métrica poética. Marin escreve na lousa alguns versos e pede que os alunos deem os nomes dos versos de acordo com a quantidade de sílabas. Em determinado momento da aula, Arthur quer saber por qual razão o Conselho de Classe diminuiu a sua média de 11,47 para 11,15. O professor, inicialmente, não o compreendeu, por imaginar que os números se referiam à escansão dos versos, mas o aluno explica tratar-se de sua média que havia sido reduzida.

O professor percebe que as representantes haviam divulgado o teor daquela reunião, e as critica por terem conversado muito durante a reunião. Louise se defende, afirmando ter anotado tudo.

Em seguida, Souleymane diz que o professor o havia prejudicado no Conselho de Classe. Quando o professor esclarece que o defendera, e que a maioria dos professores queria puni-lo, o aluno afirma ser perseguido por eles, pois se tratava de vingança. Marin tenta fazê-lo entender que era uma ação punitiva disciplinar. A aluna Esmeralda confirma que o professor havia denegrido a imagem do aluno, quando disse que ele era limitado.

O professor se dirige a Louise e a Esmeralda para saber se elas entendiam o que era ser representante de uma sala, porque não tinham o direito de divulgar antecipadamente os assuntos discutidos na reunião. As alunas afirmam que cumpriam o papel delas.

Marin reforça que se sentira envergonhado pelo comportamento das duas. Esmeralda afirma que somente ele se incomodara. Marin confirma que os demais também não gostaram e o comportamento delas assemelharam-se ao de duas *vagabundas*. Nesse momento, desencadeia-se um momento de grande tensão entre os alunos e o professor. As alunas se ofendem e

Souleymane tenta defendê-las, dizendo que o professor deveria respeitar as alunas. O professor tenta defender-se afirmando que não as chamara de mulheres vulgares, mas que o comportamento das duas assemelhava-se a isso. Carl diz ao professor que ninguém era ignorante e entenderam muito bem o que ele dissera.

Uma grande discussão entre Marin e Souleymane, que se levanta para sair da sala, é desencadeada. Marin tenta impedi-lo de sair, mas o estudante, ao se desvencilhar, bate a sua mochila na testa da aluna Khoumba, abrindo-lhe um corte profundo nos supercílios que causou um forte sangramento.

Marin faz um relatório de ocorrência omitindo a ofensa às alunas e o entrega para o diretor. Este avalia a gravidade da situação e afirma que levará o caso ao Conselho Disciplinar, mas o professor acredita que se tratava apenas de um incidente, que tomou grandes proporções, pois uma coisa levou à outra, e houve uma reação em cadeia. O diretor determina que iria suspender o aluno por 48 horas para que houvesse mais tempo para pensarem que medida punitiva tomariam.

Quando o professor descia as escadas da escola, a coordenadora o chama e alerta-o sobre a ofensa que dissera contra as representantes de sala. Lá fora, Marin vê Esmeralda e Louise, com as outras alunas, no pátio e as questiona pelo fato de terem contado o que acontecera à coordenação. As alunas se defendem e Khoumba se preocupa se Souleymane seria expulso da escola, pois entendia que o acidente com ela não fora intencional, mas acidental.

O professor afirma desconhecer as medidas punitivas, mas todos não confiam nele e Carl o ofende com um palavrão. Os ânimos se agitam e o professor chega a afirmar que na condição de professor poderia usar os termos que quisesse, mas diante das objeções dos alunos ele se retira imediatamente. Khoumba vai atrás do professor e explica-lhe que se o aluno for expulso da escola, o pai dele o mandará para Mali. Marin pede-lhe que aguarde os acontecimentos e esqueça o assunto.

Na sala dos professores, todos comentam sobre o ocorrido e é quase unânime a opinião de que o aluno devesse ser punido. Marin argumenta que o acidente com a aluna Khoumba não fora proposital, pois a mochila batera em seu rosto sem a intenção do aluno, apenas porque estava muito pesada e, no gesto brusco de querer sair da sala, atingiu a colega.

Marin lembra aos professores que no ano anterior, os doze casos que foram para o Conselho Disciplinar resultaram em expulsões. Alguns professores afirmam que se trata de uma reunião para se discutirem as melhores ações contra a indisciplina; Frédéric acredita que se o aluno chegou até lá foi pelo fato de que todas as outras ações se esgotaram. O professor de matemática aponta as outras medidas da escola, como uma comissão pré-disciplinar, a advertência aos alunos e uma reunião com os pais. Marin concorda com uma professora que confessa que os professores não se desempenharam muito, porque, para ele, os professores

fazem um julgamento prévio que permite pular algumas etapas e que a expulsão é uma forma de expurgar tudo o que estão tentando fazer em sala de aula.

Discutem, ainda, sobre a eficácia de uma expulsão, pois muitas vezes pode levar a família do estudante a tomar medidas mais duras ainda, como deportação para outro país, surras ou outras medidas punitivas graves.

Marin se reúne com o diretor, que deseja saber qual a sanção a ser aplicada a Souleymane e o informa que Julie, a coordenadora, contara sobre a ofensa do professor contra as duas alunas e, por isso, ele deveria elaborar outro relatório acrescentando o ocorrido. E aguardasse a reunião do Conselho.

Na reunião do Conselho, o diretor e os professores explicam para a mãe de Souleymane que o comportamento do aluno o conduziu à expulsão; a conversa era traduzida pelo próprio estudante, em virtude de ela não saber a língua francesa. O diretor dá ao aluno o direito de se defender, mas este se irrita e diz que não tinha nada a dizer. Alguns professores criticam o fato de o professor Marin estar acompanhando a acareação, justamente por estar envolvido com os fatos, mas o diretor argumenta que ele era o coordenador do Conselho e que o incidente não envolvia diretamente o professor. Apesar da insistência de um professor sobre a questão da ofensa, o diretor acredita que Souleymane aproveitou-se da situação para expressar a sua raiva contra os professores. A mãe de Souleymane verbaliza algumas palavras em seu dialeto, e o estudante vai traduzindo que era um bom filho e sempre que podia ajudava aos irmãos. Mas diante da expulsão, a mãe pede desculpas em nome do filho e ambos saem da sala.

Aula 10: Avaliação diagnóstica de aprendizagem

Marin pergunta aos alunos o que eles mais aprenderam durante o ano e Louise afirma que aprendeu proporções em Matemática, outro aluno disse ter adorado ciências, mas Marin quer saber o que havia aprendido e o aluno responde sobre vulcões, tremores de terra, placas tectônicas... A convergência e o afastamento da placa terrestre... Boubacar aprendeu trigonometria, o teorema de Pitágoras e o teorema de Tales, e o professor pede ao estudante que enuncie o teorema de Pitágoras e Boubacar se confunde um pouco, mas cita a teoria de Pitágoras.

Uma aluna afirma ter aprendido em História o comércio triangular, em que havia barcos que partiam da Europa com produtos manufaturados para a África e trocavam-nos por homens que se tornavam escravos e eram levados para a América para trabalharem. Depois, o dinheiro do trabalho deles voltava para a Europa e que isso era o comércio triangular.

Carl aprendeu em Química sobre combustões, mas quando o professor o questiona sobre a importância disso, aluno não sabe explicar. O estudante Demian aprendeu sobre a reprodução e explica para Marin que, na reprodução humana, o esperma gera uma vida, pois este entra no óvulo e depois de nove meses, faz-se uma ultrassonografia e o bebê nasce.

É a vez de Khoumba, que disse ter aprendido a tocar flauta contralto, na aula de Música e também Espanhol. O professor brinca se ela aprendera a tocar flauta em Espanhol. A aluna ri e diz que sabia algumas frases em Espanhol. O professor pede-lhe que fale algo, Khoumba diz *Llegan las... vacaciones. Marin pede-lhe que traduza e ela responde: as férias estão chegando ou as férias chegaram.*

Esmeralda afirma que não aprendera nada. Marin não acredita, pois ninguém fica nove meses na escola sem aprender alguma coisa. Esmeralda diz que é a prova disso, mas o professor insiste que nos livros lidos deve ter aprendido algo. A aluna diz que os livros eram uma droga e inúteis. Ele insiste se não houve nenhum que lera por iniciativa própria. A estudante cita *A República, de Platão*, um livro de sua irmão que cursava Direito.

Marin pede-lhe que comente sobre ele e Esmeralda afirma que era de um *cara* que se chamava Sócrates, que fazia perguntas para as pessoas nas ruas como: *Tens a certeza que pensas naquilo que pensa? Tens a certeza de que fazes o que fazes?* E depois as pessoas ficavam mais confusas e refletiam sobre as coisas. O professor indaga sobre os temas abordados por Sócrates, e a estudante explica que era sobre o amor, a religião, Deus, sobre as pessoas e sobre tudo. Marin a elogia pela escolha da leitura. Esmeralda sorri e diz que não é uma leitura de *vagabunda*.

A campainha tocou e antes de os alunos saírem, o professor entrega todos os autorretratos dos alunos que foram organizados e encadernados com textos e fotos da turma.

Todos saem e fica apenas a aluna Henriette, que conta para o professor que não aprendera nada na escola. Ele não concorda e explica-lhe que às vezes era difícil lembrar-se do que se aprendera. Henriette confirma que não aprendera nada mesmo, mas que apenas não gostaria de ir para o curso profissionalizante.

QUADRO 2 – TÍTULOS DAS AULAS

No. de aulas	(1) Sementes de Violência	(2) Ao Mestre, com Carinho	(3) Mr. Holland, Adorável Professor	No. de aulas	(4) Mentes Perigosas	(5) Música do Coração	(6) Escritores da Liberdade	(7) Entre os muros da escola
01	Apresentação da disciplina	Leitura, Pesos e Medidas	Apresentação do professor e da disciplina	01	Apresentação da Professora	As partes de um violino	Apresentação da professora. Chamada	Apresentação do professor
02	Exercícios gramaticais	Multiplicação	Ensaio da orquestra da escola	02	Caratê como defesa e nota máxima para avaliações	Os cuidados com o violino: Lubrificar aro e apertar cordas	A odisseia de Homero	Estudo de Vocabulário
03	Estudos da oralidade da língua inglesa	A queda do professor	Ensaio da orquestra da escola	03	Conjugação verbal	Equilíbrio, postura e envergadura para tocar violinos	Poesia: Rima interna	Exercícios sobre conjugação verbal: imperfeito do indicativo
04	Ensinar sobre responsabilidade	Geografia: América do Sul	Sobre movimento de notas musicais	04	Classes de palavras e recompensas como avaliações	Enfrentar as dificuldades físicas	Leitura e exercícios de ortografia	Exercícios sobre conjugação: imperfeito do indicativo
05	Leitura e compreensão de textos	Leitura de poema	Aula de reforço individual e prova teórica para os alunos	05	Análise da música: Mr. Tambourine Man de Bob Dylan	Ensaio de violinos com os alunos	Dinâmica em grupo e escrita	Leitura e escrita de autorretrato a partir do livro: O Diário de Anne Frank
06	Ensaio da peça teatral de fim de ano	Sobre comportamento e respeito	Entrega e revisão das provas	06	Leitura de um poema de Dylan Thomas	Ensaio de violinos com os alunos	Reunião de pais	Escrita de autorretrato
07	Avaliação: Significado das abreviaturas.	Revolução Social e diversidades culturais	Música clássica: escala jônica e dórica	07	Orientações sobre o concurso Dylan vs Dylan	Mudança de estratégia para ensinar violino	Visita ao Centro Simom Wesenthal Beit Hashoah, Museu da Tolerância	Montagem do autorretrato na sala de informática
08		Sobre o casamento	Aula de reforço: ensinar a tocar clarinete	08	Vencedores do concurso Dylan vs Dylan	Ensaio de violino: treinar para a formatura	Leitura do livro: Anne Frank	Leitura dos autorretratos

09'		Visita a museus	Regência da Orquestra de Formatura da Turma de 1995	09	Análise de poemas	Ensaio de violinos com os alunos	Escrita: Carta para Sra. Miep Gies	Escansão de sílabas poéticas
No. de aulas	(1) Somentos de Violência	(2) Ao Mestre, com Carinho	(3) Mr. Holland, Adorável Professor	No. de aulas	(4) Mentes Perigosas	(5) Música do Coração	(6) Escritores da Liberdade	(7) Entre os muros da escola
10		Culinária: o preparo de salada	Ensaio da Banda Marcial	10	Estudo de vocabulário	Ensaio de violinos com a Turma Avançada da Escola Pública East River	Visita da Sra. Miep Gies	Avaliação diagnóstica de aprendizagem
11		Autodisciplina	Aula de Reforço: ensinar a tocar tamborim	11	Despedida da professora	Dialogando sobre a morte	Autoavaliação	
12		Sobre o preconceito	Ensaio da Banda Marcial	12	O retorno da professora à escola	Ensaio para a apresentação do Festival de Violinos: <i>Minueto nr. 1 de Bach</i>	Escrevendo diários	
13		Educação Física: luta de boxe	Ensaio da Banda Marcial	13		Apresentação no Carnegie Hall		
14		Preparação para a festa de formatura	Sobre a surdez de Beethoven	14		As partes de um Violino. Nova turma		
15			Ensaio da Orquestra					
16			Sobre Johann Sebastian Bach					

17				Ensaio para o teatro de revista do musical de George Gershwin						
18				Orientações para a festa de formatura						
No. de aulas	(1) Sementes de Violência	(2) Ao Mestre, com Carinho	(3) Mr. Holland, Adorável Professor	No. de aulas	(4) Mentes Perigosas	(5) Música do Coração	(6) Escritores da Liberdade	(7) Entre os muros da escola		
19			Ensaio com a aluna Rowena							
20			Primeira apresentação da orquestra na festa de formatura							
21			Segunda apresentação da orquestra na festa de formatura							
22			Terceira apresentação da orquestra na festa de formatura							

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS FILME: Sementes de violência			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS DO PROFESSOR	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Giz e lousa: Escreve o sobrenome; 2. Informa a importância do inglês para arrumar emprego; 3. tenta fazer um contrato com o aluno, líder da sala; 4. exercícios com 35 frases para preenchimento de lacunas; 5. Ao ser agredido, o professor não denuncia à polícia os seus agressores; 6. Defende-se das acusações de intolerância racial. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversam muito em sala de aula; 2. Arremessam uma bola de beisebol na lousa e bolas de papel entre os alunos; 3. Criam um apelido a partir do sobrenome do professor e o repetem muitas vezes (Daddy-0); 5. Não colaboram com a resolução dos exercícios. Indicam verbos errados para o preenchimento de lacunas das frases; 6. Alguns agredem fisicamente o professor Dadier e o de Matemática em um beco perto da escola; 7. Alguns alunos o acusam, junto à direção, por intolerância racial; 8. Um grupo de alunos quebram a coleção de discos do professor de Matemática. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O professor leva um gravador em sala de aula para trabalhar a oralidade da língua inglesa; 2. O professor não denuncia os seus alunos agressores; 3. Busca orientação de um antigo professor da universidade; 4. O professor repreende os alunos por terem quebrado o fonógrafo do professor de Matemática e exige que arrecadem dinheiro para repor o aparelho; 5. Projeção de um desenho animado, seguido de um debate sobre os temas mais relevantes e explica-lhes sobre a importância da leitura de vídeos e de livros; 6. Ensaio para peça teatral de fim de ano. Convide ao aluno Miller para participar do musical; 7. Preocupa-se com um aluno, que por ser negro e sem perspectivas, deseja abandonar os estudos. Faz um pacto com o aluno para que nunca desista de seus sonhos; 8. Atividades que envolvem anúncios de jornais e revistas sobre empregos; compra e venda de casas e carros. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Por meio do debate suscitado pelo filme, os alunos reconhecem-se nos personagens e descobrem realidades semelhantes às deles; 2. Os alunos se interessam mais pelas aulas; 3. A maioria dos alunos, liderados por um dos alunos, começa a respeitar o professor; 4. O aluno negro, que era visto como o principal líder negativo da sala, passa a defender o professor e a respeitá-lo.

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS. FILME: Ao mestre, com carinho			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS DO PROFESSOR	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<p>1. Primeira aula: retomada do conteúdo inicial das aulas;</p> <p>2. Ao chamar os alunos, estes leem um trecho qualquer livro;</p> <p>3. O primeiro aluno tem dificuldade de leitura, é interrompido pelo professor que chama outro para prosseguir a atividade;</p> <p>4. Ao final das leituras, apresenta outro conteúdo: pesos e medidas. Pergunta o significado de <i>avódupos</i>;</p> <p>5. Os alunos brincam e não lhe respondem. Ele explica-lhes que significa: pesos;</p> <p>6. Ignora a indisciplina e agradece-lhes pelo senso de humor. Afirma prever o futuro daqueles jovens que <i>sabiam muito pouco e se divertiam demais</i>. Apega a lousa e pede-lhes que façam uma cópia.</p> <p>7. Na aula de multiplicação, associa-a ao cotidiano das alunas para ajudarem as mães nas compras. Afirma que lhes ensinaria truques importantes. Era um conteúdo importante para a vida delas;</p> <p>8. Enfrenta problemas disciplinares na escola: livros jogados ao chão; arremesso de saco com água em sua direção, quando entrava na escola; objeto feminino queimado em lixeira da sala de aula; alunos que o desafiavam o tempo todo etc.</p> <p>9. Atitude autoritária: os alunos deveriam ficar calados, cumprir atividades dos livros, deveriam comportar-se como pessoas civilizadas.</p>	<p>1. Jogam papéis em forma de avôzinhos uns nos outros;</p> <p>2. Uma aluna arruma os cabelos, olhando-se em espelho de bolsa;</p> <p>3. Alguns alunos o chamam de: fessor. Um deles ao ir ao banheiro, bate a porta da sala violentamente, atribuindo o barulho à força do vento. Ao retornar afirma que não gostaria de ter perdido a aula. Esse mesmo aluno ofende as amigas; lê revistas de mulheres nuas e brinca com uma boneca inflável com os seios à mostra;</p> <p>4. Outro faz barulho arrastando a carteira, afirmando que estava com defeito. A maioria dos alunos levanta-se e de costas para o professor, chamam o aluno de <i>coitadinho</i>;</p> <p>5. Alguns serram os pés da mesa do professor, provocando-lhe uma queda ao se apoiar nela. Eles fingem preocupação e criticam a precariedade dos móveis da sala. Ao serem ordenados para que voltassem aos seus lugares, sentam em carteiras diferentes e quando obrigados a retornarem aos assentos de origem, sobem e andam sobre elas;</p> <p>6. Uma pilha de livros é jogada no chão por uma aluna que os chama de <i>porcanias</i>.</p> <p>7. Uma aluna é interrompida ao ler um poema por outra que arrasta a carteira, sorri, e pede desculpas atribuindo o barulho à precariedade do objeto. O professor a repreende dizendo que não faria aquilo se estivesse diante do pai. Ela se irrita e grita que ele não era o pai dela;</p> <p>8. O professor ao entrar na escola quase foi atingido por um saco cheio de água.</p> <p>9. Algumas alunas queimam uma peça íntima em uma lixeira da sala.</p>	<p>1. Depois de vários momentos de conflitos, o professor resolve tratar os alunos como adultos;</p> <p>2. Entra em sala e joga uma pilha de livros em uma lata de lixo, afirmando que estes eram inúteis para os alunos;</p> <p>3. afirma que os tratará como adultos prestes a enfrentar o mercado de trabalho;</p> <p>4. O tratamento entre todos os alunos, alunas e professor deveria ser de respeito e todos respeitariam a hora de falar, usando inclusive pronomes de tratamento: <i>senhor e senhora</i>;</p> <p>5. Pede às alunas que não se comportem com vulgaridade e os alunos deveriam ter mais asseio;</p> <p>7. Aborda temas como: revolução; Beatles; rebeldia como forma de transformação e liberdade; casamento e namorados;</p> <p>8. Incentiva os alunos a visitarem o <i>Museu Victoria e Albert</i> e o <i>Museu de História Natural</i>. Consegue autorização para levá-los no horário das aulas.</p> <p>9. Na ida ao Museu, preocupa-se com a ausência de um aluno. Quando soube dos motivos: levar uma trouxa de roupas para a mãe lavar, resolve aguardá-lo.</p> <p>10. Ensina a fazer uma salada como forma de sobrevivência.</p> <p>11. Exige retratação de alunos com o professor de educação física, devido a uma briga na aula.</p> <p>12. Explica-lhes como enfrentar as adversidades, sem atitudes incoerentes;</p> <p>13. Solidariza-se com um aluno cuja mãe falecera.</p> <p>14. Enfrenta com equilíbrio situações de preconceito.</p> <p>15. Mantém a calma ao ser desafiado a lutar boxe. Defende-se, e nocauteia-o. Elogia-o e o convida a treinar dos mais jovens.</p>	<p>1. Inicialmente a maioria passa a respeitar o professor. Assistem às aulas com mais interesse.</p> <p>2. Visitam juntamente com o professor os museus indicados.</p> <p>3. Participam das aulas com questões pertinentes ao tema de cada aula.</p> <p>4. Mobilizam comportamentos preconceituosos.</p> <p>5. Mobilizam formas de arrecadar dinheiro para ajudar um colega no enterro de sua mãe.</p> <p>6. Alguns defendem o professor quando sofre atitudes preconceituosas.</p> <p>7. O mais resistente passa a respeitar o professor, depois de um luta de boxe.</p> <p>8. Compreende a atitude positiva do professor em se defender e não nocauteá-lo imediatamente.</p> <p>10. Recebe positivamente o convite de ser treinador dos alunos menores.</p>

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS. FILME: Mr. Holland, um adorável professor			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS DO PROFESSOR	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<p>1. Primeira opção: ser compositor música clássica. Não desejava lecionar.</p> <p>2. Lecionar lhe daria mais tempo para compor;</p> <p>3. Torna-se professor de <i>Iniciação Musical</i>;</p> <p>4. aula exige que os alunos o tratem por <i>senhor</i>;</p> <p>5. Ao lecionar história da música, pede-lhes que definam o que é música.</p> <p>6. Silêncio de todos, manda-os abrir o livro didático e lê os conceitos teóricos sobre música.</p> <p>7. Irrita-se com a apatia e o desinteresse dos alunos;</p> <p>8. Aulas tradicionais com contéudos decorados;</p> <p>9. Avaliação tradicional Nomes dos compositores escritos por extenso;</p> <p>10. Irrita-se com a desafinação;</p> <p>11. As aulas expositivas sobre autores clássicos;</p> <p>12. Repreende e expulsa aluno que comenta preferir ficar em casa em vez de estar em sala de aula</p>	<p>1. Desmotivados e apáticos;</p> <p>2. Não dominam os instrumentos;</p> <p>3. Tiram notas baixas na sala;</p> <p>4. Não tem comportamentos agressivos ou rebeldes;</p>	<p>1. Preocupa-se com alunos sem domínio musical;</p> <p>2. Ensala a orquestra da escola para as festas de final de ano;</p> <p>3. Ao ensinar a escala jônica e a dórica, toca notas de <i>Minueto em Sol Maior</i> de Bach e os alunos pensam que é a música A lover's concert, de The Toys. Eles se interessam por esse gênero musical;</p> <p>4. Dá aula de reforço de clarinete para uma aluna;</p> <p>5. Dedica-se à regência de orquestras para as festas de formaturas de finais de ano;</p> <p>6. Ensaios da banda marcial para o campeonato;</p> <p>7. Aulas de reforço de clarinete para aluna com dificuldades de tocar esse instrumento;</p> <p>8. Aulas de reforço para ensinar um aluno a tocar tambor;</p> <p>9. Sensibiliza os alunos com a vida de Beethoven, surdo desde a adolescência;</p> <p>10. Participa de um projeto de uma revista musical de George Gershwin;</p> <p>11. Ensaios constantes para a peça teatral</p>	<p>1. Interessam-se mais pela música clássica;</p> <p>2. Dedicam-se ao estudo de música clássica;</p> <p>3. tornam-se mais afinados em seus instrumentos;</p> <p>4. Participam ativamente da orquestra e da banda marcial da escola;</p> <p>5. Interessam pelo teatro de revista e participam da seleção de alunos para atuarem na peça.</p>

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS. FILME: Mentes perigosas			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS DO PROFESSOR	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<p>1. Nas primeiras aulas, LouAnne Johnson sai da sala de aula devido à indisciplina.</p> <p>2. Questiona o amigo sobre isso, e ele a faz decidir se realmente desejaria ser professora. Para isso precisaria cativá-los, ou desistir da carreira de professora.</p> <p>3. Em casa, lê livros sobre a indisciplina. Reflete sobre as suas práticas em sala de aula e decidida muda as suas ações em sala de aula.</p>	<p>1. alunos de diversas etnias se reuniam em grupos para ouvir rap e outros gêneros musicais.</p> <p>2. Uma jovem sobe em uma carteira para anunciar a pergunta feita pela professora sobre os motivos da demissão da professora Shephard.</p> <p>3. Os alunos riem e apontam Emilio Ramirez, um dos líderes da sala, como o responsável por tentar seduzi-la.</p> <p>3. Ele nega o fato, mas dirige-se à nova professora afirmando que ela o interessava, por ser mais bonita e jovem que a anterior.</p> <p>4. Questionam-na por qual razão voltara à sala.</p> <p>5. Alguns se empolgam e agem como se fosse lutar contra ela, que se defende e apresentam como seria esse golpe. Eles parecem estar convencidos de que dizia a verdade.</p> <p>6. Na aula de conjugação verbal: ninguém lhe dá atenção.</p> <p>7. Ainda nessa aula: Uma aluna afirma se escolhesse, optaria pela morte da professora.</p> <p>8. Sobre o verbo <i>escolher</i>: resistem em participar da aula, pois querem lutar caratê ou saírem para ir ao banheiro.</p>	<p>1. Premia alunos com chocolates, quando fazem as atividades;</p> <p>2. Utiliza letras de música de Bob Dylan para aproximá-los dos poemas de Thomas Dylan.</p> <p>3. Cria o concurso <i>Dylan vs Dylan</i>. O prêmio para os vencedores: um jantar em um dos melhores restaurantes da cidade.</p> <p>4. Preocupa-se com as falhas de dois alunos. Vai até a casa deles. Mas é recebida de forma incomum pela mãe, a qual lhe afirmou que aprender poemas era sem futuro.</p> <p>5. Luta por uma aluna para que não fosse transferida de escola, porque estava grávida.</p> <p>6. Vai à casa da aluna para conversar com ela e a mãe da jovem.</p> <p>7. Dá esconderijo para um aluno ameaçado de morte, acusado de ter conquistado a namorada do agressor.</p> <p>8. Aconselha o aluno a procurar o diretor da escola, para que este tornasse providências que pudesse protegê-lo. Mas o diretor não o atende, porque não batera à porta. Quando vai para a rua é assassinado pelo aluno viciado em craque.</p> <p>9. A professora resolve abandonar a carreira.</p>	<p>1. Um aluno questiona a frase da colega, por acreditar que no lugar em que ele vive, não há muita escolha quando se tem uma arma apontada para a cabeça.</p> <p>2. Durante essas discussões, LouAnne descobre que os alunos eram obrigados a ler um livro chamado <i>Meu bem, meu hambúrguer</i> para estudarem sobre os pronomes possessivos, mas achavam-no ridículo.</p> <p>3. Analisa uma letra de música de Bob Man.</p> <p>4. Estudos de orientação de um artista que foi assaltado em sua repulsão.</p> <p>5. Ao saber que a professora sairia da escola, os alunos lutam para que ela continue a lecionar para eles.</p> <p>6. Os alunos conseguem convencê-la.</p>

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS. FILME: Música do Coração			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<p>1. Os problemas de indisciplina não são graves. Alguns não querem aprender a tocar violino.</p> <p>2. Manda um aluno para a diretoria, porque não parava de bater no instrumento.</p> <p>3. Nas primeiras aulas, dificuldades de ensinar postura, como segurar o instrumento, conhecer as partes de um violino.</p> <p>4. Repreendeu uma aluna por não conseguir manter a postura. Descobre que a aluna tem restrições físicas (usa bota ortopédica).</p> <p>5. Cobra-lhes em sala de aula os estudos extras em casa; repreende aqueles que não conseguem acompanhar harmonicamente o grupo; observa o tamanho das unhas dos alunos, pois isso atrapalharia o bom desempenho; critica-os o tempo todo.</p> <p>6. devido à reclamação de uma das mães sobre a sua atuação em sala, altera a dinâmica de suas aulas.</p> <p>7. Houve a intervenção da professora que retirou Justin de sala para que todos pudessem continuar os ensaios.</p>	<p>1. Alunos brincam com os violinos como se fossem tambores ou violões.</p> <p>2. Não querem aprender violino por ser um instrumento erudito.</p> <p>3. Outros tinham vergonha de carregar o instrumento pelas ruas.</p> <p>4. Um aluno diz que o violino era para ser tocado por homossexuais.</p> <p>5. Uma mãe não queria que o filho frequentasse as aulas, pois achava que tocar violino era somente para brancos e não para negros.</p> <p>5. Aluna reclama para a mãe sobre a atitude severa da professora. A mãe conversa com a diretora, que exige da professora mais paciência.</p> <p>6. Em uma das aulas, dois alunos brigam em sala de aula. Justin derruba o pedestal de Ramon que acabara de ser elogiado pela professora por sua capacidade de tocar. Ramon irrita-se com o amigo e deseja-lhe que morra.</p>	<p>1. Preciso dialogar muito com os alunos e comunidade para fazê-los entender que tocar violino apuraria o gosto musical deles, e isso poderia transformar a vida de cada um deles.</p> <p>2. A professora dá mais atenção à aluna com deficiência física. Estimula-a a continuar seus estudos, quando lhe disse que desistiria de tocar por não se capaz.</p> <p>3. Ensala várias aulas para eventos de finais de ano.</p> <p>4. Com a morte de um dos alunos, aborda com os demais sobre esse tema.</p> <p>5. Preocupa-se com o aluno que mandou o amigo morrer e vai até a casa dele para consolá-lo e tirar o sentimento de culpa.</p> <p>6. Luta para que as aulas de música não fossem extintas da escola. Reúne amigos e comunidade em sua casa para discutirem um jeito de arrecadar fundos para que as aulas continuassem.</p> <p>7. Ensaios para o Festival de Violinos Minueto n.1 de Bach.</p> <p>8. Com ajuda de amigos e de personalidades da música clássica, consegue realizar uma apresentação no Carnegie Hall.</p>	<p>1. Estranham a mudança da professora ao deixar de ser exigente, por causa da reclamação de uma mãe.</p> <p>2. Dedicam-se às aulas e ensaiam com dedicação em todos os eventos propostos pela escola.</p> <p>3. Participam dos ensaios da orquestra de violinos com dedicação.</p>

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS. FILME: Escritores da liberdade			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS DO PROFESSOR	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Escreve o nome na lousa, e aguarda com um sorriso os seus alunos. 2. Ela faz a chamada pelos nomes dos alunos, que respondem com má vontade. 3. Para controlar a briga, precisou da ajuda dos seguranças da escola. 4. Da segunda aula à quarta, foram muitas tentativas de Erin Gruwell em apresentar o conteúdo programático. Foram aulas sobre a <i>Odisseia</i>, de <i>Homero</i>, ao estudo de rima interna nas poesias, à leitura e exercícios de ortografia. 5. Para ensinar rimas internas, Gruwell leva para sala um aparelho de som e toca um <i>rap de Tupac Shakur</i>. Distribui a letra da música e explica-lhes sobre rimas internas. Afirma que o autor desse <i>rap</i> usa uma linguagem sofisticada e pede para alguém ler os primeiros versos. 6. Irritada com a indisciplina, pede-lhes que mudem de lugar. 7. Vários flashes marcam as aulas. 8. Preconceitos de alunos que achavam suas aulas sem sentido para eles. 9. Comparavam-na a "brancos" que haviam dizimado famílias inteiras de latinos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Entram em sala, ou a ignoram, ou olham-na desconfiados. Os alunos fazem chacoalhas sobre o jeito de Gruwell apagar a lousa. 2. Um aluno reclama de estar naquela sala, por acreditar ser para alunos com problemas de aprendizado 3. Outro aluno irrita-se com as observações do colega e partem para uma briga física. 4. A maioria dos alunos pertencem a variadas etnias, como latinos, asiáticos e africanos. 5. Atitudes de rebeldia entre os próprios alunos: uma aluna tailandesa reclama que Jamal jogara sua bolsa para longe da carteira. 6. A aluna Eva, abre os portões da escola para que um grupo de amigos de sua gangue entrasse. O objetivo deles era bater no aluno Grant, que já havia encarado os amigos de Eva Benitez. 7. Alguns se irritam com a atividade de rimas, por acharem que a professora menosprezava o conhecimento deles sobre a música de <i>Tupac Shakur</i>. 8. Muitos duvidam de que ela soubesse lecionar. 9. Alguns não concordam com o autoritarismo, por ter-lhes mandado sentar em lugares diferentes. 10. Flashes de confrontos entre grupos de alunos. Emboscadas e mortes de jovens entre gangues. Denúncias falsas de assassinato entre alunos. 11. Charge ridicularizando um aluno negro 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A partir da fronteira criada, a professora quer saber se estão satisfeitos. 2. A partir da caricatura de um aluno, compara com os desenhos do Holocausto (caricaturas de judeus). Explica o surgimento de gangues no sentido de que propagavam o ódio pelos palestinos, por considerá-los seres inferiores. 3. A partir do conceito de gangue, explica-lhes que eles não entendiam nada sobre isso, pois a gangue dos povos que se consideravam "superiores" era muito maior que a deles. 4. Atividade de reflexão sobre as diversidades culturais: os alunos ficam frente a frente para responder a uma série de perguntas. 5. Consegue autorização para visitarem o Museu da tolerância. 6. Incentiva a leitura do livro <i>Diário de Anne Frank</i> 7. Promove uma palestra com a Sra. Miep Gies, que abrigou a família de Anne Frank durante o período do holocausto. 8. Propõe a elaboração de um livro reunindo as histórias individuais escritas em seus diários. 9. Consegue a ajuda de empresários para a compra de computadores. 7. A partir desse livro nasce a Fundação dos Escritores da Liberdade. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Começam a questionar assuntos que os interessam. 2. Polemizam o fato de a professora não conhecer o mundo deles fora da escola. 3. Para a maioria, a sobrevivência os empurrava para atitudes preconceituosas. 4. Acreditavam que negros só seriam bem sucedidos se fossem jogadores de futebol e de rap bem sucedidos. 5. Inicia-se o despertar dos alunos para a leitura. 6. Participam da palestra da Sra. Miep Gies e admiram-na pela sua simplicidade e amor ao próximo. 7. Percebem a dedicação da professora. 8. Lutam para que a professora continue com eles no ano seguinte..

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

QUADRO 3 – AÇÕES PEDAGÓGICAS E ATITUDES DOS ALUNOS FILME: Entre os muros da escola			
AÇÕES PEDAGÓGICAS INICIAIS	ATITUDES INICIAIS DOS ALUNOS	NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR	NOVAS ATITUDES DOS ALUNOS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Reclama sobre o fato de os alunos demorarem a entrar em sala. Explica-lhes que estariam em desvantagens em relação a outras escolas que iniciam as aulas no horário. 2. Apresenta-se para a classe e pede que todos escrevam os nomes sobre pedaços de papéis e coloquem sobre as carteiras. 3. Estudo de vocabulário a partir de um texto. Escreve na lousa, as palavras escolhidas pelos alunos. 4. Ensina o uso da formalidade, a partir de verbos. 5. Leitura do livro <i>Diário de Anne Frank</i>. Irrita-se com uma aluna que se nega a ler um trecho. 5. Apresenta vários exercícios sobre a conjugação verbal normativa. 7. Promove reuniões de pais e alunos. 8. Ofensa a duas alunos, gera um conflito com outro aluno que é expulso da sala. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aluna questiona a questão de haver uma hora-aula, quando, na verdade representava 50 minutos. 2. Outra aluna, afirma que só colocaria o seu nome sobre a carteira, se o professor fizesse o mesmo. 3. Aluna critica a escolha de palavras do livro feita por alguns alunos, por acreditar serem óbvias demais. 3. Sentem dificuldades de identificar o significado de muitas palavras. Para alguns, a palavras escolhidas eram muito fáceis. Passam a questionar aqueles que disseram as palavras. 4. Questionam certas conjugações verbais, pois não compreendem a finalidade da norma culta. 5. Aluno não leva material para a sala e nem copia o conteúdo no caderno. 6. Aluna sente-se no direito de não ler o que lhe foi solicitado. 7. Um aluno mostra a sua tatuagem para colegas da escola. 8. Alunas representantes de sala, participam do Conselho Escolar, mas ficam durante toda a reunião. 9. Todos os professores avaliam os alunos. Há muitas críticas sobre alguns alunos, principalmente, Souleymane. 9. Souleymane ao sair da classe, por estar irritado, bate a mochila na testa de outra aluna e corta-lhe o supercílio. 10. Alunas se sentem ofendidas pelo professor e passam a ofendê-lo também. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apesar da dificuldade de alguns conjugarem os verbos, o professor elogia aqueles que conseguiram se aproximar da pronúncia da normatividade. 2. Diante da dificuldade vocabular, insiste na importância de se aprender a língua francesa normativa. 3. Ensina aos alunos sobre a importância da leitura para propiciar conhecimentos sobre o homem. 4. Elabora para os alunos uma aula sobre autorretrato e pede-lhes que leiam uns para s outros. 5. Utiliza a sala de informática para a realização do projeto "autorretrato". 6. Interessa pelas tatuagens desse aluno. O aluno traduz o que está escrito: <i>Do que gosto ou não. Do que realmente gosto? O que gostaria de ser?</i> 7. Realiza com os alunos uma avaliação diagnóstica. Muitos afirmam que não aprenderam quase nada com a disciplinas de um modo geral. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Neste filme, os alunos são questionadores do começo ao fim. Não mudam de comportamento, por se sentirem ameaçados por regras que não representam a realidade de cada um. 2. Na avaliação diagnóstica, uma aluna, no final da aula, aproxima-se do professor e declara não ter aprendido nada, em todas as disciplinas.

Fonte: Marcia de Mattos Sanches

CAPÍTULO 3 – A TESSITURA DOS FILMES E OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS

Tecendo a Manhã

1

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

O propósito deste capítulo é propiciar reflexões sobre o ensino aplicado no espaço escolar, a partir da leitura de textos filmicos, a fim de tecer os fios de uma trama imaginária com os de uma realidade inexorável. Neste estudo, ao se entrelaçarem as temáticas mais relevantes com o pensamento complexo, não se pretende determinar consensos sobre práticas pedagógicas de qualidade, mas indicar novas tessituras que contribuam para a constituição de um ensino educativo.

Observa-se que, tanto nos filmes quanto em nossas escolas, há ainda a presença de um ensino impregnado de certezas e de saberes herméticos que nega as diferenças culturais, sociais, religiosas, étnicas, de gêneros, entre outras, ou seja, a diversidade humana evidencia-se quando não se aprende a entender e a conhecer o mundo e a si mesmo.

3.1 RECONHECENDO AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO

Na construção do conhecimento, os fios não são tecidos de forma linear, mas entrelaçados em ramificações e conexões infinitas e complexas, no sentido literal do termo: o de tecer tudo junto. Além disso, no processo de elaboração do conhecimento, as informações não devem ser empilhadas, como se o ato de ensinar se assemelhasse às máquinas de tear, em que os tecidos são processados mecanicamente e, amontoados uns sobre os outros, desconsiderando-se as partes que constituem o todo e vice-versa.

Na concepção tradicional de ensinar, as práticas pedagógicas cegam a maioria dos envolvidos nesse processo educativo, impossibilitando-os de perceberem as profundas desigualdades que segregam quem aprende, e despersonaliza aquele que ensina.

Assim, nas salas de aula dos filmes selecionados, os estudantes ao perderem as referências culturais adquiridas em seu meio, e devido à segregação histórico-social e política desajustam-se e se manifestam, muitas vezes, agressivamente, ou de forma passiva e desinteressada dos conteúdos programáticos. Esteve (in: NÓVOA, 1999, p.96) afirma ser o que Alvin Toffler (1972) define como “o choque do futuro”:

Todos sofremos estes choques culturais, por exemplo, quando saímos para um país estrangeiro: a língua distorce a nossa comunicação; a comida é estranha; os horários e hábitos de vida obrigam-nos a mudar os nossos costumes.

Quanto aos professores, nos filmes havia os pessimistas que ignoravam as diversidades culturais, e aqueles que, inicialmente, tinham dificuldades de romper com as barreiras impostas, apesar de reconhecerem o fracasso de certas ações pedagógicas. Assim, perdiam a identidade, na medida em que se submetiam a reproduzir o que estava instituído nos currículos escolares.

No entanto, estes últimos, inconformados com os conflitos reinantes na sala de aula, passaram a refletir sobre a sua própria atuação e procuraram romper com paradigmas tradicionais. Dessa maneira, produziram uma reviravolta em suas práticas educativas, no sentido de formar cidadãos

capazes de enfrentar os problemas da vida. Para isso, passaram a rechaçar a visão mecanicista e reducionista que os impedia de criar novas ações educativas.

3.1.1. O pessimismo que cega as ações pedagógicas

Nos filmes, os professores que encaram negativamente o ato de ensinar são representados por personagens incrédulos, que se assemelham àqueles das escolas brasileiras que não admitem qualquer inovação na educação, por agregarem-se a um pensamento disjuntivo, adquirido ao longo de sua formação escolar, a qual não lhes ensinou que todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão.

Os professores Jim Murdok (*Sementes de violência*); Theo Weston (*Ao mestre, com carinho*); o próprio Glenn Holland (*Mr. Holland, um adorável professor*), no início da carreira como professor; o diretor da escola, George Grandey (*Mentes perigosas*); a vice-diretora da escola Margaret Campell e o professor de inglês avançado Brian Gelford (*Escritores da liberdade*); o professor de informática Fred (*Entre os muros da escola*), entre outros, assumem a postura de algozes do saber.

Uns afirmam que os alunos são perigosos e que não se deve dar as costas a eles; outros, que eles são a escória do mundo, porque devido à condição social em que se encontram, não valorizam a educação. Há os que contestam o interesse e a capacidade intelectual dos estudantes, tachando-os de apáticos e desinteressados, além dos que não dialogam com um aluno, porque este não bateu à porta para pedir licença ao entrar na sala do diretor.

Outros impedem mudanças nos currículos escolares, como a indicação de livros clássicos, por acreditarem que os alunos não conseguiriam compreendê-los, pois estavam habituados somente à leitura de livros com linguagem mais infantil, como *Meu bem, meu hambúrguer* para aprender os pronomes possessivos; há também aqueles que se estressavam, afirmando não desejar lecionar para determinada turma, pelo fato de eles parecerem “um bando de animais”.

As relações tumultuadas entre professores e alunos, nesses filmes, assemelham-se a uma muralha que divide: de um lado, os detentores do saber

que punem os comportamentos desviantes e, do outro, os que devem aprender e acatar o que a escola determina para o futuro deles. O que se identifica ao que Almeida; Fasano e Alves (2012, p.74) denominam de um “ensino colonizador”, de maneira a fazer com que os alunos incorporem o que lhes é ensinado como um “processo civilizador” [grifo dos autores]. Segundo esses autores:

Os desencontros entre o que propõe o professor e o que esperam os alunos evidenciam conflitos aparentemente insuperáveis na forma de ler o mundo. O descompasso entre a proposta do currículo escolar e a frustração dos alunos frente ao mesmo, gera entre os profissionais da escola uma troca de idéias conformistas nas reuniões de planejamento, nas conversas de corredores e mesmo nos organismos coletivos da escola. As ponderações que os educadores fazem sobre os alunos, no entanto, carecem de argumentação mais contundente, relacionada ao reconhecimento da forma inadequada de a escola fazer a mediação entre os alunos e o conhecimento. Uma leitura crítica dos procedimentos formais da pedagogia tradicional poderia colocar-lhes desafios teórico-práticos à altura das provocações dos alunos. Só dessa forma parece possível vencer o imobilismo alienante em que todos se encontram na escola.

Dessas considerações, infere-se que o papel da educação é admitir que nenhum ensino comporta uma verdade absoluta, que, durante uma longa trajetória nas escolas, foi perpetuada na hiperespecialização dos saberes como fonte de conhecimento, baseada em paradigmas mutilantes que separavam o homem biológico do cultural.

3.1.2 O otimismo que desperta o saber

Os protagonistas imbuídos de um desejo de propiciar um ensino que religasse os saberes atuaram, no espaço escolar, propensos a promover uma educação plural, dimensionalizada no reconhecimento da existência das diversidades humanas.

Dessa forma, após intensas reflexões perceberam que o aprendizado só evolui se houver a noção de que o conhecimento não reflete apenas os saberes sistematizados, apregoados pelo cientificismo moderno, mas também é passível de erro e de ilusão, por comportar as percepções simultâneas de traduções e reconstruções daquilo que foi apreendido pelo cérebro. Isso significa que nas relações intramuros da escola há, conforme Morin (2009, p. 82), um conhecimento marcado pelo *imprinting cultural*:

O problema do conhecimento é muito importante e é necessário ensinar que todo conhecimento é tradução e reconstrução. Além disso, um conhecimento é marcado pelo que pode ser chamado “*imprinting*” cultural. Desde o nascimento, as crianças sofrem esse “*imprinting*”, por intermédio das prescrições e proibições dos pais. Pela linguagem, a escola ensina certa quantidade de conhecimentos, isso explica que um certo número de idéias pareça evidente. As idéias rejeitadas são consideradas como tolas, estúpidas ou perigosas. [grifo do autor]

Ressalte-se que a tessitura do conhecimento é uma prática viva e não mecânica e que, por isso, as relações estabelecidas nas escolas estão recheadas de conflitos, de embates e de incertezas. Sempre há forças antagônicas que, se apoiam em paradigmas deterministas, baseados em convicções e crenças que devem ser respeitadas, senão haverá o peso da sanção.

Entretanto, há o inesperado, manifestado pelo conhecimento que se sustenta por meio de teorias e de ideias capazes de reconhecer que não só os educadores, como também todos os envolvidos nesse processo de educar, devem buscar conexões em uma rede dialeticamente fundamentada na capacidade criativa de inventar outras possibilidades de se romper com o que está previamente estabelecido.

3.2 ENTRELACANDO OS CONFLITOS COM O APRENDER

Os educadores protagonistas, despertados pelo desejo de encontrar saídas para melhorar a sua atuação em sala, buscam rever os procedimentos tradicionais da escola; procuram sair do imobilismo e avançam para um ensino

educativo que promova, na maioria dos alunos, uma consciência crítica acerca do mundo em que viviam.

3.2.1 A imposição *versus* o diálogo

Em todos esses filmes, pode-se observar, a partir do Quadro 3 – *Ações pedagógicas e atitudes dos alunos* (no capítulo 2, p. 162-168), que as aulas inicialmente foram pautadas pela tradicionalidade dos conteúdos e pela imposição de regras prescritas por modelos de condutas a serem seguidas. Essa forma impositiva estabelecia conflitos e embates nas primeiras relações pedagógicas entre os professores e os alunos, que se comportavam de forma indisciplinada ou rebelde.

3.2.1.1 Relação professor/aluno: ações pedagógicas iniciais

- ✓ Prevalência de aulas expositivas com a utilização de giz e lousa, sem qualquer outro tipo de recurso que despertasse no aluno o interesse pelo conteúdo das aulas;
- ✓ Determinação exagerada do uso da formalidade no tratamento entre alunos e professores, da linguagem formal em detrimento da coloquialidade da fala dos alunos;
- ✓ Elaboração de tarefas escolares em excesso, sem informar os objetivos de cada um dos exercícios: a finalidade de cada um deles, a importância de se aprender os conteúdos apresentados etc.;
- ✓ Conteúdos fragmentados e dissociados das disciplinas escolares, como se cada uma delas fossem isoladas em suas peculiaridades e científicidades;
- ✓ Aulas desconectadas da realidade do aluno, prevalecendo a necessidade de se cumprir o conteúdo programático estabelecido pela escola;

- ✓ Aulas que não estimulavam a reflexão e os debates sobre temas que fossem relevantes para a vida do aluno;
- ✓ Posturas autoritárias que não reconheciam as diversidades culturais, sociais e étnicas tão evidentes nas salas;
- ✓ Demonstração de irritabilidade e descomprimisso com a educação, atribuindo-se a esta uma saída para realização de outras atividades sonhadas;
- ✓ Predominância do *idealismo*, em que prevalece a imaginação destituída de razão, estabelecendo ideias fantasiosas acerca da educação, em oposição à idealidade que permite o discernimento entre o imaginário e o real.

3.2.1.2 Relação aluno/professor: atitudes iniciais

- ✓ Desrespeito ao professor por meio de conversas entre os alunos, ignorando a sua presença em sala de aula;
- ✓ Arremesso de uma bola de beisebol, de forma violenta, em direção à lousa, de papéis entre os amigos e até de objetos contra o professor;
- ✓ Alunas que se maquiavam e se penteavam em sala;
- ✓ Uso de tratamento inadequado ao se dirigirem ao professor (gírias) ou criando apelidos, de maneira a suscitar ideias de homossexualismo em cima dos nomes de alguns professores. Dois exemplos: Richard Dadier (*Sementes de violência*) recebe o apelido de Daddy-0, uma menção à ideia de dândi (homem elegante) que em algumas sociedades é sinônimo de homossexual, Marin (*Entre os muros da escola*) que os alunos associam a nome feminino ou à cor marron, em atitude jocosa com relação à palavra Marin.

- ✓ Não elaboração de exercícios e de atividades propostas pelos professores;
- ✓ Agressões físicas aos professores, em emboscadas planejadas fora da escola;
- ✓ Introdução na sala de aula de objetos e de revistas de cunho sexual ;
- ✓ Barulhos provocados pelo arrastar de carteiras, ou pelo bater de porta, de maneira a interromper as aulas;
- ✓ Brigas, ofensas e gritarias entre os amigos;
- ✓ Organização de gangues das mais variadas etnias, a fim de se protegerem, ou atacarem os que lhes representam uma ameaça;
- ✓ Demonstração de apatia ou de desinteresse pelas aulas, principalmente, de música;
- ✓ Manuseio inadequado de instrumento musical erudito como o violino, utilizando-o como se fosse um violão ou tambor;
- ✓ Danças e manifestações musicais nas salas, nos corredores, nos pátios (*rap, rock and roll*), diferentes das propostas pelas escolas;
- ✓ Subir em carteiras para mudar de lugares, ou para anunciar recados entre eles;
- ✓ Duvidar e questionar os ensinamentos apresentados por alguns professores, ou mesmo o uso da linguagem normativa.

3.2.2 Refletindo sobre os temas ancorados em paradigmas tradicionais

Refletindo sobre as relações *professor-aluno* e *aluno-professor*, ainda ancoradas no paradigma da disjunção e da redução, a partir dos fulcros temáticos levantados, é necessário contextualizar os momentos de tensões e conflitos de cada um dos filmes.

Em *Sementes de violência*, o professor Dadier inicia as suas aulas, pautado em paradigmas tradicionais e os alunos são jovens que têm atitudes consideradas indisciplinadas naquele contexto social de 1950. A maioria desses alunos pertence a lares que foram desagregados, devido à guerra e ao fato de as mães terem de trabalhar em fábricas. Sozinhos, formam grupos de jovens aficionados por *rock and roll*. A maioria é considerada indisciplinada, por não seguirem as regras impostas pela escola.



No filme, *Ao mestre, com carinho*, Thackeray confronta-se com alunos ingleses, dos anos de 1967, com comportamentos associados a um período de contestação da juventude. Desde a sua chegada à escola, mesmo experiente em engenharia, precisou rever, ao longo do tempo, a sua prática pedagógica. As situações mais tumultuadas enfrentadas foram: alunos que jogavam papéis uns nos outros, as alunas que penteavam os cabelos em sala de aula. Alguns armavam planos para constrangê-lo, ora jogando um saco cheio de água do alto de uma janela para atingi-lo na entrada da escola, ora incinerando objetos dentro da classe. Precisou agir com muito equilíbrio para lidar com Denham, um dos mais rebeldes, porque costumava levar, para a sala de aula, revistas de mulheres nuas, ou miniaturas de bonecas que, quando apertadas, dois seios surgiam.

Enfrentou situações desconfortáveis, tais como: ter os pés da mesa da sala serrados pelos alunos, o que provocou a sua queda; ver uma aluna jogando uma pilha de livros no chão, considerando-os “porcarias”. Alunas sem compostura, que se vestiam inadequadamente ou muito maquiadas, deixavam-no intrigado, a ponto de pedir para uma professora que as ensinassem bons modos. Além disso, as alunas permitiam que os amigos da classe as ofendessem.

Thackeray também teve de enfrentar questões machistas e preconceituosas com relação à cor. Em dois episódios, isso foi bastante evidenciado: o primeiro foi com a morte da mãe de um dos alunos que, por ser de origem negra, os colegas da classe estavam relutantes em levar flores para o velório. O outro aconteceu com o próprio professor que, ao ser atingido por uma lata de refrigerante lançada no pátio da escola, teve um sangramento na mão direita. Ao ver a mão de Thackeray sangrando, um estudante admira-se de a cor ser vermelha. Esse fato constrangeu a maioria, mas o professor contornou a situação e se afastou deles naquele momento. Em outras ocasiões era chamado de “tição” por alguns.

O que diferenciava esse professor dos demais era que a forma equilibrada e reflexiva contribuía para, gradativamente, modificar esse quadro de rejeição dos alunos pelo ensino.



Já, nos filmes *Mr. Holland* e *Música do coração*, há muitos pontos em comum. O professor Glenn Holland e a professora Roberta Guaspari são musicistas e nas escolas regem orquestras. O primeiro, por ser maestro e

compositor de música clássica, ensina vários instrumentos eruditos. Roberta Guaspari, violinista, leciona para alunos a arte de tocar este instrumento.

Ambos não iniciaram a carreira de educadores como opção de vida, mas as situações que enfrentavam, conduziram-nos a isso. Glenn Holland acreditava, equivocadamente, que, se ensinasse música, teria mais tempo para compor as suas obras clássicas. Guaspari, para sustentar os filhos, depois de uma separação, aceitou ser professora de música em uma escola de periferia. Os dois enfrentaram situações semelhantes de rejeição ao estilo clássico, tanto em relação aos instrumentos quanto às das músicas ensinadas nas aulas.

Roberta Guaspari enfrentou inclusive resistências de alguns pais em relação ao violino, por acreditarem que seus filhos negros não deveriam tocar um instrumento destinado aos brancos. Muitos alunos sentiam vergonha de dizer que estavam aprendendo a tocar violino e outros tinham dificuldades de aprender todas as regras e posturas necessárias. Guaspari agia com rigor e os obrigava a ter disciplina constante para desenvolver tais habilidades. Inicialmente, essa atitude rígida com os alunos foi motivo de reclamação de uma mãe à diretora da escola.



Glenn Holland também atuava energicamente com os alunos, inclusive expulsando de sala aqueles que rejeitavam as suas aulas. Muitas vezes demonstrava desagrado por ter alunos tão desinteressados e apáticos e irritava-se quando a diretora o advertia, dizendo-lhe que não se dedicava o suficiente para gerar empatia na sua relação com os alunos, que gostavam de *rock and roll*. Tanto para Holland quanto para Guaspari, a dedicação e o desejo

de mudar as suas ações em sala de aula foram fundamentais, no sentido de despertar nos alunos o gosto musical pela música erudita.



Mentes perigosas retrata na ficção a vida real de LouAnne, uma ex-oficial da marinha que desejava ser professora de literatura inglesa. É apresentada por seu amigo Hal Griffth à diretora Carla Nichols, da Parkmont High School. Nas primeiras aulas, LouAnne Johnson parece fracassar em suas atuações pedagógicas. Em sua primeira aula, por não conseguir conter um tumulto entre os alunos, que gritavam e arremessavam papéis para todos os lados, saiu desolada da sala. Questiona o amigo sobre isso, e ele a faz decidir se realmente desejaria ser professora. Para isso precisaria cativá-los, ou desistir da carreira de professora.

✓ Os estudantes pertencem a vários grupos étnicos, principalmente latinos, que se reuniam em grupos isolados uns dos outros e gostavam de *rap* e outros gêneros musicais populares. Por terem comportamento rebelde, sobem em cima das carteiras, riem da professora e parecem desinteressados pelas aulas. Emilio Ramirez, um dos líderes da sala, é o mais resistente a aceitá-la e provoca situações para afirmar-se junto ao grupo e desestabilizar a aula da professora. Em casa, preocupada com o comportamento dos alunos, lê livros sobre a indisciplina e reflete sobre as suas práticas em sala de aula.



Assim como nos filmes anteriores, *Escritores da liberdade* tem em seu enredo situações comuns a várias escolas: a presença da indisciplina como um dos maiores dramas a se enfrentar. No filme, a advogada Erin Gruwell decide ser professora de inglês e de literatura inglesa, por acreditar ser mais útil em sala que em tribunais julgando os jovens.

Em suas aulas iniciais, a professora escreve o seu nome na lousa, e aguarda com um sorriso os seus alunos. Estes entram em sala, ignoram-na, ou olham-na desconfiados. Fazem chacotas sobre o jeito de Gruwell apagar a lousa e, quando ela faz a chamada, respondem com má vontade. Em uma das primeiras aulas, precisou enfrentar um tumulto, porque um aluno reclamara de estar em sala errada. Para ele, ali só havia alunos com dificuldades de aprendizagem, o que não era o caso dele. Um colega, incomodado com o que ouvia, parte para uma briga corporal, e Gruwell precisou da ajuda dos seguranças da escola para contornar a situação.

A maioria dos alunos pertencia a variadas etnias, como latinos, asiáticos e africanos, e muitos se sentiam injustiçados em um país que não os respeitava. Há vários registros de segregação social deixados no diário de uma das alunas. Nesse diário, Eva Benitez, de origem latina, relata os horrores da segregação sofrida pelos seus conterrâneos. A sua raiva pelos americanos e, posteriormente, pela professora Erin Gruwell é evidenciada pelo que escreve: *andar por aquelas ruas era um enorme risco, pois a aparência era algo muito importante e que os latinos, orientais ou negros poderiam ser baleados a qualquer momento. Todos lutavam para defender o território e a raça em um país diferente.*

A todo instante, Erin Gruwell precisou rever a sua atuação em sala de aula.



O filme *Entre os muros da escola* apresenta situações escolares ambientadas, no ano de 2008, na França. Nessa escola há alunos de várias origens étnicas como africanos, asiáticos, sul-americanos e europeus. A indisciplina nesse ambiente não é marcada pela violência física, mas pelo inconformismo de alunos que não aceitam com passividade os ensinamentos dos professores. São considerados pela escola como indisciplinados, por serem altamente questionadores e por terem comportamentos ditos inadequados aos padrões impostos pela escola. O professor de língua francesa é François Marin que, apesar de manter um diálogo constante com os alunos, não consegue obter a confiança deles.

Nos outros textos fílmicos, a diversidade cultural também surge com força em *Entre os muros da escola* e o que se destaca são os conflitos evidenciados pela linguagem. De um lado, há a imposição da escola que preconiza a língua francesa formal como única instância de comunicação entre os falantes. Do outro, os alunos de diferentes regiões questionam o uso dessa formalidade, por reconhecerem que se comunicam adequadamente no ambiente em que vivem.

François Marin esforça-se em lhes mostrar que o domínio da normatividade lhes possibilitaria uma ascensão na vida. No entanto, diante do fosso existente entre o domínio vocabular e a realidade em que eles se inserem, o confronto é inevitável. As atividades privilegiavam somente a norma culta. A maioria dos estudantes inconformada com os pressupostos da escola de que a língua falada por eles não tem valor, sentem-se ameaçados e reagem das mais variadas formas.

Houve, nesse filme, situações de conflitos culturais culminando em brigas fervorosas entre alunos e professor, professor e aluno, sempre em um *continuum* de reação e contrarreação. Há que se destacar a carta deixada por Khoumba, uma aluna africana, inconformada com o fato de o professor ter exigido que lhe pedisse desculpas, por não ter lido um trecho do livro *Diário de Anne Frank*. Diante da recusa da aluna, ambos se ofendem e ele exige retratação, anotando um recado na agenda escolar sobre o comportamento dela. No dia seguinte, o professor encontra a seguinte carta:

O respeito.

Os adolescentes aprendem gradualmente a respeitar os seus professores por causa das ameaças deles ou pelo medo de arranjar problemas.

Para começar, eu o respeito e isso deve ser mútuo. Por exemplo, se eu não digo que o professor é histérico, por que é que o professor me chama disso? Eu sempre o respeitei e não compreendo por que tenho de escrever sobre isso. Sei que tem qualquer coisa contra mim, mas eu não sei o porquê.

Resolvi me sentar no fundo da sala para evitar mais conflitos, a menos que me provoquem. Admito que possa ser insolente, mas só quando me provocam.

Não voltarei a olhá-lo para que não volte a dizer que o meu olhar é insolente. Normalmente, numa aula de Francês, devemos falar do francês, e não da nossa avó, da nossa irmã ou da menstruação das garotas. E é por isso que, a partir de agora, não volto a falar com você.

Assinado Khoumba



Partindo dessas relações conflituosas na sala de aula, os professores perceberam que tais práticas pedagógicas não atendiam às suas expectativas por um ensino desligado das amarras das verdades fechadas e que

promovesse nos alunos um despertar para o saber, propiciando-lhes meios de enfrentar e compreender as incertezas prementes da vida deles.

Os protagonistas parecem ter sido tomados pela consciência da multidimensionalidade existente naquelas escolas e, ao perceberem que os alunos eram, ao mesmo tempo, sujeitos individuais, inseridos em uma multiplicidade de *eus*, passaram a refletir sobre as suas ações pedagógicas em sala de aula.

Compreende-se melhor a percepção consciente desses professores, quando se associa as suas atitudes com o conceito de ser humano proposto pelo pensamento complexo, que atribui ao homem não só a qualidade de ser biológico, mas também de ser alimentado pela cultura. Isso significa que o homem é singular e múltiplo simultaneamente e desempenha papéis na sociedade em que vive sempre nutrido pelas relações estabelecidas, por meio da trindade razão, afetividade e pulsão.

São experiências de vida que nem sempre ocorrem de maneira harmoniosa e regular, porque há no homem polos antagônicos: de um lado *sapiens, faber, empiricus, economicus, prosaicus*, para atender às suas necessidades mais prementes de sobrevivência. Do outro, *demens, imaginarius, poeticus* e *ludens* que funcionam como válvula de escape para a reflexão, o deleite e podem também levar à loucura e à irracionalidade. Esse antagonismo permite ao ser humano transitar entre o amor e o ódio; a felicidade e a tristeza; a bondade e a violência entre outros sentimentos.

3.3. A COMPREENSÃO E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A partir dos mesmos quadros temáticos do capítulo 2 (p.162-168), pode-se perceber que, enquanto os professores estavam associados às práticas pedagógicas tradicionais e impositivas, respaldadas nas cobranças e na subjugação do potencial dos alunos, os comportamentos e as atitudes deles eram manifestados por meio da apatia, da agressividade física e verbal, às vezes, pautados pela extrema violência.

É bem verdade que aprender e ensinar a compreensão humana não é tarefa fácil, mas deve ser vista como um dos princípios básicos para a consagração de um ensino educativo. Para melhor esclarecer, trata-se de um

ensino preocupado com a condição humana que, além de fornecer conhecimentos formais necessários para a construção de um aluno cidadão, o prepara para aprender a viver a sua própria existência.

As mudanças pedagógicas dos professores estabeleceram relações mais profundas com os alunos, que passaram a se respeitar mutuamente. Os educadores propiciaram aos estudantes também o desejo de mudanças de atitudes não só na escola, como também no cotidiano deles.

3.3.1 Relação professor/aluno: novas práticas educativas

Cabe ressaltar que a incompreensão se estabeleceu nos filmes, enquanto os envolvidos se fechavam em suas verdades, o que em Morin é denominado de *self-deception*, ou seja, o homem mente para ele mesmo, a fim de se proteger ou eliminar o que lhe parece desagradável e, para isso, reduz o outro a características negativas.

Nos filmes *Mentes perigosas*; *Ao mestre, com carinho* e *Escritores da Liberdade*, a rejeição aos grupos de diferentes etnias se estabelece de forma contundente, devido às marcas deixadas pelas relações históricas de poder e de opressão entre colonizados e colonizadores; imigrantes e sociedade local.

Em *Escritores da liberdade*, as diferenças culturais são muito representativas nos relatos deixados por Eva Benitez em seu diário.

Poder-se-ia afirmar que a tomada de consciência desses contrastes culturais, em oposição ao *imprinting* de cada um dos envolvidos, permitiu que houvesse uma abertura do pensamento e se constituísse em novas formas de ver e enfrentar o mundo. As verdades absolutas, fechadas e fragmentárias, que aprofundavam ainda mais os problemas, deixavam marcas invisíveis e somente o conhecimento e o desejo de mudanças puderam reverter esse quadro de incompreensão humana.

As novas atuações pedagógicas do professores e a mudança de atitudes dos alunos podem ser observadas, também, no Quadro 3 – *Ações Pedagógicas e atitudes dos alunos* (capítulo 2, p. 159-161).

De modo geral, os professores preocuparam-se em buscar saídas para tornarem as suas aulas mais próximas à realidade dos alunos:

- ✓ Interesse em buscar nas teorias mais conhecimentos sobre as relações aluno-professor e professor-aluno, por meio de leituras de livros que tratavam de questões educativas;
- ✓ Reflexões sobre o que aprenderam na universidade nos cursos de graduação, em que um deles procura contato com um antigo mestre para dialogarem;
- ✓ Diálogos entre profissionais da mesma área, a fim de perceberem as dificuldades e as incertezas comuns a muitos;
- ✓ Questionamentos que os instigaram a buscar outras saídas para novas ações pedagógicas em sala de aula;
- ✓ Utilização de recursos audiovisuais para que não se limitassem ao giz e lousa;
- ✓ Elaboração de projetos musicais e teatrais nas escolas e para as festas de formaturas;
- ✓ Estímulos à participação dos alunos em peças teatrais e musicais;
- ✓ Incentivo a alunos rebeldes a se integrarem a projetos da escola, como tutores de ensino, ou cantores e atores em peças de teatros;
- ✓ Visitas a alunos que se afastaram da escola, ou que tiveram problemas emocionais relativos à morte em família ou de amigos;
- ✓ Diálogos constantes com pais e comunidade para troca de experiências e de informações sobre o rendimento dos alunos, ou de convencê-los sobre a importância das artes para a vida dos jovens;
- ✓ Ensinar a ter responsabilidade diante de atitudes inconvenientes dos alunos, de maneira a levá-los a repor os objetos quebrados, ou a se

retratar por atitudes agressivas em relação a professores e entre os colegas de classe;

- ✓ Demonstração de equilíbrio mesmo em situações de agressividade física;
- ✓ Sensibilização dos alunos para o gosto musical, levando-se em consideração outros tipos de músicas não clássicas, como *rap*, *rock and roll* etc.;
- ✓ Aulas de reforço para ensinar alunos com dificuldade de aprendizagem;
- ✓ Ensaios de orquestras e de bandas marciais na escola;
- ✓ Incentivo à leitura de livros clássicos;
- ✓ Estímulo à produção escrita de diários pessoais para que os alunos manifestem os seus sonhos e desejos;
- ✓ Promoção de atividades que propiciem o reconhecimento das diversidades culturais entre os alunos;
- ✓ Premiação a alunos pelas participações em concursos de poesia;
- ✓ Rompimento com as regras impostas pelas escolas, como atribuições de nota máxima, com a finalidade de suscitar no aluno o desejo de mantê-la; introdução de livros clássicos, proibidos pela escola por desconsiderarem a capacidade de leitura dos alunos;
- ✓ Visitas a museus, passeios culturais a lugares interessantes nas cidades etc.;
- ✓ Defesas de ideais, como a manutenção de cursos de artes e de música, extintos pela Secretaria da Educação sob a alegação de contenção de

despesas. Para isso, tiveram que obter o apoio da escola, da comunidade e de entidades artísticas para apresentações de orquestras em grandes teatros como Carnegie Hall.

3.3.2 Relação aluno/professor: novas atitudes

- ✓ Participantes e reflexivos nos debates sugeridos pelos professores;
- ✓ Maior interesse e participação nas aulas;
- ✓ Respeito e admiração pelos professores;
- ✓ Interessam-se por visitas culturais, por música clássica e por instrumentos eruditos;
- ✓ Dedicam-se aos estudos tanto na área da música quanto nas outras áreas do conhecimento;
- ✓ Participam ativamente e cantam em teatros musicais;
- ✓ Atuam nas orquestras e nas bandas, de maneira afinada e compenetrada;
- ✓ Participam de concursos de poesia e escrevem em diários as suas experiências de vida;
- ✓ Colaboram nas atividades que visam à manutenção das disciplinas extintas;
- ✓ Lutam para a permanência de professores nas escolas;

Dessa trama de fios, que foram aqui entrelaçadas, verificou-se que o encontro com um ensino educativo, só foi possível, quando os educadores

adquiriram conhecimentos teóricos, que contribuíram para um pensar mais reflexivo e aberto a mudanças necessárias para a compreensão humana.

Vale ressaltar que a origem de *compreender* é latina: *comprehendere*, que significa *colocar junto todos os elementos de explicação*, ou seja, não há uma única plausível, mas várias. A compreensão humana ultrapassa a mera explicação por comportar empatia e identificação, ou seja, só podemos compreender quem sofre, se nos colocarmos em seu lugar e compartilhar da mesma dor.

Segundo Morin, a palavra *compaixão* quer dizer *sofrer junto*; sentimento que permite a verdadeira comunicação humana. Daí pressupor-se que a compreensão humana é um dos princípios que mais deveria ser ensinado aos alunos e aos professores.

No entanto, para Morin (2009, p. 93), há uma carência de compreensão:

Sofremos de uma carência de compreensão. Certamente é muito difícil compreender pessoas de culturas diferentes da nossa, embora alguns manuais possam nos auxiliar. É surpreendente que familiares, vizinhos, parentes, casais, pais e filhos não se compreendam entre si. Tem-se a impressão que a incompreensão se desenvolve em nosso individualismo, em vez dele nos ajudar a compreender a nós mesmos, como se o individualismo desenvolvesse uma espécie de auto-justificação egocêntrica permanente. Daí decorre a tendência a sempre relançar a culpa sobre o outro. [...]

A compreensão, ou a relação fraterna com outro, só é possível se as necessidades básicas forem preenchidas e, se o ato amoroso for guiado pelo conhecimento.

Nos filmes, a compreensão se estabeleceu no momento em que alunos e professores se perceberam em realidades semelhantes e passaram a sentir os mesmos dramas. Há que se ressaltar que o autoconhecimento é um exercício introspectivo, mas a compreensão humana não se realiza isoladamente, pois depende de relações biopsicossociais e culturais. Para melhor explicar, Morin (2009, p. 95), afirma:

Se é evidente que não se tem sempre necessidade do outro para se conhecer a si próprio, é impossível que isso seja feito isoladamente em compartimentos fechados. O exercício do autoconhecimento é uma necessidade interna. O ensino da

compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo se encontra devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.

As transformações em relação à atuação dos professores e dos alunos podem ocorrer quando os dois lados se descobrem no mundo como seres humanos, passíveis de erros e de ilusão, e que se persistirem a ideia da existência de verdades não será possível haverá o encontro com o renovar-se para viver em sociedade.

De acordo com os temas abordados neste item, tanto os professores quanto os alunos estavam imbuídos de desejos, de sonhos, de vontades de viver uma vida melhor.

As mudanças ocorridas no filme *Sementes de violência* evidenciam-se no momento em que as aulas passaram a ser mais sugestivas, porque associadas à vida dos alunos. A introdução de gravadores, de projetores, de diálogos constantes entre professor e alunos modifica os olhares dos estudantes e fazendo-os ver que as intenções do professor não são outras, senão despertar neles a necessidade de um sentido mais humano para a própria vida.



Em *Ao mestre, com carinho*, o professor faz os alunos compreenderem que não eram mais crianças, e sim jovens que se preparavam para enfrentar o mundo do trabalho, provocando reflexões evidentes em cada um deles. As visitas aos museus, acessibilizaram-lhes oportunidades de observar que os conflitos por eles enfrentados eram os mesmos de seus antepassados. A

dedicação desse professor foi tão evidente que na formatura os alunos lhes prestaram uma homenagem.



Os filmes que têm em comum a música, como *Mr. Holland* e *Musica do coração*, não foram diferentes, pois precisaram enfrentar as determinações de órgãos superiores de extinção dos cursos de música e de teatro. Nos dois, foi necessária a intervenção dos professores apoiados pela cooperação de amigos e da comunidade para que pudessem manter a arte na escola. Essa busca de manutenção da arte foi tão evidente que transformaram as suas aulas em fundações particulares, que se mantêm até hoje (vide anexos A, B, C e D, p. 208-211).



Em *Mentes perigosas*, evidencia-se a luta de LouAnne para valorizar a capacidade intelectual dos alunos ao lhes propor avaliações que rompessem com as regras estabelecidas pela escola. Ela atribui a nota dez a todos o que se justifica pelo fato de ela acreditar que estimularia os alunos a buscarem os seus objetivos para a manutenção dessa nota. As transformações são evidenciadas pelas atividades criadas como concursos de poesia vinculados às músicas pertencentes ao gosto musical dos alunos. O concurso de poesia Dylan versus Dylan fez com que os alunos frequentassem as bibliotecas e pesquisassem sobre os poemas de Thomas Dylan e associassem os temas às músicas de Bob Dylan.



A proposta pedagógica, de Erin Gruwell em *Escritores da liberdade*, de romper o que estava instituído na escola, ou seja, de acessibilizar aos alunos leituras de obras clássicas e que estivessem relacionadas à vida dos estudantes, passou a fazer diferença.

Muitas vezes, a professora precisou imbuir-se de coragem e enfrentar as regras da escola para propiciar aos alunos conhecimentos sobre o holocausto, com o objetivo de ensiná-los o verdadeiro significado de uma gangue, para mostrar-lhes que pensamentos fechados e preconceituosos só provocavam morte e destruição na humanidade. Para isso, levou-os a museus que contavam a história desse período da humanidade, aproximou-os de pessoas que viveram esse mesmo drama e instigou-os a ler o livro *Diário de Anne Frank*.

As atividades cujos questionamentos eram direcionados para que refletissem sobre a própria vida deles, fizeram-lhes perceber que as suas vidas não eram tão diferentes uma das outras.

Primeira pergunta: Quantos aqui têm o novo CD do *Snoop Dogg*?

Próxima pergunta: Quantos aqui viram *Boyz n the Hood* - os donos da rua?

Próxima: Quantos aqui moram em conjuntos habitacionais?

Quantos conhecem alguém, amigo ou parente que já esteve ou está preso ou num reformatório?

Quantos aqui já estiveram em um reformatório, ou presos, pelo tempo que for?

Campo de refugiados conta? (pergunta Sindy Ngor que se aproxima da linha) Você decide.

Quantos aqui sabem onde comprar drogas agora?

Quantos conhecem um membro de gangue?

Quantos são membros de gangues? (diante dessa pergunta, todos se recusam a sair do lugar)

Certo, que pergunta idiota, né? A escola proíbe participação em gangues. Peço desculpas por perguntar. Foi mal. Certo, vou perguntar algo mais sério.

Pise na linha quem tiver perdido um amigo por violência de gangue.

Fique na linha quem tiver perdido mais de um amigo. Três. quatro ou mais.

Unidos pelo desejo de transformação, criaram a fundação *Escritores da liberdade* (ANEXO C, p.210) para dar continuidade ao trabalho de despertar nos jovens o desejo da leitura e da escrita.



3.4 REFLEXÕES: REFORMA DO PENSAMENTO

A partir das leituras dos filmes percebe-se que a reforma do pensamento é necessária para provocar transformações no ensino das escolas. Sabe-se que qualquer reforma estrutura-se em modelos já pensados, mas que deve haver um constante repensar sobre a prática educativa e o que não pode ocorrer é agarrar-se a determinados paradigmas que impedem qualquer possibilidade de religação dos saberes, reduzidos a certezas inexistentes. Não se pode ver o homem como um sujeito essencialmente biológico, dissociado do cultural que é ligado ao espírito.

O paradigma da complexidade propõe unir-se a tudo e a todos, como afirma Morin (2009, p.68):

[...] um paradigma de complexidade está fundamentado sobre a distinção, a conjunção e a implicação mútua. O cérebro implica a mente e reciprocamente. O espírito (*mind*) só pode emergir a partir de um cérebro situado no interior de uma cultura, assim como o cérebro só pode ser reconhecido por uma mente. Como sabemos, as transformações bioquímicas do cérebro afetam a mente, e esse fato pode desencadear doenças ou curas psicossomáticas no próprio cérebro. [grifo do autor]

Dessa forma, para que o ensino educativo se concretize no ambiente escolar, é preciso que haja amplos debates e muitas formas de enfrentar as constantes dificuldades pelas quais todos passam inevitavelmente. Para isso, deve-se compreender como esses estudos despertam no educador o desejo de rever e mudar as suas atuações em sala.

3.5 CONECTANDO OS FIOS DA TESSITURA FÍLMICA: OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS

O desenvolvimento das premissas básicas dos *complexos imaginários*, também denominados P.I.T. (*projeções-identificações-transferências*) se apoiarão nas obras de Edgar Morin: *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo* (1962); *O cinema ou o homem imaginário* (1997); *A cabeça bem-*

feita: repensar a reforma, reformar o pensamento (2010) e, também, em *Edgar Morin: ética, cultura e educação* (PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide Rita Silvério; PETRAGLIA, Izabel Cristina, 2003).

Neste capítulo, pretende-se unir os fios lançados no capítulo 2, em que as imagens na vida do homem despontam como imprescindíveis, quando relacionadas aos eventos humanos. Para melhor esclarecer, a estética nutre-se do imaginário, e desperta o interesse dos educadores pelos filmes como fontes de estudo. A importância dos filmes tem crescido no ensino superior e nas pesquisas acadêmicas de mestrado e de doutorado.

3.5.1 A noção de sujeito

Antes de abordar os *complexos imaginários*, optou-se por apresentar inicialmente a noção de sujeito sob a ótica do pensamento complexo, segundo o qual, para Morin (2007, p.73), o indivíduo humano é paradoxalmente uma fagulha cuja efemeridade carrega nele toda a plenitude da vida, a qual não representa o todo da humanidade.

Para melhor esclarecer, o indivíduo contém o todo, mesmo sendo apenas parte deste, por isso constitui não só complementarmente a trindade *indivíduo/sociedade/espécie*, como também carrega os antagonismos e as contradições da condição humana.

Essa condição humana não faz parte de um microcosmo, como simples reflexo do todo, mas contém hologramática e recursivamente “a maioria das características do todo na sua própria singularidade”. Isso significa que não se pode separar o indivíduo de sua espécie, nem a sociedade do indivíduo e nem o indivíduo da sociedade, pois é o único ser a ter consciência de sua própria subjetividade. Na inseparabilidade da sociedade e da própria história, conforme Morin (2007, p. 73), o indivíduo possui “a possibilidade de autonomia individual”, atualizando-se na “emergência histórica do individualismo”.

Deve-se entender que a noção de autonomia não é tomada apenas com o sentido de liberdade, mas também de dependência que se associa à ideia de auto-organização. Reis (2005, p.104) esclarece que essa ideia se identifica com a termodinâmica, uma espécie de sistema que “necessita extrair energia do exterior, em sendo assim, para ser autônomo depende do mundo externo”.

Morin (2007, p. 74) afirma que o “ser sujeito supõe um indivíduo, mas a noção de indivíduo só ganha sentido ao comportar a noção de sujeito” e “a noção primeira do sujeito deve ser *bio-lógica*” (*grifo do autor*). Em Dias (2008, p.60), a noção de sujeito para Morin “compreende as concepções de indivíduo e de unicidade que congregam o biológico, o atitudinal, o cognitivo e o sociocultural, indicando a complexidade constitucional do ser”.

Dias (2008, p. 60) ainda observa que a noção de sujeito está associada às ideias de:

- auto-organização, que se modifica, altera, transmuta continuamente e se vincula à autonomia e à dependência;
- auto-referência, que ocupa e preenche o lugar da centralidade e do egocentrismo, e só pode ser dita pela própria pessoa;
- exclusão/inclusão, revelada na conjunção e interdependência entre *Eu* e *eu*, e na ação que afasta e nega o outro inscrito em mim, como presença e possibilidade de alteridade.

Em várias obras de Morin (1996, 2002, 2007), há a ideia de que tanto o ser humano e os demais seres quanto as sociedades se auto-organizam e se autoproduzem ininterruptamente, pois possuem uma autonomia fundada na dependência com o mundo exterior. Nesse sistema, tanto os seres vivos quanto os sociais se auto-eco-organizam, de acordo com o *princípio da autonomia-dependência* ou da auto-organização que se intersectam de forma complementar e antagônica.

Com base nesses princípios, percebe-se que a autonomia é relativa e, ao mesmo tempo, relacional, pois se constrói não a partir de uma liberdade absoluta e descolada de qualquer dependência, inclusive, associada ao meio exterior, à prole e à sociedade em que o indivíduo/sujeito se insere.

Retomando a ideia de que a noção de sujeito em Morin vincula-se a uma base biológica que corresponde à lógica própria do ser vivo, percebe-se que o sujeito depende do seu meio biológico, social e cultural para tornar-se um sujeito-autônomo que se auto-eco-organiza.

Eis a razão de não se compreender a noção de sujeito separada do conceito de indivíduo, porque este é biologicamente reprodução e reprodutor durante a sua existência. Para se chegar à noção de sujeito, a organização

biológica se constrói pela dimensão cognitiva/computacional indispensável ao ciclo da vida.

3.5.2 O cômputo e o cogito

Segundo Morin (2010, p.119-120), é a computação que permite ao ser humano atuar tanto no universo exterior quanto interior e conhecer os estímulos, os dados, os signos, as mensagens, não da mesma forma de um computador artificial, mas por meio da computação de cada um.

Essa computação do ser individual é a computação que cada um faz de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo. É o *cômputo*. O cômputo é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa, etc.

Essa computação vincula-se ao indivíduo/sujeito, uma vez que na teoria de Morin (2008, p. 50-51) o processo de “máquina viva” pode ser explicado a partir, por exemplo, da bactéria que, a princípio, construiu-se de outra, como mãe, irmã e ela mesma.

Cabe ressaltar que a computação viva também se diferencia da artificial, porque a primeira vincula-se ao cognitivo e também ao autocognitivo, pois o ser vivo reconhece as mudanças e as transformações no meio exterior sem se esvaziar de seu interior no qual está situado. Já a segunda, por mais evoluída que seja, proveio da criação humana e tem a finalidade de atender às necessidades materiais do homem, e não interage com o meio de forma autônoma.

Essa perspectiva aparentemente reconhece que as máquinas vivas são mais “frágeis e precárias” que as artificiais, pois aquelas ao se auto-organizarem dependem da eco-organização, ou seja, nas ações humanas, o homem lida, ao mesmo tempo, com os estados interiores e exteriores, buscando organizar-se com o seu meio.

Morin (2008, p. 51) esclarece que “a *computação viva é ao mesmo tempo organizadora/produtora/comportamental/cognitiva*” [grifo do autor]. E no

sistema computacional humano, o *cômputo* é o ato pelo qual o sujeito se constitui e se coloca no centro do mundo, ou seja, é a prevalência do *egocentrismo*.

3.5.3 O egocentrismo e a subjetividade

O egocentrismo em Morin (2007, p. 75) surgiu como primeira definição de sujeito. É nesse espaço, denominado de *site*, que o homem se preserva e se protege, ou seja, “ser sujeito implica situar-se no centro do mundo para conhecer e agir”.

Na ocupação egocêntrica, há os princípios de exclusão e de inclusão, que, apesar de aparecerem separadamente, “estão ligados de forma inseparáveis (MORIN, 2010, p. 122). No princípio de exclusão, não importa quem possa dizer o “Eu”, pois ninguém o diz no lugar do outro, por ser uno e pertencente a cada um. Morin (2007, p. 75) exemplifica esse princípio por meio dos gêmeos univitelinos, que podem ser geneticamente idênticos, mas são dois indivíduos/sujeitos totalmente distintos, porque nenhum dos dois pode dizer “Eu” no lugar do outro.

Trata-se da subjetividade manifestada nas individualidades de cada um, em que se pode compreender, conforme Morin (2007, p.75), a “diferenciação decisiva (de um ‘Eu’) em relação a outro” que ocupa “o espaço egocêntrico por um ‘Eu’ que unifica, integra, absorve e centraliza cerebral, mental e afetivamente as experiências de uma vida”.

Já no princípio da inclusão, para Morin (2010, p. 122) um “nós” inscreve-se em um “Eu”, o qual também se insere em um “nós” de forma antagônica e complementar. Sob a perspectiva complementar, o homem inclui em sua subjetividade a sua família e o seu meio, muitas vezes, de forma altruística. Além disso, não se pode esquecer que, antagonicamente, o ser humano também pode rejeitar o outro para salvaguardar o seu próprio “Eu”.

O *egocentrismo absoluto* e a dedicação total oscilam entre si e são modulados pelo *duplo* que habita em todos. Nessa ambivalência, o princípio de inclusão não se separa dos demais, por permitir ao ser humano comunicar-se com os demais sujeitos envolvidos por uma mesma espécie cultural e social. É o que Morin (2010, p.123) destaca como: “no ‘Eu sou eu’ já existe uma

dualidade implícita – em seu ego o sujeito é potencialmente outro, sendo, ao mesmo tempo ele mesmo”.

A congruência entre o princípio de exclusão e o de inclusão impede que o indivíduo sujeito se reduza ao mero egoísmo, porque, por meio da linguagem realiza-se a comunicação e o altruísmo.

Por assim dizer, a escola é um espaço educativo, no qual os professores lidam com subjetividades que são, ao mesmo tempo, únicas e egocêntricas, que se vinculam aos princípios excludentes e includentes. Isso quer dizer que não podem ser sujeitos autônomos isolados do mundo externo, nem dos demais “eus e nem identificarem-se com um nós” amorfo.

Ressalta-se que nesses ambientes as relações não ocorrem somente intramuros, uma vez que os sujeitos interagem social e culturalmente fora da escola e, nessa interação, a comunicação acontece por meio da linguagem, o que justifica o fato de o homem ser cultivado e cultivador nesses espaços.

3.5.4 Os complexos imaginários e os professores espectadores

Todo esse processo das P.I.T., é responsável pela magia dos filmes, pois possibilitam a identificação com personagens, mesmo que sejam desconhecidas pelo espectador, como heróis, marginais, mendigo, entre outras, pois sempre há neles alguns aspectos que despertam para realizações afetivas. Não é a toa que os produtores e diretores de filmes se esmeram realizar os filmes o mais verossímil com a realidade humana.

Essa aparente realidade estimula as P.I.T. nos espectadores com esse universo, e a trama fílmica parece atender às necessidades imaginárias que a vida real não permite. Ao ver filmes, o espectador pode apreciar a sorte ou os infortúnios dos protagonistas, sem se expor a riscos, uma vez que as alegrias ou as adversidades não podem atingi-lo, configurando-se o que Morin (1997, p. 122) afirma: “o impossível é realizado no imaginário, sem perigo”.

Dessa forma, os filmes aqui pesquisados podem ser uma lente que permite ao professor, por meio de relações estéticas, participar de forma intensa com a sua própria realidade como uma dupla consciência, ou seja, conforme Morin (1962, p. 81):

O leitor de romance ou o espectador de filme entra num universo imaginário que, de fato, passa a ter vida para ele, mas ao mesmo tempo, por maior que seja a participação, ele sabe que lê um romance, que vê um filme.

Nesse sentido, Morin (1962, p.81) afirma que a “relação estética reaplica os mesmos processos psicológicos da obra na magia ou na religião”, em que o imaginário é percebido como realidade, às vezes, até “mais real do que o real”, mas é justamente a estética que permite a presença do imaginário. Para Morin, é essa relação que destrói a possibilidade da realidade, pois “a magia e a religião reificam o imaginário: deuses, ritos, cultos, templos, túmulos, catedrais, os mais sólidos e os mais duráveis de todos os monumentos humanos, testemunham essa grandiosa reificação”, a qual na estética nunca se esgota.

Importa ressaltar que esse universo imaginário dos filmes pode adquirir vida para o professor, na medida em que este se projeta e se identifica com os personagens e com ações que se identificam com ele, ou seja, a projeção e a identificação podem ocorrer quando o educador vive nos personagens e estes vivem nele. Morin (1962, p.82) afirma haver um desdobramento do espectador sobre os personagens e uma interiorização destes últimos dentro daquele, “simultâneas e complementares, segundo transferências incessantes e variáveis”.

Os filmes, assim como a literatura e as demais ciências humanas, possivelmente alimentam e fornecem conhecimentos aos educadores processadores de humanização, pois podem trabalhar o sensível, o cotidiano, as incertezas, os afetos, os comportamentos etc. À medida que eles identificam esses elementos da vida humana pode haver a identificação e o reconhecimento de suas realidades, bem como de seus sonhos e fantasias.

Esses processadores poderão ativar reflexões nos professores acerca da prática educativa individual. Tais provocações são brechas que poderão incentivá-los a buscar as fontes de conhecimento, indispensáveis à compreensão do ensinar e do aprender no ambiente escolar.

É um recriar as práticas pedagógicas, que devem se estender para além das especializações, pois se constroem e reconstróem incessantemente na abrangência e nos desafios do saber.

CONSIDERAÇÕES A SEREM TECIDAS

O conjunto dos filmes selecionados, nesta pesquisa, fez-me ver que há um imenso desafio a ser enfrentado pelo professor no espaço escolar, o que exige a busca por dinâmicas de um aprender contínuo. E por assim entender que nessa trajetória não se pode caminhar sozinho, resolvi compartilhar a atuação de educadores que deixaram um legado à educação por terem escrito as suas experiências em sala de aula, ou criado fundações voltadas tanto a ensinar a arte da música quanto desenvolver nos alunos a escrita e a leitura. Esses livros e instituições permitiram que diretores e roteiristas os transformassem em histórias cinematográficas.

Este estudo não tem a pretensão de ser uma solução para questões educativas conflitantes, mas sim uma contribuição que rompa com as certezas veladas, ainda, reinantes nos espaços escolares.

Os modelos atuais de educação ainda privilegiam a fragmentação do ensino, que não religa o todo às partes, nem as partes ao todo. Isso significa a impossibilidade do reconhecimento de o ser humano ser multifacetado e abrigar nele as incertezas, tanto no contexto escolar quanto no cotidiano exterior a esse espaço.

Reconhecem-se neste estudo os obstáculos vivenciados pelos professores nas escolas brasileiras, mas a descrição das aulas desses filmes permitiu constatar que é possível encontrar saídas para os problemas suscitados pela incerteza, instabilidade e conflitos intramuros da escola

Como constatei desde a introdução, os filmes podem ser fontes inesgotáveis de conhecimento, pois dialogam com realidades análogas aos educadores de nossas escolas. E esse compartilhar de experiências enriquece não só epistemologicamente as disciplinas, bem como propicia ao educador momentos de reflexão sobre a sua própria prática educativa.

Apesar de minha relação empírica em torno da prática pedagógica, tive a oportunidade de refletir sobre a atuação do educador nas cenas. Ver os filmes poderá despertar nos educadores o interesse por outras possibilidades que valorizem a própria ação educativa, projetando-se e identificando-se com aqueles que tiveram resultados positivos em seu ensino educativo, mesmo vivendo as intempéries peculiares às suas salas de aulas.

Nesse processo de estudar filmes, o referencial teórico do pensamento complexo de Edgar Morin serviu como base para compreender a necessidade de reformar o pensamento dos educadores, de maneira que possa haver uma reforma do ensino. O ensino educativo deve incentivar o autodidatismo, despertar, provocar e favorecer a autonomia do espírito no ser humano.

Os filmes mostraram que os modelos de educação impostos fragilizavam e impediam que um ensino mais abrangente e livre tivesse sido aplicado nos espaços escolares, porque as regras se fechavam em si mesmas e não permitiam a existência de um pensamento complexo que religasse o saber.

Na dinâmica desta dissertação, pensou-se na ideia de se entrelaçarem os caminhos percorridos pelos professores espectadores com os dos protagonistas dos filmes. Dessa forma, os educadores de nossas escolas podem repensar suas práticas e, ao se identificarem com as ações imagéticas, apreender novas abordagens no ensino, possibilitando-lhes construir um ensino educativo. O desenvolvimento deste trabalho, em três capítulos, resume-se praticamente no último, a *tessitura dos filmes e os complexos imaginários*, por propiciar ao professor da vida real uma visão panorâmica de sete realidades tão diferentes e ao mesmo tempo tão semelhantes. São sete possibilidades que potencializam a capacidade criativa do professor, que deve desenvolver atividades que despertem no aluno o interesse pelos estudos e, principalmente, possibilite-lhe situar-se no contexto em que vive, a partir de um pensamento reformador que inclui efetivamente o reconhecimento da condição humana.

Além disso, os textos fílmicos podem propiciar constatações de que os professores podem sim romper com estruturas tradicionais ainda presentes no espaço escolar, desde que estejam imbuídos de um desejo de transformar a sua prática pedagógica para uma mais aberta e reflexiva. Ressalta-se que tudo isso só é possível, quando o educador estiver incentivado a procurar um constante aprender.

As escolas também não devem se pautar somente na rigidez institucional em que se aplicam modelos mecânicos, estanques e fragmentados de um ensino ultrapassado, como se assemelhasse a uma linha de produção linear de uma grande empresa.

É necessário, como inspira a poesia de João Cabral de Melo Neto, haver um compartilhar contínuo de saberes, como se estivesse tecendo uma manhã, em que cada um precisará do outro, que lance ao outro os “fios de sol”, em gritos de esperança para *que se erguendo em tenda, todos juntos possam construir um toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si só: luz balão.*

Torna-se importante que os educadores procurem constantemente aprofundar seus conhecimentos nas várias áreas do saber, para que possam inovar sua prática educativa, e que esse seu entusiasmo pelo ato de conhecer estimule o aluno a querer também estudar, descobrir, adquirir uma cultura geral, além da específica, para compreender-se enquanto indivíduo na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). *Estudos de complexidade*. São Paulo: Xamã, 2006.

ALMEIDA, Danillo Di Manno de, FASANO, Edson, ALVES, Maria Leila. É preciso transver o mundo: o discurso formal como imobilizador da transformação do real. *Internacional Studies on Law and Education*. , v.10, p.73 - 82, 2012.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (Orgs.). *Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

AUMONT, Jacques et al. *A Estética do Filme*. 7. ed. São Paulo: Papirus 2009.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na escola atual. Sciello. Revista da Faculdade de Educação. ISSN 0102-2555. vol. 24. n.2. São Paulo Jul/dez 1998. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/scielo.php> >> Acesso: 23 mai. 2012.

CERCHI, José Fusari. *A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recuso para o professor*. In: Luz, Câmera... Educação! – SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Caderno do cinema do professor. V.2. FDE: São Paulo, 2009. Disponível em: <<<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/>>> Acesso: 09 fev. 2011.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Regina Thompson. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CIPOLI, Arlete. *Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação*. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo.

COSTA, Maria Aparecida Mazaro. *Relações interpessoais na sala de aula: encontros e desencontros com base no pensamento educacional de Alfonso López Quintás e análise do filme Mentres perigosas*. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho.

DIAS, Elaine T. Dal Mas. *Subjetividade, docência e adolescência: Impacto no Ato Educativo*. CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, *Notandum Libro* 11, 2008.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ESTEVE, José M. *Mudanças sociais e função do docente*. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Profissão Professor*. 2.ed. Portugal: Porto, 1999. cap. IV. p. 93-112.

FERREIRA, Suzana da Costa. *O professor como personagem e a escola como cenário: escola e sociedade em filmes norte-americanos (1955-1974)*. 2003. 210 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense. Trad. Maura Ribeiro Sardinha, 1962.

_____. *O Cinema ou o Homem Imaginário*. Trad. António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio D'Água, 1970.

_____. *Meus demônios*. Trad. Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. 2 ed.. Trad. Relier les Connaissances. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 17. ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade - a identidade humana*. 4. ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Trad. Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORETTIN, Eduardo. *Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores*. In: Luz, Câmera... Educação! – SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.

Caderno do cinema do professor. V.2. FDE: São Paulo, 2009. Disponível em: <<<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/>>> Acesso: 09 fev 2011.

NOGUEIRA, Hélvio. *Ler o ver: uma dialogia necessária*. 2003. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho.

NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Trad. Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luisa Santos Gil. Portugal: Porto, 1999.

PADIAL, Monica Nunes. *O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PENA-VEGA, Alfredo, ALMEIDA; Cleide R.S.; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). *Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PETRAGLIA, Izabel C. *Edgar Morin: a Educação e a complexidade do ser e do saber*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1995.

_____. *Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____; PETRAGLIA, Izabel; VEGA, Alfredo Pena (Org.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, v.1, 2011.

RAPOSO, Maria Eugênia Simões. *A Construção da Pessoa: Educação Artística e Competências Transversais*. Dissertação apresentada na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004.

REIS, Regina Mary César. *A constituição do sujeito: abordagens diferentes*. Revista Ciências Humanas da Universidade de Taubaté, v.11, n.2, p.103-112, jul./dez. 2005.

RÖSING, M. K. e FALCI, Nurimar Maria (org.). *EDGAR MORIN: Religando fronteiras*, Passo Fundo: UPF, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'água, 2003.

Sites pesquisados:

DUTRA. Eliane Aparecida. Cinema: ferramenta de conhecimento cultural ou massificação e alienação, artigo apresentado, em 2009, no GT – Audiovisual, Divisão de Temáticas, no X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Disponível em: <<<http://www.intercom.org.br>>>. Acesso em: 14 de nov. de 2011

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. CADERNO CINEMA DO PROFESSOR 2 – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br>>>. Acesso em 13 de out. 2011.

_____. FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Escola) para divulgar o *Programa Cultura é Currículo*. Disponível em: <<<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br>>>. Acesso em: 13 de out. 2011.

UNESCO. Histórico. Disponível em: <<<http://www.unesco.org/pt>>>. Acesso: 09 de fev.2012.

UNESCO. *Monitoramento dos Objetivos da Educação para Todos*. Disponível em: <<<http://unesdoc.unesco.org>>>. Acesso: 10 de fev. 2012.

OPUS 118 HARLEM SCHOLL OF MUSIC (Opus 118 Escola de Música do Harlem) Disponível em: <<<http://www.opus118.org/>>>. Acesso em 20 de fev. 2012.

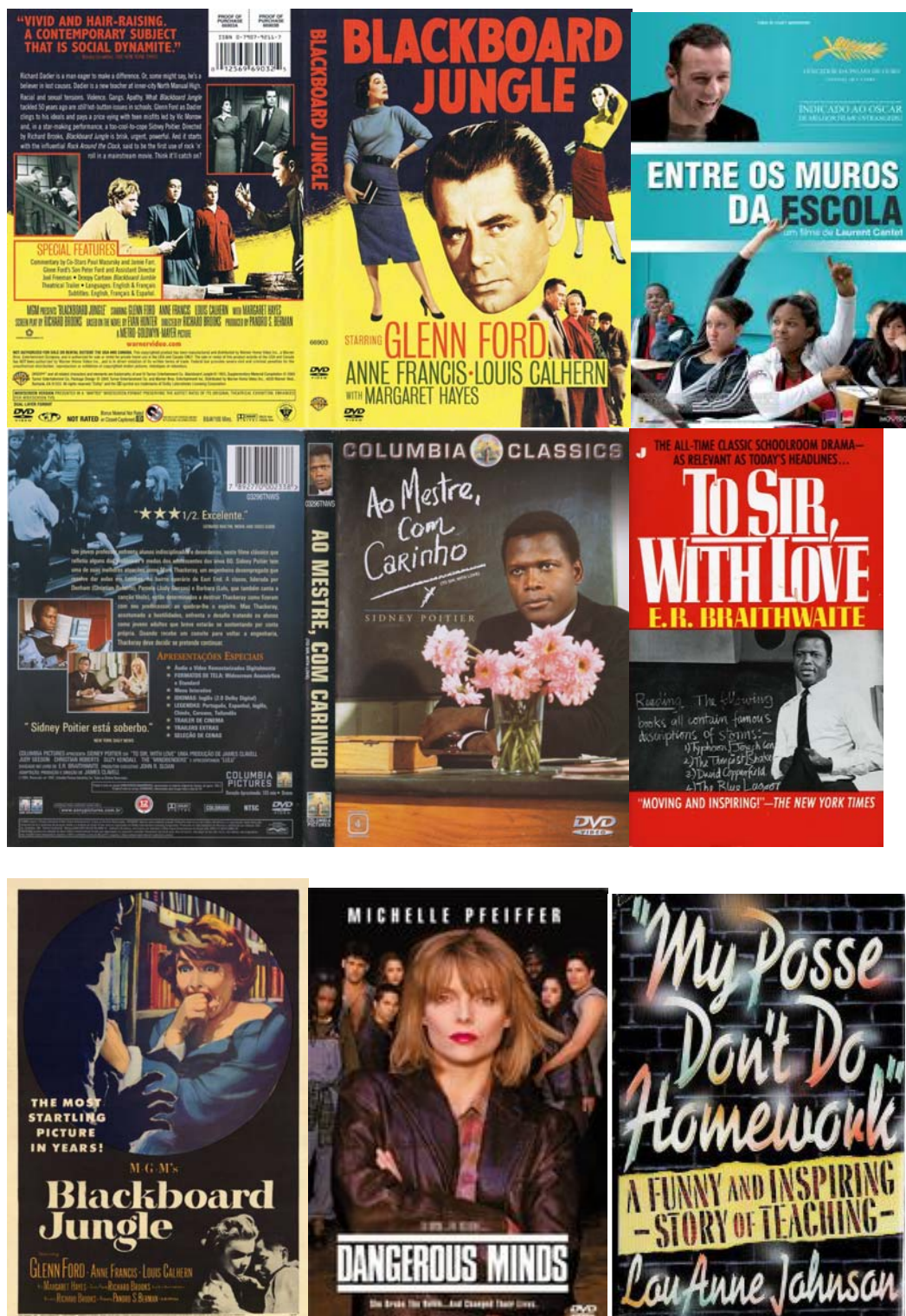
Mr. HOLLAND'S OPUS FOUNDATION. Disponível em: <<<http://www.mhopus.org/>>>. Acesso em: 20 de fev. 2012.

MOTN – *Museu da Tolerância de New York*. Disponível em <<<http://www.museumoftolerancenewyork.com>>>. Acesso 21 fev. 2012.


FREEDOM WRITER'S FOUNDATION (Fundação Escritores da Liberdade). Disponível em: <<<http://www.freedomwritersfoundation.org>>>. Acesso: 20 jan. 2012.

ANEXOS

Anexo A - Capas dos livros



ANEXO B - MR. HOLLAND'S OPUS FOUNDATION



THE

MR. HOLLAND'S OPUS

FOUNDATION

Keeping Music Alive in Our Schools

[Home](#)
[About Us](#)
[Donate](#)
[Apply for a Grant](#)
[Get Involved](#)
[Contact Us](#)

The Mr. Holland's Opus Foundation keeps music alive in our schools and communities by donating musical instruments to under-funded music programs, giving youngsters the many benefits of music education, helping them to be better students and inspiring creativity and expression through playing music.

We believe that kids thrive when given the chance to learn and play music. Putting an instrument into their hands improves the quality of their education and their lives. The window is brief and all kids deserve a chance to play music in school!

The Foundation in Action

[Read](#) how lives are touched every day through playing music

[Click here](#) to read how students from our awarded schools feel about music

[Watch this video.](#) See how music - and the instruments that you help put in the hands of our youth - actually save lives and keep students in school.


[See list](#) of this year's awarded schools and music programs!

News

[Catch up here](#) with events and news about our work and where instruments are going.

Stay Updated

Donate Now
Secure donations through Network for Good



"Since the day I set foot in the Band Room, I knew I was going to join Band. I wanted to because I felt that it would affect my life in a wonderful way. Music is my life and I would not be the same person that I am now if I have not been part of the Band. My flute was hard to play. I struggled hitting notes, and I sounded horrible when I played high notes and low notes, it was bad. It meant the world to me when I got my new flute! Once I played my

www.mhopus.org

ANEXO C – OPUS 118 – HARLEM SCHOOL OF MUSIC



[Home](#)

[News](#)

[About](#)

[Upcoming Events](#)

[Programs](#)

[Donate](#)

[Employment](#)

[Contact Us](#)



Congratulations to the Opus 118 students who were featured in the Winter Holiday Concert at the historic St. Mary's Episcopal Church on Saturday, December 10th. The concert was enjoyed by all. Pictures coming soon!

A special thank you also goes out to **The Harlem Chamber Players**, who performed alongside Opus 118 students and faculty.

And it's not too late to make your year-end, tax-deductible contribution to Opus 118. Make a donation today by clicking [here](#)!



www.opus118.org

ANEXO D– FREEDOM WRITER’S FOUNDATION



www.freedomwritersfoudantion.org